



RACHEL CAINE

BLACK DAWN

THE INTERNATIONAL BESTSELLING SERIES
The Morganville Vampires Book Twelve





Black Dawn

(Amanhecer Sombrio)

RACHEL CAINE





The Morganville Vampires Series

Glass Houses

The Dead Girls' Dance

Midnight Alley

Feast of Fools

Lord of Misrule

Carpe Corpus

Fade Out

Kiss of Death

Ghost Town

Bite Club

Last Breath

Black Dawn 





SINOPSE

Em Last Breath, a chuva trouxe uma nova e terrível ameaça para Morganville e seus vampiros...seus inimigos antigos, os *draugs*. Agora, os vampiros estão lutando uma guerra perdida, e isso vai levar os moradores da Glass House: Michael, Eve, Shane e Claire, a assumir uma luta contra um inimigo que ameaça destruir a cidade, para sempre.





INTRODUÇÃO

Morganville, Texas, não é como outras cidades. Oh, é pequena, empoeirada e comum na maioria dos aspectos, mas o problema é, lá existem... vampiros. Eles são os donos da cidade. Governam ela. E até agora foram a classe dominante inquestionável.

Mas agora esta cidade seca e sem litoral foi inundada pelas chuvas não naturais, e as chuvas trouxeram outra coisa... os predadores que já caçaram os vampiros até a quase extinção.

Os *draugs*.

Eles se escondem na água. Eles se alimentam de vampiros por preferência, de seres humanos por necessidade, e mesmo em uma cidade do deserto, não há nenhum lugar seguro agora que eles chegaram. Não para os vampiros, ou para aqueles poucos humanos ainda de pé ao lado deles.

Então segure firme. Porque Morganville mudou.

E é um dia muito sombrio de novo.





CAPÍTULO 1

CLAIRE



eria sido melhor se ele tivesse gritado.

Michael Glass não gritou. Em vez disso, ele fez um ruído agudo terrível na parte traseira de sua garganta, arqueou as costas e começou a se debater violentamente dentro do seu saco de dormir fechado. O tecido desfiou sob a força de vampiro, e o isolamento rompeu quando ele deixou o caminho livre, mas mesmo quando o peso saiu de cima dele, ele continuou se debatendo...

Do outro lado da sala, Claire Danvers se levantou para os seus pés, tropeçou em seu próprio saco de dormir e conseguiu se segurar contra uma parede pouco antes de bater de cara no chão. Seu coração estava batendo muito rápido contra as suas costelas, e ela tinha um gosto azedo de pânico e impotência em sua boca.

Eles estão aqui foi o único pensamento coerente em sua cabeça. Ela tinha que estar pronta para lutar, correr, reagir, mas tudo o que ela podia pensar era em o quão totalmente assustada ela estava agora. E no quão impotente.

Havia coisas lá fora, no mundo, coisas que os *vampiros* temiam, e agora essas coisas estavam aqui. Ela tinha sido interrompida de alguns segundos de um sono muito leve e irregular, mas ela sabia que os pesadelos tinham seguido sem esforço direto para o mundo real. Os *draugs*. Eles não eram vampiros; eles eram algo mais, algo que se movia através da água, se formava dela, retardava vampiros a uma morte lenta e terrível.

Uma semana atrás, ela teria rido de algo assim como se fosse uma piada de mau gosto, mas depois ela viu eles chegarem em Morganville, Texas. Trazidos com as chuvas que caíam raramente nessa cidade bloqueada pelo deserto e ressecada pelo sol, onde os vampiros tinham, finalmente, feito sua última tentativa.





Hoje ela acordou com o conhecimento cego e em pânico de que não importava o quão ruim o mundo estava com os vampiros nele, um mundo que continha *draugs* era muito pior. Eles tinham vindo para Morganville, se infiltrado sorrateiramente, construído seus números até que estavam prontos para lutar... até que eles pudessem cantar a sua música terrível, que de alguma forma, impossivelmente, também era bonita e irresistível. Para os seres humanos, assim como para os vampiros.

A mais forte dos vampiros de Morganville tinha ficado contra eles, e teve alguns bons êxitos... mas não sem custo. Amelie, a governante rainha-do-gelo da cidade, tinha sido mordida; sem ela, tudo iria piorar rapidamente.

Michael ainda estava se debatendo e fazendo aquele *som* terrível, e Claire percebeu gradualmente que em vez de estar se encolhendo aqui enquanto seu cérebro se atualizava que ela deveria ir até ele. Ajudar ele.

E então as luzes iluminaram a escuridão ofuscante da grande sala acarpetada, e ela viu o seu namorado, Shane Collins, de pé na porta, olhando primeiro para ela, depois para Michael, que ainda estava lutando desesperadamente contra... nada.

Contra o seu pesadelo.

Claire deu uma respiração profunda, fechou os olhos por um segundo, em seguida, fez o sinal de OK para Shane; ele acenou de volta e foi para o lado do seu amigo. Michael estava enroscado nos restos rasgados de seu saco de dormir, ainda se debatendo e, tanto quanto Claire sabia, ainda morto dormindo. Shane se agachou e, depois de uma breve hesitação, estendeu a mão e colocou a mão no ombro de Michael.

Michael despertou instantaneamente — com uma velocidade de vampiro. Em um segundo desfocado, ele estava sentado com uma mão em volta do pulso de Shane, os olhos abertos e em chamas vermelhas e as presas para baixo e capturando a luz com pontas afiadas como navalhas cortantes.

Shane não se moveu, embora ele pode ter se balançado sobre os calcanhares um pouco. Isso era melhor do que Claire poderia ter feito; ela teria caído para trás, no mínimo, e Michael provavelmente teria quebrado o seu pulso — não intencionalmente, mas *desculpas* não importavam muito quando se tratava de ossos quebrados.

— Calma aí — Shane disse em voz baixa e calma. — Calma, cara... você está seguro. Você está seguro agora. Acabou. Ninguém vai te machucar aqui.





Michael congelou. A cor vermelha morreu até virar cinza em seus olhos, e quando ele piscou, desapareceu, substituída pelo azul calmo. Ele parecia pálido, mas isso era normal para ele agora. Claire viu sua garganta se mover quando ele engoliu em seco, e então ele tremulamente respirou e soltou o pulso de Shane. — Deus — ele sussurrou, e balançou a cabeça. — Me desculpe, cara.

— Sem drama — Shane disse. — Pesadelo, certo?

Michael não respondeu a isso imediatamente. Ele estava olhando para longe a meia distância. Ela não precisa saber sobre o que o seu pesadelo tinha sido... Deve ter sido sobre estar preso na Piscina Pública de Morganville, ancorado ao fundo sob a água turva e envenenada... sendo alimento dos *draugs*. Sendo drenado lentamente, e vivo, por criaturas que achavam vampiros tão deliciosos quanto doces. Criaturas que agora estavam invadindo e tomando tudo o que podiam. Inclusive cada lanche vampiro suculento, levando direto para o fundo de qualquer poça de água suja que eles estavam se escondendo dentro.

Havia, Claire percebeu, ainda pequenas marcas vermelhas em toda a pele de Michael, como alfinetadas... desaparecendo, mas não completamente desaparecidas. Ele estava se curando mais lentamente do que o habitual — ou ele tinha sido ferido muito mais sério do que parecia. — Sim — ele finalmente disse. — Eu estava sonhando que eu ainda estava na piscina, e... — Ele não prosseguiu, mas ele não precisava; Claire tinha estado lá, ela viu. Shane não só tinha visto, mas *sentiu* — ele mergulhou para salvar vidas. A vida dos vampiros, mas vidas do mesmo jeito. Os *draugs* o tinha atacado também, e sua pele estava com os vasos sanguíneos dilatados para provar isso.

Claire teve uma visão vívida de qualidade de flashback da piscina... aquele jardim insano e assustador debaixo d'água de vampiros presos, amarrados, atordoados e impotentes enquanto os *draugs* sugavam as suas forças e vidas. Tinha sido uma das coisas mais terríveis que ela já tinha visto, e isso também tinha ultrajado ela em um nível muito profundo e primal. Ninguém merecia isso. Ninguém.

— Foi muito ruim. — Shane acenou com a cabeça em concordância com Michael. — E eu não fiquei lá por tanto tempo. Você ficou lá dentro, Mikey. — Ele estendeu a mão novamente e apertou o ombro de Michael brevemente, em seguida, levantou-se a uma posição ereta. — Você sente a necessidade de gritar como uma menina, pode soltar, cara. Sem julgamentos.





Michael gemeu e esfregou a mão sobre o rosto. — Vai se ferrar, Shane. Por que eu mantenho você por perto, afinal?

— Ei, você precisa de alguém para mantê-lo humilde, estrela do rock. Sempre precisou.

Claire sorriu, porque Michael estava começando a soar como o ele mesmo de antigamente novamente. Shane poderia sempre fazer isso, com qualquer um deles — uma observação petulante, um insulto casual e estava tudo bem de novo. Vida normal.

Mesmo quando nada era normal. Nada.

Agora que o pânico estava recuando, ela se perguntou que horas eram — o quarto não dava nenhuma sugestão real se era dia ou noite. Eles haviam evacuado para o edifício do Conselho de Anciões, que — como a maioria dos edifícios de vampiros — não havia muitas janelas. O que eles tinham era bastante sacos de dormir, algumas camas desdobráveis e muito espaço vazio; os vampiros, aparentemente, eram obcecados por planejamento de desastres, o que não a surpreendeu nem um pouco, na verdade. Eles tiveram milhares de anos para aprender a antecipar problemas e o que reunir para resolver (ou evitar) eles.

Neste momento, ela, Michael e Shane eram os únicos dormindo na sala, que poderia ter, pelo menos, trinta pessoas sem parecer lotada.

Não havia nenhum sinal da quarta companheira de casa deles, a namorada de Michael, Eve. Seu saco de dormir, que tinha estado perto do de Michael, estava empurrado para o lado.

— Shane — Claire disse, medo desencadeando novamente. — Eve não está aqui.

— Sim, eu sei. Ela acordou — ele disse, — ela está organizando café, acredite ou não. Você pode tirar a barista da loja, mas...

Essa era, de novo, uma tremenda sensação de alívio. Shane tinha a profissão de cuidar de si mesmo (e de todo mundo). Michael era um vampiro, com todas as vantagens divertidas que vinha junto com isso em termos de autodefesa. Claire era pequena, e não exatamente uma fisiculturista, mas ela se defendia muito bem... pelo menos por ser inteligente, cuidadosa e com todos os amigos que ela pudesse carregar ao seu lado.

Eve era... Bem, Eve gostava de viver no limite, mas ela não era exatamente a Buffy reencarnada. E, de certa forma, sua personalidade forte fazia dela a





mais frágil de todos eles. Então, Claire tendia a se preocupar em momentos como estes. Muito.

— Café da manhã? — Michael perguntou, ainda esfregando a cabeça. Seu cabelo deveria ter parecido uma loucura, mas ele era uma daquelas pessoas que tinham uma imunidade natural para cabelos bagunçados recém saídos da cama; seu cabelo loiro apenas caiu exatamente da maneira que deveria, em cachos descuidados estilo surfista. Claire desviou os olhos quando ele jogou o saco de dormir para trás e estendeu a mão para a camisa, porque embora ele sempre fosse bom de olhar, ele estava seriamente indisponível, e além disso, Shane estava parado lá.

Shane.

Voltou para ela em uma corrida vertiginosa quando ele parou no caminho para este lugar, à luz do amanhecer fraco. — *Eu quero que você me prometa uma coisa. Prometa que vai se casar comigo. Não agora. Algum dia.*

E ela tinha prometido, mesmo que fosse apenas o pequeno segredo privado deles. Ela sentiu uma sensação frágil de tremor como uma borboleta vibrando em seu peito. Era uma bola de luz feroz, um emaranhado de alegria, de terror e emoção e, acima de tudo, amor.

Shane olhou para ela com um foco intenso e caloroso que fez de repente ela se sentir como a única pessoa no mundo. Ela observou-o caminhar para ela com um brilho difuso de prazer. Michael era gostoso, não havia como negar isso, mas Shane só... derretia ela. Era tudo nele — sua força, sua intensidade, seu sorriso não convencional, a ânsia em seus olhos. Havia algo raro e frágil no centro de toda aquela armadura, e ela se sentia sortuda e privilegiada por ele permitir que ela visse isso.

— Você está bem? — Shane perguntou a ela, e ela olhou para ele. Seu olhar intenso tinha ficado sério, e ele viu... muita coisa. Ela não conseguia esconder o medo que ela estava, não dele, mas ele era o último a pensar que era um sinal de fraqueza. Ele sorriu um pouco e descansou a sua testa contra a dela por um segundo. — Sim. Você está indo muito bem, menina resistente.

Ela empurrou o medo para trás, respirou fundo e acenou com a cabeça. — Isso mesmo. — Ela passou os dedos pelo emaranhado de cabelo castanho na altura dos seus ombros — ao contrário do de Michael, o dela tinha sofrido na noite com os travesseiros duros — e olhou para a sua camiseta e jeans. Pelo menos eles não amassaram muito... ou se amassaram, não importava muito. Eles estavam limpos, mesmo que não fossem dela. Acontece que havia um





armazém de roupa no porão do edifício do Conselho de Anciões, ordenadamente embalados em caixas, rotulados com tamanhos. Alguns eram rotulados como Vitorianos... saias rodadas, corpetes e chapéus arrumados cuidadosamente separados em papéis perfumados e baús de cedro.

Claire não tinha certeza se realmente queria saber de onde toda aquela roupa tinha vindo, mas ela tinha suas suspeitas. Claro, as roupas mais velhas pareciam coisas que os vampiros poderiam eles mesmos terem guardado, mas havia um monte com estilos mais atuais que não pareciam se encaixar nessa explicação. Claire não podia ver Amelie, por exemplo, usando uma camisa do show da banda Train, então ela estava tentando não pensar se elas tinham sido recolhidas de... outras fontes. Como vítimas.

— Você teve pesadelos também? — ela perguntou a Shane. Seu braço estava apertado ao redor dela só por um momento.

— Nada que eu não possa lidar. Eu sou meio que um perito nessa coisa toda de pesadelos, de qualquer maneira — ele disse. E, oh, Deus, ele realmente era. Claire sabia apenas um pouco das tantas coisas ruins que ele tinha visto, mas mesmo isso era o suficiente para merecer uma vida inteira de terapia. — Ainda assim, ontem foi terrível, e essa não é uma palavra que eu uso normalmente. Talvez seja melhor essa manhã.

— Já é de manhã? — Claire olhou para o relógio.

— Isso depende da sua definição. É depois do meio-dia, então eu acho que tecnicamente não. Nós dormimos por cerca de cinco horas, eu acho. Ou você dormiu. Eve se levantou a cerca de uma hora atrás, e eu me levantei porque... — Ele balançou a cabeça. — Inferno. Este lugar me assusta. Eu não consigo dormir muito bem aqui.

— Te assusta mais do que o que está acontecendo lá fora?

— Você tem razão — ele disse. Porque o mundo lá fora — em Morganville, de qualquer maneira — não era mais o lugar semi-seguro que tinha sido apenas alguns dias atrás. Claro, havia vampiros responsáveis pela cidade. Claro, eles tinham sido predatórios e meio malvados — um cruzamento entre a realeza antiga e a máfia — mas pelo menos eles tinham vivido por regras. Não tinha sido muito por causa de ética e moral, mas por praticidade... Se eles queriam ter um suprimento de sangue próspero, eles não podiam simplesmente matar aleatoriamente as pessoas o tempo todo.

Embora as licenças de caça fossem alarmantes.





Mas agora... agora os vampiros estavam na cadeia alimentar. Eles sempre tinham sido cuidadosos sobre as ameaças humanas, mas isso não era problema, não mais. Os *verdadeiros* inimigo dos vampiros tinham finalmente mostrado a sua cara incrivelmente perturbadora: os *draugs*. Tudo o que Claire sabia sobre eles era que eles viviam na água e podiam chamar vampiros (e humanos) com o seu canto, diretamente para a morte. Para os seres humanos, era bastante rápido... mas não para os vampiros. Os vampiros que ficaram presos na parte inferior daquela água fria da piscina poderiam viver, viver e viver até os *draugs* drenarem toda a energia deles.

Vivos, e *sabendo* o que estava acontecendo. Sendo comidos vivos.

Os *draugs* eram a única coisa que os vampiros temiam, realmente e verdadeiramente. Os seres humanos trataram com desprezo casual, mas a resposta deles aos *draugs* tinha sido a retirada em massa imediata, exceto para os poucos que tinham escolhido ficar e tentar salvar os vampiros que já estavam sendo consumidos.

Eles todos tinham tentado — vampiros e seres humanos, trabalhando juntos. Mesmo os cidadãos humanos rebeldes, que *odiavam* vampiros, tinham feito uma execução rápida com os *draugs*. Tinha sido uma operação militar de uma batalha de parar o coração, a experiência mais intensa da vida de Claire, e ela ainda não conseguia acreditar que tinha sobrevivido... ou que alguém tinha.

Mesmo com todo esse esforço, eles tinham salvado apenas três vampiros da piscina mofada e abandonada — Michael, a elegante (e provavelmente mortal) Naomi, e Oliver, *definitivamente* muito mortal. Em seguida, as coisas tinham ficado de ruim a horrível, e eles tiveram que deixar todos os outros.

Exceto Amelie. Eles tinham salvado Amelie, a Fundadora de Morganville... mais ou menos. E Claire estava tentando não pensar sobre isso também.

— Ei — Shane disse, e a cutucou. — Café, lembra? Eve vai ficar toda triste, emo e gótica se você não beber um pouco.

Mais uma vez, Shane estava sendo prático, e Claire teve que sorrir porque ele estava completamente certo. Ninguém precisava da Eve triste, emo e gótica hoje. Especialmente Eve. — Eu poderia matar por uma xícara de café. Se houver, você sabe, creme. E açúcar.

— Sim e sim.

— E chocolate?





— Não exagere.

Michael tinha, a essa altura, se levantado e se juntado a eles. Ele ainda parecia pálido — mais pálido do que o habitual — e havia algo um pouco selvagem em seus olhos, como se ele estivesse com medo de que ele ainda estivesse na piscina. Se afogando.

Claire pegou a mão dele. Como sempre, parecia um pouco mais fria que a temperatura ambiente, mas não *fria*... como de uma carne viva, mas em um ambiente muito mais baixo. Quase tão alto quanto Shane, ele olhou para ela e deu o sorriso de estrela do rock que fazia todas as meninas derreterem em seus sapatos. Ela, no entanto, era imune. Quase. Ela só derreteu um pouco, secretamente. — O quê? — ele perguntou a ela, e ela balançou a cabeça.

— Nada — ela disse. — Você não está sozinho, Michael. Nós não vamos deixar aquilo acontecer novamente. Eu prometo.

O sorriso dele desapareceu, e ele a analisou com um tipo estranho de intensidade, quase como se ele estivesse a vendo pela primeira vez. Ou vendo algo novo nela. — Eu sei — ele disse. — Ei, lembra quando eu quase não deixei você ficar em casa no primeiro dia que você chegou?

Ela tinha aparecido na porta dele desesperada, ferida e assustada, e muito jovem para estar diante de Morganville. Ele estava certo de ter suas dúvidas. — Sim.

— Bem, eu estava errado — ele disse. — Talvez eu nunca disse isso em voz alta antes, mas eu estou falando sério, Claire. Tudo o que aconteceu desde então... Nós não teríamos conseguido. Nem eu, nem Shane, nem Eve. Não sem você.

— Não sou eu — Claire disse, assustada. — Não é! Somos nós, isso é tudo. Nós somos apenas melhores juntos. Nós... cuidamos uns dos outros.

Ele balançou a cabeça novamente, mas não teve a chance de responder porque Shane se aproximou, pegou a mão de Claire da de Michael, e disse — não falando sério, graças a Deus: — Pare de seduzir a minha garota, cara. Ela precisa de café.

— É o que todos nós precisamos — Michael disse, e bateu em Shane no ombro com força o suficiente para fazê-lo cambalear. — *Seduzir a sua garota?* Cara. Isso foi baixo.

— Estou cavando para chegar até a China — Shane concordou com a cara emburrada. — Vamos.





Claire poderia seguir o cheiro da mistura de cafeína por todo o caminho até Eve como um rastro de grãos de café caídos. Isso deu ao prédio sem vida, fúnebre e sem janelas do Conselho dos Anciões uma sensação estranha de lar, apesar das paredes de mármore frias e os tapetes grossos e abafados.

O corredor se abria em uma ampla área circular — o eixo em uma roda — que continha uma enorme mesa redonda no centro, que normalmente era adornada por um jarro de flores frescas igualmente enorme... adicionando uma vibração funeral à casa. Mas ele tinha sido empurrado para o lado, e uma máquina de café gigante e brilhante tinha sido posta em seu lugar, junto com pequenas tigelas bonitas de açúcar, colheres, guardanapos, copos e pratos. Até mesmo jarras de creme e leite.

Era surreal para Claire, como se ela tivesse saído de um pesadelo e entrado em um hotel de luxo, sem qualquer transição. E lá, saindo de uma outra porta que deveria levar a algum tipo de cozinha, estava Eve, com uma bandeja nas mãos, que ela deslizou para o outro lado da mesa grande.

Claire encarou, porque embora fosse Eve, ela realmente não parecia com ela. Sem a maquiagem gótica. Seu cabelo estava solto em volta do seu rosto e caindo em ondas negras suaves; mesmo sem sua cobertura de pó de arroz, sua pele era cremosa e pálida, mas parecia bonita como a de uma estrela de cinema. A Eve natural era *maravilhosa*, mesmo usando roupas emprestadas... embora ela tinha encontrado um vestido retrô dos anos cinquenta com uma saia preta pouf que realmente combinava perfeitamente com ela.

Ela tinha um lenço vermelho amarrado alegremente em volta do seu pescoço para esconder as mordidas e hematomas que Michael — faminto e louco ao ser arrastado para fora da piscina — tinha causado a ela.

Ela, e toda essa organização, parecia um pouco perfeito *demais*. Shane e Michael trocaram um olhar, e Claire sabia que eles estavam se comunicando com o mesmo pensamento.

Eve deu-lhes um sorriso brilhante e disse: — Bom dia, campistas! Café?

— Ei — Michael disse, com uma voz tão suave e hesitante que Claire sentiu seu estômago apertar. — Você deveria estar descansando. — Ele estendeu a mão para ela, e Eve se encolheu. Se *encolheu*. Como se ele tivesse tentado bater nela. Sua mão caiu para o seu lado, e Claire não conseguiu olhar para o rosto dele. — Eve...





Ela falou depressa, atropelando o momento. — Temos café quente, todas as coisas boas... desculpe, eu não consegui instalar e fazer a máquina de mocha funcionar, mas este lugar tem uma deficiência grave de expresso... oh, e os croissants estão quentes, saíram do forno, pegue um.

— Você cozinhou? — As sobrancelhas de Shane ameaçaram sair do seu rosto.

— Eles eram pré-prontos, estúpido. Até mesmo eu consigo assar aquilo. — O sorriso de Eve não estava tão brilhante, Claire pensou, estava totalmente frágil. — Eu acho que ninguém nunca usou a cozinha daqui, mas pelo menos está abastecida. Tem até mesmo manteiga fresca e leite. Eu me pergunto quem pensou nisso?

— Eve — Michael disse novamente e, finalmente, ela olhou diretamente para ele. Ela não disse nada, apenas pegou uma xícara, encheu-a de café escuro e quente, e entregou a ele. Ele pegou enquanto olhava para ela, em seguida, tomou um gole, não como se ele realmente quisesse, mas como se fosse algo que ele estava fazendo para agradá-la. — Eve, podemos só...

— Não, não podemos — ela disse. — Não agora. — E então ela se virou e caminhou de volta para a cozinha, empurrou a porta e deixou ela balançar e fechar atrás dela.

Os três ficaram ali, apenas deixando o som da porta rangendo nas dobradiças quebrar o silêncio, até que Shane pigarreou, pegou uma xícara e encheu. — Então — ele disse. — Além da pessoa bruta na cozinha que nós não vamos falar, alguém por aqui tem metade de um plano de como vamos sobreviver ao dia?

— Não me pergunte — Michael disse. — Eu acabei de levantar. — As palavras soaram normal, mas não o tom. Era tão estranho quanto o de Eve estava, e tão tenso. Ele colocou o café de volta para baixo em cima da mesa, hesitou, depois pegou um croissant e foi embora, de volta para a sala onde eles tinham estado. Shane começou a segui-lo, mas Claire agarrou o seu braço.

— Não — ela disse. — Não podemos fazer nada sobre isso, não é? Deixe-o sozinho para pensar.

— Não foi culpa dele.

— Eu sei. Ela também sabe. Mas ela se machucou, e foi ele, e isso vai levar tempo, tudo bem? — Ela segurou o olhar de Shane desta vez, e ele foi o primeiro a desviar o olhar. Ele tinha machucado ela antes — mais emocionalmente do que qualquer outra coisa. E *ele* não estava são também.





Mas às vezes explicações simplesmente não importavam tanto quanto o tempo. Foi uma lição difícil de aprender, para ambos; que ia ser ainda mais difícil para Michael e Eve.

Deus, às vezes crescer era uma *droga*.

— Ok, sobrou a gente, então. Nós ainda precisamos de um plano — ele disse. Ele bebeu o café, e ela fez o dela e engoliu um gole quente, amargo e maravilhoso. Em seguida comeu o croissant, ainda fumegante do interior do forno, e era o céu em forma de pão derretendo em sua boca. — Não, deixa pra lá. Nós precisamos do SEAL Team Six¹, mas eu vou arranjar um plano meia-boca agora.

Ela engoliu em seco. — Não fale com a boca cheia.

Ele fez exatamente o que qualquer garoto — não, *homem* — da idade dele faria: ele mostrou para ela a boca cheia de purê de croissant, o que foi nojento, em seguida, bebeu mais café e mostrou para ela novamente.

— Isso é nojento, e eu nunca mais vou beijar você.

— Sim, você vai — ele disse, e provou isso pressionando os lábios nos dela. Ela queria se esquivar, só para ter a razão, mas Deus, ela adorava beijá-lo, amava que aquela boca estivesse tão quente, doce e amarga com café... amava estar tão perto dele agora, oscilando à beira do fim de... tudo. — Viu?

— Não foi tão ruim — ela disse, e beijou-o novamente. — Mas você realmente precisa trabalhar em sua técnica.

— Mentirosa. Minha técnica é impressionante. Quer que eu prove? — Antes que ela pudesse protestar, seus lábios se tocaram, e ele estava certo sobre a prova. Ela deslizou as mãos sob a bainha de sua camisa solta, os dedos deslizando suavemente sobre os músculos tensos de seu estômago, até os planos, duros e lisos de seu peito. Sua pele era como veludo quente, mas por baixo, ele era de ferro, e isso tirou o fôlego dela.

Ou assim ela pensava. Mas quando ele subiu a camiseta da banda Train dela e encaixou suas mãos fortes em torno da cintura dela, puxando-a para si ainda mais perto, ela suspirou contra sua boca, gemeu um pouco e só... derreteu.

O momento ardente de ouro foi cortado por uma voz fria dizendo: — Eu posso suportar muitas coisas, mas isso não é uma delas. Não agora.

¹ **O Seal Team Six:** Foi criado em resposta ao fiasco da operação militar americana durante a chamada Crise dos Reféns no Irã, em 1979.





Claire pulou para trás para longe de Shane, culpada como um ladrão. Era, inequivocamente, a voz de Oliver, e ela estava vindo de trás dela. Ela odiava cômodos circulares. Diversas maneiras das pessoas chegarem até você, especialmente vampiros sorrateiros e irritadiços. Ela se virou e olhou para ele enquanto ele caminhava em direção a eles — não, ao café, já que ele os ignorou e encheu um copo. Ela nunca tinha visto ele beber, mas é claro, ele bebia; ele era o dono do café local, o Common Grounds. Ou pelo menos ele era quando ainda havia uma Morganville viva e ativa.

O Common Grounds, como tudo o mais na cidade, foi fechado.

Oliver tinha sempre o cuidado de aparentar-se como humano... talvez porque ele, de todos os vampiros, parecia o mais distante disso. Ele era frio, insensível, mordaz e sarcástico, e isso em um *bom* dia. Isso tudo era mascarado pela sua vibe de rippie-envelhecido-e-amigável com camisas tingidas e jeans que ele usava no café, mas ele tinha dispensado tudo isso agora. Ele vestiu a roupa que lhe convinha, de uma forma sinistra e assustadora — calças pretas, um casaco preto que devia ter cerca de cem anos e uma camisa branca com um botão de rubi, onde uma gravata normalmente deveria ter estado. Com exceção de uma cartola, ele poderia ter saído da virada do século passado. Essas, Claire percebeu, eram suas próprias roupas. Nenhuma roupa usada para Oliver.

— Eu acho que é bastante inútil dizer bom dia — Shane disse.

— Especialmente porque não é nem de manhã e nem bom, sim — Oliver respondeu sem ser bruscamente. — Não tente brincadeiras comigo, Collins. Estou longe de estar de bom humor. — Claire podia distinguir as manchas vermelhas em sua pele pálida, assim como as de Michael, uma lembrança do seu tempo gasto naquela piscina submerso. Ela se perguntou como ele tinha dormido, se ele tinha dormido. — Quanto a planos, sim, eu tenho um, e sim, ele está a caminho.

— Se importa se nós perguntarmos...?

— Sim, é claro que eu me importo — Oliver disse, e desta vez foi bruscamente. Havia um brilho de vermelho em seus olhos. Ele parecia cansado, Claire pensou, e houve um lampejo de algo quase humano nele. — Se vocês querem ser úteis, vão encontrar Theo Goldman e trazê-lo para mim. Agora.

— Theo? — Claire se assustou, porque ela soube que Theo tinha desaparecido, como muitos outros vampiros em Morganville... e ela assumiu





que ele tinha estado na piscina. Uma vítima, quando Amelie tinha resolvido atirar prata nela, para matar os *draugs* e suas vítimas presas com eles. — Ele está aqui?

— Se ele estivesse aqui, eu não iria pedir a vocês para encontrá-lo, iria?

Shane estava fazendo aquela coisa agora, sua postura cada vez mais feroz com desafio; ele não gostava quando Oliver tratava ela — ou qualquer um deles — como idiotas. Mas especialmente ela. A última coisa que qualquer um deles precisava hoje era lutar entre si. Eles estavam trabalhando juntos, mais ou menos, e isso era o que tinha que ser feito para sobreviver a isso. Então, Claire colocou a mão no braço de Shane para segurá-lo e disse, em um tom muito razoável: — Você tem alguma ideia de onde procurar por ele?

A mão de Oliver tremeu, apenas um pouco, mas o suficiente para fazer a xícara chocalhar de leve no pires. Ele, assim como Michael, ainda se sentia fraco. Isso deveria ter feito Claire se sentir segura, porque ele era geralmente tão intimidante, mas em vez disso, fez ela se sentir extremamente vulnerável. — Não — ele disse. — Eu não. Mas eu preciso dele, então achem ele. — Ele deixou um segundo passar e, em seguida, acrescentou, sem olhar para nenhum dos dois: — Pelo bem da Fundadora

Por Amelie. E havia uma ligeira mudança no seu tom de voz quando ele disse isso, algo que quase parecia... mais suave.

— Ela está pior — Claire disse. Oliver virou e foi embora sem responder, então ela olhou para Shane. — Ela está ficando pior, certo?

— Provavelmente. Quem sabe quando vem dele. — Mas Shane estava pensando a mesma coisa que ela; ela sabia disso. Se Amelie morresse, eles ficariam à mercê de Oliver. Não é uma coisa boa nem um pouco. Ele era um general, e quando ele lutava guerras, ele gostava delas sangrentas em ambos os lados. — Talvez devêssemos ter deixado a cidade quando tivemos a chance. Apenas juntado as coisas e fugido.

— E deixar Michael para trás? E Eve? Ela não teria deixado ele. Você sabe disso.

Ele não respondeu. Ela sabia que Shane não era alguém que fugia, mas ele não podia deixar de pensar sobre isso — a versão de Morganville de viver uma vida rica e fantasiosa. Depois de um momento, ele deu de ombros e disse: — Agora é tarde demais de qualquer forma. Onde você acha que devemos começar, se nós vamos rastrear Goldman?





— Não adianta procurar no hospital. Ele está fechado — Claire disse. — Eles moveram todos os pacientes em ambulâncias e ônibus. E há muitos lugares que ele poderia estar. Não é uma cidade muito grande, mas grande o suficiente para esconder um vampiro. Ele enviou a família dele para longe, você sabe. — Theo, diferentemente da maioria dos vampiros que Claire conhecia, na verdade tinha uma família, e se preocupava com eles; e era bem típico dele garantir que eles estavam longe do problema, em seguida, ficar para trás.

— Não tem como ir perto do hospital de qualquer maneira — Shane disse. — Toda a área é uma zona proibida; a canção começa quando você chega perto.

A canção dos *draugs* não era apenas estranha; era profundamente perigosa. Ela dominava você, te fazia esquecer... e fazia você ficar vulnerável a eles. Claire assentiu. — É melhor ficarmos longe de qualquer água também.

— Banheiros? Por favor, diga que você não quer dizer sanitários, porque isso está se transformando rapidamente em nenhum divertimento. Quero dizer, eu gosto de fazer xixi em uma parede tanto quanto um caipira bêbado, mas...

— Banheiros químicos — ela disse. — Amelie tinha trazido de alguma empresa de construção. E, por favor, me diga que você não ia fazer xixi nas paredes.

— *Moi?* — Ele colocou a mão sobre o coração e fez o seu melhor olhar magoado de inocência. — Você deve estar pensando em algum outro idiota rude. O que me deixou com ciúmes, a propósito.

Ela teria continuado a brincadeira, mas lembrar da água da torneira fez ela perceber de repente que ela estava bebendo o café na xícara em sua mão, e ela resistiu a um impulso violento e repentino de cuspir. — Uh, o café..?

— Feito com a melhor água engarrafada — Eve disse. Ela estava de volta, e ela trouxe biscoitos dessa vez. — E esses também são pré-prontos, então não ache que eu virei Martha Stewart, Shane. Os vampiros abasteceram com água engarrafada há algum tempo. Eu suponho que aqui é a versão de treinamento de sobrevivência deles, se eles estavam preocupados com os *draugs* por tanto tempo. Todos esses recipientes de plástico podem ser ruins para o meio ambiente, mas eles são realmente bons para nós agora. Então... vocês vão procurar Theo?

— É o que Oliver disse — Shane disse, e empurrou um cookie inteiro em sua boca.





— Confie em mim, eu trabalho para o Sr. Assustador em Comando, e você não quer decepcionar o homem, mesmo se você esteja apenas fazendo um café expresso. Especialmente não agora. Além disso, ter Theo aqui seria um bom antídoto para toda esta — Eve gesticulou para o mármore, o carpete, a baixa iluminação, — melancolia. Theo é divertido, pelo menos.

Ele era, na maioria das vezes. Embora Claire pensasse que como quase todos os vampiros que ela já conheceu — exceto Michael e seu avô Sam — Theo era essencialmente preocupado com a sua própria sobrevivência em primeiro lugar. Uma vez que você aceitasse que era assim que os vampiros viam o mundo, era muito mais fácil de entender o que eles iriam fazer, e porquê. Morganville, por exemplo. Era pragmático ter esta cidade isolada, que eles controlavam para sua própria segurança. Eles eram cruéis às vezes, mas eles viam isso como autodefesa... Se eles deixassem os seres humanos terem superioridade, os vampiros temiam que seriam mortos, mais cedo ou mais tarde. Claire não concordava com isso, mas ela entendia.

Theo era... menos pragmático sobre isso do que a maioria. Felizmente. E Eve estava certa. Ele teria um efeito calmante aqui, se ele não estivesse flutuando em algum lugar em uma poça de água sendo comido vivo.

Claire estremeceu.

— Quer vir? — Shane perguntou, lambendo o chocolate derretido de seus lábios. Que era um pouco fascinante, na verdade. Claire teve um impulso estonteante para ajudá-lo com isso, mas ela o empurrou para longe. *Não é hora, nem local, Claire, não é hora, nem local...*

— Ela não pode vir conosco — Claire disse quando Eve abriu a boca para concordar. — Qual é, Eve, você perdeu cerca de dois litros de sangue ontem à noite. Você não está forte o suficiente ainda e você sabe disso. Você precisa descansar.

A boca de Eve fechou sem fazer um comentário, mas ela deu a Claire um olhar firme e frio, como se ela estivesse decepcionada por ela sequer mencionar o que tinha acontecido. Apesar de ter sido bastante claro que Eve e Michael estavam pensando muito sobre isso.

— Certo — Shane disse no silêncio. — Isso foi estranho. Eve, você fica e... cozinhe ou algo assim.

— O inferno que eu vou — ela retrucou, de forma tensa demais. — Se vocês não me querem com vocês, talvez eu só vá pegar um par de garotos de Amelie e leve eles para conseguir mais armas. Nós precisamos nos armar, e precisamos





fazer isso rápido. Tudo bem pra vocês, ou eu deveria colocar as minhas pérolas e um avental e morrer como uma boa menina?

Shane levantou as mãos em sinal de rendição e deu um passo para trás. — Eu... não tenho nada a dizer. — Menino esperto, Claire pensou. — Mas se você sair, leve mais do que um par de vampiros com você, Eve. Estou falando sério. Leve Michael.

— Bem, você sabe o que dizem: menos é mais — Eve disse. Ela nem sequer falou no nome de Michael, mas havia um olhar teimoso e ferido nela, e ela não encontrou os olhos de Shane.

— Agora, mais é mais, e muito mais é muito melhor. Você não pode mexer com aquelas... coisas. Você sabe disso, certo?

— Oh, eu sei — Eve disse. Seus olhos escuros estavam cheios de sombras como uma janela em uma casa mal assombrada. — Eu só estava pensando que seria uma boa ideia começar a fazer estoques de armas em torno da cidade. Se começarmos uma luta temos de ser capazes de conseguir armas quando precisarmos delas.

Isso era... uma ideia muito boa, Claire percebeu, e ela balançou a cabeça sem falar. Shane até parecia respeitosa e impressionado, que era um olhar estranho para ele; ele não se impressionava muito. — Leve prata — ele disse. — Se você puder, invada uma loja de joias e pegue todas as correntes de prata. Podemos dividi-las em pedaços. Dá uma boa granada. — Prata feria ou matava ambos, vampiros e *draugs*. Shane parecia prático sobre isso, mas, em seguida, ele passou seus anos de colegial sendo arrastado por aí com o seu pai que odiava vampiros. Ele provavelmente sabia mais sobre matar vampiros do que qualquer um da cidade... exceto os vampiros, é claro. — É a única coisa que funciona nesses bastardos. Fale com Myrnin sobre como fazer mais cartuchos de espingarda também.

Myrnin, o vampiro chefe de Claire — se uma relação louca assim poderia ser chamada de empregador-empregado. Ela era o Igor e ele o Frankenstein. Ele tinha um laboratório subterrâneo e tudo, que ela conseguiu deixar muito menos assustador durante a sua permanência... mas não menos caótico. Myrnin agia em caos, e uma grande parte do tempo era divertido.

Às vezes, nem tanto.

Eve revirou os olhos, agora quase de volta a antiga garota despreocupada que Claire conhecia. — Sim, Collins, eu nunca teria pensado em Myrnin. É





claro que eu vou falar com ele. Ele foi o único que tinha tudo em ordem antes de sairmos pela primeira vez.

— Ei!

— Com exceção da pessoa presente, supostamente.

— Melhor — Shane disse, e surpreendeu-a ao repente envolvê-la em um abraço apertado. — Fique segura, ok?

— Segura. — Eve concordou, e depois segurou-o no comprimento do braço, analisando-o com uma intensidade pensativa. — Hum. Você não é de abraçar, você sabe. A menos que você seja abraçado primeiro.

— Não sou?

— Não. Jamais.

Shane deu de ombros. — Acho que todo mundo muda de vez em quando.

De repente, Claire foi atingida pelo quão diferente todos eles eram agora. Eve tinha crescido e ficado mais estável, mais pensativa. Shane tinha controlado a sua agressividade e estava começando a entendê-la, canalizá-la. Até mesmo a se abrir um pouco mais do que ele fazia.

Michael... as mudanças de Michael eram mais inquietantes, menos fáceis de apreciar, mas ele definitivamente tinha mudado. Ele estava lutando para não mudar ainda mais — para não derivar mais longe de sua vida humana perdida.

Quanto a própria Claire, ela não sabia dizer. Ela realmente não sabia... Ela supôs que ela tinha ganhado mais confiança, mais coragem, mais conhecimento, mas era difícil imaginar-se do lado de fora assim. Ela só... era ela mesma. Mais ou menos, ela ainda era Claire.

Eve acenou um adeus, abraçou Claire com força — *esse* gesto era típico de Eve — e se dirigiu para o quarto onde eles tinham deixado suas coisas. Michael estava lá dentro. Claire esperava que eles pudessem resolver os seus *problemas*... essa não parecia ser uma palavra forte o suficiente, e *problemas* soava muito mundano. Não havia realmente uma palavra para o que estava acontecendo entre os seus melhores amigos, com exceção de *complicado*.

Claire agarrou o café para ir, devorando um par de cookies — pré-prontos ou não, eles estavam quentes, macios e deliciosos — e seguiu Shane para baixo para outro corredor. Devia ser, ela pensou, o que Oliver tinha usado, mas o local era confuso. Se havia placas, elas eram visíveis apenas para os vampiros. Mas Shane pegou um caminho que levava direto a um corredor idêntico, em seguida, à esquerda, e depois eles estavam em outra sala circular, esta com uma





porta enorme trancada. A porta também tinha guardas... muitos deles. *Seguranças pessoais de Amelie*, Claire pensou quando ela reconheceu alguns deles. Eles não pareciam tão impecavelmente combinados quanto ela estava acostumada a ver. Os ternos escuros sob medida haviam desaparecido, assim como os óculos de sol. Em vez disso, eles usavam roupas das mesmas lojas de arquivamento que ela e seus amigos tinham recolhido... e ela supôs que o que eles tinham escolhido indicava o período da história que eles estavam mais confortáveis.

Os dois guardas na porta, por exemplo. O mais alto e mais magro com os olhos cor de avelã e cabelo loiro curto... ele estava vestindo uma jaqueta de couro preta volumosa com spikes e fivelas, e jeans skinny. Muito anos oitenta. Seu amigo com as maçãs do rosto finas e olhos estreitos usava as calças mais apertadas de poliéster que Claire já tinha visto, e uma jaqueta de corte quadrado para combinar, com uma camisa apertada de botão com estampa forte no tom de terra.

— É como Disco Inferno aqui — Shane murmurou, e ela sufocou uma risada. Não que isso importasse; os vampiros podiam ouvir, e se eles quisessem achar ofensivo, eles achariam. Mas o viciado em anos setenta apenas sorriu um pouco, mostrando as pontas de suas presas, e o cara dos anos oitenta não pareceu ficar incomodado com essa resposta. Havia mais guardas de pé ao redor das paredes, imóveis como estátuas. A maioria tinha escolhido roupas que não era tão... retrô, mas um estava usando o que parecia um terno gângster da época da Lei Seca. Metade de Claire esperava que ele estivesse carregando um estojo de violino com uma metralhadora nela, assim como nos filmes.

— Ninguém vai para o depósito de armas — Disco Inferno disse. Ele era, aparentemente, o porta-voz para a porta. — Voltem, por favor.

— Ordens de Oliver — Claire disse. — Vamos procurar Theo Goldman.

— Pra ontem — Shane adicionou prestativamente. — E nós gostaríamos de não morrer. Então. Vamos para o depósito.

— Ninguém vai para o depósito — o vampiro repetiu, parecendo entediado agora e olhando por cima da cabeça de Shane, o que era um desafio, mesmo para um cara alto. — Não sem autorização.

— Que eles têm — uma voz disse atrás dos dois. Claire virou-se rapidamente, o que ela tendia a fazer agora quando os vampiros falavam atrás dela, e encontrou a vampira bonita e loira “irmã” de Amelie, — não por família, mas pelo sangue de vampiro, embora ela não entenda exatamente todos os





detalhes dessa relação — Naomi estava parada a um metro atrás deles, tendo chegado em um silêncio assustador. Ela sorriu e inclinou a cabeça, só um pouco. Ainda foi muito formal, acostumada aos modos há centenas de anos, mas ela pelo menos estava tentando; não era uma reverência completa nem nada disso, não que ela não estivesse sendo prática com as calças cargo cáqui e camiseta esportiva que ela usava. — Eu mesma falei com Oliver. Eu vou acompanhar eles dois e ajudá-los a localizar o Dr. Goldman.

Isso teve alguma influência. Disco Inferno e a sua duplicata dos anos oitenta — Billy Idol? — fizeram um levantamento de peso com o que parecia barras de aço sólidas, além de um bloqueio complicado, e finalmente balançaram as portas abertas para eles. Naomi passou na frente deles dois e olhou por cima do ombro com o mesmo sorriso encantador, embora um pouco estranho. — Eu espero que vocês não se importem de eu acompanhar — ela disse. Ela tinha um pouco de sotaque antigo e francês, e Claire podia ver que ele tinha um efeito sobre os homens em geral, até mesmo Shane, que era mais do que um pouco anti-vampiro.

— Não — ele disse, — por mim tudo bem. Claire?

— Tudo bem — ela disse. Ela gostava de Naomi. Gostava que a antiga vampira estivesse tentando tanto ser... moderna. E gostava que Naomi não fosse, afinal, atraída por Michael, como eles tinham pensado no começo. — Hum, Naomi, você sabe realmente... lutar?

— Mas é claro — ela disse, e liderou o caminho para dentro. Eles entraram em uma grande sala quadrada, que estava — o que, Claire pensou, não era uma surpresa — empilhada do chão ao teto com prateleiras de caixas. A paranoia dos vampiros realmente não tinha limites. Naomi parou na primeira e abriu a parte superior dela. Havia espingardas dentro. Ela tirou uma, abriu-a e fechou-a novamente com um movimento hábil de seu pulso enquanto sorria. — Todos os vampiros sabem lutar — ela disse. — Eu sou a menos familiarizada com armas modernas, mas as lâminas não funcionam tão bem nos *draugs*, como descobrimos para o nosso horror há muito tempo.

— O que mais você usou da última vez que lutou com eles? — Claire perguntou. Naomi estava abrindo outra caixa. Esta continha espadas, e ela balançou a cabeça tristemente e fechou a tampa.

— Coragem — ela disse. — Desespero. E uma boa dose de sorte. A prata é a melhor charme que temos, mas nos queima também. Nós não encontramos mais nada que os machuca além do fogo, o que é perigoso o suficiente para





nós, também... Ah. — Ela virou para trás a tampa de outra caixa e levantou algo que parecia grande, desajeitado e complicado, com tanques e uma mangueira. Definitivamente uma invenção de Myrnin, a julgar pela ornamentação de bronze nela, mas por baixo parecia elegante e industrial. — Como você vê.

— O que é isso? — Claire perguntou, franzindo a testa. Parecia um pouco como um daqueles foguetes com jet packs que os filmes de ficção científica tanto amavam.

— Isso — Shane disse, pegando das mãos delicadas de Naomi, — é incrível para caramba.

— Sim, mas o que exatamente é isso? — Claire perguntou.

— Lança-chamas — ele disse, e bufou com o esforço enquanto ele o levava aos ombros como uma mochila gigante. Tinha fivelas de liberação rápida que ele colocou em volta do peito e sobre os ombros. — Então, isso vai funcionar nos *draugs*?

— Sim — Naomi disse. — Mas tenha muito cuidado. Os *draugs* não estão apenas se escondendo na água, eles são líquidos — e quando você toca líquido com fogo torna-se vapor. Eles podem sobreviver no vapor por um curto período de tempo. Se você respirar isso, eles vão matá-lo muito rapidamente por dentro. Mesmo o toque deles sobre a pele em qualquer forma é perigoso para os seres humanos ou vampiros.

O entusiasmo de Shane pelo lança-chamas esmaeceu, mas ele não tirou. Isso, Claire pensou, era porque havia algo incrivelmente macho sobre andar por aí com armas inflamáveis que ela nunca iria entender muito bem. Se ela tivesse experimentado, isso teria apenas deixado ela totalmente ciente do quão não-resistente-ao-fogo ela era. — Certo — Shane disse. — Manter isso longe.

— E veja onde você vai mirar, por favor — Naomi respondeu friamente. — Eu acredito que eu também falo pela jovem Claire. O fogo não é nenhum grande amigo para os seres humanos em batalha, tampouco.

Claire rejeitou as bestas que ela encontrou no próximo reservatório — forradas de prata, mas elas não fariam dano suficiente. Elas apenas iriam perfurar diretamente através dos *draugs*, que tinham o corpo com a consistência em algum lugar entre gelatina e lama, exceto pelo *draug* mestre, Magnus. Ele era muito forte. Forte o suficiente para quebrar pescoços, digamos — algo que Claire estava terrivelmente familiar e se esforçou para não pensar. Nem um pouco.





— E quanto a flechas de fogo? — Claire perguntou. — Será que elas funcionam?

— Não muito bem. A natureza dos *draugs* vai apagar pequenos incêndios. Apenas algo do tipo que Shane está carregando vai realmente danificá-los. Mesmo, por exemplo, garrafas de gasolina e fogo...

— Nós chamamos de coquetéis molotov — Shane disse prestativamente. Sr. Confusão.

Naomi deu a ele um olhar vazio e continuou. — Eles não fariam muito para atrasá-los. Seria como se você jogasse uma garrafa na água; é mais provável que a chama simplesmente seja extinta. Talvez possa haver algum efeito, mas eu duvido que este seja um momento em que você prefira experimentar. Não vai haver tempo para refinar as suas técnicas e ferramentas no calor da batalha.

— Bem, eu gostei das balas da espingarda de Myrnin — Claire ofereceu. — Será que ele fez...

— Mais? Sim. Achei — Shane falou, inclinando-se sobre outra caixa aberta. Ele tirou um punhado de balas e as levantou.

— Você tem certeza que essas não são apenas normais...

Shane silenciosamente virou a caixa para ela. A caixa estava desenhada em um marcador preto com o símbolo alquímico de prata. Definitivamente Myrnin, porque só ele pensaria em escrever um aviso de que ninguém, além dos dois saberia ler. — Como *you* sabe o que isso significa?

Shane parecia levemente magoado. — Meu trabalho é saber tudo sobre prata. E eu vi as suas anotações. Eu aprendi tudo o que tinha a ver com o seu chefe, de qualquer maneira. — Houve um lampejo de ciúme nisso, mas ela não tinha tempo ou energia para considerar muito. Nem mesmo se ela gostasse.

— Deve haver centenas de balas aí — Claire disse, admirada, quando ela se inclinou sobre a caixa. Seu cabelo, crescendo mais agora, estava na frente do seu rosto, e ela empurrou-o de volta com impaciência. Ele precisava de uma lavagem, o que a fez ansiar por um chuveiro, mas lavar com água fria engarrafada era tudo o que ela poderia ter por um tempo. — Eu pensei que ele tinha usado tudo o que tinha durante a batalha da noite passada.

— Ele trabalhou sem parar — Naomi disse. — Sozinho em uma sala no fim do corredor. Ele convocou guardas para trazer isso aqui apenas uma hora atrás. Eu soube que ele tem comandado outros para fazer estes cartuchos também.

Quando Myrnin trabalhava freneticamente, significava uma de duas coisas: ele estava com muito medo ou ele estava em uma fase maníaca severa.





Ou ambos. Nenhuma era boa. Quando ele estava com medo, Myrnin era muito imprevisível. Quando ele estava maníaco, ele inevitavelmente ficava impulsivo, e não havia tempo para isso agora.

Como se tivesse lido os pensamentos de Claire, Naomi disse: — Ele precisa de cuidados, mas pode esperar até encontrarmos Theo.

— Amelie está tão mal assim? — Shane perguntou.

— Sim. Ela está tão mal assim, eu receio. Se eu ainda tivesse um coração, ele iria doer por ela, minha irmã valente e tola. Ela nunca deveria ter vindo atrás de nós. Lei é lei. Aqueles que são pegos por *draugs* já estão mortos. Nos resgatar colocou todos os outros em risco.

Claire parou de carregar as balas de espingarda em sua bolsa para olhar. — Ela salvou *você*. E Michael. E Oliver.

— Não importa quem ela salvou. O ponto é que ela se permitiu, a nossa *rainha*, ser posta em risco pelos outros, e isso é tolice, e emocional. O tempo de Elizabeth na armadura acabou. Rainhas já governam longe das batalhas.

— Novidade, moça. Não há rainhas mais — Shane disse. Ele carregou balas em uma espingarda e fechou-a, em seguida, procurou um lugar para prendê-la que não interferisse com o lança-chamas. — Não há rainhas, reis, não há imperadores. Não na América. Somente presidente. Mesma coisa, mas sem tantas coroas.

— Os vampiros sempre terão governantes — Naomi disse. — É a ordem das coisas. — Ela disse isso como se dissesse que o céu era azul, um fato claro e óbvio. Shane deu de ombros e deu a Claire um olhar; ela encolheu os ombros de volta. A política dos vampiros não era nem um pouco da conta deles. — Venham. Temos de encontrar o médico.

Shane balançou a cabeça. — Ele é o único que vocês têm?

— Não — Naomi disse, — mas ele é o melhor, e o único que temos que fez algo além das técnicas medievais de sangramento e ventosaterapia. — Ela entregou a Claire uma espingarda e deu-lhe um olhar duvidoso. — Você consegue atirar?

Claire assentiu enquanto carregava as balas. — Shane me ensinou. — Não que fosse fácil para alguém do seu tamanho; uma espingarda dava um pontapé forte no ombro, e ela sempre terminava a prática machucada e dolorida. Naomi parecia ainda mais frágil, mas Claire estava disposta a apostar que isso não seria nada para ela.





- Shane ajustou seu lança-chamas mais confortavelmente em seus ombros.
- Moças? Depois de vocês.
 - Rude – Claire disse.
 - Eu estava sendo educado!
 - Não quando você está com um lança-chamas.





CAPÍTULO 2

MICHAEL

Traduzido por Fernanda

E*u sinto falta do meu violão.*

Isso soava estúpido em minha cabeça, e provavelmente *era* estúpido, mas os meus dedos doíam para estar segurando o peso dele. A música sempre acalmou o barulho dentro de mim, fazia tudo parecer ordenado, lógico, não tão fora de controle e aterrorizante. Desde a primeira vez que eu peguei um instrumento, eu percebi que aqueles sons que outras pessoas faziam, pessoas *famosas*... eles poderiam ser meus, meus para controlar, meus para usar para falar sem palavras. E isso tinha sido mais do que mágico.

Tinha sido sobrevivência.

Agora, sem o meu violão, eu me sentia nu, sozinho, fora de controle. Mas seria profundamente arriscado voltar para a casa para recuperar alguma coisa, ainda mais algo que todo mundo iria ver como não essencial. Talvez eu pudesse ir até a loja de música onde eu dava aulas; ficava na parte mais distante da zona residencial, bem longe de onde os *draugs* estavam escondidos. Não importava se ela estivesse fechada. Um vampiro não tinha que se preocupar seriamente sobre coisas como portas trancadas e telas de aço nas janelas, e essas restrições à entrada não se aplicava às lojas.

Eu ainda não conseguia acreditar nisso. Eu era um *vampiro*.

Eu sei, não era uma revelação exatamente... eu tinha sido um vampiro por um bom tempo agora, e antes disso, eu tinha sido metade vampiro, metade fantasma, preso em minha casa, colocado à espera entre a vida e a morte. Mas até hoje, eu não tinha me sentido tão... errado. Tão estranho.

Tão não eu mesmo.

Naomi, que se interessou mais por mim do que os outros, tinha me avisado que isso aconteceria, que eu ia começar a sentir a distância entre mim





e a humanidade que um dia eu tive; ela me avisou que viver como eu vivia, tentando ainda ser o que eu *tinha* sido, iria começar a me machucar, e machucar as pessoas com quem eu me preocupava.

E ela estava certa. Eu tinha provado isso, não tinha? Eu tinha perdido o controle. Eu *mordi* Eve.

Eu quase a matei.

A camisa que eles tinham me dado para vestir, para substituir a que estava encharcada com água suja e molhada com o sangue de Eve... essa camisa coçava. Parecia errada. Eu a tirei sobre a minha cabeça e joguei no chão enquanto eu andava. Quando olhei para baixo, minha pele estava muito branca, as veias muito azuis. Eu parecia como mármore vivo, e eu me sentia tão frio quanto isso também.

E por dentro, eu estava tremendo. Meu mundo inteiro estava tremendo. Não era apenas por causa dos *draugs*, embora todos nós tivéssemos medo deles... eu estava com medo de *mim*, do que eu era, do que eu era capaz de fazer com as pessoas que eu supostamente amava.

Amor. Eu ao menos sabia o que isso significava agora? Eu alguma vez soube? O que diabos eu estava fazendo? O que eu estava pensando, arriscando a vida dela cada vez que eu estava ao redor dela? Eu pensei que eu tinha tudo sob controle, lidando, *consertando*, e então... então todas as minhas ilusões de estar no comando do monstro despedaçaram.

Eu andei de um lado a outro, e tentei não pensar sobre o quão *bom* tinha sido. Eu não tinha percebido o quanto em guarda, o quão tenso, o quão desesperadamente apertado o meu controle tinha estado até que eu tinha sido forçado a soltá-lo.

Algo paralisou dentro de mim, e eu parei as minhas divagações, porque Eve estava vindo.

Eu ouvi-a caminhar em direção a mim no corredor, apesar dos tapetes espessos; eu podia sentir o cheiro da pele de Eve, o perfume individual e suave dela.

A porta se abriu e se fechou atrás de mim. Agora eu podia sentir o cheiro do shampoo com aroma de pêssego que ela tinha usado, e o sabonete, e o sangue quente e salgado por baixo de tudo isso.

Eu não me virei.

— Onde está a sua camisa? — ela me perguntou.





— Ela coça — eu disse. — Não importa. Eu não estou com frio. — Mas eu estava. Eu ficava com a temperatura ambiente, exceto quando a pele dela me aquecia. Frio como os mortos. — Eu vou procurar outra coisa.

Então eu me virei, mas Eve estava bloqueando o meu caminho até a porta. Meu coração não bate mais — não muitas vezes, de qualquer maneira — mas ainda pareceu como uma facada direto nele quando eu olhei para ela diretamente. Ela estava ali parada, sem medo, com o queixo para cima com uma atadura branca no pescoço e um lenço tentando disfarçar o dano que eu tinha feito. Essa era Eve, como sempre — machucada e escondendo isso. A aparência gótica sempre tinha sido sua armadura contra o seu pavor dos vampiros. O vestido de bolinhas retrô, os sapatos, tudo isso era apenas mais uma forma de armadura agora. Algum tipo de escudo para separar a menina real e o mundo.

E eu.

— É isso? — ela me perguntou. — Sua camisa coça e você vai pegar uma nova? É assim que você vai levar essa conversa aqui.

Eu não podia olhá-la nos olhos. Em vez disso, eu me sentei em uma cama de acampamento com saco de dormir — não eram meus; os meus eram uma pilha desfiada de penugem. Eu brincava com a camisa nas minhas mãos, e a puxei sobre a minha cabeça novamente. Não era a roupa que era o problema, de qualquer maneira. Era eu que me coçava todo, lembrando... lembrando de como eu tinha me sentido ao entregar-me totalmente à fome. Eu não tinha me parado. Eu *não teria* me parado. Beber o sangue dela tinha sido... uma bênção. Céus. Tão perto quanto eu jamais iria chegar dele agora.

Eu pensei que eu tinha entendido tudo sobre o que era ser um vampiro, até aquele momento de puro prazer vermelho que eu agarrei Eve e, sem pensar, *me alimentei*. Parecia que o chão tinha se aberto debaixo de mim e de todos as minhas concepções, e agora eu estava em queda livre, agarrando-me a uma vida que estava se afastando de mim na velocidade da luz.

Se não tivesse sido por Claire de alguma forma — usando a força do desespero, eu imagino — puxando-me tempo o suficiente para que alguma sanidade retornasse, eu teria matado a mulher que eu amava.

A mulher que estava na minha frente agora, esperando pela minha resposta.

— Eu não posso fazer isso — eu disse. As palavras pareciam cinzas na minha boca, como um bocado de chumbo, e elas aterrissaram tão





pesadamente sobre ela. Eu não estava olhando para o rosto dela — eu não pude — mas eu tinha uma imagem mental vívida do sofrimento em seus olhos. E a raiva. — Deixe isso para lá, Eve.

— Você quer dizer para deixar *você* sozinho — ela disse, e agachou-se, perfeitamente equilibrada sobre esses saltos retrô caretas e ridículos, para me olhar no rosto. Seus olhos eram grandes e escuros e, sim, eles estavam assombrados e cheios de dor, dor que eu tinha causado, e estava causando agora. — Michael, não foi culpa sua, mas você me machucou, e nós temos que falar sobre isso antes que isso... nos arrebente. Você sabe o que eu quero dizer, não é?

Eu sabia. E isso já estava dentro de nós. Dentro de mim, de qualquer maneira, corroendo como ácido, queimando, escaldando e intoxicando. — Falar sobre isso — eu repeti. — Você quer *falar* sobre isso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você quer falar sobre como eu peguei você e a puxei para baixo e tirei algo muito pessoal de você, enquanto você gritava e tentava lutar comigo — eu disse. — Que alguém teve que me parar, porque eu estava agindo como um animal.

Ela não era uma tola, a minha Eve; ela sabia o que eu estava dizendo, e ela empalideceu, quase da mesma cor que ela teria em sua maquiagem gótica. — Michael, você não me *estuprou*.

— Isso foi exatamente o que eu fiz — eu disse. — Você sabe o que Shane chama isso? Estupro com presas.

— Shane não tem ideia do que ele fala. — Faltou um pouco de força nas palavras, porém, e Eve soou mais do que um pouco abalada. — Você só... você não estava no controle, Michael.

— Então, isso é uma desculpa válida agora para mim, enquanto não é para qualquer outro cara lá fora que fere alguém? — Eu queria tocá-la, mas eu sinceramente não me atrevi. Ela abriu a boca, mas não saiu nada e, finalmente, ela apenas a fechou. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela os piscou para afastá-la. — Não é uma desculpa e você sabe disso. Não pode ser, se nós deveríamos estar juntos.

— Você estava ferido. Você não estava em seu juízo perfeito. Isso importa, Michael.





Eu estendi a mão e a coloquei em seu ombro — em uma velocidade de vampiro, não tentando retardá-la. Nós dois sentimos a violência que ela tentou se afastar, antes que ela controlasse a sua reação instintiva.

Isso provou o meu ponto, e ela sabia disso.

— Eve, você se mexe quando eu toco em você — eu disse. — Você se afasta. Você se lembra de como foi quando eu estava machucando você, segurando-a para baixo, sem saber se em algum momento eu ia parar ou se eu ia matá-la quando tivesse acabado. *Claro* que importa. Importa para nós dois.

— Eu... — As palavras morreram em sua boca antes que ela pudesse falá-las e ela apenas olhou para mim. Porque é claro que eu estava certo. Eu tinha visto isso, e ela sabia disso.

— Não importa se a culpa foi minha ou não, se eu estava em meu juízo perfeito ou se foi apenas um bastardo doente que começou com isso — eu disse. — Eu sou um vampiro, Eve. E isso é o que fazemos. Nós pegamos o sangue das pessoas. Às vezes, elas o oferecem, e isso é bom, isso é realmente conveniente, mas às vezes nós apenas pegamos o que queremos. O fato de que é o instinto não é desculpa para isso. Tudo leva ao mesmo final: com você se machucando, talvez morrendo, mesmo que eu te ame. Assim como eles tentaram nos dizer desde o início. Nós éramos uma tragédia esperando para acontecer.

— Não! — Ela pulou para a frente e tentou colocar os braços em volta do meu pescoço, mas eu sou um vampiro; me agarrar não é tão fácil quando eu não quero ser agarrado. Eu me mexi apenas o suficiente e antes que ela pudesse registrar o fato de que eu tinha feito isso, eu estava segurando seus braços em minhas mãos. Firmemente. Ela se encolheu e eu a senti tremer por todo o seu corpo, mas ela não tentou se afastar. — Michael, *não*, não faça isso. Eu só preciso de tempo, isso é tudo. Aconteceu *ontem à noite*. Me dê um pouco de espaço para lidar com isso e eu vou ficar...

— Bem? — Eu deixei meus olhos ficarem vermelhos lentamente. Eu deixei as minhas presas descerem. — Realmente. Você vai ficar bem comigo assim.

Agora, ela *se afastou*. Com força. E eu não a deixei ir. Sua força não era nada comparada à minha, não aqui, onde eu tinha vantagem. — Você está tentando me assustar, e isso *não vai funcionar*!

Eu soltei um de seus braços e usei uma unha para puxar o lenço para longe de seu pescoço. A mancha de sangue no curativo pálido quadrado fez algo em mim rosnar, lá no fundo, e mesmo que eu detestasse essa besta, eu





também sabia que eu não poderia mantê-la presa para sempre. Era por isso que Morganville tinha licenças de caça, e permitia que vampiros caçassem em uma base cuidadosamente regulada. A besta era o motivo pelo qual Amelie permitia alguma medida de violência em Morganville, porque sem ela, nós ficamos tóxicos. Como eu tinha ficado tóxico com Eve.

— Pare — ela disse. Sua voz não soava tão forte agora. — Porra, seu imbecil, *pare com isso!*

— Não foi isso que você me disse ontem à noite? — eu perguntei a ela, e eu balancei ela com força. — Não foi? Eu parei, Eve? Eu parei?

Ela se contorceu e se libertou e me deu um tapa no rosto. Não doeu, mas a explosão de calor repentino de sua pele na minha me fez piscar. Eu soltei seu outro braço. Ela se moveu para trás e, em seguida, de repente, algo me apunhalou. Não no coração, mas ao lado, e a sensação disso deslizando era fria, horrível e ainda assim também queimava.

Prata.

Eu olhei para baixo. Havia uma pequena faca de prata enterrada em meu lado direito até o cabo. A pele estava começando a arder e queimar em torno dela.

Eve estava respirando com dificuldade agora, e havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto, mas ela parecia resistente ao mesmo tempo. *Obstinada.*

— Eu *posso* parar você — ela disse. — Eu *sempre* poderei pará-lo se eu precisar, Michael, seu maldito. Eu poderia ter colocado isso no seu coração porque você não esperava por isso, porque você sempre estará vulnerável a mim mesmo quando você não quiser. Então estamos quites. Porque eu sempre estarei assim com você também. Isso é chamado de *confiança*. É chamado de *amor*. — Ela pegou a faca e puxou-a rapidamente para fora, e eu me engasguei e caí de lado no saco de dormir. *Deus*, isso machuca. Muito. Eu estremeci e me contorci conforme a influência da prata continuava a me castigar, mas não era um ferimento fatal — não estava nem perto disso. Ela tinha escolhido o lugar e a duração da facada muito bem. E de uma maneira estranha, eu amei a dor. Eu precisava disso.

Eu merecia.

— Você me ouviu, Michael? Nem tente pensar que você é o fodão nesta sala. Eu *não* vou deixar você fazer isso comigo de novo, nunca, então você pode parar de ficar obcecado sobre o quão malditamente poderoso você é e o quão





fraca eu sou. *Eu não sou fraca*. Dane-se você por sequer pensar isso. Supere a si mesmo, a sua angústia de vampiro e o seu interruptor de poder.

Ela ficou de pé, olhando para mim por um momento, em seguida, saiu com a faca de prata brilhando em sua mão.

Eu inspirei apenas o suficiente para respirar, em verdadeira surpresa: — Seria loucura agora dizer que eu te amo?

Ela nem sequer fez uma pausa. — Considerando que eu acabei de te esfaquear? Parece um pouco estranho, sim.

— Eu amo — eu disse, e abaixei a minha cabeça novamente. — Deus, Eve. Eu amo tanto que isso está me matando. Eu só não quero matá-la também.

Eu a observei andar para longe com passos lentos e firmes, uma mulher totalmente no controle de si mesma e do que ela estava sentindo.

Eu só não sabia o que era, mas eu estava com medo... medo de que não fosse mais amor.

Eu caí de costas e fechei os olhos, e tentei me curar.





CAPÍTULO 3

CLAIRE

O peso desconhecido da espingarda fez Claire se sentir estranha. Ela tinha disparado armas, mas ela nunca *carregou-as* por aí, não como se fosse uma coisa normal de todo dia. Como uma bolsa de livros, por exemplo. Ela profundamente sentia falta de sua mochila. Ela simbolizava tudo o que era importante em sua vida, e de repente estar no pôster para a Associação Nacional de Armas... não.

Em torno de sua cintura, ela tinha acrescentado um cinto que Shane tinha desenterrado do fundo do arsenal — ele continha pequenas garrafas seladas em ganchos que ela podia puxar livre facilmente. Nitrato de prata. Muito perigoso para os vampiros, e *draugs*. Ela agora estava quase tão carregada com vantagens como poderia estar.

E ela se sentia incrivelmente desajeitada e estranha, mas isso desapareceu enquanto os guardas vampiros assustadores e grandes que guardavam a porta da entrada principal do edifício do Conselho dos Anciões abriam-na, e ela, Shane e Naomi saíram.

Era o meio da tarde, mas estava cinzento e chuvoso. Pareceu errado quando tudo isso começou, com o céu nublado e com chuva, porque quase nunca chovia em Morganville, e quando choveu, foi uma explosão violenta que limpou uma tarde como essa. Ela tinha continuado por dias... e trouxe os *draugs* com ela. Até que eles fossem embora, Claire pensou, Morganville nunca veria o sol novamente.

Naomi brilhava na luz fraca como uma espécie de anjo — do tipo errado, mas ainda belo. Ela acenou para Claire e Shane e inspecionou o mundo que eles podiam ver dos degraus.

Parecia... tranquilo. Tão terrivelmente quieto. Estendendo-se em frente ao edifício do Conselho de Anciões — um grande templo Românico com o mármore das escadas como as Cataratas do Niágara — havia o verde da Praça





da Fundadora com suas árvores, lagos, trilhas e a iluminação antigas que lutava contra a escuridão. Uma verdadeira luz a gás, do tipo que zumbia muito suavemente, como cobras no jardim. No centro do verde havia um espaço largo e vazio com uma plataforma elevada. Era onde realizava as reuniões da cidade, e onde — não muito tempo atrás — tinha estado uma gaiola para impedir os seres humanos que se atreviam a tentar matar vampiros. Às vezes, eles eram punidos apenas sendo enjaulados. Às vezes, se o vampiro realmente morresse, a punição era muito pior.

Mas a gaiola não estava lá agora. Isso era uma coisa que Claire poderia sentir orgulho, pelo menos... Ela conseguiu que Amelie se livrasse delas. Conseguiu assegurar alguns direitos básicos para a população humana, mas eles não eram exatamente populares ou consistentemente honrados.

Ela desviou o olhar da Praça da Fundadora e de suas más lembranças, e olhou para a própria Morganville. Não era um lugar enorme. Desse ponto de vista, ela podia ver as portas da Universidade Prairie do Texas, sua faculdade. Ela brilhava com as luzes, ainda, como um farol; quando ela apertou os olhos, ela percebeu que era evidente que os portões estavam fechados. — Eles não deveriam estar aqui — ela disse a Naomi, — os estudantes.

— Eles não estão — Naomi disse. — Eles já foram evacuados, cada um deles. Amelie não poderia se dar ao luxo de explicar um desastre dessa magnitude; eles dificilmente conseguem encobrir as taxas de incidentes normais.

Incidentes. Era assim que os vampiros chamavam. Claire chamava de assassinato. — O que ela disse a eles?

— Nada. O reitor fez um discurso e disse que cortes profundos no orçamento do Estado obrigava eles a encurtar o semestre. Todos os alunos receberam excelentes indicações e ganharão entradas gratuitas para todos os cursos no início do próximo período letivo. Então, eles anunciaram uma evacuação de emergência com base em um derramamento químico para eliminar o corpo docente e os trabalhadores.

— Isso vai trazer um monte de atenção para este lugar — Shane disse, analisando o horizonte. — A última coisa que Morganville quer.

Naomi deu de ombros. — É o melhor que podemos fazer agora. Não que isso importe, quando tudo acabar; a universidade nunca vai reabrir, e é claro que vamos deixar esta cidade. Nós devemos. Amelie vai cair em si em breve, ou Oliver. Morganville está morta para nós.





Ela disse isso como se fosse a religião dos vampiros ou algo do tipo — que correr fosse a única opção. E Claire imaginou que dada a experiência longa e terrível que os vampiros tinham com os *draugs*, talvez isso não fosse tão irracional. Mas Amelie tinha decidido lutar. Oliver iria lutar também; ele deixou claro que ele preferia fazer isso.

O que assustava Claire era que ele poderia agora ser o único, além de Myrnin, que realmente se sentia assim. Os vampiros não eram sem coração exatamente, mas eles eram extremamente focados. Se eles tinham uma melhor chance de sobrevivência sacrificando os seres humanos que estavam supostamente sob sua proteção, bem, eles gostariam de enviar flores para os funerais e se sentir um pouco tristes. *Você não pode confiar neles*, Claire lembrou. *Não quando se trata de algo como os draugs, algo que poderia matá-los. Eles sempre vão colocar-se em primeiro lugar.*

Mas como isso realmente combinava com como Myrnin agia? Ou Amelie, ou até mesmo Oliver, a propósito? Os vampiros eram diferentes, assim como as pessoas eram diferentes. Alguns corriam. Alguns não. Alguns lutavam. E alguns, muito poucos, realmente se importavam.

— Eu posso ver a nossa casa — Shane disse, e apontou. Lá estava, pouco visível na escuridão — uma casa branca do tamanho de um brinquedo a essa distância, que se distinguia de suas vizinhas pelo estilo Vitoriano. Não havia luzes acesas lá. Ninguém precisava delas agora. E não havia muitas lâmpadas acesas lá fora, de qualquer maneira. Algumas velas ou lareiras tremulavam nas janelas, mas o brilho constante de energia elétrica estava apagado agora, exceto aqui no coração da cidade. A maioria das pessoas já havia deixado a cidade quando os vampiros estavam distraídos; Claire suspeitava que Myrnin tinha levantado as barreiras para permitir que eles fizessem isso sem serem detectados. Os que permaneceram, eram como Shane, lutadores. As pessoas que simplesmente não correm quando estão em dificuldade. — Eu lhe disse que o exterior precisava de uma pintura. A verdade é que toda esta cidade precisa de uma maldita reforma.

Ele estava certo. Morganville, encharcada e pingando na chuva, parecia horrível. O sol do deserto feroz não era muito gentil com ela, mas pelo menos ela parecia... limpa. Não de um jeito bom, tão completamente lavada de vida, enlameada e desanimada.

— Está em primeiro lugar na minha lista — Claire disse, — depois de tentar não morrer. Pintar a casa.





— É bom ter objetivos — ele disse e estendeu a mão. — Cuidado com o degrau.

Naomi lhes deu um olhar curioso, mas correu escada abaixo, movendo-se suavemente como um gato, e com uma graça estranha e branda de um também. Claire e Shane seguiram com mais cuidado, já que a chuva havia deixado o mármore escorregadio. — Como podemos saber se os *draugs* estão aqui? — Shane falou com Naomi quando a sua bota espirrou em uma poça no primeiro degrau. Ela também estava usando botas, grandes que chegava até os joelhos.

— Eu espero que você perceba quando você sentir a mordida — ela disse. — Em pequenas poças isoladas eles não são tão perigosos, mas a chuva continua vindo. Evite qualquer riachos e grandes águas paradas. Temos sorte do solo absorver tanto e tão rápido. Uma vantagem do deserto.

— É por isso que ela construiu aqui — Claire disse. A chuva já estava ensofando através do casaco grosso que ela tinha jogado sobre a sua camiseta. Ela iria, ela pensou, passar muitos dias se sentindo fria e úmida. Naomi usava uma capa de chuva completa com capuz, embora Claire sentia que era menos uma proteção contra o frio do que contra a ideia de um *draug* subir em sua pele nua. — Muita pouca chuva, e as pessoas deixam você em paz aqui. Ela podia controlar as coisas.

— É uma ilusão de controle — Naomi disse. — Você deve entender isso agora, jovem Claire. Nós nunca estaremos no controle dos nossos destinos, mesmo o mais forte de nós. Tudo o que podemos esperar fazer é não nos ferir muito pelos eventos.

Deus, ela *soava* como Amelie. Deprimente. Talvez elas realmente tivessem uma ligação, afinal. Shane deu de ombros; ele não era fã do conceito de destino de qualquer maneira, e menos ainda quando ele estava sendo pregado por vampiros.

Na parte inferior da escada, Shane disse: — Qual é o caminho?

— Temos que nos manter nas zonas mais altas — Naomi disse. Ela ficou onde estava por um momento, olhando para a cidade, e depois sacudiu a cabeça. Ela puxou um dispositivo do bolso de sua capa de chuva; era, Claire percebeu, um dos de Myrnin, com todas as características loucas de algo que ele tinha remendado junto — motores, fios, tubos com líquidos estranhamente coloridos. Um estava borbulhando. Naomi ajustou um marcador ao lado e





assentiu enquanto o colocava de volta em seu bolso. — A magia está trabalhando, de qualquer modo.

— Magia?

— Ele empurra para longe o chamado do *draug* — ela disse.

— Não é magia; é cancelamento de ruído — Claire disse. — É apenas física. Você constrói uma onda para cancelar outra, do mesmo modo que você constrói uma para amplificar outra.

Naomi apenas olhou para ela com um interesse vazio e educado e, em seguida, disse: — Se você está dizendo. Ele parece estar funcionando, o que é uma sorte, ou seria uma aventura muito curta para mim. E para vocês. — Esse final foi adicionado como uma reflexão tardia.

— Você disse que tinha uma maneira de encontrar Theo — Shane disse. — Hora de desembuchar, moça. Eu não quero estar aqui quando ficar escuro. Bem, mais escuro.

Naomi estendeu a mão para o outro bolso de sua capa e tirou um frasco selado. Ele estava meio cheio de um pó vermelho, e ela abriu a tampa e acrescentou uma pitada de água de uma garrafa antes de tampá-lo e sacudi-lo para misturar. O líquido virou um vermelho escuro da cor de sangue. Ela destampou o frasco novamente, colocou-o nos lábios e bebeu.

— O que diabos é isso? — Shane encarou. — É sério que você trouxe um lanche?

— É da linhagem de Theo — Naomi disse. Ela fez uma careta e deixou o frasco cair, depois esmagou-o em pequenos cacos sob o seu pé. — Todas as linhagens têm registros de rastreamento em nossas bibliotecas. É assim que nós podemos encontrá-los quando nós precisamos. Eu provavelmente poderia encontrá-lo facilmente se ele fosse da linhagem de Bishop, mas ele não é, por isso eu não devo contar com isso. Tem um gosto sujo e seco e tão... — Ela parou de falar, ficou em silêncio por alguns segundos e depois se inclinou de repente e vomitou violentamente. Então ela sentou-se no degrau mais baixo, como se ela não pudesse encontrar força para ficar de pé.

— Este plano não me enche exatamente de confiança — Shane disse para Claire. — Mesmo com o lança-chamas legal.

Naomi levantou uma mão trêmula com a palma para cima, para avisá-los para esperar, mas, em seguida, a mão enrolou em um punho antes de finalmente relaxar. Ela sentou-se e levantou o rosto para a chuva fria, parecendo... bem, não *pálida*, mas quase *azul*. Seus lábios tinham tomado uma





tonalidade clara de azul esverdeado. Ela parecia como se ela tivesse sido esculpida em gelo turvo.

— Diferentes linhagens — ela sussurrou. — É como diferentes tipos de sangue para vocês.

— Isso te deixa doente — Claire disse, e recebeu um aceno instável.

— Doente quanto? — Shane perguntou. — Você pode andar?

— Um momento — Naomi disse. Ela já parecia forte. — Temos de ir antes da minha linhagem destruir a dele dentro de mim, mas a batalha entre elas é... um desafio. A dele vem de um estoque forte. — Ela lhes deu um sorriso pequeno e se levantou; Claire estava preparada para sustentá-la, mas ela não precisava disso. — Ele está nessa direção.

— Isso... não é tão bom — Shane disse, porque a direção que Naomi estava apontando era para o final interditado de Morganville, o qual os *draugs* tinham lentamente reivindicado como sua fortaleza. — Por que ele iria para lá? Por que não ir embora?

— É possível que eles tenham pego ele — Naomi disse, mas depois sacudiu a cabeça para corrigir a si mesma. — Não, eu sentiria isso, através dessa conexão. Ele está vivo, e se escondendo. Mas não vai ser fácil chegar até ele, mesmo agora.

— Menos conversa — Claire disse. — Mais caminha. Quero dizer, nós não vamos ficar daqui depois de escurecer, não importa o que aconteça.

As sobrancelhas de Naomi subiram mais alto. — Mesmo se um de nós for deixado para trás?

— Se um de nós for — Shane disse, levantando o lança-chamas mais alto sobre os seus ombros como uma mochila pesada, — vai ser você. Sem ofensa.

Naomi sorriu, muito belamente. — Oh, eu me senti muito ofendida. — Claire não estava realmente certa, olhando para ela, se ela estava falando sério ou não, mas era melhor estar bem com um vampiro do que realmente, realmente se arrepender. Ela cutucou Shane com força nas costelas que não estavam protegidas pelas fivelas do lança-chamas.

— Desculpe — Shane murmurou. — Quero dizer, todos nós vamos voltar ou nenhum de nós. É claro. Eu tenho certeza que você está pensando a mesma coisa.

— Certamente. — O mesmo sorriso doce e imparcial, e novamente, não havia como descobrir se ela estava falando sério ou não. Mas isso não importava, porque eles estavam juntos agora, e eles precisavam se mover.





Rápido.



Deixar a Praça da Fundadora com o seu pequeno círculo seguro de luzes ainda acesas e o cordão de isolamento de policiais e guardas de vampiros... foi difícil. Não apenas porque, lá no fundo, Claire não queria ir, mas também porque os guardas não os quis deixar ir. No edifício do Conselho de Anciões todo mundo tinha lhes dado ordens estritas, e Claire imaginava que tinha sido nos termos de *aconteça o que acontecer, não deixe esses bastardos entrarem ou não deixem ninguém sair*. Naomi, porém, não levava um não como resposta, e havia poucos policiais humanos que estavam dispostos a se opor a uma vampira com atitude e uma arma.

— Legal — Shane disse baixinho quando ela os levou para a rua. Os destroços de carros e armas caídas tinham desaparecido principalmente dessa área — resíduos do tumulto não tão bem sucedido que os seres humanos tinham causado na noite anterior contra os vampiros; não tinha sido eficaz, mas tinha sido definitivamente entusiasmado. — Qualquer ideia de quão longe temos de ir?

— Não — Naomi disse, e franziu a testa. — Por que?

— Só pensando se talvez fosse melhor ir em um veículo do que a pé. Por segurança.

— Você — Naomi disse, — está com um lança-chamas, não é muito útil no espaço fechado de um automóvel. Talvez você pudesse ter considerado outra escolha de armas.

— Não um carro. Uma picape — ele disse sem hesitação. — Eu fico na traseira. As moças na frente. Velocidade máxima, exposição mínima, além de uma plataforma de tiro boa para mim e Claire com a espingarda. Ou você. Tanto faz.

Naomi inclinou a cabeça e olhou para ele em silêncio por alguns segundos, depois assentiu. — Muito bem — ela disse. — Consiga uma, por favor.

— Eu sempre soube que as habilidades de ligação direta viriam a calhar, outra sem ser ganhar mais pontos na minha viagem frequente para a prisão — Shane disse. — Fiquem aqui. — Ele correu para longe, alegremente e ágil, mesmo sob o peso do equipamento pesado que carregava, e Claire viu ele ir com uma pontada de ansiedade. Porque com todas as suas reviravoltas





simples, Shane era tão vulnerável quanto qualquer um deles. Até mesmo Naomi, que também estava observando o namorado dela com uma carranca pensativa entre as sobrancelhas.

— Eu soube que Shane Collins não era confiável — ela disse, — mas vejo poucos sinais disso agora. Também me foi dito que ele detestava a minha espécie e gostaria de nos ver mortos, se pudesse. No entanto, ele veio com você para nos resgatar. Estranho.

— As pessoas mudam — Claire disse.

Naomi deu de ombros, e fez parecer algum gesto estranho e exótico. — Certamente — ela disse. — Mas, principalmente, eu acho que elas mudam para pior, não melhor. Na verdade, alguns que já gostaram de mim mudaram tanto que tentaram me queimar como um monstro.

— Bem, porém você está aqui — Claire respondeu, — porque Amelie prendeu Shane em uma gaiola e ia queimá-lo por algo que ele nem sequer tinha feito. Ele mudou. Para melhor. E ele não precisava.

— Talvez ele tenha mudado por você.

Por alguma razão, a ideia disso só fez Claire ficar... irritada. — Não. Não por mim. Ele é um cara bom, lá no fundo, e ele quer tornar as coisas melhores. Assim como eu. Então, apenas... pare de falar sobre isso. — Ela estava, ela percebeu, com falta de sono, cansada, ansiosa e com medo, e a análise fria de Naomi de alguém que ela amava a deixou irracionalmente irritada.

Naomi não disse nada, apenas olhou para ela com um interesse educado e calmo. Havia muita frieza dentro dela. Ela tinha sido mais agradável quando não havia vidas em jogo, Claire pensou; Agora, a sobrevivência era uma preocupação grande e crescente para ela, e ela estava testando os limites da sua vontade de se impor com os seres humanos desrespeitosos.

Mas ela não rosnou, brilhou os olhos vermelhos, mostrou flash de presas ou replicou de outra forma como uma vampira, então Claire tinha que estar satisfeita com isso. Eles esperaram em silêncio por alguns momentos desconfortáveis diante do crescente pulsar de um motor e um clarão de faróis em todo o pavimento sinalizou a chegada de uma picape grande que deu uma parada na frente delas. Era grande e profunda, e a cabine da coisa era aproximadamente o tamanho de uma baleia azul. O interior da cabine poderia carregar um time de futebol. Tinha até um rack de pistola — embora vazio — na janela traseira.





O adesivo no vidro traseiro dizia: VOCÊ PODE PEGAR AS MINHAS ARMAS QUANDO VOCÊ AS TIRAR DAS MINHAS MÃOS FRIAS E MORTAS. Algum palhaço — possivelmente o proprietário do caminhão — tinha acrescentado um NÃO antes do MORTAS com um marcador preto. Claire lançou um olhar para Naomi, que estava focada sobre as mesmas palavras. Havia um sorriso vagamente divertido e estranho em seus lábios que era mais do que um pouco assustador.

Shane inclinou-se para fora da janela do caminhão e disse: — Deus, eu amo esses carros. Quem quer dirigir esse menino mau?

— Não eu — Claire disse imediatamente ao mesmo tempo que Naomi disse: — Eu não sei como.

Shane saltou do carro, fez uma pausa e olhou para as duas com uma expressão vazia. — Não quer? — ele perguntou a Claire, e depois virou a sua atenção para Naomi, parecendo ainda mais atordoado. — Não sabe? Sério, há algo de errado com vocês duas.

— Se *errado* você quer dizer *sã* — Claire disse. — Essa coisa é como um tanque de guerra, só que o tanque tem um painel melhor.

— Esta é a sua maior preocupação agora? O painel?

— Não, eu não acho que eu possa realmente ver o painel! Quem dirige essa coisa? O Pé Grande?

— Rad — Shane disse. — Você sabe, Rad, o dono da oficina mecânica que vende bicicletas? Aquele cara. Qual é. Eu levanto mais o assento.

Claire deu-lhe um olhar duvidoso, mas ele apontou para o céu cinza pálido, no ponto mais brilhante. Um lembrete silencioso de que o dia não estava ficando mais claro e que as suas chances de encontrar Theo estavam desaparecendo com o sol da tarde.

— Tudo bem — ela disse. Shane teve que levantar ela até o degrau de cromo, e então ela subiu na cabine da própria picape. Havia caminhões semi-trailers que eram mais pertos do chão, ela estava convencida. Naomi não tinha tais problemas; ela fez a sua entrada do lado do passageiro parecer graciosa. Claire colocou a sua espingarda no rack atrás delas, mas Naomi continuou segurando a dela com os olhos distantes e vigilantes.

Acabou que ela conseguia ver o painel, afinal de contas, no entanto ela teve que puxar o assento todo para alcançar os pedais. Shane saltou para cima na plataforma aberta do caminhão e bateu na lateral do caminhão em um sinal para ir.





— Bem — Claire murmurou, — aqui vamos nós.

Ela parou o caminhão imediatamente, então se inclinou para fora da janela para gritar com Shane: — Quem dirige um câmbio *manual* nos dias de hoje?

— Homens viris — ele respondeu. — Qual é, Claire, você consegue!

Ela conseguiu, mas ela simplesmente odiava ficar mudando. É muita coisa para pensar, especialmente na sua atual situação extremamente complicada. Não tinha outro jeito, no entanto; ela cerrou os dentes, ajustou o assento para ainda mais perto, e se familiarizou mais uma vez com a embreagem. Foi doloroso, humilhante e estranho, mas ela conseguiu. O caminhão saltou para a frente com um grunhido retumbante baixo, e ela pensou: *Nós provavelmente poderíamos derrubar um edifício com essa coisa.* Digno para se lembrar, de qualquer maneira.

Deixando o falso círculo de segurança — falso porque Claire sabia que era apenas uma ilusão, causada por todas aquelas luzes — ainda parecia uma ideia muito ruim. Ela acendeu os faróis no mais forte, mesmo que ainda não estivesse totalmente escuro, e depois de um momento estendeu a mão e ligou o aquecedor da picape também. A explosão quente e seca do ar a fez tremer de alívio. Ela sentiu um calafrio nos ossos de nojo, mesmo sabendo que provavelmente não havia nenhum *draug* nos pingos de chuva que tinham molhado suas roupas.

E se tivesse? Quantas dessas gotas de chuva contaminadas é preciso para formar um draug todo? Eles não sabiam quase nada sobre essas coisas, e falta de conhecimento sempre incomodava ela. Ela olhou para Naomi, ou, na verdade, para a parte de trás da cabeça de Naomi, porque a vampira estava virada para mirar a espingarda para fora da janela do passageiro, observando qualquer sinal de ataque.

— Esquerda — Naomi disse em uma voz indiferente. — Então para a frente. — Ela não soava muito melhor do que quando tinha estado nos degraus, mas não feliz com isso. Claire se perguntou quanto tempo levaria para os seus anticorpos — se vampiros tinham essas coisas — destruírem o sangue invasor... e o que aconteceria se muito sangue de vampiro estrangeiro fosse introduzido de uma só vez. Sua pele se arrepiou, e não era de frio. *Poderia matá-los. Iria certamente percorrer um longo caminho para derrubá-los.* Ela se perguntou se muitos seres humanos sabiam disso. Era uma boa informação,





mas a fez estremecer de tê-la em sua cabeça. Eles não gostam de ter as suas vulnerabilidades conhecidas.

Claire virou à esquerda no sinal de trânsito morto, depois de uma breve pausa. Meio idiota, na verdade, porque não havia nenhum tipo de tráfego para se preocupar. Até onde ela sabia, eles eram os únicos se deslocando na cidade. A chuva tinha reduzido a velocidade para uma névoa vagorosamente caindo, e ela manteve os limpadores do para-brisa trabalhando. O tum-tum-tum estável tinha um ritmo suave e normal.

E então ela ouviu algo cantar junto com ele.

No início, ela pensou que era Naomi, isso era improvável; era um baixo zumbido de som, elegante e apenas no fundo de sua audição. Então ela pensou que era o rádio do caminhão, ou talvez um CD tocando, mas ao se inclinar no painel não aumentou o som.

Ela deveria saber que era o *draug*, mas algo a impediu de lembrar disso. Em vez disso, ela encontrou-se gradualmente girando a roda em direção ao som, caçando ele, tentando entender o que era aquela música, uma canção que ela conhecia e amava e quase podia lembrar...

Quando ela estava deslizando lentamente na direção do lado direito para a parte infectada da cidade, uma direção que iria levá-los em uma grande virada em uma rua principal, Naomi estendeu a mão de repente e agarrou o volante com uma mão branca ossuda, puxando-os de volta para o outro lado. Mantendo-os lá.

Claire pisou no freio, de repente e violentamente consciente, e olhou para ela. Da parte de trás da picape ela ouviu um ruído metálico, as costas de Shane bateu na cabine do caminhão, em seguida, ele disse indignado: — Ei! *Lança-chamas!*

— Eu tenho que ajustar as frequências — Naomi disse, e virou os botões do dispositivo que ela tinha tirado para fora de seu bolso novamente; de repente a cantoria diminuiu em um bendito silêncio com um barulho de fundo. — Você precisa ter cuidado, Claire. Se você ouvir eles, eles vão te ouvir, sentir você, de qualquer forma. Magnus tem interesse em você agora. Ele está curioso com o seu retorno. Você não quer estar nas mãos dele novamente.

Magnus. O principal *draug* — o mestre deles, pelo que Claire entendia. Todos eles pareciam idênticos, mas havia algo em Magnus que apenas... se destacava. Uma espécie de densidade que puxava todos em torno dele na escuridão.





Em suas mãos novamente. Ela não podia deixar de lembrar da sensação fria e úmida das mãos dele ao redor do pescoço dela, e um tremor violento agarrou-a, como se todo o seu corpo quisesse jogar fora essa memória. Ela deu respirações profundas e calmantes, e então acenou para Naomi. — Eu estou bem — ela disse. — Eu sei o que ouvir agora.

— A questão *não* é ouvir — Naomi disse, mas ela soltou o volante. — Eu suponho que você deve ter lido um ou dois textos clássicos nos seus estudos, ou não fazem mais isso?

Claire estava um pouco envergonhada de pensar que não fazia, mas ela só disse: — Um ou dois.

— Você se lembra de Ulisses, amarrado no mastro de seu navio, gritando para ser lançado enquanto seus homens remavam adiante com cera bloqueando os seus ouvidos?

Ela lembrava. Tinha sido uma das histórias que o seu pai gostava, que ele tinha lido para ela e que eles tinham discutido quando ela ainda era apenas uma menina. Todos os grandes mitos gregos, especialmente os que envolviam Ulisses. Ela sempre gostou dele. Ele era inteligente e perigoso, e ele não tinha nenhum poder divino especial, tampouco. Apenas sua mente e sua vontade.

Ouvir o canto das sereias tinha sido o seu próprio teste.

— Ulisses raramente era um tolo — Naomi disse, — mas ele foi um tolo naquela hora. Era um *draug* cantando para ele, embora os gregos tinham um nome diferente para eles. Ele queria ouvir a canção deles, e ele ouviu; ele teve sorte de evitar a loucura.

Shane deslizou pela janela traseira aberta e enfiou a cabeça. — Moças, eu tenho certeza que é fascinante essa conversa sobre sapatos ou qualquer outra coisa, mas poderíamos talvez não ficar sentados aqui como um grande e velho pedaço de isca? E por *nós* eu quero dizer principalmente *eu*.

Ele estava certo; esse provavelmente não era o melhor momento para estar fazendo uma análise dos clássicos. Claire limpou a garganta e colocou o caminhão de volta na engrenagem para virá-lo diretamente para baixo da estrada, na direção que Naomi apontou.

Era estranho perceber, olhando para ela, que Naomi não era muito mais velha do que a própria Claire; ela deve ter congelado com a idade de dezoito ou dezenove anos. É claro que, no momento em que ela estava viva, dezoito ou dezenove anos tinha idade suficiente para governar reinos e ter vários





filhos, então Naomi tinha sido considerada uma adulta muito antes de ela se tornar uma vampira. Tudo parecia muito novo para Claire ainda.

Naomi de repente apontou para a direita. A placa com o nome da rua brilhou brevemente nos faróis da picape, mas Claire realmente não viu; tudo em Morganville parecia estranho para ela, envolta pela chuva que caía e a falta de luzes e de vida. Esta era uma rua residencial, e parecia completamente deserta. Nem mesmo uma vela cintilando uma janela, e muito menos alguém a vista no exterior.

A mão de Naomi cerrou em um punho, e Claire arrastou a picape para o meio-fio e parou-suavemente desta vez — com cuidado para não atirar Shane para fora na parte de trás. Ele abriu a janela traseira e viu quando a vampira apontou diretamente para uma das casas no meio do quarteirão. Era como uma centena de outras casas de Morganville — com estrutura de madeira lisa, construída provavelmente em 1940, pequena para os padrões modernos. Sua pintura pálida (não tinha como dizer qual cor tinha sido originalmente já que o sol desbotou tudo para um cinza uniforme) descascada liberalmente das tábuas, e as molduras das portas e janelas estavam apodrecidas e caindo. Havia uma bicicleta enferrujada no quintal emaranhado de mato e um conjunto de balanço de metal que estava tão inclinado para a direita que qualquer criança que sentasse nele provavelmente seria morta na queda.

Típico.

O nome na caixa de correio, escrito desleixado em tinta preta, dizia SUMMERS, mas não havia nada na caixa quando Shane abriu-a. Ele deu de ombros e fechou-a, em seguida, abriu a mangueira flexível do lança-chamas atrás dele.

Claire murmurou, *é uma casa de madeira!* Ela teve que dizer três vezes antes dele compreender. Ele parecia desapontado, mas ele colocou a diversão inflamável para longe e pegou a sua espingarda carregada com prata em vez disso. Claire estava com a dela pendurada pesadamente na dobra do seu braço, para que se alguma coisa acontecesse, disparasse no chão (e provavelmente no pé dela, mas isso era melhor do que as alternativas). *Caçadores estariam tão decepcionados comigo*, ela pensou. Ela nem sequer sabia realmente carregar a coisa com segurança.

A porta da frente — a madeira lisa e entortada pelo vento e tempo — estava bem fechada. Naomi analisou por um momento, depois chutou, e toda a porta e o batente caíram dentro no chão do corredor estreito.





Até mesmo Shane parecia respeitosa e impressionado... até que ela parou no limiar. Ela fez um sinal de enxotar eles para dentro, e Claire finalmente entendeu que ainda havia algum tipo de barreira na própria casa. Alguém — alguém humano — ainda estava nessa residência, e sem um convite Naomi era impedida de entrar. As regras de propriedade eram complicadas em Morganville — quando os ocupantes atuais eram de casas ancestrais e de linhagens, se vampiros vivessem dentro, isso incluía como fator, mas era evidente que esta era uma casa de humanos, com uma barreira humana que mantinha os vampiros fora.

Ótimo. Bem, pelo menos ela abriu a porta.

Shane deve ter percebido isso também, porque ele acenou para Claire, piscou, e passou pela porta, andando na própria porta caída instável. Havia uma leve poeira de gesso no ar, e Claire espirrou, mas ela imaginou que eles não estavam sendo particularmente furtivos, com a porta sendo arrombada e tudo mais. Shane estava segurando a espingarda facilmente, apontando em um ângulo em direção ao chão, então ela o imitou. A sabedoria disso se tornou aparente quando ela tropeçou; e ela percebeu, com arrepio frio, que se ela tivesse com a espingarda apontada para cima, próxima do seu rosto, ela poderia ter se matado se tivesse atingido o gatilho.

Shane verificou o quarto aberto na esquerda, e ela pegou o quarto da direita. Quem quer que tivesse vivido aqui, eles não haviam se preocupado mais com o interior da casa do que com o lado de fora; que precisava de uma reforma urgentemente. O teto estava cedendo, como se houvesse um mau vazamento que estava dissolvendo o gesso. Na verdade, ela podia ver as gotas de água escorrendo na parede da luminária, o que não seria seguro se a energia estivesse ligada. Mesmo em seus melhores dias, no entanto, esta casa teria recebido uma pontuação baixa em qualquer um desses reality shows de o-quão-limpa-está-a-sua-casa; ela cheirava a mofo e comida estragada, e parecia fria como gelo. O mobiliário tinha a aparência de um pesadelo, e onde havia brinquedos para crianças, eles também tinham a aparência de que um bebê assassino em série sairia arrastando por aí.

Isso não parecia um lugar onde poderia encontrar Theo Goldman. De modo nenhum.

Ela e Shane procuraram na casa inteira, até mesmo no sótão, que continha um buraco do tamanho de um balde no telhado por onde a água





continuava a escorrer. Não se admirava que o lugar estava caindo aos pedaços. Mas nenhum sinal de qualquer humano ou vampiro.

— Este lugar precisa de uma limpeza — Shane disse. — Com a minha lança-chamas. — Era um sinal do quão ruim as coisas estavam se *Shane* achava isso.

Ela olhou para cima e sorriu para ele e, embora ela não ouviu nada, ela viu um repentino choque e alarme em seu rosto, e só teve tempo para respirar e tentar se virar antes de um braço suado, pesado e musculoso a rodear pelo pescoço e a puxar e deixar sem equilíbrio. Shane instantaneamente colocou a espingarda em uma posição de tiro, mas depois percebeu o que estava fazendo e a abaixou novamente. Ele colocou-a cuidadosamente sobre a mesa e levantou as duas mãos em um tipo de posição de rendição.

Claire arfou por ar, subiu na ponta dos pés e tentou aliviar a pressão sobre sua garganta. Ela estava tendo um aterrorizante flashback do momento em que Magnus tinha apreendido ela, tinha esmagado até que ela sentiu e ouviu o crepitar e estalar de seus ossos. Seu coração estava batendo tão alto quanto uma britadeira no peito, e seu pulso estava rugindo tão forte que parecia um furacão em seus ouvidos. Ela não podia ver quem a segurava, mas era o corpo de um homem, o braço cabeludo de um homem. Ela agarrou-o, mas as suas unhas curtas não fizeram muito. *Pense, Claire.* Shane tinha ensinado algumas coisas básicas para fazer. *Todo mundo vai ser maior e mais forte do que você,* ele tinha dito sem ser crítico sobre isso. *Você tem que aprender a atingi-los nos pontos fracos.*

A primeira coisa que ele lhe ensinou a fazer foi *não* fazer o que ela estava fazendo agora... ficar na ponta dos pés, cooperando com o seu captor. Era terrível, mas era a voz calma de Shane em sua cabeça agora, dizendo-lhe exatamente o que fazer. *Vire a cabeça em direção ao seu cotovelo. Dobre o seu queixo. Pegue o pulso esquerdo dele com a mão direita. Puxe para baixo e para trás com a sua esquerda enquanto você vira e puxa. Então não pare quando ele soltar, se mova, fique de frente para os olhos dele e esmurre sua garganta. Nunca corra. Nunca deixe ele ganhar força novamente.*

Ela fez isso, calmamente, virando, dobrando e socando e, de repente ela estava livre, e ela estava de frente para o agressor. Ela percebeu que ele era apenas trinta centímetros mais alto do que ela, e somente pelo amor a geometria; rostos e nomes não importava agora. Seu punho direito virou um borrão enquanto ela ia dar um soco rápido e com força em sua garganta exposta...





Mas ela parou, porque Theo Goldman entrou em cena como uma sombra e agarrou seu punho antes que ela o acertasse.

Seu atacante tropeçou para trás, com o rosto branco em choque; ele claramente não esperava que uma garotinha fosse atrás dele assim, e Claire sentiu uma sensação selvagem de vitória antes da sanidade atingi-la novamente.

— Theo? O que diabos foi isso? — Ele realmente não tinha mudado, mas por outro lado, os vampiros não mudavam, não é? Ele apenas parecia... amigável, com os olhos escuros e calorosos, cabelo manchados com cinza e rugas em seu rosto que a maioria dos vampiros não tinha. Rugas de sorriso.

Ele, no entanto, parecia cansado.

Shane não se moveu, exceto para pegar a espingarda. Seus olhos estavam firmes e frios sobre o homem com Theo que havia agarrado ela, e Claire percebeu que ele estava esperando que o cara fizesse uma segunda tentativa.

O cara não se moveu, embora Claire, ainda tremendo e cheia de adrenalina, estava quase desgostosa.

Theo sacudiu a cabeça, em seguida, caminhou até a mesa e pegou um pedaço de papel amassado. Ele virou a folha e escreveu rapidamente, em seguida, ergueu-a para que eles pudessem ver através da luz fraca da janela da cozinha. HAROLD É UM AMIGO. ELE ESTAVA TENTANDO ME PROTEGER. DESCULPA.

— Ótimo — Claire murmurou, mas sua fúria foi rapidamente desaparecendo enquanto ela olhava para Harold. Ele parecia... estranho, um pouco. Ele parecia um pouco envergonhado e se mexia desconfortavelmente como uma criança na escola apanhada por colar em um teste. Ele também parecia assustado.

Na verdade, apesar de seu grande tamanho, ele estava agindo exatamente como uma criança. Até mesmo a sua linguagem corporal. Havia algo absolutamente estranho nele, e ele olhou para Theo com uma angústia deprimente, como se ele soubesse que tinha feito algo errado, mas não sabia porquê.

Claire se apoiou ao lado de Shane e puxou para baixo o cano de sua espingarda. Ele estava tendo a mesma impressão, ela percebeu, e ele balançou a cabeça e baixou a guarda. Ligeiramente.

Shane disse: — Estamos aqui por causa de você, — mas Theo sacudiu a cabeça e apontou para os seus ouvidos. Havia algo estranho na forma que eles





pareciam, mas Claire honestamente não podia distinguir os detalhes nas sombras. Shane pegou o lápis novamente e escreveu, **PRECISAMOS SAIR DAQUI. NÓS TEMOS UMA PICAPE. VAMOS LEVAR VOCÊ.**

Theo leu, considerou e balançou a cabeça. Ele riscou e respondeu: **DEVEMOS LEVAR HAROLD TAMBÉM.**

Shane deu de ombros, riscou e escreveu (em letras menores, uma vez que o papel estava se esgotando), **PICAPE GRANDE DANADA.**

Theo circulou a palavra **DANADA** e ergueu as sobrancelhas. Claire fez um barulho frustrado em sua garganta, pegou o lápis e riscou-a.

Ah, Theo murmurou, e sorriu. *Bom.*

O papel foi rabiscado completamente, por isso Claire procurou em torno dos destroços da cozinha, evitando as pilhas de lixo e realmente evitando a pia cheia de pratos sujos e secos, até que ela encontrou um folheto velho no canto da sala. Era, ela percebeu, o folheto da academia que tinha causado tantos problemas para eles quando Shane tinha feito aulas de autodefesa há alguns meses atrás. Outro problema, mas menos aterrorizante.

Ela virou-o e escreveu, **AMELIE PRECISA DE VOCÊ. URGENTE. MUITO DOENTE.**

O rosto de Theo ficou em branco e, em seguida, tenso com alarme. Ele rabiscou de volta, **O QUE ACONTECEU?**

DRAUG, ela respondeu. **MORDEU ELA.**

Ele murmurou algo que ela não entendeu e cobriu a boca em um gesto de angústia real. Em seguida, ele acenou de forma decisiva e virou-se para Harold. Ele fez uma série de sinais de mãos brandos, e Harold animou-se e acenou com a cabeça.

Foi então que Claire percebeu o que estava tão estranho com as orelhas de Theo. Havia algo saindo para o lado de fora delas, para os lados. Algo como...

Como agulhas. Agulhas realmente longas. Agulhas de tricô.

Foi tão chocante que ela deu um passo para trás com os olhos arregalados, e finalmente recuperou o suficiente para apontar para Theo e depois gesticular para as suas orelhas com urgência.

Ele sorriu, mas havia algo sombrio nele. Ele pegou o papel de volta e escreveu, **TIVE QUE PERFURAR OS MEUS TÍPANOS. DE OUTRA FORMA NÃO PODERIA TER RESISTIDO AO CHAMADO.**





A versão vampira de tampões de ouvido, ela percebeu... literalmente desativando os seus ouvidos. Mas deve ter doído horrivelmente, manter aquelas agulhas no lugar para bloquear a cura. Ela se sentia fraca ao imaginar.

Harold se curvou docemente atrás de Theo, indo para a porta; Claire, com o aceno de mão de Shane, disparou na frente para garantir que Harold não fizesse nenhuma loucura quando visse Naomi.

Mas Naomi tinha ido embora, e por um segundo, Claire estava com medo de que algo tivesse acontecido com ela. Em seguida, ela ouviu o ronco do motor da picape e viu que Naomi estava ligando. Ela podia não ter experiência de condução, mas ela sabia como virar uma chave na ignição pelo menos.

Tudo parecia seguro.

Claire colocou a arma em uma posição pronta e saiu... então um jorro súbito de líquido saiu de um cano enferrujado no canto da varanda, formando uma massa espessa em seu caminho. Ao mesmo tempo, a chuva começou a cair mais rápido, e mais forte, batendo como bolas rolando sobre o tecido de sua jaqueta e picando em sua pele exposta.

Ela teve tempo suficiente apenas para levantar a espingarda quando o *draug* levantou-se para fora da poça de água na frente dela e estendeu as mãos.

Ainda assim, mesmo agora, ela não sabia dizer o que isso realmente parecia... porque o cérebro humano tentava e tentava encaixar em algum sentido, algum padrão, mas fracassava totalmente. Havia olhos horríveis e gelatinosos que de alguma forma não eram olhos; havia um corpo que não era um corpo. O que ela registrou como *mãos estendidas* provavelmente era outra coisa, algo pior, mas foi o maior aviso que o cérebro dela sem compreender podia gritar para ela, e ela reagiu instantaneamente.

Ela puxou o gatilho.

O impacto da espingarda bateu no ombro dela com tanta força que ela sentiu algo rachar — osso, provavelmente — uma ponta de dor chiou através do seu pescoço aos calcanhares. Ao mesmo tempo, o barulho do tiro atingiu-a como um tapa físico.

Mas isso não era nada comparado com o que a prata fez com o *draug*.

As balas não tinham muito tempo para se espalhar, mas fez um furo circular de dez centímetros em linha reta através da — bem, cabeça — do *draug*, supostamente, era o equivalente mais próximo. Houve um grito estridente de agonia, e então o *draug* entrou em colapso em um *slap* molhado quando ele





perdeu toda a sua consistência e forma. Claire gritou quando ela saltou para fora do caminho da onda de seu... cadáver? Se ele estava morto, o que ela não poderia assumir. Mas ele não estava vindo atrás dela, e isso era o que era importante.

Havia mais deles, subindo para fora das poças escondidas no quintal lamacento, para fora do ralo na rua, condensando fora da própria chuva.

Oh, Deus. Havia tantos.

O som de Shane disparando enquanto ia em direção para fora impactou com o bombeamento de sua espingarda enquanto ela elevava-a e atirava novamente. Doeu, mas ela continuou, violentamente atirando novamente e novamente. Shane estava limpando o caminho até a picape, para que ela se concentrasse em manter os *draugs* longe dos lados. Ela ficou atrás de Harold e Theo, mantendo-os tão seguros quanto podia.

Os *draugs* realmente não se importavam com os seres humanos; pouco ganho para eles, por isso era com Theo que ela realmente tinha que se preocupar. Eles matariam para chegar até ele, é claro, mas a menos que Harold ficasse no caminho, ficaria tudo bem... por agora. Ela matou, ou pelo menos se livrou das formas de pelo menos cinco *draugs* antes de chegarem a picape.

Theo não entrou. Ele ficou de lado, calmo como uma água gelada enquanto Harold subia primeiro. Claire e Shane tomaram posições em cada lado dele, disparando para manter os *draugs* à distância, e mesmo que seus ouvidos estivessem zumbindo e seu coração acelerado, Claire podia ouvir outra espingarda disparando. Naomi estava mantendo eles longe do seu lado da picape enquanto esperava.

Finalmente Theo subiu e entrou na plataforma da picape, e Shane seguiu.

Agora ele jogou a espingarda para Theo, desabotoou o bico da lança-chamas e apertou o botão de ignição.

Claire engasgou e se moveu para o lado do motorista da picape. Naomi soltou uma última explosão em um *draug* a centímetros de distância, em seguida, deslizou para dentro, e Claire entrou. Ela achava que a picape era muito alta antes? Ela nem sequer se lembrou quando pulou para cima neste momento.

A tarde escurecida de repente explodiu em uma luz laranja atrás deles, e Claire olhou no espelho retrovisor para ver o seu namorado pulverizar toda a rua com um fluxo intenso de chama pura e concentrada. Onde tocava os





draugs, eles evaporavam. Ela podia ouvir o grito rangente e metálico até mesmo através da proteção de audição do cancelamento de ruído de Naomi. Eles com certeza não estavam cantando mais.

Quando ela colocou a picape em marcha e moveu a embreagem, Shane se inclinou para a frente e quase caiu para fora da plataforma aberta da picape — diretamente no *draug*.

Mas Theo o agarrou pelo ombro e segurou-o no lugar enquanto Harold se agachava no canto da plataforma da picape, parecendo muito assustado.

Claire suspirou de alívio, e bateu o pedal do acelerador com força. Em menos de trinta segundos, a chuva tinha diminuído novamente para um tamborilar suave no telhado, e Shane desligou um pouco a ignição do lança-chamas.

Naomi continuou observando pela janela com a espingarda pronta por todo o caminho de volta para as luzes calorosas e acolhedoras da Praça da Fundadora.





CAPÍTULO 4

CLAIRE

O café, o café da manhã e os cookies de Eve ainda estavam sobre a mesa quando Claire, Theo e Harold passaram pelo grande salão redondo. Bem, parte dele ainda estava lá; parecia que a culinária dela tinha sido popular esta manhã. Claire não viu Eve, o que era estranho; ela teria esperado que ela ainda estivesse se enchendo de cafeína de nervoso. Provavelmente ainda cozinhando. Ou, mais preocupante, talvez ela realmente tivesse saído com os vampiros para montar todas as armas possíveis da cidade.

Por favor, tenham feito as pazes, Michael e Eve ela pensou. *Eu não gosto quando as coisas estão ruins.*

Mas ela tinha uma sensação de que as coisas iriam piorar antes que fossem melhores entre os dois.

— Harold — Theo disse, e abriu uma porta. — Você estará seguro aqui. Eu voltarei em breve.

Harold fez sinais urgentes — de surdo, que era provavelmente a única razão que ele tinha sobrevivido lá fora, ao chamado dos *draugs* em Morganville. Theo sorriu e balançou a cabeça.

— Não — ele disse. — Ninguém vai incomodá-lo aqui. Você tem a minha palavra.

Harold não parecia convencido, mas ele entrou no quarto e Theo fechou a porta atrás dele.

— Então... ele é um amigo seu? — Claire perguntou.

— Um paciente — Theo disse. — E agora temos de encontrar outro dos meus pacientes: Amelie

Todas as portas que levavam para fora da sala pareciam iguais para Claire, e ela hesitou, perguntando-se qual levava a Fundadora de Morganville, mas Theo não o fez. Ele foi direto para uma delas, abriu-a e atravessou correndo; ela acelerou para acompanhar antes da porta se fechar novamente.

Eles estavam em um dos infinitos corredores acarpetados idênticos do edifício com uma arte de bom gosto (e, provavelmente, escandalosamente





cara) nas paredes. No final do corredor havia um conjunto de portas duplas vigiado por dois vampiros. Os guarda-costas de Amelie.

— Theo Goldman — Theo disse enquanto ele se aproximava. — Estou sendo esperado.

— Doutor. — Um deles acenou com a cabeça, e se inclinou para abrir a porta para ele. — Primeiro quarto à esquerda.

Claire o seguiu. Os guardas olharam para ela, mas nenhum se moveu para detê-la. Eles simplesmente fecharam a porta silenciosamente atrás dela.

Era estranho, mas o cheiro atingiu-a primeiro. Os vampiros geralmente não cheiravam a nada... talvez um cheiro fraco e enferrujado de sangue se eles tivessem acabado de se alimentar, ou flores desbotadas, mas nada como o aroma enjoativo úmido e nojento que tinha afundado profundamente em espesso no tapete da sala e cortinas de veludo. O lugar parecia muito bonito, mas cheirava... a podre.

Oliver saiu do primeiro quarto à esquerda e fechou a porta atrás de si. Ele estava com as mangas arregaçadas para expor os antebraços pálidos e musculosos. Havia uma marca de mordida desaparecendo em seu pulso direito e uma mancha brilhante de sangue. Ele parecia... cansado, Claire pensou. Não o Oliver que ela estava acostumada a ver.

Ao vê-lo, ele se endireitou a sua habitual postura espeto-na-bunda e acenou para Theo. Seu olhar passou sobre ela, mas ele não disse nada. *Era como se eu nem mesmo estivesse aqui*, ela pensou, e sentiu uma onda de raiva. *Nós acabamos de arriscar as nossas vidas por você, idiota. O mínimo que você pode fazer é dizer obrigado.*

— O quanto eles disseram a você? — Oliver perguntou a Theo, que deu de ombros.

— Não muito — ele disse. — Ela foi mordida, sim?

— Pelo *draug* mestre. Magnus.

Theo fez uma pausa e ficou completamente imóvel com o olhar fixo no rosto de Oliver. Então ele olhou para a pele mordida e as manchas fracas de sangue. — Isso não vai funcionar — ele disse. — Você sabe disso. Você só está se pondo em perigo e se enfraquecendo.

Oliver não disse nada. Ele apenas deu um passo para o lado e deixou Theo prosseguir no quarto.

Quando Claire o seguiu como a sombra que ela parecia ter se tornado, a mão de Oliver apareceu e agarrou-lhe pelo ombro. — Você não — ele disse. — Ela está muito doente para os visitantes humanos.

O que significava, Claire pensou, que Amelie estava além da distinção entre amigos e, digamos, alimentos. Ela estremeceu. Ela tinha visto Amelie





ficar selvagem, mas mesmo assim tinha sido a Amelie sob controle, apenas no modo de vampiro completo.

Isso seria diferente. Muito diferente, e muito perigoso.

Oliver não estava olhando para ela, embora ele ainda segurasse seu ombro em um aperto forte. Ele disse com uma voz distante: — Eu suponho que eu deveria agradecê-la por encontrá-lo.

— Eu acho — ela disse, e se afastou dele. Ele deixou, é claro. Vampiros poderiam esmagar os ossos com seu aperto de kung fu se eles quisessem agarrar muito alguma coisa. — Ela está tão ruim assim?

— Não — Oliver disse no mesmo tom calmo e distante. — Ela está muito pior, como ele vai ver hoje. — Ele olhou para ela então, e Claire viu o quão... vazio ele parecia. — Ela vai morrer em breve.

— Morrer... mas eu trouxe o Dr. Goldman...

— Para aliviar a dor dela — ele disse. — Não é para salvá-la. Não há salvação se um de nós for mordido por um *draug* mestre, além de medidas que são... fatais para nós mesmos.

Claire esperou, mas ela não sentia qualquer choque ou surpresa. Ela sabia, ela supôs, desde o momento em que Amelie tinha caído no chão do lado de fora da Piscina Pública de Morganville. Mas a cidade não seria a mesma sem a Fundadora. Havia algo agradável em Amelie que faltava nos outros vampiros. Não agradável da forma que os seres humanos eram, mas mesmo quando ela não era, era difícil não sentir algum tipo de perda com o pensamento de ela... partir.

Mesmo que fosse apenas o medo do desconhecido que iria intensificar e tomar o seu lugar.

— Sinto muito — ela disse baixinho. Oliver voltou a ser ele mesmo logo em seguida — ou, pelo menos, a pessoa que ela esperava que ele fosse.

— Você deveria sentir — ele disse. — Eu prometo a você, Amelie tolerava muito mais do que eu jamais irei de você e o seu pessoal. Ela deixou-se acreditar que podemos viver como iguais, mas eu não sou tolo. Há uma ordem para todas as coisas no mundo, e nessa ordem, os seres humanos estão mais abaixo do que os vampiros. Eles sempre estarão.

— E os vampiros estão mais abaixo do que os *draugs* — Claire disse. — Certo?

Ele lhe deu um tapa. Aconteceu tão rápido que ela registrou apenas um leve borrão de movimento e, em seguida, uma forte picada quente em seu rosto. Ela balançou para trás, pega de surpresa, e ficou, em seguida, furiosa por causa disso.





— Conheça o seu lugar — ele disse. Ela mal podia ouvi-lo sobre a pressa que o sangue pulsava em seus ouvidos de raiva. — Amelie tolerava seu sarcasmo. Eu não vou.

Ela, para a sua surpresa, não tinha medo dele. E ele deve ter visto. Claire levantou o queixo e olhou para ele com os olhos arregalados, da maneira que ela tinha visto Shane fazer quando ele estava pronto para causar um sério caos. — Vamos entender uma coisa: você precisa de nós. Não apenas pelo nosso sangue e nosso dinheiro dos impostos e todo o estúpido zumbido que vocês começam quando vão nos ordenar algo. Vocês precisam de nós para protegê-los dos *draugs*, porque eles virão atrás de vocês agora, e você não tem vampiros suficiente para combatê-los, não é? Então, nós não somos os seus empregados, e nós não somos os seus servos. Se você não quer que sejamos iguais, tudo bem. Podemos sair desta cidade a qualquer hora que quisermos.

— Não se eu pedir a Myrnin para mantê-los aqui. Nós ainda controlamos as fronteiras desta cidade.

Ela riu, e parecia tão brilhante e gelado como um papel alumínio. — Eu gostaria de ver na hora que você mandar Myrnin fazer qualquer coisa. Ele gosta de Amelie. É a única razão pela qual ele chegou aqui, para começar. Ele não gosta de você.

Oliver estava... bem, sem palavras era a única maneira que ela poderia realmente pensar nisso. Ela nunca realmente viu isso acontecer antes.

— Eu sei que você está com raiva e você está com medo — Claire continuou, — mas não desconte nos seus amigos. E se você me bater de novo, eu vou bater em você de volta com um par de luvas de boxe revestida de bronze de prata que Shane fez para mim. E vai doer. Eu prometo.

— Amigos — Oliver repetiu, e o som que ele fez foi quase uma risada. — É sério?

— Bem, a princípio. Não, se você me bater de novo.

Ela segurou o seu olhar até que ele finalmente se encostou na parede e cruzou os braços. Sua cabeça estava inclinada um pouco para a esquerda, e ela viu o cabelo castanho cinza de seu rabo de cavalo amarrado para trás de seu ombro. As linhas em seu rosto pareceram suavizar, apenas um pouco.

— Há quanto tempo você está aqui, Claire? — ele perguntou em um tom muito diferente. — Quase dois anos, sim?

— Quase. — Seu aniversário de dezoito anos estava se aproximando rapidamente. Em outra ocasião, ela estaria tão focada nesse marco que nada mais teria importância, mas quase parecia sem sentido agora. Em todos os sentidos que poderia contar, ela já era adulta. Em Morganville, você realmente cresce rápido.





— Eu só estive aqui um pouco mais do que você — ele disse. — Você percebeu isso?

Ela não tinha. Oh, ela supôs que ela sabia intelectualmente que Oliver tinha chegado na cidade cerca de seis meses antes de ela chegar na Universidade Prairie do Texas, mas ele parecia um acessório de longa data naquela época, imaginar Morganville sem ele parecia impossível. — Onde você quer chegar?

— Eu sou tão mal equipado para lidar com aqui como você — ele disse. — A maioria dos vampiros vieram com Amelie, ou logo após; alguns entraram gradualmente ao longo dos longos anos. Mas eu vim para conquistar. Eu vim para tomar o meu lugar de direito como o líder dos últimos de nossa espécie. Eu vim para matar Amelie e destruir este lugar. E todos eles sabem disso. Faz da minha situação um pouco... difícil.

Ela sabia disso também — pelo menos, ela sempre suspeitou disso; no momento em que ela chegou, não tinha havido uma trégua cautelosa entre Amelie e Oliver, eles eram praticamente iguais no poder e crueldade, e Claire sempre tinha imaginado que Oliver tinha feito uma tentativa para assumir pelo menos uma vez antes que ela viesse para a cidade.

E Amelie, estranhamente, tinha deixado ele viver para tentar novamente.

— Ela é muito inteligente, e muito fria — Oliver disse. Ele já não estava exatamente conversando com Claire, mais apenas... falando. — Ela sabia que me forçar a assumir o seu segundo em comando parecia uma punição pior do que a morte pura e simples, e Amelie, acima de todos os outros, não gosta de fazer sua própria violência; rainhas não sujam as próprias mãos. Eu estava... adaptado, e depois de um curto período de tempo, eu deixei de ter uma algema ao redor de mim. Ela não tinha — tem — nenhuma razão para confiar em mim. Nenhuma. Mas ela confia, e eu fui forçado a... respeitar isso. E ela. — Ele fez uma pausa, em seguida, disse: — Eu me encontro na posição curiosa de salvar os humanos. Salvar esta cidade. Salvá-la. Estes não são instintos que vêm para mim naturalmente.

Isso era, ela supôs, algum tipo de desculpas com rodeios. Ela não achava que ela aceitava, na maior parte, mas ela entendia sua razão, um pouco: Oliver não foi construído, como Amelie, para estar em um ambiente calmo com regras frias. Ele era um senhor da guerra, impaciente e brutal, e ele não tinha nenhum interesse a longo prazo nas pequenas pessoas.

— Então você está certa — ele terminou ainda mais baixo. — Para realizar essas coisas eu vou precisar da ajuda dos seres humanos, e de você e dos seus amigos. Isso me irrita, mas não há nenhuma possibilidade de sucesso sem assistência mortal. Os vampiros lutaram com *draugs*, fugiram dos *draugs*, e





morreram. Mas os *draugs* não estão acostumados a lutar com mortais. Vocês são... imprevisíveis. E, como um general, vou usar todas as armas que eu tiver à mão para ganhar as minhas batalhas. Você me entendeu?

Ela lhe deu um sorriso pequeno e fino. Era como um corte em seus lábios. — Você está dizendo que somos dispensáveis.

— Todos os soldados são dispensáveis, jovens ou velhos, vampiros ou humanos, e sempre tem sido. — Ele virou a cabeça um pouco, como se tivesse ouvido alguma coisa, e um momento depois a porta do quarto de Amelie se abriu e Theo Goldman saiu. Eles trocaram um olhar, e Theo sacudiu a cabeça.

— Vai ficar tudo bem — ele disse. — A transformação dela está... em andamento. Ela pode aguentar por mais algum tempo, mas dentro de um dia, dois no máximo, ela não vai ser a Amelie que conhecemos. Eu não posso parar o veneno dentro dela sem destruir ela também. Nada pode. Temos de tomar medidas antes que ela se torne... o que ele pretende que ela seja.

— Mas ainda não — Oliver disse.

— Em breve. Você gostaria que eu fizesse isso? Uma injeção de nitrato de prata seria...

— Uma morte cruel — Oliver concluiu. — E não uma para uma rainha. Eu vou cuidar dela quando chegar a hora.

Theo sacudiu a cabeça. Ele parecia muito triste agora, Claire pensou, mas de uma forma séria e distante... da maneira que os médicos ficavam tristes com pacientes terminais. — Tenha certeza de que você não espere muito tempo, Oliver. Agora, eu preciso ver Naomi. Ela se arriscou muito para me encontrar, e ela pagou um preço por ingerir o sangue. Eu vou precisar de um doador da linha de Bishop para ajudá-la.

— Naomi. — A voz de Oliver era um pouco plana. — Salve-a, então. Eu não me importo. Deixe Amelie confortável primeiro. Isso é tudo que eu peço a você.

Theo assentiu com a cabeça, franzindo a testa um pouco. — Você vai lutar contra os *draugs*, eu suponho.

— É o que ela queria. E, na verdade, o que eu quero também. — Os olhos de Oliver brilhavam um pouco com faíscas vermelhas. — Não há muitas lutas boas deixadas nesse mundo triste e sem graça com as pessoas frágeis e sensíveis. Os *draugs* pelo menos não gemem e lamentam por causa de algumas contusões.

— Você sempre foi insano — Theo disse. — Insano por suas crenças, insano por poder, insano por sangue. Suponho que pode ser o que exigimos agora. Mais insanidade.

— Isso pode ser a melhor coisa que você já disse sobre mim, doutor.





— Eu não quis dizer isso gentilmente. Venha, Claire. Eu não gosto de deixá-la na companhia de tais... — Theo parou, olhando para ela, e seus olhos se arregalaram, só um pouco. Ela não sabia porquê, e então percebeu que devia ter uma marca em sua bochecha. Talvez não exatamente uma contusão.

Theo se voltou para Oliver. — Você bateu nela.

— Ela foi impertinente.

— Bata em um deles novamente e você vai se ver comigo.

Oliver sorriu. — Você me aterroriza.

— Eu deveria — Theo disse suavemente. Seus olhos brilhavam com o fogo do inferno, apenas por um momento. — Não há nada mais assustador do que um médico disposto a infligir dor, Oliver. E eu vou se você abusar do poder que lhe foi dado. Ou tomado. — Ele pegou Claire pelo braço. — Venha. Não há nada aqui para você, e nós devemos ir ver Naomi tão rapidamente quanto possível.



Quando ela e Theo deixaram o quarto de Amelie, Myrnin estava de pé na área redonda da estação de café, olhando para os restos do café da manhã nas bandejas e franzindo a testa, como se ele não conseguisse descobrir o que fazer com a xícara e o pires em sua mão.

Estou em uma central de vampiros, Claire pensou. Ela não estava acostumada a ser constantemente cercada pelo tipo de pessoas que não-respiram; na maioria das vezes era apenas ela, Shane e Eve... e ela realmente nunca pensou em Michael como um vampiro, muito. Myrnin era familiar, mas ela nunca se esquecia do quão afiadas as suas presas eram, tampouco. Ela estava com Theo, eles tinham acabado de deixar Oliver, e agora havia Myrnin, e ela estava começando a se sentir um pouco como um hambúrguer numa convenção de seguidores de dieta. Ninguém provavelmente ia comer ela, mas absolutamente todo mundo percebia que ela era comestível.

Myrnin estava, não surpreendentemente, estranhamente vestido. Bem, não estranhamente para *ele*, mas o antiquado paletó e calças de Theo eram positivamente um papel de parede por comparação. Myrnin tinha pego as camisas havaianas outra vez; hoje era uma cor néon amarela com palmeiras e pranchas de surf. Ele também estava usando bermudas folgadas na altura do joelho, o que deixava as suas pernas parecendo... pálidas. Muito, muito pálidas.

Ele na verdade combinou a coisa toda com sandálias desta vez, em vez de pantufas de coelho, o que indicava um certo foco afiado como navalha em





seus pensamentos, apesar da confusão do café. Ele colocou a xícara e o pires vazios para baixo com uma pancada enquanto seu olhar focava em Claire.

— Como está Amelie? — ele perguntou, movendo-se dela para Theo. — Oh, e olá, estou feliz que você não esteja morto, doutor.

— Igualmente — Theo disse agradavelmente. — Mas ela não está bem, meu amigo. Como você sem dúvida já sabe.

— Você ficou acordado a noite toda — Claire disse. — Eu vi a sala de armas. Quanto tempo aquilo levou?

Myrnin sacudiu a mão impacientemente, empurrando toda a questão e sua preocupação de lado. — As armas são simples — ele disse. — Eu já montei uma oficina para elas, e eu coloquei os garotos intimidantes de Amelie para o trabalho, assim como alguns humanos... voluntários das prisões. Temos preocupações mais importantes do que isso, se quisermos nos salvar. Defesa por si só não vai funcionar. Precisamos nos lançar em uma operação ofensiva.

Myrnin estava falando como um soldado. Myrnin. Claire olhou para ele com um ar de dúvida. — Você, hum, conversou com Oliver?

— Sim — Myrnin disse. — Ele acha que eu sou louco.

Isso não o incomodava, nem um pouco. — Ah ok. Depois eu... falo com você.

Ele colocou a mão em seu braço e disse muito sério: — Eu não estou exagerando quando eu digo que se não tomarmos uma abordagem mais agressiva e científica para esse problema, vamos perder o resto da cidade, e todos nós vamos morrer. Você me entende? Não podemos nos manter aqui a menos que nós planejem os nossos movimentos agora, em detalhes.

— E Oliver não está lhe ajudando, se as coisas estão tão ruins assim?

— Oliver tem suas próprias preocupações, e agora só aquelas que giram em torno de Amelie. Enquanto eu não tenho tais restrições por mais que ela seja querida para mim. Reúna os seus amigos e eu vou mostrar-lhe porquê eu tenho essas preocupações. Por favor. — Ele se virou para Theo então. — E você, bom médico, poderia ser bastante ativo também.

Mas Theo já estava balançando a cabeça. — Totalmente impossível — ele disse. — Naomi está muito doente, e eu preciso ver como ela está imediatamente. Arranje outra pessoa, Myrnin. — Ele caminhou para um dos guardas que tinham acabado de entrar na sala — era Billy Idol — e eles trocaram palavras. Billy Idol apontou um braço com braceletes de spikes para baixo em um dos corredores, e Theo saiu sem olhar para trás.

— Claire? Por favor.

Quando Myrnin pedia assim, com aqueles olhos escuros e de cachorrinho implorando, ela não conseguia realmente fazer muita coisa exceto





concordar. — Vou encontrá-los — ela disse, — depois você vai explicar isso. Em detalhes. E é melhor você não estar desperdiçando o nosso tempo.

— É verdade, não há tempo a perder — ele concordou, e pegou a sua xícara e pires novamente. — Há uma chocante falta de chá neste leque de escolhas, você percebe isso? Além disso, a garrafa do tipo O está bastante vazia.

Claire deu-lhe um olhar sem palavras e se dirigiu para a porta.

— Mas o AB ainda está quente. Adorável.

Claire estremeceu e estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas girou antes de ela tocar, e abriu para mostrar Shane. — Ei — ele disse, e ela sentiu que o calor em seu breve sorriso estava fora de qualquer proporção com o momento. — Onde está Theo? Naomi está parecendo muito ruim.

— Ele foi naquela direção — ela disse.

Seu olhar escuro fixou no dela. — E Amelie?

— Eles não me deixaram ver ela — Claire disse. — O que eu acho que nós dois sabemos que significa que ela não está se saindo muito bem.

Ele balançou a cabeça lentamente, seu rosto formando linhas de raiva. — Oliver assume, e estamos muito ferrados, você sabe disso. Talvez a gente ganhe contra os *draugs*, mas o que acontece em seguida? Ele é um vamp da velha guarda, com ideias da antiguidade sobre como os seres humanos devem se comportar.

Ela não podia realmente contestar isso, nem um pouco, e isso deu-lhe uma sensação de mal estar, e revirou o seu estômago. Ela esperava que Shane não conseguisse ver onde Oliver havia batido nela, porque se ele visse, a guerra humana/vampiro nem chegaria muito longe. Mas felizmente, ele não tinha visto, ou se tinha, ele deve ter assumido que era devido a toda a corrida, pular e lutar da noite anterior. Não sem razão.

— Onde estão os seus amigos? — Myrnin perguntou, enquanto bebia seja lá o tipo de sangue que estava em sua xícara de café. — Michael e Shreve.

— Eve.

— Sim, sim, essa aí. — Ele sacudiu a mão impacientemente. — Vá buscar eles.

— Eve não está aqui — Shane disse. Quando Claire enviou-lhe um olhar assustado, ele deu de ombros. — Eu perguntei. Ela levou cerca de uma dúzia de vampiros, conseguiu a aprovação de Oliver, e saiu para procurar esconderijos de armas em lugares diferentes em torno da cidade. Ela não voltou ainda.

— Michael foi com ela?

Ele não disse nada, mas ela sabia muito bem o que isso significava, mesmo antes de Michael vir andando, parecendo amarrotado, cansado e tão





deprimido como ela nunca o tinha visto. Ele não encontrou os olhos de ninguém enquanto caminhava até a mesa de centro e olhava as garrafas.

— Isso é AB — Myrnin disse solícito. — Ainda está quente. Oh, e tem um toque de doce nele. Níveis elevados de triglicerídeos. Eu acho que o doador precisava de um pouco de medicação.

— Você está chapado? — Michael perguntou a ele numa voz totalmente desinteressada.

Myrnin piscou, e olhou para Claire para conseguir ajuda. — Ele quer saber se você está sob uso de drogas.

— Bem, obviamente.

— Mais do que o habitual?

— Oh. Não, não, apenas as doses habituais. E onde está Shreve?

— Eve — todos disseram em uníssono, e trocaram um olhar. Bem, Shane e Claire trocaram, e Michael deu uma rápida olhada. Shane lambeu os lábios e continuou: — Ela saiu.

— Do edifício? — Michael perguntou, ainda com o mesmo tom de voz.

— Sim. Ela conseguiu escolta, no entanto. — Isso soou fraco, mesmo vindo de Shane, e ele claramente não sabia como continuar. — Quero dizer, eu tenho certeza que ela está bem e tudo mais.

Michael só balançou a cabeça. Ele parecia tenso e desagradável, e ele tomou um gole de seu copo de sangue como se ele realmente não quisesse. Myrnin olhou dele para os outros com as sobancelhas indo para cima e para baixo como se ele estivesse prestes a deixar escapar uma pergunta que nenhum deles queria responder, e depois deu de ombros. — Muito bem — ele disse, — evidentemente tem algum problema que eu realmente não me importo, e sem dúvida é bastante dramático. Alguém mais quer café?

Claire olhou para as xícaras manchadas de vermelho que ele e Theo tinham deixado, e estremeceu. — Não, obrigada.

Shane decidiu claramente que uma mudança de assunto era uma boa ideia. Ele se virou com uma expressão torturada para Michael. — Mano — ele disse em um tom ferido, — eu tive que sair com um lança-chamas, e você não estava lá para ver.

— Fotos ou isso não aconteceu.

— Cara, eu estava um pouco ocupado para fotos. Você sabe, jogando chamas.

O que lhe garantiu um olhar para cima, e um breve sorriso, e um pouco da tensão vazou para fora da linguagem do corpo de Michael... mas não toda. E o sorriso não durou muito. — Eu queria ter estado lá — ele disse com uma





clara implicação de qualquer lugar, menos aqui. O que não era, mais uma vez, um bom sinal para toda a coisa com Eve.

Myrnin revirou os olhos. — Oh, já chega. Sigam-me. — Ele imediatamente partiu em uma rápida caminhada, embora não rápida-de-vampiro, em um corredor idêntico a todos os outros; Claire ficou perto de Shane, atrás de Michael.

— O que diabos estamos nos metendo agora? — Shane perguntou a ela.

— Nada bom — ela respondeu. — Mas por outro lado, isso meio que descreve o nosso dia, certo?

— Fale por você mesma. Isso descreve toda a minha vida. — Ele estendeu a mão e segurou-a em seus braços, uma queda repentina e inesperada que tirou sua respiração imediatamente. — Com exceção de você. — Ele a beijou, e apesar de tudo, apesar da pressa, dos vampiros, dos *draugs* e a condenação pairando sobre eles, isso parecia a luz solar brilhando através de sua pele, fundindo seus ossos em ouro macio e maleável. Não devia ter durado muito tempo, esse beijo, mas parecia eterno para ela, como se ela pudesse ecoá-lo para sempre. — Eu posso lidar com qualquer coisa agora.

— Bem — ela sussurrou com os lábios deles ainda se tocando, — contanto que você tenha um lança-chamas.

Ele riu, e a soltou... mas manteve a mão na dela.



Myrnin levou-os para uma sala que tinha sido, obviamente, utilizada pela mesma hora que qualquer outra sala... mas no curso de apenas algumas horas, ou no máximo, um dia, ele conseguiu transformá-la em uma confusão caótica que lembrava muito a Claire de seu laboratório original. Os livros estavam empilhados, dispersos e caídos em todos os lugares, alguns abertos em uma referência possivelmente importante, ou talvez apenas abertos ao acaso. Ele tinha arrastado os móveis para improvisar um espaço de trabalho com um sucesso limitado, e ele tinha tirado as plataformas das luminárias elegantes para deixar as lâmpadas incandescentes brilharem livremente. O lugar cheirava fortemente a petróleo e metal, e... cabelo queimado?

Myrnin atravessou o tapete marrom grande (agora liberalmente manchado de sujeira, óleo, e quem sabe o que mais), até o que tinha sido uma vez um aparador gigante, exceto que ele tinha arrastado ele para longe da parede e empurrado para o meio da sala. Ele continha cerca de uma dúzia de livros, pedaços de metais, barras de prata e pregos; ele limpou a coisa com um





gesto dramático e, em seguida, desenrolou e esticou um papel no topo do mármore — já manchado de pelo menos uma substância química.

Era um mapa de Morganville. Um mapa padrão do tipo civil, mas havia um plástico transparente sobre ele, marcado com uma escrita cuidadosa e precisa e colorida com pontos — a caligrafia de Myrnin, embora muito mais controlado da que Claire já tinha visto. O lado inteiro da cidade desde a fronteira até os portões da UPT tinha sido colorido em preto e marcado cuidadosamente.

O território dos *draugs*.

— Agora — ele disse, e colocou pedaços aleatórios de lixo nos quatro cantos do mapa para mantê-lo aberto. — Obviamente, estamos aqui. — Ele apontou para um ponto sobreposto de vermelho no edifício da Praça da Fundadora. — Este é o perímetro da polícia em torno de nós. — Uma linha vermelha sólida, tão precisamente desenhada como com um compasso. — Este é o anel externo das nossas defesas. — Outro círculo, mas estes pontos vermelhos individuais espalhavam-se uniformemente. Ele passava além da Lot Street, onde a Glass House, a casa deles, estava vazia. — Não tem nada dentro deste círculo que não tenha sido drenado de água parada, ou salgado com prata as que não foram drenadas, de modo que os *draugs* não podem chegar aqui facilmente.

— A chuva... — Shane começou, mas Myrnin o cortou.

— Eles podem usar a chuva somente quando ela é forte e constante, e mesmo assim é um risco; espalhar-se assim, eles perderam muitas partes no solo seco. Seria como um ataque suicida, colocando em termos humanos, e eles não se atreveriam a empregar esse método para nos atacar aqui, na nossa fortaleza; não há nenhuma bacia de captura para eles usarem que não tenha sido tratada e preparada contra eles. Mas o nosso problema é fora deste círculo. — Ele bateu nos outros dois terços da cidade, onde pontos e poças de tinta escura preta marcava a superfície. — Eu já rastreei todos os relatórios que eu poderia encontrar. Claire, você disse que os *draugs* vieram atrás de você agora, correto?

Ela assentiu com a cabeça. — Vieram atrás de Theo e Naomi, provavelmente. Mas havia um monte deles.

— Não tem tantos agora — Shane disse, e sim, presunçosamente. — Lança-chamas.

— Ainda assim, preocupante — Myrnin disse, e marcou o mapa onde Shane apontou. — Isso é muito fora da área que Oliver previu que eles ocupariam. Vocês conseguiram ouvir o canto?





— Naomi estava com o dispositivo de cancelamento de ruído, mas Theo...
— A garganta de Claire fechou-se sobre as palavras, mas ela obrigou-as para fora de qualquer maneira. — Theo estava com agulhas em seus ouvidos. Para se impedir de ouvir.

As sobrancelhas de Myrnin subiram novamente, e ele bateu o marcador contra os seus lábios. — Uma tática interessante. Talvez uma que deveríamos pensar como equipamento de emergência a serem emitido para todo o pessoal.

— Ugh. Não. Os tímpanos humanos não se curam sozinhos, Myrnin.

— Oh, certo. Bem, apenas os vampiros, então. — Ele escreveu algo em um pedaço de papel aleatório — na verdade, sobre a página de um livro — e prosseguiu. — Oliver acredita que os *draugs* estão consolidando suas posições aqui, nas áreas ocupadas, mas acho que ele está muito errado. Olhe para as marcas azuis.

Por alguns segundos, elas não pareciam fazer qualquer sentido; foi Michael quem disse baixinho: — Corpos de água.

— Fontes — Myrnin disse, e fez um par de pontos. — Mandeí agentes para desligar qualquer fluxo para ou a partir deles, e envenená-los; Oliver descartou eles estrategicamente, e ele está provavelmente correto. Mas o nosso maior problema é, obviamente, aqui.

Havia um *grande* ponto azul. Muito grande.

— O que diabos é isso? — Shane perguntou, franzindo a testa. — A escola de Morganville?

— Não, já tomamos conta dela — Myrnin disse, e bateu em outro ponto. — A piscina já foi drenada e preenchida. Não, este é um tipo muito diferente de problema.

— Essa é a estação de tratamento de água — Michael disse. — Da periferia da cidade.

— Tem piscinas expostas de água lá, e controles de entrada e saída para os tubos expostos na cidade. Se eu fosse Magnus, eu mudaria a minha sede imediatamente para *aquele* ponto mais estratégico. Sem dúvida, ele já fez isso, ou está em processo.

— Você está brincando. Ele está escondido no esgoto? — Shane perguntou.

— Não, esgoto não, no entanto, é tratado por esta operação também. O que tem nessas piscinas expostas é comumente conhecido como água-cinza, água de banheiras, chuveiros, pias, máquinas de lavar e por aí. Ela precisa de tratamento para estar limpa para beber de novo, mas ela não contém esgoto. De preferência, este é o lugar onde vamos encontrar os *draugs*. Não nos tanques de esgoto. Até mesmo os *draugs* tem alguns padrões. — Myrnin





balançou a cabeça lentamente. — A dificuldade é que existem duas tarefas necessárias para serem executadas. Primeiro, é claro, temos de atacar os *draugs* diretamente nessas piscinas, se existirem ali, o que Oliver não acredita que existam. Ele diz que enviou agentes e eles relataram que estava limpo.

— Mas você não acredita nisso.

— Eu acho que os *draugs* são mais do que capazes de formar uma estratégia — Myrnin disse, — e estrategicamente, eles estão em um modo defensivo nesse momento. Nós machucamos eles; eles não nos oprimiram tão rapidamente quanto eles esperavam, e eles não podem nos atacar diretamente na Praça da Fundadora. Então, eles vão se esconder até que recuperem os seus números, e eu acredito que eles vão se esconder aqui, na estação de tratamento. É uma fortaleza natural para eles, eles podem infestar este labirinto de ferro e água como um aglomerado de baratas famintas, e vai ser muito difícil de antecipar e matá-los no local de moradia deles.

— Uau — Shane disse. — Você realmente sabe como animar a equipe. Você poderia fazer camisas do Time Totalmente Fracassado, também?

Myrnin deu-lhe um sorriso totalmente louco. — Você ficaria surpreso se eu fizesse? — Ele jogou outra grande folha de papel sobre o mapa. Era um desenho. — Existem duas fases para esta operação, caso pretenda ser uma. As piscinas são um ataque direto, mas há outra coisa que é absolutamente necessária antes que isso possa ocorrer: temos de impedi-los de viajar facilmente através dos tubos de Morganville. Agora, eles têm fácil acesso através desses tubos em casas, empresas, todas as estruturas abandonadas. A Universidade. Não podemos permitir que eles tenham essa fácil mobilidade.

— Ok, não é viril admitir isso, mas eu não entendo projetos — Shane disse. — Então, do que estamos falando exatamente?

— Nós precisamos desligar o sistema de água — Myrnin disse. — Há válvulas de corte de emergência que vão parar o fluxo de água nas tubulações de toda a Morganville, prendendo os *draugs* onde eles já se infestaram, e os mantendo na estação de tratamento incapazes de recuar.

— Ainda está chovendo — Shane apontou.

— É verdade, mas neste deserto não pode durar para sempre. A única razão pela qual eles tentaram isso é que era a única maneira que eles poderiam chegar a Morganville toda. Amelie escolheu esta cidade especificamente para o isolamento, o clima seco e a falta de água parada. Nos protegeu, até agora.

Myrnin, Claire pensou, estava soando incrivelmente são, mas ele também parecia cansado. Ela podia ver a pele machucada sob seus olhos, e o leve tremor em suas mãos. Até mesmo os vampiros bipolares precisavam dormir





de vez em quando, e ele havia passado da sua dose segura recomendada de stress.

Michael estava olhando para as plantas como se ele realmente entendesse o que ele estava vendo. Ele ainda estava balançando a cabeça. — Certo — ele disse. — Portanto, parece que tem uma sala principal de controle aqui, — ele bateu na planta, em seguida, traçou uma linha, — e interruptores aqui, para emergências. Quais são as nossas chances de que os *draugs* ainda não tenham percebido que esse é um ponto de perigo para eles?

— Zero — Myrnin disse alegremente, — desde que Magnus é extremamente inteligente sobre essas coisas. Os *draugs* em geral são pobres e limitados em suas habilidades de raciocínio, mas seu mestre é outra questão.

— Por que não podemos ir atrás dele? — Michael disse. — O que acontece se matarmos Magnus?

— Isso, é claro, seria ideal, se pudéssemos encontrá-lo. No entanto, Magnus em particular tem desenvolvido excelentes habilidades de camaleão, e formado seus *draugs* para se assemelhar exatamente a ele, por isso é um jogo de tolos ir atrás dele. Ele pode esconder-se à vista de todos, e se isso falhar, ele pode criar cópias. Precisaria de alguém com a capacidade de ver através de seu... — Ele piscou, e se voltou para Claire. — Ver através de seu encanto.

Ela se sentiu de repente exposta e desconfortável, como se ele tivesse colocado um refletor sobre ela e tivesse pedido para ela dançar. — Por que você está olhando para mim?

— Você é a única pessoa que notou ele originalmente — Myrnin disse. — Quando ninguém tomou conhecimento da presença dele. Nem mesmo os vampiros. Agora, a questão é, você pode distingui-lo de seus vassalos?

— Eu não... — Ela pensou no passado, nos *draugs* do edifício da Piscina Pública. Havia um monte deles, mas quando ela viu Magnus, ela sabia lá no fundo que era ele. Ele tinha mais... bem, só mais densidade, ela supôs. — Talvez. Eu não sei se eu posso fazer isso o tempo todo ou nada disso. Ele pode não saber... — Espere, ele *sabia*. Havia uma razão para Magnus segui-la para casa na chuva da loja, para invadir a casa dela, a Glass House, para matá-la. Ele deve ter rastreado e lidado com o que ele percebeu ser uma ameaça real.

Ela era uma ameaça para ele. De alguma forma.

— Uma questão interessante — Myrnin disse, — e uma que teremos que explorar à medida que avançamos, eu suponho. — Seu olhar permaneceu sobre ela por um momento, calmo e avaliativo, em seguida, ele se virou para as plantas. Claire desistiu rapidamente; o labirinto de linhas fazia tanto sentido como tentar ler um prato de espaguete. Michael e Shane, porém, estavam muito mais interessados, e Myrnin estava feliz por estar conversando.





Sua atenção vagou para a ideia da água... fluindo através de tubos, levando os *draugs* para cada casa, cada edifício. A visão de um *draug* emergindo de um vaso sanitário fez todo o tipo de pesadelo que ela já teve sobre banheiros ser fraco em comparação. E *chuveiros*. Já era bastante ruim estar fora na chuva, sabendo que eles estavam lá fora, mas estar nua e vulnerável, com os *draugs* construindo-se para fora das gotas em torno de você no chuveiro... sim, era três vezes pior do que *Psicose*. Esqueça dos banhos. Ela nunca tomaria um banho novamente. Esse era um tempo de filme terror.

— Você vai precisar da permissão de Oliver para isso — Michael disse. — Você sabe disso, certo?

— Na verdade, eu não sei. Ele especificamente me disse que eu não estava autorizado a dar início a qualquer batalha — Myrnin disse. — Esta não é uma batalha. Eu preciso que vocês vão para dentro do prédio e gire as rodas de interrupção. Nada mais. É uma operação bastante simples, e obviamente necessária. Oliver vai ficar feliz com os resultados.

Michael deu um olhar a Shane. — Tradução: o que Oliver não sabe não vai nos machucar, teoricamente — ele disse. — Então, nós vamos fazer isso por conta própria.

— Como isso exatamente é diferente de qualquer outro dia? — Shane perguntou. — Nós conseguimos, cara. E se ele estiver certo, isso precisa ser feito ou não temos chance de controlar essas coisas todas. Eles vão tomar a cidade para longe de nós até que não haja nenhum lugar para se esconder, exceto aqui na Praça da Fundadora, cercada. Alimentos e água irão acabar mais cedo ou mais tarde mesmo que eles não consigam invadir.

— E os vampiros também devem se alimentar. Eles vão começar a tirar sangue, onde eles possam conseguir — Myrnin disse suavemente. — É algo que eu desejo muito que não aconteça, Shane. Mas, neste ponto, é inevitável se não agirmos agora. Isso é tanto para salvar a vida de vocês como as nossas. Oliver se recusa a ver isso agora, e não podemos esperar. Você vai fazer isso?

— Eu só preciso saber uma coisa. Eu vou precisar do lança-chamas? — Shane perguntou.

Myrnin sorriu com presas. — Absolutamente.





CAPÍTULO 5

EVE

Então, eu estava correndo ao redor de Morganville em um crepúsculo com um bando de vampiros, nenhum dos quais eram Michael. Ou até mesmo Myrnin. Ou até mesmo *Oliver*.

Isso não era reconfortante.

Eu sei, foi minha ideia, e foi uma boa, mas estar cercada por presas quando o meu corpo ainda estava tremendo dos efeitos do... que tinha acontecido... não era o melhor momento pessoal. Eu rapidamente me apresentei para a vampira que parecia estar no comando; ela disse que seu nome era Adele, mas não de uma maneira que me incentivou a usá-lo. Os outros vampiros não ofereceram mais do que um aceno de cabeça. Eu era invisível.

E talvez, pensando nisso, isso meio que era uma coisa boa. Quer dizer, eu prefiro ser invisível do que um pudim ambulante. Mas pelo menos se preocupar com minhas veias me impediu de pensar sobre os perigos de correr em uma cidade onde um *draug* poderia aparecer a qualquer momento.

Oh, e os vampiros estavam usando o que parecia ser fones de ouvido, com algum tipo de acessório espumoso de cobre nos lados — artigos de Myrnin, aparentemente, para cancelar o canto da sereia dos *draugs*. Eu esperava que eles cancelassem o ruído eficientemente. Eu estava com tampões espumosos.

Claro, nós estávamos em um sedan de vampiros, o que significava que eu não podia sequer olhar para o cenário, tal como era em Morganville, uma vez que a pintura da janela era extrema. Eu só podia admirar a pele pálida dos meus co-pilotos, e pensar sobre as muitas, muitas maneiras terríveis de isso poder dar errado.

E sentir falta de Michael, de uma maneira traiçoeiramente furiosa. Eu não podia acreditar que eu o *tinha esfaqueado*, mas por outro lado, ele não só me machucou, ele tentou me assustar. Tentou seriamente. E eu não ia deixar que esse tipo de comportamento de namorado ruim acontecesse sem algum





tipo de resposta, embora em retrospecto, a escolha da violência doméstica pode não ter sido a escolha mais positiva.

Desse ponto de vista, no entanto, eu não tinha certeza de que quando você estava lidando com um vampiro, aconselhamento realmente funcionava. *Deus, Michael. Por que isso aconteceu conosco?* Eu queria perguntar a ele, não que ele teria qualquer tipo de resposta. Eu queria estar em seus braços, aconchegados juntos sob camadas de cobertores quentes, e seguros do mundo.

Mas eu não tinha mais certeza — ou pelo menos, meu *corpo* não tinha certeza — de que eu estava segura com ele. Que era exatamente o que Michael tinha medo por todo esse tempo. O que todos os vampiros, incluindo Amelie, tinha nos avisado.

O que eu tinha totalmente me recusado a acreditar, até aquele momento quando seus olhos se abriram em um vermelho-sangue, e seus dentes tinham deslizado afiados como aço, e suas mãos tinham agarrado os meus ombros com tanta força que deixou hematomas preto-azulados, e por um instante eu estremeci com o toque de seu hálito quente no meu pescoço e então, e então...

Eu apertei os meus olhos bem fechados, porque eu *não* queria lembrar dele dessa maneira. Ou lembrar de mim dessa maneira. Ou de *nós* dessa maneira, fora de controle, correndo em direção à escuridão. Esse não era Michael, meu doce e brilhante Michael, com sua música, sua força e seu toque suave; essa não era eu, com a minha confiança e o meu sarcasmo.

Isso era um assassino e uma vítima, e não havia nada de romântico nisso, nada sexy, nada além de dor, sangue e escuridão chegando rápido. Eu acreditava em Michael o suficiente para saber que, se ele realmente fizesse aquilo, se ele tivesse me drenado toda, quando ele voltasse aos seus sentidos, ele nunca teria sido capaz de viver com o que ele tinha feito. Shane o teria matado, mas não teria importado para ele, porque ele já estaria morto por dentro. Morto por dentro como andar para a luz do sol.

Amor tóxico.

Talvez ele esteja certo, alguma parte de mim continuava a sussurrar. Talvez você devesse desistir. Seguir em frente. Deixe-o encontrar alguma vampira legal que ele não tenha que ter medo de se aproximar.

Eu odiava tanto essa parte de mim que eu queria matá-la com fogo. Mas eu também estava com medo de que era a parte mais inteligente.

Eu estava espremida no banco de trás entre dois vampiros imóveis, ambos do sexo masculino, que estavam olhando para fora das janelas escurcidas; agora, quando o carro parou, eles abriram suas portas e saíram. No momento em que eu saí, eles estavam tomando posições de costas para o





carro, e Adele, a motorista, tinha aberto o porta-malas. Ela apontou para mim, depois para o porta-malas, em seguida para uma casa.

Eu ainda estava tentando me orientar, o que não era fácil de fazer; a chuva tinha parado por um momento, mas as nuvens estavam grossas e escuras, e não havia luzes acesas, esta era uma rua totalmente anônima... até que eu avistei a cerca branca caindo aos pedaços e a maior parte branca da nossa casa, a Glass House, elevava-se em ângulos vitorianos ameaçadores em direção ao céu. Não havia luzes acesas. Parecia totalmente assombrada, mesmo agora isso *não era* uma novidade.

Ela apontou para o outro vampiro, que foi ao porta-malas e me entregou uma sacola de lona grossa. Eu cambaleei sob o peso, mas agarrei com as duas mãos e arrastei para cima dos degraus e para a varanda. Eu tinha a chave da porta da frente no meu bolso, onde ela sempre estava, e quando eu abri a porta, senti uma sensação de alívio por voltar para casa.

Mas pisar sobre o limiar não trouxe qualquer onda de calor, ou boas-vindas, ou qualquer coisa que eu esperava sentir. A Glass House parecia... morta. Abandonada.

Eu apoiei a sacola de lona cheia de armas e munição no canto perto da porta da frente e liguei o interruptor de luz. Sem resposta. A energia estava desligada nesta parte da cidade, mas eu não tinha vindo despreparada; eu peguei uma mini-lanterna do bolso das minhas calças cargo e arrastei o saco para a sala de visitas. Estava tão empoeirada como nunca. Shane tinha deixado um casaco jogado sobre a poltrona. Eu desempacotei as armas e munições e coloquei tudo para fora cuidadosamente na mesa de café e no sofá, fácil de agarrar se precisássemos... e então considerei o saco de lona vazio.

Eu *estava* aqui, e ter as nossas próprias roupas iria parecer muito mais confortável no exílio. Então, apesar de os vampiros estarem esperando impacientemente lá fora, eu corri para cima, remexi em cada um dos nossos quartos o mais rápido possível, e empurrei blusas, calças e roupas íntimas dentro do saco.

Eu queria levar *tudo*, mas não havia tempo. No caminho, porém, eu hesitei, em seguida, coloquei a guitarra de Michael em sua case e a fechei.

Os vampiros poderiam se encher de objeções.

Eu saí na varanda e tranquei a porta — por hábito, eu suponho — e me virei para ver...

...Ninguém.

Os vampiros tinham desaparecido.

O sedan estava parado no meio-fio. Todas as portas estavam fechadas. O porta-malas ainda estava aberto.





Eu não gostava da sensação dos tampões de ouvido, de repente; eles pareciam opressivos, ampliando a minha respiração rápida, me fazendo sentir estranhamente sufocada. Eu queria tirá-los, e eu realmente estendi a mão para o da esquerda antes de eu perceber o que eu estava fazendo. Eu poderia distinguir, muito vagamente, um som agudo.

Cantando.

Droga.

Eu corri para o carro, joguei o saco e a guitarra no porta-malas, e peguei uma espingarda pré-carregada com balas de prata, além de dois frascos de nitrato de prata. Então eu abri a porta do sedan.

Eu não estava exatamente chocada ao encontrá-lo vazio. O impulso de entrar e dirigir para longe — mesmo se eu tivesse que dirigir cegamente, dado a tinta opaca — era quase irresistível, mas, embora os vampiros não tivessem sequer me dado seus nomes, eu era a única que tinha colocado eles nisso. Os fones de ouvido de cancelamento de ruído claramente não funcionaram... ou então algo mais tinha atraído eles para longe. De qualquer maneira, eu devia isso a eles para pelo menos encontrá-los.

Então eu fui à procura.

Quer dizer, era a minha própria vizinhança. *Eu vivi aqui.* Aquela ali era a casa dos Farnhams; eu não gostava deles, porque eles eram um casal de velhos malvados e amargos, do tipo que dizia saia-do-meu-gramado, mas eles eram familiares. Do outro lado da rua estava a casa da Sra. Grather, que tinha sido uma bibliotecária desde que os livros foram esculpidos em pedra ou algo assim. Ela estava sempre fora arrumando flores mortas. Eu conhecia cada pessoa que vivia neste quarteirão, ou pelo menos *tinha* vivido aqui, antes dos acontecimentos dos últimos dias. Talvez que eles estivessem trancados lá dentro, se escondendo. Talvez eles tivessem deixado Morganville para sempre.

Talvez eles estivessem mortos e enterrados.

Mas era o meu bairro, e nós não permitíamos que coisas ruins acontecessem. Não *aqui*.

Nem mesmo com vampiros que não me dão seus nomes.

Eu encontrei o primeiro caminhando ao longo da metade de um quarteirão abaixo; que era um dos dois que tinha estado no banco de trás comigo. Seus fones de ouvido tinham sumido, e ele parecia... vazio. *Droga.* Eu não sabia como pará-lo, exceto matando ele; ele estava cambaleando para frente com um propósito, atraído pela canção estranha dos *draugs* em direção a uma sepultura.

Eu corri de volta para o carro, procurando, e encontrei sinais de luta. A cerca da casa da Sra. Grather estava despedaçada, algumas manchas de sangue





e um fone de ouvido quebrado. Eu o testei, e ele ainda funcionava, mesmo que tenha quebrado na metade. Eu abandonei a arma e corri de volta para o vampiro, que ainda estava andando, e me meti atrás dele para colocar as duas metades dos fones de ouvido sobre seus ouvidos.

Ele deu mais dois passos comigo desajeitadamente andando agachada com ele enquanto eu segurava as peças no lugar, em seguida, parou e estendeu a mão para segurar os fones de ouvido por si mesmo enquanto eu me afastava. Então ele se virou e me encarou, e em vez de ver apenas outro vampiro, eu vi... um jovem, talvez com vinte e cinco anos mais ou menos. Ele tinha cabelos ondulados castanhos e espessos, cortados em um estilo vagamente antiquado, e ele tinha olhos escuros, ou pelo menos eles pareciam dessa forma naquela tarde sombria.

Ele era meio bonitinho, com uma aparência de um estudioso. Ele acenou para mim e disse: — Obrigado. — Pelo menos, foi isso que eu li em seus lábios. Ele me deu uma saudação desajeitada e superficial também.

Eu desejei que eu soubesse o nome dele de repente, mas não havia muito sentido em conversar, vendo como ele tinha os seus fones de ouvido e eu tinha tampões de ouvido macios. Fiz um gesto para que ele me seguisse, e corri de volta para onde eu tinha deixado cair a espingarda. Nenhum sinal de *draugs*, pelo menos aqui; meu novo amigo acompanhou-me facilmente. Ele balançou a cabeça de um modo que eu interpretei que significava *espera aqui*, e correu em um borrão de volta para o carro, onde ele deixou cair seus fones de ouvido quebrados e, quase com o mesmo gesto, pegou um novo par do painel e o colocou no lugar. Eu vi a sua linguagem corporal relaxar quando eles começaram a funcionar.

Ok, isso era uma explicação para *ele*. Isso não explicava a ausência de Adele e dos outros. Fizemos uma estranha língua de sinais com perguntas e respostas por um tempo, e eu entendi que um *draug* tinha aparecido, e os fones de ouvido dele tinham quebrado, e Adele e os outros tinham perseguido o *draug*. Sem o suporte para seguir as táticas engenhosas de Adele, obviamente, mas antes que ele tivesse sucumbido ao canto, meu novo amigo tinha visto o caminho que eles tinham ido.

Portanto, seguimos por ele, ambos agora armados com espingardas.

Nós viramos a esquina para o meio de uma micro-tempestade.

Quero dizer, um segundo estava claro, no próximo havia uma cortina ofuscante de chuva que caía do céu em uma inundação espessa de prata, e estava tão frio quanto o gelo e me tirou o fôlego enquanto me atingia. Eu não conseguia ver nada, mas eu podia sentir uma queimação rastejando sobre a minha pele exposta.





Draugs, na chuva. Eles estavam se concentrando nesse ponto, inundando para aumentar o que parecia ser um ponto alagado na estrada.

Eu podia vê-los movendo-se como sombras através da chuva, em torno de Adele e dos outros vampiros, que estavam ombro a ombro com a formação prontos-para-o-ataque. Mesmo através dos tampões eu podia ouvir as explosões abafadas das espingardas.

Meu amigo de presas agarrou meu ombro e me fez parar. Ele estava certo, nós não poderíamos chegar mais perto; com três vampiros disparando lá, e ao nos aproximarmos dos *draugs*, poderíamos ser atingidos por fogo amigo com a mesma facilidade. Ele apontou para os frascos de vidro de nitrato de prata que eu coloquei no mosquetão do meu cinto, e depois para a poça espessa e se contorcendo na depressão da estrada.

Eu dei-lhe um polegar para cima, passei a minha arma para ele e soltei os frascos. Minhas mãos estavam frias e úmidas, e eu tive que me concentrar para me certificar de que não vacilariam e os derrubaria. E então ocorreu-me que o meu plano brilhante era correr direto em direção aos *draugs*.

De repente, não era tão brilhante.

O vampiro bateu no meu ombro e me deu um aceno encorajador. Ele tinha uma escopeta em cada mão, como algo saído de um filme fodão do Velho Oeste; tudo o que ele realmente precisava era de um grande chapéu e bandoleiras sobre o peito para completar o quadro. E talvez um poncho. Ponchos são legais.

Eu entendi a mensagem. Ele estaria bem atrás de mim, disparando nos *draugs* vindo dos lados. Além disso, eles não estariam tão interessados em mim se houvesse vampiros quentes e saborosos dentro do alcance.

Eu dei a ele um aceno firme e calmo (e não me sentia desse jeito de maneira nenhuma) e corri para frente.

Adele deve ter nos visto, porque seus tiros em nossa direção pararam, mas atrás de mim eu ouvi os próximos estrondos percussivos de espingardas do meu novo amigo enquanto os *draugs* cambaleavam para fora da chuva da esquerda e da direita. *Não pare, não pare, não importa o que, não pare...*

Eu corri diretamente para um draug.

Literalmente.

Ele estava justo se formando da chuva, e por trás da forma humana havia algo vil, monstruoso e sem forma, se contorcendo e gotejando.

Eu não tinha tempo para parar, mesmo se eu quisesse. Eu não sei qual de nós ficou mais surpreso, na verdade.

Eu corri direto para ele, e *através* dele.





Parecia gelatina metade congelada, ou a lama mais espessa e viscosa possível. Eu tive ânsia de vômito ao sentir isso na minha pele, e ele queimou com força e rápido, como um banho de ácido... mas então eu estava fora dele, e a chuva, mesmo infestada de *draugs*, era mais limpa e eu despejei a gosma para longe.

E então eu estava nas bordas da poça.

Um *draug* se arrastou para fora dela, mas passou por mim, indo para o vampiro atrás de mim. Ele atirou e o partiu ao meio. Eu estava *muito* feliz pela excelente mira do vampiro, porque minhas mãos tremiam bastante agora, e eu estava morrendo de medo, terrivelmente e miseravelmente apavorada, e eu sentia como se eu estivesse gritando e eu provavelmente estava, mas eu consegui levantar as minhas mãos e esmagar os dois frascos com força suficiente para estourar o vidro.

Prata choveu na água, e onde ela tocou, a água ficou preta, podre e suja com os *draugs* mortos.

O canto deve ter mudado o tom, porque até mesmo através dos fones de ouvidos eu podia ouvir os gritos.

Uma mão me empurrou para baixo, e uma espingarda caiu no pavimento perto de mim. Meu novo amigo vampiro ainda estava de pé, parado sobre mim agora, disparando de forma constante enquanto *draugs* tentavam escapar das águas venenosas da lagoa.

Eu fiquei de joelhos e disparei também, engasgando com o fedor de pólvora e o sabor mofado dos *draugs*.

Finalmente, a chuva diminuiu, então eu parei, e Adele disparou o último tiro na massa mole de um *draug*, explodindo-o em lama...

...e tudo tinha acabado.

Eu, e os vampiros.

Vitoriosos.

Meu novo amigo se abaixou e me ofereceu uma mão para levantar. Eu aceitei, sem fôlego e trêmula, e a ajuda se transformou em um aperto de mão.

Adele me fez uma avaliação fria, levantou uma sobrancelha, e murmurou, *Nada mau.*

Simples assim, eu fazia parte da equipe.

Sorte nossa que o resto da viagem não foi tão agitada.





CAPÍTULO 6

CLAIRE

Traduzido por Arthur Peretti e I&E BookStore

Ela já devia ter voltado — Michael disse, verificando seu celular enquanto seguia Myrnin para fora do laboratório para mais um labirinto de corredores. — Claire, mande uma mensagem para ela.

— O celular dela não vai funcionar. — Claire disse. — A rede humana ainda está desativada, exceto para a polícia e para as equipes de emergência. — A rede dos vampiros está, é claro, totalmente operacional... pelo menos por enquanto. — Talvez um dos caras que estejam com ela...?

— Eu não sei quem eles são. — Michael disse, e franziu a testa para a tela. — Ela deveria estar de volta.

O que ele realmente queria dizer era que ele deveria estar com ela, Claire pensou, mas ela não disse isso em voz alta. — Ela está bem — ela assegurou a ele. — Eve conhece a cidade, assim como você. Assim como Shane. — Era verdade, mas ela sabia que não era particularmente reconfortante. Os *draugs* representavam uma dimensão inteiramente nova de perigo que nem mesmo os nativos de Morganville estavam totalmente equipados para lidar. — Ela está bem armada.

— Sim. — Ele disse em voz baixa, e por um momento, ela viu um lampejo de vermelho em seus olhos azuis. — Mas, você sabe como isso acabou antes.

Ai. Ela teve uma súbita visão vívida dele agachado sobre o corpo imóvel de Eve, suas presas no pescoço dela. O olhar em seu rosto, a alegria desesperada e profana dele... isso a assombrava. Ela não podia imaginar como era estar na cabeça dele agora, ou melhor, na de Eve. Aquele momento havia destruído todas as expectativas que eles poderiam ter tido sobre si mesmos.

— Ela vai ficar bem. — Shane disse. — Vamos nos preocupar conosco, mano. Porque não importa o quanto Myrnin fale que isso é uma pequena operação, não é.





Michael acenou com a cabeça. Ele ainda parecia pálido e miserável, e ele não ia melhorar até que Eve volte... e talvez nem quando isso acontecer, se as coisas estiverem tão ruins assim.

Talvez perigo mortal fosse a melhor coisa para ele no momento.

Ainda estava claro do lado de fora, mas eles não tinham que sair... não ainda. Myrnin disse que não era necessário. Em vez disso, ele os conduziu por um labirinto de corredores para uma despensa pequena e escura que cheirava a produtos químicos. Claire se lembrava dela. Parecia muito menor com os cinco lá dentro, mas Myrnin se contorceu atrás dela, fechou a porta e acendeu a lâmpada no teto, que balançou em um verdadeiro estilo de filme de terror acima de suas cabeças. Apenas um pouco acima da cabeça de Shane, na verdade; ele teve que se abaixar para não bater na lâmpada.

— Ótimo — Shane disse. — Olha, eu preferia não ter que trabalhar como zelador. Eu tenho alergia a produtos de limpeza.

— E a limpeza — Michael disse.

— Olha quem está falando. Eles não fizeram um daqueles documentários do Animal Planet sobre as baratas do seu quarto?

Myrnin deu um grunhido frustrado e foi para o outro lado da sala, onde estavam as estantes industriais que tinham água sanitária, luvas, escovas, e outras coisas que Claire não achou que ia ser de muita utilidade contra os *draugs*. Havia uma parede organizada, ele ficou olhando para ela, soltou a respiração superficialmente e fechou os olhos.

A parede vacilou, como se uma onda de calor estivesse passando sobre ela, mas depois se solidificou novamente em apenas... uma parede, totalmente branca, com os habituais arranhões que qualquer parede obtém ao longo do tempo. Claire a cutucou. Era apenas uma parede de gesso. — Eu não acho que está funcionando — ela disse. — Frank não está, você sabe, de plantão?

— De vez em quando — Myrnin disse. Ele tentou de novo e obteve os mesmos resultados — algo que poderia ter sinalizado a criação de um portal para outra localização, mas muito breve e instável para se percorrer. Se isso os levasse para onde deveria levar, o que poderia não ter sido o caso. — Frank não tem sido muito confiável ultimamente, para ser honesto.

Frank era o computador central da cidade — literalmente. Ele era um cérebro conectado ao computador de Myrnin em seu laboratório, uma mistura sinistra e brilhante com um pouco de sangue de vampiro. Frank era um nativo de Morganville, então ele foi embora, em seguida, voltou como líder de uma gangue de motociclistas para tentar tomar a cidade. Isso não acabou bem, e ele se tornou um vampiro... a última coisa que ele sempre quis ser. Depois





disso, ele se tornou um cérebro em uma jarra, principalmente porque Myrnin precisava de um e Frank não estava totalmente morto.

Ah, e Frank Collins foi — era? Ainda é? — o pai de Shane, um fato que tinha assombrado Claire por um longo tempo desde que ela tinha descoberto o que Myrnin tinha feito, já que Shane pensava que seu pai estava completamente morto e enterrado. A descoberta não correu muito bem, e mesmo agora, apenas com a menção do nome de seu pai, o rosto de Shane ficou rígido e branco, como se ele tivesse colocado uma máscara. Autodefesa. Frank não tinha sido exatamente o Pai do Ano, mesmo antes dele começar a sair com os motociclistas e caçar vampiros, e muito menos quando se tornou um pai.

— O que há de errado com o Frank? — Shane perguntou. — Muita vodca no sangue dele? Ou ele está apenas sendo o bastardo que ele normalmente é?

— Shane — Claire murmurou, meio em reprovação, meio em simpatia. Ela não tinha encontrado muita coisa no pai dele para gostar, mesmo que ela sempre tentasse encontrar algo de bom em todos. Frank tinha sido um bêbado abusivo e furioso quando era um humano; como um vampiro, ele tinha sido na maioria das vezes um suicida por causa da sua transformação. Ele tinha machucado muito Shane, mas um filho nunca deixa de amar o seu pai, ela supôs. Mesmo que ele não quisesse.

— Ele está tendo dificuldade para se adaptar — Myrnin disse. — Eu temo que Frank não vá ser capaz de suportar a tensão de desencarnação por muito mais tempo. Vou ter que desconectar ele e procurar outra pessoa se ele não se estabilizar. — Ele deve ter pensado sobre isso apenas por um segundo, porque ele não falou como se ele realmente quisesse fazer isso. — Desculpe.

Mesmo ele não olhando em sua direção, Claire sentiu uma espécie de pressão sobre ela; o plano original de Myrnin, o qual ela conhecia muito bem, era que fosse *ela* que acabasse no centro de sua máquina, os olhos, ouvidos e todo o sistema nervoso de Morganville. Não era um papel que ela gostaria de encenar, e ele sabia disso.

Isso não quer dizer que ele realmente tenha desistido do seu sonho.

Embora ele *pudesse* ter se desculpado indiferentemente com Shane, também. Quem sabia?

Depois de outra tentativa, Myrnin suspirou e balançou a cabeça. — Os portais não estão funcionando — ele disse. — Vamos ter que ir em veículos. Não é a minha preferência, mas é a melhor opção que temos. Ir a pé é um risco ridículo. Nós certamente vamos precisar de uma rota de fuga rápida.





— Para a sua sorte, eu tenho uma picape lá embaixo — Shane disse. — Que fornece uma excelente plataforma de disparo para um lança-chamas, na verdade.

— Eu estava pensando em algo mais como um tanque — Myrnin disse. — Pena que não temos um.

— Na verdade — Michael disse lentamente, com a testa franzida em pensamento, — acho que nós temos. Me sigam.

Qualquer coisa era melhor do que o armário de limpeza fedido, Claire pensou, ela deu uma respiração profunda de ar limpo quando eles voltaram ao corredor. Isso a fez tossir. Ela podia imaginar sua respiração soprando para fora com a cor doentia de ouro do Pinho Sol. As roupas dela estavam cheirando a isso. Ela não sabia se estava incomodando qualquer um dos outros, mas definitivamente não era o seu cheiro favorito no mundo, especialmente nesse momento.

Michael levou-os até os elevadores e apertou o botão para a garagem. Ele parecia... bem, presunçoso. Definitivamente presunçoso.

— Fale logo — Shane disse. — Parece que você ganhou um ano de compras grátis no banco de sangue ou algo assim.

— Você vai ver — ele disse e, em seguida, as portas do elevador soaram e se abriram...

...e Eve estava ali. Ela estava molhada e lamacenta, e havia outros quatro vampiros com ela. Ela deu um passo para trás de surpresa quando viu Michael.

Ele deu o mesmo passo para trás quando a viu.

Oh, isso *não* é bom. O coração de Claire praticamente se rasgou ao meio com a expressão no rosto de Eve, uma mistura que mudou rapidamente para saudade, raiva, medo, amor, e então finalmente, tristeza. Ela estendeu a mão e puxou seus tampões de ouvido e disse: — Desculpe, eu fiquei apenas surpresa.

Michael não respondeu. Ele parecia... bem, *enjoado* provavelmente é a única palavra para descrever. Myrnin ignorou a coisa toda e passou por ele para fora do elevador. Shane, depois de um momento de hesitação o seguiu, assim como Claire. Michael saiu por último, e só porque as portas começaram a se fechar.

No silêncio repentino e desconfortável, o vampiro de cabelos castanhos ao lado de Eve tirou os fones de ouvido e disse: — Algum problema? — ele estava falando com Michael, mas estava olhando para Eve.

— Não — ela disse, e abriu um grande sorriso. — Obrigada, Stephen. Está tudo bem. Vocês podem ir na frente.





— Bom trabalho — a vampira alta de cabelos escuros disse, e abriu as portas do elevador novamente para os quatro vampiros enquanto Eve ficava para trás. — Pode nos chamar a qualquer momento, Eve.

Ela assentiu, sem tirar os olhos de Michael, seus olhos grandes, escuros e agora ilegíveis.

— Fazendo novos amigos? — ele perguntou para ela. Não tinha como confundir o tom de ciúme implícito na pergunta. — *Stephen*? Eu pensei que você estava cheia de vampiros.

— Escute — Eve disse. — Eu salvei a vida dele. Não estamos saindo juntos.

Até Shane estremeceu com isso. Michael não. Ele permaneceu impassível, olhando para sua garota, e então ele deu os ombros e disse: — Bem, você pode ir com seus novos amigos ou vir com a gente. Sua escolha, eu acho.

— Para onde vocês vão? — Eve perguntou, como se isso não fosse uma pergunta de verdade. O que provavelmente não era.

— A estação de tratamento de água — *Myrnin* disse. — Eu posso te atualizar se você quiser.

— Tudo bem — Eve disse, e levantou uma mão quando ele ia começar a falar novamente. — Eu não estou no clima, *Conversador Louco*. Apenas me diga quando eu puder ajudar.

— Oh — ele disse, e esfregou as mãos. — Eu acho que eu posso fazer isso. Sim, absolutamente. Michael? Se você puder continuar, por favor?

Michael não estava mais presunçoso, mas ele os levou para o extremo oposto da garagem. Era opressivo e úmido, e cheirava a concreto úmido e mofo, o que lembrou Claire vividamente dos *draug* da piscina, e da luta terrível para sobreviver.

Do medo.

Ela pegou a mão de Shane, o que foi estrategicamente estúpido, mas emocionalmente inteligente; O seu aperto firme e seu calor fizeram ela se sentir menos fora de controle. Ela não sabia o que ele estava pensando, mas ele não a soltou.

Uma forma quadrada cinzenta surgiu no escuro, e *Myrnin* fez um “Ahhhhh” da maneira como as pessoas fazem quando finalmente compreendem alguma coisa. Claire apertou os olhos, mas não podia ver muito até que Eve acendeu uma lanterna e lançou um brilho branco sobre a superfície cinza metálica áspera.

Era um caminhão de caixa blindado, com algum logotipo que estava muito desbotado pelo sol. Era de metal grosso e tinha uma porta muito intimidante na parte traseira.





— Legal. Pontos de armas — Shane disse, colocando o dedo em uma cobertura redonda de metal no lado do caminhão. — Aço pesado. Pneus sem pressão. Vidros à prova de balas. Eu gostei, Mikey.

— É um tanque — Michael disse. — Ou, pelo menos, o mais perto que vamos conseguir por aqui.

— Eu tenho uma pergunta — Eve disse, e ergueu a mão como uma criança na escola. — Essa coisa realmente, você sabe, funciona?

— Oh, sim — Myrnin disse. Ele estava andando ao redor do caminhão, batendo um dedo em seu lábio inferior. Sua expressão era feliz, mas pensativa. — É o veículo de segurança pessoal da Fundadora, para protegê-la em caso de emergência. Usado apenas para sua evacuação pessoal.

— Onde estão as chaves? — Shane perguntou. Ele tentou abrir a porta do lado do motorista, mas é claro, estava trancada.

— Ninguém além de Amelie e a assistente dela sabem, e a assistente dela foi evacuada com os outros, eu acho. Não se incomode em tentar forçar a fechadura, Michael. É fortificada contra os vampiros e também contra os seres humanos. Sem as chaves adequadas, não conseguiremos entrar. E, no entanto... é uma boa ideia. Muito boa mesmo. — Myrnin se virou de repente e focou-se diretamente sobre Claire. — Eu irei pedir as chaves para Amelie.

— Como é? — Claire piscou. — Isso... realmente não é uma boa ideia. Oliver não me deixaria chegar perto dela nunca. Ele disse que ela estava...

— Imprevisível — Myrnin disse rapidamente. — Bem, se alguém pode lidar com imprevisível, eu acho que seria eu. Não se preocupe. Oh, tudo bem, então se preocupe, mas precisamos da chave, e Amelie está com ela. Não há escolha.

— Picape — Shane disse. — Essa é uma escolha.

— Não uma boa escolha para onde vamos — Myrnin disse. Ele estendeu um dedo na direção de Michael, em seguida na de Shane, depois na de Eve, e disse: — Fiquem.

— Desculpa, mas nós não somos os seus animais de estimação — Eve disse. — Você não pode ficar dando ordens... — Mas ela estava falando com o vento. Myrnin já tinha desaparecido. A única pessoa que poderia ter parado ele era Michael, mas Michael não estava se movendo.

Quando Claire começou a se mexer, Michael a segurou pelo ombro. — Não — ele disse. — Ele tem razão. Ninguém é mais qualificado para lidar com vampiros imprevisíveis do que ele. Certamente não você. Você é vulnerável demais.

— Eu não vou ficar aqui — ela disse. — Você vem ou não? Porque eu não acho que você queira me amarrar para me fazer ficar.





Shane soltou um suspiro. — Ninguém vai te amarrar — ele disse. — Desculpe, Mike. Não é que eu não ache que você está certo, é que eu conheço a minha garota. Ela vai. Nós podemos ir e ajudá-la ou ficar aqui. E eu não vou ficar aqui, principalmente porque eu não recebo ordens do... como você chamou ele?

— Louco Conversador — Eve disse. — Ei, é perfeito para ele.

— Eu gostei.

Claire sacudiu a mão de Michael. Ele a soltou. — Então vamos, antes que ele se mate.

Shane *provavelmente* não estava falando sério quando ele disse: — Espere, isso é uma opção? Porque eu poderia ficar aqui.



Myrnin já estava bem à frente deles, é claro, e eles ainda tinham que passar pelos guardas, mas como Claire já tinha sido autorizada hoje com Theo, eles deixariam ela entrar.

Mas só ela.

— Estamos todos juntos — Shane disse, e tentou entrar. O vampiro apertou seu braço, isso o fez recuar e parar. — Claire, não vá. Fique aqui. Ele vai ficar bem.

Mas Claire conseguia sentir em seus ossos que ele não ficaria. Ela olhou para o guarda que segurava o braço de Shane e perguntou: — Oliver ainda está lá?

— Ele saiu para encontrar o médico. — o guarda disse. — Myrnin acabou de entrar.

— Então ele está sozinho? — Ela sentiu uma onda de ansiedade. — Bem, ele quer a gente com ele.

— A gente? — O vampiro não estava acreditando nisso. — Você talvez. Os outros ficam aqui. Eles não estão na lista.

— Tem uma lista? E eu não estou nela? — Eve disse. — Estou profundamente magoada. Eu *sempre* estou na lista.

— Não é uma boate — Michael disse.

— Mesmo assim.

Claire recuou, para o fundo do corredor, gesticulou com a boca *desculpa* para Shane, e apressou-se. Com o olhar que ele tinha no rosto, ela sabia que eles teriam uma conversa séria sobre isso mais tarde, mas ela não podia ficar e resolver isso agora.

Myrnin estava em apuros. Ela podia sentir isso.





Dentro da sala, Claire fechou a porta, mas não a trancou; a sala de espera era um lugar silencioso e sem ar. Cheirava a doença e a umidade, e também se parecia um pouco com um museu... como se alguém a tivesse criado apenas para enfeite, não para uso. *É assim que os vampiros viveram no século XXI*, o cartão de exibição dizia. *Fingindo que tudo estava normal*.

Claire soltou uma respiração lenta e calma e então abriu a porta do quarto. Ela estava esperando encontrá-lo vazia, mas Myrnin estava lá, de pé a alguns centímetros da cama.

Olhando para Amelie.

Ela parecia com sua própria estátua — imóvel e branca, exatamente no centro da cama com as mãos cruzadas sobre o ventre. O lençol foi cuidadosamente dobrado para trás, logo abaixo de seus braços. Parecia que ela estava usando algum tipo de camisola branca e espessa, com um delicado laço na gola e nos punhos. Seu cabelo estava solto, e estava derramado sobre o travesseiro como um leque de seda clara.

Tinha um curativo grosso em sua garganta, mas estava encharcado com sangue escuro.

Vê-la assim foi... estranho. Ela parecia muito jovem e vulnerável, e de alguma maneira muito triste. Claire lembrou-se de ter visto fotos dos túmulos de rainhas, das imagens esculpidas em mármore. Era assim que Amelie estava parecendo... um monumento eterno para sua própria mortalidade.

Myrnin levantou a cabeça e viu Claire ali de pé, e sua expressão tornou-se atormentada. — Saia — ele disse. — Saia *agora* enquanto você ainda pode!

Ele parecia absolutamente sério, e Claire deu um passo para trás, com a intenção de seguir suas instruções.

E, em seguida, Amelie abriu os olhos.

Foi de repente, um movimento tão rápido que fez o coração de Claire saltar. Os olhos de Amelie eram de um cinza pálido, eles sempre tinham sido, parecido com gelo sujo.

— Alguém está aqui — ela sussurrou. — Alguém...

— Claire, *saia* — Myrnin disse, e deu um passo para mais perto da cama.

— Eu estou aqui, Amelie. Myrnin. Bem aqui.

— Você não deveria estar aqui — ela sussurrou. Sua voz era fina como seda, e tão suave. — Onde está Oliver?

— Não está aqui, por enquanto — Myrnin disse. — Oh, minha querida. Você está muito pálida. Deixe-me pegar algo para você comer. — Ele quis dizer sangue, Claire pensou. Amelie não tinha cor sob sua pele. Ela parecia quase translúcida.





— Você não quer dizer *alguém*? — Amelie perguntou. Era quase uma piada, mas não era engraçada. — Eu pedi para Oliver acabar com o meu sofrimento. Eu não tive a intenção de deixar ele tão irritado, mas ele realmente deve enfrentar os fatos. Você vai fazer isso por mim, Myrnin? Como o meu amigo?

— Ainda não — ele disse, e pegou a sua mão. — Eu não estou pronto para deixá-la ir. Nenhum de nós está.

— Todas as coisas morrem, até mesmo os vampiros. — Ela usou um tom distante, como se nada disso realmente importasse. — Se fosse só a morte, eu iria com prazer. Mas eu posso sentir isso agora, dentro de mim. A atração do mar. As marés. A fome. — Os olhos de Amelie focaram em Myrnin novamente, e havia um brilho estranhamente luminoso neles. — Os mares vieram primeiro. Todas as vidas vieram dele e devem no final voltar para lá. Como eu estou voltando. Como você vai. Eu fui uma tola em acreditar que os *draugs* poderiam ser derrotados. Eles são a maré. O oceano. O início e o fim de nós. — O brilho se intensificou, e Claire viu-se estranhamente... acalmada por ele. Amelie parecia tão calma, deitada ali. E estar ao seu redor parecia tão seguro. Myrnin deve ter sentido o mesmo; ele caiu da beira da cama. — Não tem como fugir das marés, você não vê? Eu não posso, você não pode e nem Morganville. Porque a maré sempre vem.

Myrnin soltou um suspiro forte, e olhou para a sua mão, entrelaçada com a dela. Ele tentou se soltar, mas não conseguiu. — Pare — ele disse com uma voz apenas metade forte de como realmente deveria ter sido. — Amelie, pare. Você não deve fazer isso.

— Eu não estou... — ela disse, parecendo muito triste. — Há tanta coisa dentro de mim que não é mais eu. Você não deveria ter vindo. E nem você.

Seu olhar capturou o de Claire, e Claire sabia que ela estava caminhando para a frente, sendo puxada por forças que ela não entendia e não podia controlar. Ela não conseguia parar. Ela *não queria* parar.

E então ela estendeu a mão e então os dedos fortes e pálidos de Amelie se fecharam sobre os dela.

Ela sentiu o formigamento, e depois a queimação, como se um milhão de agulhas perfurassem a sua pele.

Ela assistiu a pele fria de Amelie ganhar cor e assumir calor.

Sangue.

Sangue retirado de Claire. Por apenas um *toque*.

O mesmo estava acontecendo com Myrnin, Claire percebeu. Ele estava ofegante, murmurando apelos frenéticos, tentando erguer a mão para se livrar, mas estava falhando.





Amelie não precisava mais das presas para se alimentar. Como os *draugs*, ela se alimentava com um simples toque.

E estava acontecendo tão *rápido*. Claire sentiu-se tonta e cansada, porém em algum lugar lá no fundo ela gritava em protesto.

Basta fechar os olhos, a voz de Amelie estava dizendo suavemente, muito longe. *Basta fechar os olhos e dormir*.

E então algo a atingiu e a jogou para longe, bem no meio da sala em cima de uma mesa de madeira pesada com uma tigela gigantesca de flores secas. Tudo caiu no tapete, espalhando vidro quebrado e pétalas despedaçadas, e Claire estava deitada de lado, olhando para a parede. Tinha uma pintura lá, algo famoso, com tinta escura e rajadas brilhantes de cor feitas em camadas furiosas. Ela piscou devagar, sem compreender direito o que tinha acabado de acontecer, e viu uma mancha brilhante de vermelho mais perto dela do que a pintura.

Sangue. Sangue em sua mão — não, em seus dedos, jorrando para fora como se ela tivesse sido furada com uma centena de agulhas.

Doeu em uma súbita ardência, e ela percebeu o que tinha acontecido. Foi rápido e forte, e ela sentiu o terror rasgar através dela. Ela se encolheu, sentando no canto do quarto, segurando sua mão ferida perto de seu peito.

Oliver estava ajudando Myrnin a tirar os dedos de Amelie de seu pulso. Assim que isso aconteceu, Myrnin caiu no chão e meio se arrastou, meio deslizou para o outro canto do quarto, segurando seu pulso do mesmo jeito que Claire estava segurando seus dedos feridos. Ele parecia... chocado. E assustado.

Oliver estava em pé entre os dois e a cama. Amelie não tinha se movido. De modo nenhum. Claire nunca tinha visto Oliver tão furioso, seu rosto estava banco e duro como osso, e seus olhos eram como carvões vermelhos e ardentes em baixo do preto. — Seus *idiotas* — ele falou, e veio em direção a Claire. Quando ela se encolheu, ele ficou ainda mais irritado. — Eu não vou machucar você, garota estúpida. Me deixe ver a sua mão.

Ela estava consciente do sangue escorrendo na palma de sua mão, mas ele não esperou pelo seu consentimento; ele pegou seu braço, e estendeu para inspecionar a ferida. Se o sangue o afetou de algum modo, ele não demonstrou. Ele levou um momento, então a soltou, se afastou e voltou com uma pequena toalha branca, que deixou em seu colo. — Se limpe — ele disse. — Eu lhe disse muito claramente que você não deveria entrar neste quarto. Eu nunca pensei que você fosse tão tola. E você, Myrnin. O que diabos você estava pensando?





— Nós precisamos da chave — Claire disse. Seus dentes estavam inexplicavelmente se movendo, e ela se sentiu gelada por dentro, como se ela tivesse perdido muito sangue, não apenas um pouco. Talvez fosse choque. — A ch-ch-chave para o caminhão blindado, no piso térreo. N-nós precisamos dela para ch-chegar na estação de água. Myrnin falou que estava com ela.

— A chave? — Oliver quase riu. — Não seja ridícula. Não era apenas a chave, não é?

Myrnin ergueu a cabeça em seguida. — Eu precisava descobrir o quanto você tem mentido para mim sobre a condição dela. Uma quantidade considerável, pelo que parece.

Claire nunca viu Oliver bater nele; ela simplesmente deduziu que isso aconteceu em um borrão, e ouviu o som da cabeça de Myrnin estalando. Ele limpou o sangue de sua boca com as costas da mão, sem tirar os olhos de Oliver e disse: — Você disse que ela estava aguentando. Ela acabou de me pedir para *matá-la*.

— Ela consegue lutar contra isso — Oliver disse. — E ela faz isso melhor sem essas distrações ridículas. Pegue a menina e saia. Você arriscou a sua vida e a dela, por nada. Eu pensei que você gostasse mais da criança do que isso.

— Eu gosto muito das duas coisas. Mas eu vim por uma razão, e isso ainda não foi resolvido.

— Sua curiosidade é um vício que irá matá-lo um dia desses. Eu não sou Amelie. Eu não vou aturar os seus caprichos. Considere isso um aviso, Myrnin: quando eu falar para ficar longe, fique longe, e mantenha os seus animais de estimação na coleira.

Myrnin olhou para Claire. — Você está bem? — Ele ainda parecia abalado, mas ele estava se recuperando rápido. Ele se levantou e a ajudou. Ela não achava que estava bem, mas concordou de qualquer maneira. Contusões, com certeza, mas nada quebrado. Sua mão era o pior de tudo, e a toalha que Oliver tinha dado para ela estava ensopada de sangue. — Oliver. Nós ainda precisamos da chave.

— Chave? — Oliver interrompeu, e soltou uma gargalhada. — Chave para o quê?

— O carro de transporte da Fundadora. É um blindado. Eu quero elas. — Myrnin disse.

— Eu vou ser franco com você. Eu não tenho ela.

— Não, a *Fundadora* tem. — Myrnin salientou o substantivo um pouco mais do que o necessário, e isso fez Oliver ficar mais irritado ainda, se isso era ao menos possível. — E a *Fundadora* vai dar elas para mim, se ela ainda for ela mesma. Ela sabe que eu não pediria sem uma boa razão.





— Myrnin. — A tranquila voz de Amelie mal quebrou a superfície do silêncio, mas ambos se viraram para ela imediatamente. Houve um lampejo de algo no rosto de Oliver, algo como: *medo*, Claire pensou. Mas ele se foi muito rápido para ela ter certeza.

— Eu sinto muito, mas eu não posso controlar isso — Amelie disse. — É melhor você sair agora. Todos vocês. Deixe-me com isso. Eu vou lutar o máximo que eu puder. — Seus olhos lentamente se fecharam, em seguida, abriram novamente. — Chaves. As chaves estão na caixa preta na minha mesa. Peguem elas. — Doía seja lá o que ela estava fazendo, até mesmo Claire podia ver isso, mas ela até sorriu, só um pouco, com a dor. — Eu não quero ferir os meus amigos. Oliver vem tentando proteger vocês, vocês deveriam saber disso.

— Oh, minha querida — Myrnin disse, e piscou para conter as lágrimas. — Amelie, aguentue firme. Você tem que aguentar. Eu vou estar de volta e vamos encontrar uma maneira de parar isso.

— Não — ela disse. — Não volte. *Nunca* mais volte, Myrnin. Ou eu vou machucar você. — De repente, ela olhou para Claire, e o impacto disso fez Claire dar uma respiração forte e dolorosa. — Vou me lembrar do seu gosto. Não me deixe chegar tão perto de novo.

Era um aviso puro e frio, e Claire levou a sério. Assim como Myrnin.

Mas Oliver enfatizou isso. — Se você voltar — ele disse, — eu vou te matar antes que ela chegue até você. Seria uma gentileza.

Myrnin balançou a cabeça. — Ela vai chegar até você primeiro, você sabe disso.

— Eu não sou tão fácil assim. — Oliver segurou a porta para eles, e seus olhos passaram sobre Claire, em seguida, foram descansar em Myrnin. — Vocês, de todas as pessoas deveriam saber.

Em seguida, ele deixou a porta se fechar atrás deles.

— Deixe-me ver — Myrnin disse no silêncio súbito da ante-sala, e ela percebeu que ele estava falando sobre sua mão. Ela desembulhou-a e estendeu-a, e se encolheu quando os dedos frios dele tocaram os quentes e ensangüentados dela. — Eles estão um pouco inchados, mas isso é bom. Seu corpo está lutando contra a infecção. Você vai ficar bem. — Sua mão saiu com uma mancha de sangue sobre ela, e ele olhou para ela, então suspirou e limpou-a sobre a toalha. — Isso é um grande desperdício.

— O quê, o sangue?

— Claro que não. — Ele suspirou. — Amelie, é claro. Nós não devemos vê-la novamente nestes tempos fracos.

Ele estabeleceu um ritmo acelerado exagerado no final do corredor; Claire se arrastou severamente atrás em seu exercício aeróbico forçado e se





perguntou se sua mão podia se sentir melhor se ela apenas *batesse nele*. Ele estava tão à frente que ela quase não viu que esquina ele tinha virado; este edifício sempre a confundia, como ela suspeitava que era o objetivo. Não havia placas, nem nomes nas portas, apenas as pinturas caras e comuns. Ela supôs que se ela conseguisse diferenciar uma velha paisagem das outras, ela saberia como voltava, mas seu cérebro não estava realmente alerta desse jeito.

— Devagar! — ela finalmente gritou quando Myrnin desapareceu em torno de um canto distante. Ela estava cansada, instável e irritada, e os machucados que ela tinha conseguindo estavam chamando a atenção, definitivamente. Ela também tinha uma pontada de dor de cabeça no centro de sua testa.

Myrnin colocou sua cabeça — apenas a cabeça — de volta ao virar a esquina em um ângulo muito estranho e disse: — Oh, apenas se *apresse*. — E então ele desapareceu. Se Claire tivesse o hábito de falar palavrão como, digamos, Shane, ela teria falado muitos. Em vez disso, ela apenas apertou os dentes com força, e moveu-se mais rápido.

O escritório de Amelie, sem o seu complemento habitual de guardas, estava na metade do próximo corredor, ou pelo menos essa era a porta que Myrnin estava a ponto de chutar para abrir. Levou várias tentativas, o que queria dizer que Amelie tinha construído contra os vampiros, não humanos — lógico, na verdade. Antes de Claire chegar até ele, Myrnin tinha batido nos bloqueios, e a porta pesada de madeira lascada se abriu com um estrondo. — Mais rápido seria melhor — ele disse, — já que os guardas não estão totalmente fora de serviço, e eles podem não apreciar que eu tenha escolhido medidas terríveis, mesmo com permissão. Eles terão que consertar as portas eventualmente, você sabe.

Ele moveu-se rapidamente, chutou a porta da sala privada de Amelie com mais alguns golpes violentos, e pelo tempo que Claire chegou lá ele estava na mesa, quebrando outra gaveta (bloqueada) e removendo uma caixa preta.

Ele assobiou e jogou-a na mesa de trabalho em surpresa. Seus dedos pareciam queimados de verdade — havia um leve fio de fumaça vindo deles. Mas era uma caixa preta, não...

Claire pegou, ou tentou. Era muito pesada. Quando ela arranhou-a com a unha do polegar, a pintura descascou e o metal brilhante foi revelado.

Prata.

— Trancado — ela disse. — Você tem a chave?

— Anjo, eu pareço que tenho alguma coisa para alguma coisa nesta sala? As portas que eu acabei de derrubar iriam argumentar contra isso, eu acho.





Aqui. — Ele pegou um abridor de carta — de aço, não de prata — e prendeu-o contra o bloqueio. — Mantenha a caixa parada.

Ela o fez, e ele bateu o abridor de cartas acentuadamente no final com a palma da mão, e ele levou até a fechadura e bateu nela. Claire dobrou para trás a parte superior da dobradiça e disse: — Oh, não.

Porque havia literalmente dezenas de chaves na caixa, e nem uma delas estava rotulada. Eles tinham etiquetas coloridas, mas isso não significava nada para ela ou, ela sabia, para Myrnin. Ele balançou a cabeça e disse: — Traga a caixa. Maldição, eu acredito que os seguranças dela estão vindo. — Ele olhou para a mão direita ferida dela, em seguida, pegou uma pesada cortina de veludo sobre a janela e rasgou-a para baixo. Isso não deixou o quarto muito mais claro já que a escuridão estava caindo rápido. Myrnin cobriu a caixa grossa de veludo e pegou-a. — Bem? O que você está esperando? Corre!

Ela não sabia do que eles estavam realmente fugindo, e não estava com vontade de descobrir. Ela tinha memorizado a esquina desta vez — sair pela porta, ir para o corredor, à esquerda, em seguida, outra esquerda — e, em seguida, avistou os guardas vampiros no final do longo trecho do corredor.

E seus amigos, esperando.

— Por que tem uma toalha ensanguentada na sua mão? — Shane exigiu, e, em seguida, ele avistou Myrnin atrás dela. — Talvez essa pergunta seja para você, idiota. O que aconteceu?

— Ela tocou algo que não deveria ter tocado, e não temos tempo para isso. Aqui. — Myrnin empurrou a caixa enfaixada com a cortina para Eve, que gritou com o quão pesada era. Michael pegou dela. — Está cheia de chaves. Encontrem as que precisam. Cuidado com a prata. — Ele não parou, apenas apressou-se com Michael e Eve em seu rastro. — Para a garagem!

Isso deixou Shane ainda segurando Claire. Ele não a soltou. — O que aconteceu com a sua mão? — ele perguntou. — Porque se foi ele...

— Não foi. — Bem, isso era discutível, mas ela não iria dizer a Shane; havia bastante tensão entre ele e Myrnin já. — Foi Amelie. Ela está se transformando em... um deles. Os *draugs*. — Ela tirou a toalha e mostrou a ele a mão, e as alfinetadas vermelhas de mordidas — ou picadas — que cobriam seus dedos. Ele fez uma careta. — Nós não temos muito tempo para salvá-la.

— Se nós pudermos — ele disse, e levantou a mão ferida dela aos lábios. O beijo dele pareceu tão bom que ele cobriu de alívio por todo o caminho através dela. — Eu conheço você. Você vai tentar como o inferno consertar tudo de novo.

— O inferno está vindo — ela disse. — Eu só estou tentando evitá-lo. Vamos.





Assim que as portas do elevador se abriram, eles ouviram o som de passos pesados acompanhando uma marcha lenta. Shane inclinou a cabeça nessa direção. — Essa é a nossa deixa — ele disse. — Está pronta?

— Não. — Ela riu um pouco, e ele a beijou, e ela só queria *isso*, mais *disso* e menos do sangue e terror. Morganville tinha sido sempre ruim, mas tinha que ficar melhor. *Tinha que ficar.*

Mas primeiro, ela suspeitava intensamente, que iria piorar.



Viajar dentro de um caminhão blindado era chato, Claire pensou. Ela conseguiu o banco do carona, o que era inútil, embora ela realmente tivesse uma espingarda, porque as janelas estavam pintadas por causa dos vampiros e ela não podia ver nada. Michael dirigiu em silêncio com um murmuro ocasional de *desculpe* quando o caminhão pesado dava um solavanco. Ele não foi feito para solavancos. Nem um pouco. Eles três na traseira estavam sendo arremessados ao redor como loucos — não, *dois* deles, Eve e Shane. Myrnin tinha pego o único assento, um trono de veludo com um cinto de segurança. Obviamente tinha sido construído para Amelie. Havia cintos de suspensão para, bem, cabides, e Shane e Eve estavam agarrados a eles, não que isso ajudasse muito.

— Eu acho que vou vomitar — Shane falou, o que foi recebido por um coro de *melhor não*. Ele não estava falando sério, pelo menos. Ou Claire *esperava* que ele não estivesse. — Você poderia preencher essa coisa com água e detergente e lavar roupas nela. Será que também dá choques?

— Pare de reclamar — Myrnin disse, sentado perfeitamente confortavelmente em seu assento de veludo. — É o veículo mais protegido que você poderia possivelmente querer estar dentro. É à prova de balas, à prova de luz, e mais importante, à prova *d'água*, embora se você pudesse, por favor, não testar isso dirigindo em qualquer piscina profunda, eu apreciaria isso.

Michael olhou de lado para Claire e disse: — Você poderia, por favor, ver se você pode fazer ele calar a boca antes que Shane dê um soco nele ou eu dê?

— Myrnin — ela disse, cansada, — cale a boca.

— Você me machucou.

— Ainda não, mas por enquanto.

Myrnin não respondeu, mas o seu sorriso, que Claire vislumbrou por cima do ombro, foi o suficiente para fazê-la querer bater nele de qualquer maneira. Ele estava claramente se sentindo melhor.





Os solavancos abrandaram para um rastejar, finalmente, e Michael disse: — Eu posso ver a estação de tratamento à frente. Os portões estão fechados. Você quer que eu passe por cima?

— Sim. Quanto menos tempo gastarmos a pé, melhor — Myrnin disse. — Passe por cima do portão de qualquer jeito e nos leve tão perto quanto possível para a entrada principal. Sem conversa quando chegarmos, nós simplesmente vamos nos *mover*, e todos devem conhecer os seus postos de trabalho. Michael, você e Eve vão ficar para trás para travar o veículo; nós não queremos nenhuma surpresa desagradável e úmida esperando por nós quando voltarmos. Quando estiver bloqueado, vocês entram e vão para o segundo andar no lado norte. Estão claramente marcados como os painéis de controle manual de válvula no final do corredor; feche todas e volte para evacuar o veículo imediatamente. Vocês vão se afastar menos, então vocês devem voltar para o caminho mais rápido. É por isso que você vai ficar com as chaves.

— E se algo acontecer? Essas são as únicas chaves?

— Sim — Myrnin disse, — por isso não deixe nada acontecer, de jeito nenhum. Eu prefiro profundamente não ter de resgatar ninguém neste passeio em particular. Shane, você e Claire vão assumir os controles das válvulas manuais do segundo andar, no lado sul. Vocês têm uma distância maior para ir, então vocês devem fazer o mesmo que Michael e Eve — desligar as válvulas e correr de volta para a van.

— E quanto a você? — Claire perguntou.

— Eu vou estar no centro do primeiro andar, na sala de controle principal na extremidade leste do prédio. Eu estarei lá para desativar os painéis de inicialização e programar o sistema para reverter o fluxo dos tubos. Esse processo vai levar mais tempo.

Shane levantou a mão. — Uh, perguntas?

— Sim?

— Você não projetou esta planta, não é? Não é feito de... eu não sei, entranhas de vaca e volantes de motor ou nada disso?

Myrnin deu-lhe um olhar frio e indiferente e disse: — Na verdade, isso foi construído por uma empresa de engenharia de Houston, eu acredito. Na década de 1950. Há uma triste falta de entranhas de vaca ou de outra coisa. É só isso?

— Suponho que sim. — Shane deu de ombros. — Ei, está tudo bem se eu usar o lança-chamas dessa vez?

— Alguém pode parar você? — Myrnin perguntou. — Absolutamente.





Shane sorriu e colocou as alças, levantando a engenhoca nas costas e verificando a chama da ignição para ter certeza de que estava ligada. — Estou pronto para ir.

— Espere — Michael disse, e apertou o acelerador. Shane e Eve gritaram e se agarraram a seus cintos em pânico com as duas mãos. Claire sentiu que eles estavam balançando pelo espaço cegamente, e ela lutou contra o impulso de gritar com ele para abrandar, porque ela não podia ver, mas ele podia, e então houve um tremor, o caminhão bateu com força, e ele bateu nos freios para fazê-lo parar derrapando.

O repentino silêncio durou apenas um instante antes de Myrnin berrar: — Se movam, agora! — E avançou em uma velocidade de vampiro, abrindo as portas traseiras. Shane se mexeu atrás dele e trouxe Eve para baixo enquanto Michael saía do lado do motorista e Claire saía do lado do passageiro. Michael trancou as portas com uma chave de segurança eletrônica e entregou-a a Eve.

— Você segura as chaves — ele disse. — Para segurança.

Ela deu a ele um olhar curioso, mas pelo menos ela não estava mais com raiva. Apenas... em conflito. Em seguida, os dois correram atrás de Myrnin, que já tinha desaparecido no interior.

Shane pegou a mão de Claire na sua. A estação de tratamento de água era uma expansão de massa de concreto, tubos, e sombras, e nada se movia.

Acima de suas cabeças, um trovão retumbou, e parecia que as nuvens estavam crescendo mais grossas. Sem chuva ainda, mas estava vindo. Os *draugs* podiam realmente *impulsionar* as nuvens? Fazê-las irem para onde eles queriam? Isso parecia impossível, mas, por outro lado, o pensamento de algo capaz de quebrar-se em gotas e reformas individuais era impossível também.

— Fique comigo — Shane disse, e ela balançou a cabeça. O peso de sua espingarda era pesada em sua mão direita, mas não desacelerou-a enquanto ela corria atrás de seus amigos, no escuro.



A estação de tratamento de água tinha um cheiro horrível, ovos podres misturados com vômito, e Claire não esperava por isso. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela tossiu e engasgou e fez um movimento de ventilação completamente inútil na frente de seu nariz, como se o fedor fosse algo que ela pudesse enxotar. Shane parecia incomodado também, mas impassível sobre isso. — Cano estourado, provavelmente — ele disse. — De esgoto. Tente não respirar muito profundamente, mas mantenha a respiração. Você vai se acostumar com isso.





— A parte de não-respire-profundamente é fácil — ela disse. — Isso é realmente nojento.

— Eu já te dizer que eu trabalhei pegando lixo e animais mortos? Um dos muitos empregos glamourosos que eu tive em Morganville. Nem todo mundo pode ser uma estrela do rock ou uma assistente de um cientista vampiro louco. Alguém tem que limpar a porcaria. No meu caso, literalmente.

As luzes estavam acesas no edifício, mas elas pareciam turvas e descoloridas de alguma forma, e elas piscavam de vez em quando. A rede elétrica não era muito estável, Claire imaginou, ou então o lugar estava funcionando com energia de emergência. Ela pegou a pequena lâmpada de LED que tinha presa ao seu cinto de sua calça jeans — ainda estava lá. Não era super brilhante, mas ajudaria. Eve tinha trazido uma coisa enrolada de alumínio que poderia se desdobrar e virar um taco de beisebol, é claro que ela também tinha enfeitado com cristais, tão típico de Eve. Sempre encontrando um uso divertido para a pistola de cola que a natureza nunca imaginaria.

Havia escadas indo para cima e para baixo. — Segundo andar — Shane disse, e ela balançou a cabeça. Eles subiram rapidamente, mas em silêncio, e quando chegaram ao patamar do segundo andar, Claire ouviu algo que soou como um jorro distante de água através de tubos e, em seguida, as luzes só... falharam. Em seguida, elas voltaram novamente, piscando.

— Isso não é bom — Shane disse. — Vamos. Por aqui.

O corredor era longo, reto e simples, exceto pelos tubos sobre suas cabeças que causavam vazamentos... algumas gotas lentas, algumas prateadas (ou marrons) correntes de água que criavam piscinas grossas no chão. O cheiro era mais forte aqui. Certo, Claire pensou. *Evite a água marrom a todo custo.* Não que a água aparentemente clara fosse mais segura; era apenas menos repugnante.

— Se afaste — Shane disse, e desenganchou a pistola do pacote em suas costas. Ele manuseou o interruptor de ignição na lateral, e a chama azul saiu, assobiando ligeiramente. — Fogo no buraco!

E ele desencadeou um fluxo incrivelmente denso de chama que rolou sobre as poças, cozinhando-as até a fervura. Quando ele tirou o dedo do gatilho e as chamas morreram, Claire piscou para trazer os olhos de volta para o foco do pós-lança-chamas, e procurou por qualquer sinal de *draugs*.

Nada. O caminho parecia limpo.

— Vamos! — ela disse, e correu para a frente. Shane acompanhou ela. Ele tinha a pistola ainda pronta e acesa com a ponta faiscando, mas eles não precisaram; além de respingos, as piscinas de água não produziram quaisquer seres do mal, pegaram os pés deles, ou fizeram qualquer coisa. Eles correram





sem fôlego para o final do corredor, e Claire apontou para um painel de interruptores marcados com placas vermelhas à direita deles. VÁLVULA MANUAL DE FECHAMENTO DE CONTROLE, dizia. UTILIZAR SOMENTE EM EMERGÊNCIA AUTORIZADA.

— Eu acho que isso se qualifica — Shane disse. As válvulas estavam cobertas com painéis de vidro, mas havia um pequeno martelo pendurado em uma corrente, e ele a usou para quebrar todos os painéis, um após o outro. — Você começa a partir desse último. Eu começo deste aqui.

Era um plano bom até que Claire tentou virar a válvula — era grande, pesada e, mais importante, não havia sido mudada (provavelmente) desde que eles tinham colocado o vidro sobre elas na década de 1950. Ela tentou, mas ela simplesmente não estava se movendo. Shane estava girando a sua primeira, com dificuldade, mas Shane tinha cerca de dez vezes mais a força dela.

Ela enfiou sua espingarda através do raio da válvula e usou-a como uma alavanca, com o cuidado de manter as mãos longe do mecanismo de disparo. Com um profundo suspiro metálico que vibrou através do chão, a válvula começou a virar. Quando ela girou, ficou um pouco mais fácil, e ela apertou-a com força, tirou a arma e moveu-se para a próxima.

— Claire — Shane disse.

— Quase consegui! — Ela rangeu os dentes e flexionou os ombros, e a segunda válvula gritou como a ferrugem caindo em flocos livres.

— Claire!

Ela olhou para cima desta vez, e viu que ele estava de costas para ela, para o corredor. Pela expressão em seu rosto... ela não queria olhar.

Mas ela tinha que olhar.

Os *draugs* estavam se aproximando em silêncio absoluto, deslizando pelos corredores de metal, como fantasmas. Homens idênticos, todos cinza e indistinguíveis e ainda assim muito errados, ondulados e desossados.

Devia haver vinte deles vindo em sua direção.

— Para trás de mim — Shane disse.

— Eu não terminei! — Ela começou a mover a válvula de novo, a última, e saiu mais ferrugem em flocos enquanto o metal guinchava e se virava centímetro por centímetro relutantemente. Suas mãos escorregaram, lisas com suor e, em seguida, Shane estava ao lado dela e agarrando a alavanca improvisada da espingarda e aplicando a sua própria força nela. Ele virou outra metade do círculo, e apertou.

— É isso aí, estamos fodidos — ele disse, e puxou a arma para entregar a ela. Ela quase a deixou cair, mas manteve sob controle e apontou-a para o *draug* se aproximando. *Pressionando em seu ombro*. Ela já estava machucada lá, mas





mais alguns hematomas eram um pequeno preço a pagar. Ela olhou em silêncio para Shane, e ele deu um passo para a frente, agarrando o bico do lança-chamas. Ele apertou o botão de ignição, e quando a chama azul saltou para a vida, ele sorriu ferozmente.

— Eu amo este trabalho — ele disse, e ele provavelmente teria acrescentado algo mais além disso, algo espirituoso e engraçado, mas antes que ele pudesse, o *draug* mais próximos a ele estendeu a sua mão, que se estendeu impossivelmente longe e se transformou em água, clara e sem forma, e bateu no bico com um tapa molhado e escaldante.

Isso abafou a chama da ignição.

Shane olhou para baixo, chocado, e apertou novamente o botão. Então de novo. Ele tinha um som de clique, mas nenhuma luz vinda da ponta.

— Porra — ele sussurrou, mas ele não perdeu tempo com pesar; ele só guardou o bico e pegou a espingarda da plataforma em suas costas. — Claire, escadas. Agora.

Ela já estava correndo. Por cima do ombro havia a luz fraca de uma placa de saída, com a figura reconfortante de um pequeno e magro homem descendo as etapas. Ela recuou em direção a ela e parecia claro... mas o corredor parecia claro quando eles vieram dessa direção também. Os *draugs* eram mais do que nojentos — eles eram inteligentes. Realmente inteligentes.

Ela chutou a porta para abrir, e não viu nada. Mais uma vez. Sem escolha, na verdade; os *draugs* estavam progressivamente avançando em direção a eles agora, e Shane estava guardando seus tiros de espingarda para a hora certa. Eles dois poderiam acabar com talvez metade dos *draugs* que eles estavam enfrentando. Fugir era a única opção.

— Vamos lá! — ela gritou, e correu os primeiros seis degraus. No meio do trajeto, onde as escadas se viravam, ela olhou para trás. Shane estava apoiado na porta, e agora ele descarregava uma explosão ensurdecadora de sua espingarda, saltava e batia a porta. Em seguida, ele apertou o botão de abrir o lança-chamas. Seu peso pesado ressoou no chão de metal, e ele agarrou o bico solto e prendeu através da maçaneta da porta para mantê-la fechada. Isso não iria parar os *draugs* por muito tempo, se é que fosse parar eles, mas ele tinha feito o que podia.

Ele estava descendo em direção a ela quando ela ouviu o som... como água através de tubos, mas diferente desta vez. Mais perto. Ecoando.

E ela viu o dilúvio de onda inundar para baixo dos degraus do andar de cima, espesso e escuro.





Ele atingiu Shane na parte de trás e o derrubou. Então, em vez de continuar a cair para baixo nos degraus como a gravidade exigia, a onda apenas... parou, formando uma bolha trêmula e grossa, e consumindo ele.

Ele flutuou no líquido, como se a onda tivesse mais densidade do que a água de verdade. Ele estava se debatendo, mas não causava nada.

— Não! — Claire gritou e levantou a espingarda, mas não havia nada que ela pudesse fazer; se ela atirasse estaria atirando nele, e ela não podia, *não podia*.

Mais líquido desceu correndo os degraus em direção a ela, e ela viu seu rosto através da lente distorcida do líquido o afogando, viu o medo e a raiva e o horror, e ela o viu dizer alguma coisa. Talvez fosse o nome dela.

Talvez tenha sido apenas *corra*.

Ela correu.

O líquido serpenteava atrás dela, mais como tentáculos do que uma onda agora, se agarrando e estendendo a mão para ela enquanto ela se atirava para a frente e virava na escada. Shane não estava no caminho agora, e ela atirou violentamente em cima da coisa. O barulho a atingiu como um golpe físico, e o martelo da espingarda atingiu seu ombro com força brutal. Ela quase não sentiu, porque a dor real estava lá dentro, onde ela estava gritando o nome de Shane.

Eu deixei ele. Eu deixei ele.

A força da explosão da espingarda empurrou-a para trás, fora de equilíbrio, e ela caiu os últimos degraus. O espalhamento de prata atingiu a forma do *draug* com uma força impressionante, rasgando ele ao meio, mas só fluiu até as escadas em retirada. Ele deu um grito horrível estridente.

Ela não podia ver Shane.

Eu deixei ele.

A porta se abriu atrás dela, e uma mão agarrou seu ombro e puxou-a para trás. Ela lutou cegamente, tentou fazer com que a arma se virasse, mas uma mão fria e pálida agarrou o cano e segurou-o para longe, e então ela percebeu que era Myrnin. Ele olhou por cima dela e viu o *draug* que fluía os degraus para baixo em direção a eles, e sem dizer uma palavra, agarrou-a pela cintura, a levantou, e saiu correndo.

— Não! — ela gritou, e lutou para se libertar. Ela perdeu a espingarda no processo, mas não importava agora; a única coisa que importava era que ela tinha que fazê-lo entender que eles tinham que *voltar*. Ela continuou gritando enquanto as paredes passavam em velocidade de pesadelo, e houve um som em torno deles que abafou até mesmo seus próprios gritos angustiados, algo brutal, triunfante e terrível. Havia *draugs*, também. Ela podia vê-los chegando





até eles, mas Myrnin disparou sua espingarda com uma mão para limpar o caminho e nunca parou, nunca hesitou. — Não, volte!

Em seguida, eles estavam fora, e Michael e Eve estavam no motorista e assentos de passageiro do caminhão. Claire os viu em um borrão coberto de lágrimas quando Myrnin passou por eles, abriu a porta de trás, e jogou seu corpo no interior. Ele entrou, fechou a porta e gritou: — Vá! Agora!

— Onde está Shane? — Eve perguntou. Ela virou-se, olhando, e o horror de entendimento em seus olhos não era nada em relação a fúria enegrecida e o terror dentro de Claire. Ela agarrou-se à porta, mas Myrnin a manteve imóvel.

— Ele se foi — Myrnin disse, sem tirar aqueles olhos escuros do rosto de Claire. — Shane se foi.

O rosto de Michael estava sombrio e pálido. — Nós não podemos só...

— Ele está *morto* — Myrnin disse, e era tão frio e cortante de um jeito que ela já nunca tinha ouvido ele dizer. — Ele está morto e você vai matar a todos nós se você não nos tirar daqui, agora. Você quer ver como a sua linda Eve vai parecer nas piscinas deles, sugada até os ossos? Porque eu prometo a você, Magnus vai fazer você assistir.

Michael vacilou, e hesitou, e então...

Então ele colocou o caminhão em sentido inverso e não importava o quanto Claire tentou gritar, lutar, *pará-lo*, ele foi embora.

E deixou Shane para trás.





CAPÍTULO 7

SHANE

Quando o líquido do *draug* me cercou, fluiu sobre mim como um xarope, tudo apenas... ficou branco por alguns segundos. E então ficou preto.

E então eu só... acordei.

Surpreendeu-me a facilidade com que eu me soltei.

Em um segundo eu estava preso naquele líquido pegajoso e doloroso — morte por afogamento em água-viva — e no próximo eu estava arranhando para ficar livre, *para cima*, e encontrando as bordas das bolhas que me mantinham prisioneiro. Eu estendi a minha mão para fora, em seguida, meu cotovelo, e então o meu rosto quebrou a superfície e eu engasguei para ar quando eu fiquei totalmente livre. Eu estava enlameado e nojento, e eu fui picado por toda parte, mas isso não importava. Eu escorreguei no resíduo grosso dos *draugs* e tentei seguir Claire para baixo — mas parte dessa coisa se separou e voltou para mim.

Eu subi em vez disso, subindo dois e três degraus de cada vez. Ultrapassando-o.

Eu voltei para o segundo andar e, em seguida, continuei, porque a porta que eu ia atravessar estava tremendo e havia líquido que fluía em torno das bordas. Os *draug* estavam muito irritados.

O piso superior.

Eu bati a porta de saída com força e tropecei para fora do deck. Esta área tinha principalmente escritórios, portas trancadas, e eu precisava chegar às escadas principais no centro. Eu precisava encontrar Claire, Michael e Eve e dar o fora daqui, agora, antes que os *draugs* me pegassem de novo... mas um pensamento passou pela minha cabeça, se eles estivessem atrás de mim, talvez isso daria para todo mundo uma chance de ficar longe deles.

Estaria ok, se fosse assim. Não que eu não preferisse viver, se tivesse como.





Não parecia haver qualquer *draug* deslizando em direção a mim, o que foi uma bênção temporária. Minhas roupas estavam encharcadas, e o ardor só piorava, como se eu estivesse rolando em um milhão de minúsculos cacos de vidro. Eu podia ver o sangue rosa se espalhando através do tecido úmido da minha camisa. Eu precisava ficar limpo e seco, rápido; quaisquer que sejam os pedaços de *draugs* que ainda estavam em mim, estavam tentando se alimentar, e eu não tinha ideia do que isso significaria. E se eles entrassem dentro de mim? Eu tive uma visão de parasitas alienígenas explodindo no peito que me fez querer vomitar o gosto de lodo podre.

Por uma fração de segundo, que parecia tão real que era aterrorizante. *Eles estão me comendo. Me comendo vivo.* E então uma espécie de calma estranha se estabeleceu, porque eu estava bem, eu estava vivo, eu ia conseguir. Eu apenas sabia disso.

Porque eu era Shane Collins, e o fato de que eu ainda estava vivo era um milagre em curso de qualquer maneira.

Mas as roupas tinham que sair.

Eu abri uma porta do escritório com um chute e encontrei um armário que continha macacões extras. Eu tirei a minha roupa, me enxuguei com uma bandeira esportiva presa na parede (finalmente, um bom uso para uma lembrança da UPT), e coloquei o macacão. Ele era um tecido alaranjado grosso com tiras reflexivas brancas nas mangas, costas e pernas, e eles quase não couberam. Se eu fizesse um monte de flexão, isso iria ficar interessante, mas rasgar as calças era a menor das minhas preocupações. O ardor diminuiu para uma dor constante e maçante, e eu encontrei um par de botas de trabalho pesadas que eram apenas um pouco pequenas. Eu as deixei desatadas.

Então eu tentei a escada principal.

Nada bom. Os *draugs* estavam no caminho. Eles tinham retomado para os seus disfarces humanos, e todos eles estavam se movendo propositadamente em direção à frente da saída onde a picafe estava estacionada, provavelmente ainda esperando por mim, porque eu sabia que Claire não ia sair sem mim. Michael e Eve não gostariam disso tampouco, mas Myrnnin? Esses sugadores de plasma idiotas me deixariam em um segundo, e eu sabia disso.

— Só por cima do meu cadáver — eu sussurrei, mas muito, muito calmamente, porque isso era bem provável no momento. Então, eu não poderia descer.

O que restava o telhado.

Não tinha como eu usar as escadas que eu usei para chegar até aqui, mas havia coisas funcionando no topo — ar condicionados, pelo menos — que as pessoas precisavam fazer manutenção, por isso, tinha que haver acesso por





algum lugar. Eu encontrei um caminho de evacuação além do elevador morto e silencioso, e ele mostrava acesso ao telhado sobre as outras escadas de incêndio. Eu fui nessa direção, me movendo tão silenciosamente quanto pude. Os *draugs* não pareciam realmente interessados em mim agora, mas isso podia mudar a qualquer momento. Eu precisava chegar até Claire, para me certificar de que ela estava bem. Ela tinha corrido escada abaixo, e talvez ela tivesse fugido, mas e se ela tivesse corrido em outra armadilha? E se eles tiverem pego ela?

Eu encontrei a porta do telhado. Nenhum bloqueio, mas era alarmada, de acordo com a placa vermelha e grande. Ótimo; empurrar significava que eu estava dando aos *draugs* um sinal de néon grande que dizia FUGITIVO IDIOTA AQUI. Não há muito o que eu pudesse fazer sobre isso, no entanto; Ou era soar o alarme e esperar encontrar uma fuga, ou ficar aqui e esperar que eu pudesse manter afastado as coisas que os vampiros achavam horrível e estranho.

Eu pressionei o trinco na porta de saída. O alarme soou um zumbido estridente e monótono, que me atingiu como um picador de gelo através do ouvido, e eu corri para longe. Os sapatos pareciam estranhos nos meus pés, moldados para equilibrar outro cara; o frio invernal e úmido rapidamente ensopou o tecido grosso do macacão, e eu tive a preocupação por um segundo louco de que ele iria dissolver em volta de mim como um lenço de papel, deixando-me correndo nu em botas de trabalho em um telhado enquanto os *draugs* apontavam e riam antes de me comerem.

Algo estava me comendo. Por um segundo incandescente, eu senti a picada, mas isso não estava certo. Eu tinha trocado de roupa, eu tinha me limpado. Podia haver resíduos de *draugs*, mas não seria o suficiente para me machucar.

Eu estava bem.

Lá em cima, um trovão ressoou e relâmpagos dançaram nas nuvens.

Eu caminhei até a borda do telhado e olhei para baixo. Não havia corrimão; este não era um terraço ou varanda — tinha apenas cascalho e piche, e uma queda acentuada de três andares em linha reta até um estacionamento.

E uma picape grande, blindada e cinza que ainda estava parada justamente onde eles tinham deixado. É claro que eles estavam bem. Eu acreditava nisso, eu *sabia* disso. Assim como eu sabia que eles não iriam me deixar para trás.

Ardor. Uma onda de tirar o fôlego mais uma vez, piscando em cima de mim e, em seguida, desaparecendo em uma onda de calma. *Está tudo bem. Olha, eles estão aqui. Eles estão esperando por mim. Estamos bem.*





Eu vi a porta do lado do motorista se abrir e Michael sair do estribo. Mesmo com a luz cinza e turva, seu sorriso feroz brilhou junto com o seu cabelo loiro. — Qual é a da roupa de prisão? — ele gritou.

— Você me conhece. Eu passei tanto tempo atrás das grades, eu sinto falta da moda. — Eu olhei para a queda. Não tinha nada melhor. — Eu estou encurralado, cara. Claire...

— Ela está aqui, enlouquecendo. Ela nos fez voltar por você. Acho que ela está prestes a estacar Myrnin, e eu, e talvez Eve se não deixarmos ela ir atrás de você, por isso nos salve, traga o seu traseiro aqui em baixo.

— Uh, eu adoraria, mas eu não sou metade do super-herói que você é. E eu deixei o meu traje de Homem-Aranha em casa.

Michael ficou sério. Em um movimento rápido, ele estava fora da van e pulando em cima do telhado como um gato grande e perigoso.

Ele estava olhando para mim, e com uma voz calma e clara, ele disse: — Pule.

— Cara, eu não vou pular.

— Estou falando sério.

— Quer dizer que você vai me pegar como uma donzela em perigo? De jeito nenhum, cara.

Ele não disse nada. Eu não disse nada. Nós apenas olhamos um para o outro, e então eu senti uma respiração úmida de frio na parte de trás do meu pescoço, e eu sabia, sabia que os *draugs* estavam lá, eles estavam levantando-se para fora das poças do telhado, escorrendo para fora das nuvens, vindo do líquido da escada...

Algo estava me comendo. Parte do meu cérebro estava gritando, mas a onda grossa de calma desceu novamente, sufocando-a. *Está tudo bem. Tudo está bem.* Pule.

Eu pulei.

Não era uma espécie de coisa de herói, eu não fiz um mergulho de cisne ou soltei um grito guerreiro ou qualquer coisa. Eu provavelmente parecia estúpido como o inferno, na verdade. Pareceu durar uma eternidade, mas eu tinha certeza de que Claire poderia ter me dito exatamente quanto tempo levou para eu cair, matemática simples e tudo mais, e então algo me amorteceu e me colocou sob os meus pés novamente com um baque sólido, tão suave e rápido que era como se Michael não tivesse realmente me pego.

Que ele tinha, é claro, mas fingimos muito que isso nunca tinha acontecido.





— Vá para a parte de trás — ele me disse, e desceu para a cabine da picape. Eu pulei do teto da picape para o chão — *ai*, mesmo essa pequena distância doía nos joelhos — e eu abri a porta traseira.

Claire estava lutando com Myrnin, e por Deus, ela parecia que iria ganhar. Bem, provavelmente não, mas pela expressão em seu rosto, ela nunca iria desistir, nunca. Eu meio que congelei por um segundo, porque eu nunca tinha visto ela parecer assim, tão focada e queimando de raiva e tão...

Bonita.

E então ela me viu, e o seu olhar mudou, e era algo ainda mais surpreendente. Uma palavra que eu sempre tive problemas na escola: *transcendente*.

Mas era isso, bem isso.

Myrnin soltou-a sem dizer uma palavra, e ela voou para os meus braços com tanta força que eu quase caí para trás novamente. Sua pele estava macia e tensa, com seu musculo tremendo. Eu abracei-a com força, só por um segundo, e então fechei a porta com uma batida e tranquei. — Vai, Mikey! — eu gritei, e, em seguida, agarrei Claire novamente. Eu a beijei. Eu queria beijá-la para sempre. Não, isso não era verdade — eu queria muito mais do que isso, mas não ia acontecer na parte traseira de uma picape blindada com um vampiro maldito encostado no trono de veludo de Amelie, nos observando com uma expressão entre desgosto e desejo.

Claire parecia vaga e emudecida por um segundo quando eu a soltei, mas ela agarrou um apoio — eu — quando o caminhão saiu. — Ei — ela disse, — o que diabos você está vestindo?

— Eu fui fazer compras — eu disse. — O que você acha? Direto da passarela.

— Onde, no centro de detenção?

Brincar era cansativo, de repente, então eu recorri à verdade. — Eu tive que abandonar as minhas roupas. Elas estavam cheias de *draug*.

Ela estremeceu, e desabotoou a parte superior do macacão para ver as marcas vermelhas na minha pele. O sangramento havia parado, pelo menos, embora as piores mordidas tenham vazado através do tecido, fazendo com que pareça festivo ou terrível, dependendo de como o seu estado de espírito estava. Eu? Estava apenas feliz por estar vivo e ter a minha garota me segurando. Hoje, esse era um inferno de uma vitória. — Você não se machucou em qualquer outro lugar?

— Nós podemos explorar isso em algum lugar melhor do que este, mas eu acho que eu estou bem. Me safei limpo. Estou dizendo isso como uma metáfora, porque eu poderia realmente precisar de um chuveiro.





Então eu senti a picada de novo, quente como a chuva ácida. Eu me safei limpo... *Não, eu não consegui. Eu não me safei. Ninguém consegue. Algo está me comendo. Eu sei disso. Eu sinto...* Não. Não, eu estava bem. Tudo estava bem. Claire estava bem aqui, me segurando. Estava tudo *bem*.

— Você fechou as válvulas? — Myrnin perguntou.

— Uma delas estava dura — eu disse. — Todas as outras foram fechadas. Você não acha que eles conseguem abrir?

— Improvável. Magnus pode manifestar a força física suficiente para fazer isso, mas ele tem muito mais com o que se preocupar — Myrnin disse. — Eu envenenei a água com nitrato de prata. Eles não podem usar os tubos com qualquer segurança. Eu desacelerei eles consideravelmente, pelo menos.

A picape deu a volta e acelerou, o que foi um alívio. Eu estava com medo dos *draugs* darem uma corrida final e nos prender. Mas pelo rugido do motor, Mikey não ia deixar que nada nos impedisse agora, e se os *draugs* quisessem mergulhar no para-brisa, eu suponho que eles eram bem-vindos para tentar.

Myrnin sentou-se no trono confortável que era decorado com o símbolo da Fundadora no topo, e soltou um grande suspiro. Ele estava *sorrindo*. Não era típico dele, tampouco — tinha uma certa crueldade alegre no sorriso que me deixou feliz que ele não estivesse dirigido a mim.

— Vocês conseguem ouvir isso? — ele nos perguntou. Ele estava com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás contra o estofamento grosso de veludo.

— São os *draugs*? — Claire perguntou ansiosamente. — Eles estão cantando? Está atingindo você ou...

— Não cantando — ele disse, e o sorriso cresceu mais amplo. — Gritando. Eles estão gritando. E é adorável.

Havia algo estranho nele, eu pensei com um calafrio estranho e fugaz. O Myrnin que eu lembrava era um imbecil, mas ele não era um tipo sadista. Mas por outro lado, eu supunha que ele teve tanto medo dos *draugs* por tanto tempo que talvez uma pequena dança da vitória horrível podia não ser tão estranha.

Ele abriu os olhos e olhou para mim, e por um momento havia algo de errado nele. Algo não típico de Myrnin.

Isso dói. Não deveria estar doendo ainda. Algo está errado. Eu preciso... acordar... Não. Não havia dor. Eu estava bem. Tudo estava bem.

— Nós definitivamente devemos comemorar que nós não morremos — Myrnin disse. — Eu acredito que você é velho o suficiente para champanhe, não é?

— Sim — eu disse, e ouvi Michael e Eve formar um coro na frente.





— Não — Claire gritou, e suas bochechas ficaram adoravelmente rosas. — Oh, qual é, você já sabia disso. E, a propósito, nenhum de nós somos bebedores legais ainda.

— Somos velhos o suficiente para transportar lança-chamas — eu apontei. — e espingardas.

— Eu sei, e não é que eu recusaria. Eu só queria... lembrar. Nós não temos idade suficiente para *nada* disso.

Eu beijei a testa dela, porque isso foi tão... fofo.

Algo está me comendo. Oh Deus, eu posso sentir... a dor...

Mas isso estava errado, porque eu tinha escapado. Todos nós tínhamos escapado.

Tudo estava apenas... bem.



No momento em que chegamos a Praça da Fundadora, as coisas foram acontecendo. Nós não podíamos vê-las da parte de trás da picape, mas Michael retransmitia um fluxo constante de informação enquanto dirigia. Carros de polícia estavam acelerando para fora da área de segurança, em vez de entrar nela. Parece que a lavagem de nitrato através das linhas de água havia funcionado — funcionado melhor do que eles jamais esperavam. Os *draugs* estavam tentando escapar, mas eles tinham sido envenenados.

Eles estavam morrendo.

Você está morrendo. Acorda. Parecia como a minha própria voz, gritando por dentro, mas não fazia sentido, não fazia nenhum sentido. Tudo estava indo perfeitamente bem.

Estávamos tomando de volta a nossa cidade.

As próximas horas foram um borrão confuso. Oliver nos ignorou e nós pedimos para voltar ao quarto onde dormíamos, o que estava tudo bem, porque depois de todo o perigo e adrenalina eu estava exausto, e eu sabia que Claire e Eve estavam dormindo em pé também. Eu não acho que qualquer um de nós esperava que fosse assim tão rápido...

Claire e eu fechamos os nossos sacos de dormir juntos e adormecemos de conchinha. Eu pensei que eu ia dormir tranquilamente; eu tinha boas razões para isso, mas em vez disso eu continuei sentindo as picadas afiadas, agulhas cavando, ferroando e sondando dentro de mim, e mesmo que eu soubesse que era um sonho, apenas um sonho, que não era *nada*, isso me mantinha acordado.

Choramingando.





Com medo.

Algo está comendo você, Shane.

Não. Eu estava bem. Tudo estava bem.

Eu finalmente cochilei, acordei e encontrei Amelie de pé na porta. Eu não ficava muito impressionado com os vampiros, mas havia algo um pouco estranho em encarar a Abelha Rainha com o cabeça assanhado e mau hálito matinal. Eu acho que a coisa mais importante, porém, era que ela estava acordada, levantada, e realmente parecia melhor. Oliver estava com ela, parecendo um corvo preto com a cara feia, mas eu acho que era principalmente porque ele ainda estava procurando por uma briga.

Evidentemente, ele não ia conseguir.

— Magnus está ferido — Amelie disse para nós. Ela sentou-se, graciosamente em uma cadeira e fez parecer como se fosse sua própria ideia em vez de algo para impedi-la de cair. Ela estava com o seu cabelo para baixo, o que a fez parecer quase da nossa idade, embora não havia nada nos olhos da Fundadora que me fazia lembrar de juventude. — Ele está escondido agora, e os servos *draugs* dele estão morrendo rapidamente. Suas ações podem ter virado a maré. Eu não vou esquecer isso.

— Você — Oliver disse, e apontou para mim. — E você. — Para Michael. — Venham comigo.

Eu troquei um olhar com o meu melhor amigo, e ele deu de ombros, e nós nos levantamos e seguimos os dois vampiros para fora do salão. Claire queria ir junto, mas eu prometi a ela que eu não faria nada estúpido — embora ela provavelmente sabia que era uma promessa louca, vindo de mim.

A voz dentro da minha cabeça levantou-se a um grito ensurdecedor. *Você está quebrando todas as suas promessas. Você está desistindo, seu imbecil. Acorda!* Parecia ser mergulhado em água gelada, e por um segundo sem fôlego eu não conseguia respirar, não podia viver com a dor pungente disso.

Michael agarrou o meu ombro. — Você está bem, cara?

Sim. Claro que eu estava. Eu sempre estava bem, certo? Tudo estava bem.

— Estou liderando um grupo para pegar Magnus — Oliver disse a mim e Michael no corredor; ele apoiou Amelie com um braço debaixo dela, como se ele estivesse escoltando-a para alguma dança extravagante, mas era óbvio que ele estava mantendo-a de pé. — Eu quero que vocês dois venham com a gente.

— Bom — eu disse. Eu estava sempre pronto para um bom combate mesmo contra os *draugs* — talvez especialmente contra os *draugs*. Eu nunca iria conseguir tirar as imagens de Claire tão imóvel e machucada no chão da Glass House da minha cabeça, mesmo que ela estivesse bem agora. Aquele tinha sido o pior momento da minha vida, em uma vida com abundantes eventos





desse tipo. Eu tentei ao máximo não reviver como eu me senti ao vê-la daquele jeito. — Para onde vamos?

Oliver não se incomodou em dar informações, mas isso era típico. Ele nos armou, o que era bom — espingardas, que parecia sólida e mortal em minhas mãos. Em seguida, ficamos perto de uma fila de um bando de vampiros e até mesmo uma dúzia de seres humanos — surpreendentemente, o novo líder da resistência humana (todos os líderes da resistência eram nomeados de Capitão Óbvio) era um deles, ostentando a sua tatuagem de estaca eu-odeio-vampiros, mas carregando uma espingarda mesmo assim. Ele acenou para mim cautelosamente; eu balancei a cabeça para trás. Isso foi como uma conversa inteira para alguém como ele.

— Como eles meteram você nisso? — eu perguntei a ele sob a minha respiração à medida que começamos a nos mover em direção à saída. Amelie estava nos observando ir, como uma rainha enviando suas tropas para a batalha — de costas eretas, mão levantada, brilhando pálida e sólida como diamante.

— Temporariamente — o capitão disse. Seus olhos continuavam correndo em volta para os vampiros, não confiando por um segundo; eu conhecia essa sensação — inferno, eu vivi isso. — Inimigos comuns e toda essa baboseira, mas não é como se nós estivéssemos nos escrevendo para sermos melhores amigos. Estes vermes matam pessoas também. Isso é tudo o que me interessa. — Ele me deu um longo olhar. — Você?

— Os *draugs* machucaram alguém que eu me importo — eu disse. — E eles vão pagar por isso.

Era uma resposta aceitável, e ele sacudiu o queixo em aprovação — mas seus olhos estavam determinados e frios quando ele olhou de mim para Michael. Para ele, Michael era o inimigo. Eu me perguntei se isso iria mudar. Provavelmente não, não até que os vampiros mudassem isso. E vamos ser honestos, as chances disso eram pequenas. Ninguém gosta de abandonar o poder, especialmente o tipo que os mantém ricos, seguros e bem alimentados.

O Capitão Óbvio olhou de volta, direto nos meus olhos e disse: — Algo está comendo você. Acorde.

Algo está comendo você! Ouça!

Eu lutei contra essa onda novamente, desta vez quente e forte em vez de gelada, e caíu do outro lado como calma e águas paradas. — Eu estou bem — eu disse a ele. — Está tudo bem. Estamos todos bem.

— Claro que estamos — ele disse, e sorriu. — Estamos malditamente bem.

Os vampiros se apropriaram de mais ônibus de transporte para as tropas; estes eram ônibus escolares de Morganville. Ah, as memórias. Os assentos





baratos, o couro sintético brilhante cheirando a pastéis derretidos, mijo e medo; eu tinha conseguido apanhar um par de vezes em um ônibus assim como esse, antes de eu começar a revidar. Tinha sido justo, embora; eu tinha me metido quando Sammy Jenkins da nona série estava batendo em Michael da sexta série. Bons tempos.

Os vampiros, obviamente, não ligavam para o ambiente nostálgico, porque eles fecharam as janelas com uma batida e deixaram o ar úmido e frio rolar através do ônibus. A chuva tinha parado, e as nuvens estavam diminuindo e se afastando para longe para revelar um céu azul claro. Podia até aquecer um pouco, queimar as poças finas do asfalto.

O deserto estava sugando a água tão rápido quanto ela tinha caído. Dentro de um dia, a chuva seria uma memória distante. Foi por isso que os vampiros haviam se mudado para aqui – porque a água não resistiria. Ela dava aos *draugs* cada vez menos lugares para se esconder.

Você está se afogando, Shane. Acorda. Algo está comendo você. ACORDA!

Desta vez, eu quase podia ignorar. Quase. Exceto pela dor horrível e ardente que não ia embora. Não me deixava pensar.

Eu podia sentir a tensão e a antecipação dos vampiros ao redor de mim. Pela primeira vez em muito tempo, eles estavam indo para a guerra – contra um inimigo que tinha estado caçando eles, matando por vários anos. E eles estavam prontos. A violência no ar era espessa, e cada um deles parecia tão sólido como uma faca de osso. Quando Michael olhou para mim, seus olhos tinham ficado vermelho-sangue. Normalmente, isso teria me assustado, ou pelo menos me enojado, mas não agora.

Agora, eu desejava que o meu pudesse fazer o mesmo, porque o que estava queimando dentro de mim era tão brilhante, era justamente como carmesim. Eu queria machucar os *draugs* pelos que eles tinham feito com Claire.

Conosco. Comigo.

Isto não está certo...

Cale-se, eu disse ao que quer que estivesse na minha cabeça. *Nada está errado. Está tudo bem.*

Ninguém falava. Nem mesmo os outros seres humanos. Nem mesmo Michael. Nós apenas nos concentrávamos no que estava à frente de nós.

Uma luta, uma luta de verdade, genuína e direta. Eu estava com medo em algum nível, com medo de uma forma que eu nunca tinha estado antes, mas eu era parte de algo maior agora. Era essa a sensação de estar no exército, vestir um uniforme e, de repente, ser irmão (e sim, irmã) de pessoas que você não nem sequer gostava na vida privada? Eu imaginava que era, porque agora,





neste momento, eu gostaria de matar ou morrer por alguém no ônibus. Até mesmo os vampiros. De alguma forma, isso parecia errado, mas também parecia *certo*. Uma versão melhor da vida que eu tinha me esforçado para levar nestes últimos anos.

Eu iria até mesmo lutar e morrer por Myrnin, que estava sentado na frente. Ele tinha trocado de roupa. Eu gostava mais dele quando ele estava vestido como louco, mas ele estava de couro preto agora, e ele parecia malditamente perigoso. Eu fiquei contente que Claire não estava lá para vê-lo. Uma parte de mim sempre iria se preocupar com o que ela sentia por ele, por isso era melhor que ela não visse ele parecendo durão. Esse era o *meu* trabalho.

À medida que as nuvens se abriram, os vampiros abriram as janelas, e a tinta — por que diabos as janelas de um *ônibus escolar* estavam pintadas por causa dos vampiros, de qualquer maneira? Isso não fazia sentido...

Acorde, Shane!

A tinta impedia a minha visão de onde estávamos indo. Não que isso importasse. Eu tinha a minha espingarda, e eu estava pronto para a agitação. Era muito mais fácil fazer alguma coisa do que apenas... pensar.

Porque quando eu parasse para pensar, tudo se desfaria. Despedaçaria. Derreteria.



Acorda.

Nós fizemos uma parada, e os vampiros sentados atrás de mim abriram a porta de emergência; os de nós nas proximidades desceram por ela, e os vampiros se moveram em um borrão para o abrigo da sombra mais próxima, enquanto os seres humanos demoraram procurando onde estavam.

Era a escola de Morganville.

A pilha velha não tinha melhorado desde a última vez que eu tinha andado pelos corredores e faltado aulas. Tinha sido feia quando ela foi construída na década de 1950, e não tinha ficado mais bonita ao longo dos anos. Os tijolos sólidos, vermelhos e quadrados que continham manchas onde pessoas (inclusive eu) tinham riscado foram cobertos com tinta branca (todas danos, nenhuma arte). A placa do lado de fora tinha uma imagem do mascote da escola, uma víbora; nós todos sabíamos o quão estupidamente irônico era, mas agora eu meio que gostava de como as suas presas de plástico desbotadas brilhavam à luz do sol. Letras na própria placa diziam FECHADA PARA REFORMAS, mas eles não estavam reformando. Estava apenas fechada, como tudo em Morganville.





Com nenhum aluno correndo em volta, ela parecia estranhamente morta. Água escorria das calhas do telhado, mas lentamente; as chuvas fortes já tinham ido embora agora, e as poças no quintal estavam secas com uma crosta fina de areia molhada sob a grama escassa. Atrás da escola havia o campo de futebol, a única coisa importante nessa pequena cidade do Texas, mas nós não estávamos indo para lá, é claro.

Os vampiros quebraram uma das janelas grandes reforçada-com-aramede-aço nas sombras, e começaram a entrar. Eu me juntei a Michael e Capitão Óbvio. — Para onde diabos estamos indo? — Capitão Óbvio perguntou, o que era — *dã* — uma pergunta perfeitamente óbvia, na verdade.

E eu sabia a resposta sem sequer pensar nisso. — A piscina. — A escola tinha a sua própria piscina interior. Eu tinha estado na equipe de natação, então eu sabia tudo sobre isso. Não era uma grande piscina, e em retrospecto, eu estava surpreso que os vampiros tenham sido persuadidos a permitir que ela fosse construída, mas eu supunha que eles tinham imaginado que mais uma piscina no interior e fechada não faria mal.

Não. Eles fecharam a piscina. Esvaziaram ela. Envenenaram. Não está mais lá. Acorde, idiota.

A voz na minha cabeça não iria calar a boca. Claro que a piscina estava lá. Agora, os *draugs* sobreviventes tinham fugido para este ponto, este lugar onde eu tinha nadado e ganhado prêmios. Era um lugar pessoal para mim, e eles tinham violado.

Eles estavam presos.

Assim como você!

Eles estavam presos por causa das válvulas fechadas sobre os tubos e o nitrato de prata na água.

Acorde, Shane!

Eu atirei no meu primeiro *draug* através do corredor; ele estava escondido em uma sala de aula e escorrendo para fora das sombras para pegar um vampiro por parte de trás do pescoço. A vampira tinha ficado livre, e assim que ela estava fora da mira, eu gritei e disparei, e as balas de prata da espingarda rasgaram o *draug* em um respingar de líquido incolor que vaporizava no chão. Ele tentou se reformar, mas outro vampiro — Myrnin, em seu couro preto — pegou o que parecia ser um saleiro do bolso e jogou um pouco de pó metálico na bagunça.

Prata. Isso fez os fragmentos do *draug* ficarem em chamas, e quando a chama parou, não havia nada além de uma mancha de humidade no chão.

Myrnin mostrou as suas presas em um sorriso feroz, e nós seguimos em frente.





Nada tinha mudado na escola desde que eu tinha estado dentro — os mesmos armários, amassados e arranhados; as mesmas portas de sala de aula; os mesmos troféus nos armários. Eu tinha ganhado pelo menos dois deles.

Eles ainda estavam lá, com o meu nome brilhando sobre eles.

Você nunca ganhou nenhum troféu, Shane. Claro que eu tinha ganhado. Eu sempre quis, e eu tinha ganho. *Esta é uma fantasia — você não percebeu isso? Acorda!*

Cerca de uma centena de *draugs* depois, chegamos à piscina, e nós não tínhamos perdido uma única parte do nosso grupo ao longo do caminho. Mas a piscina era uma história diferente. Espingardas carregadas disparando com a prata em uma sala cheia de vampiros era uma maldita coisa perigosa e bonita, por isso apenas a primeira e segunda fileiras tinham que ter a potência de fogo; o resto de nós tinha de esperar até a primeira fileira ter que recarregar, e então nós nos empurrávamos para a frente, caíamos de joelhos e atirávamos constantemente na massa de *draugs* — os rostos idênticos, as não-pessoas frias e vazias com *coisas* tremendo por dentro — enquanto eles se aproximavam. A segunda fileira disparou sobre as nossas cabeças. Minhas orelhas ficaram dormientes rapidamente com a pancadaria, os rugidos demolidores das armas, mas eu não me importei. O que importava era fazer cada tiro contar.

Eu queria Magnus. Eu queria o bastardo que tinha começado isso, que era o dono, que havia *matado* Claire e quase me matado junto com ela, mesmo que eu tenha conseguido ela de volta.

Magnus, é claro, não se arriscaria.

Myrnin descobriu isso porque era o que Myrnin fazia; assim como Claire, ele era um pensador destacadamente, e enquanto o resto de nós caras normais e idiotas explodíamos os *draugs* na frente de nós, ele se afastou em direção à borda da piscina e se agachou. Ele tinha uma proveta na mão, reluzente e cheia até a borda com prata mortal e ele pousou-a para erguer a tampa.

— Ele está na água! — Myrnin gritou. — Mantenha-os ocupados...

Mas ele não teve tempo para terminar o que ia dizer porque Magnus estendeu a mão para fora da água, agarrou-o e arrastou-o para baixo.

Eu larguei a minha espingarda e corri para a proveta, ergui a parte de cima e esvaziei-a na água.

A prata dentro saiu para a água em um jarro tóxico. Myrnin estava segurando algo que tinha que ser Magnus, o *draug* mestre, o primeiro *draug*, e ele estava puxando-o implacavelmente em direção à prata.

E para ele.

Eu não podia ver Myrnin agora, porque a água passou de turva para preta, rodando com veias vívidas de prata. E, em seguida, fervendo.





Os vampiros estavam apenas parados ali, até mesmo Oliver, olhando para baixo na água. Ninguém estava se movendo. O Capitão Óbvio não iria correr para o resgate, tampouco.

Eu não vou mentir; eu poderia ter salvo Myrnin. Eu era provavelmente a única pessoa que poderia, que poderia ter sobrevivido a mergulhar em uma piscina furiosa em ebulição, onde os *draugs* estavam morrendo.

Mas eu não tentei.

Eu o deixei lá para morrer.

Assim como ele te deixou. Lembra? Deixou você para ser comido. Você precisa acordar. AGORA.

Ninguém tinha me deixado para trás. Eu estava bem. Eu estava muito bem.

É você lá dentro. Você está sendo consumido, Shane. Comido. Você não pode sentir isso?

Eu posso, por um segundo agonizante de horror absoluto. Eu me senti me despindo até ficar nu. Senti a invasão.

E então a calma caiu sobre mim, e estava tudo bem.

Tudo estava bem.

Sempre.



O relógio correu mais rápido depois disso.

O tempo entre a piscina e o décimo oitavo aniversário de Claire era um borrão transparente; eu não lembro de muita coisa, mas não aconteceu muita coisa para lembrar, tampouco. Amelie ficou ainda melhor. Os vampiros voltaram. Morganville foi reconstruída. Nada mudou de verdade — é assim que Morganville é. Ela só... existe.

Eu estava feliz. Estávamos todos... felizes. Claire chorou por causa de Myrnin, mas ela estava feliz que ele tivesse nos salvado, feliz que ele tinha morrido como um herói.

O herói de Morganville.

O mártir.

Você não é mártir. Você é um lutador. Então lute. AGORA. Pare com isso!

Tudo estava bem.

Com um ano do dia da festa de noivado deles não tão bem sucedida, Michael e Eve finalmente se casaram, na igreja com o padre Joe presidindo. Amelie deu a sua bênção, e eu tive que vestir um smoking e gravata. Eve usava um vestido vermelho-sangue. É claro que ela usava. Era Claire que parecia





uma noiva, na verdade; ela estava usando alguma outra cor, mas eu realmente não notei, apenas vi a luz em seus olhos e o sorriso em seus lábios enquanto Michael e Eve se beijavam sob o arco de flores. Eve jogou o buquê, e como de costume, seu arremesso era uma droga, especialmente de costa, porque de alguma forma ela conseguiu jogá-lo para mim. Eu joguei-o de volta. Na segunda tentativa, ele atingiu Monica Morrell, a Rainha Vadia, o que não iria acontecer; ninguém no seu juízo perfeito faria isso.

Em algum momento, quando estávamos passando ao redor do champanhe e cortando o bolo e dançando, eu me lembrei de Eve girando em meus braços, alegre e úmida de suor, e ela me olhou nos olhos e disse: — Isso é mentira, Shane. É tudo mentira, e você sabe disso lá no fundo. Acorda. Você tem que acordar. — Mas então ela se foi, se afastando para dançar com Michael, e eu esqueci.

Era muito mais fácil simplesmente... esquecer. Deixar para lá. Ser levado pela corrente.

Eu acho que foi nessa época que eu fui ver a família de Claire. Sua mãe e seu pai tinham saído de Morganville por causa dos problemas de saúde dele mais do que qualquer outra coisa, embora ela tinha estado feliz em tê-los fora da briga; eles meio que se lembravam de Morganville, mas não dos vampiros. Eu fui sozinho com a permissão de Amelie, e acabei parado na frente dos pais de Claire — o pai dela parecia muito mais saudável, o que era estranho — para dizer-lhes o que eu estava pensando.

— Eu quero me casar com a filha de vocês — eu disse. Praticamente desse jeito... sem enrolar, porque eu estava nervoso e simplesmente saiu.

E o Sr. Danvers sorriu e disse: — Claro que sim. — Havia algo importante naquele sorriso, e também, alguma coisa... estranha. Era exatamente o que eu esperava ver. E isso era... estranho.

Não, não havia nada de estranho em conseguir o que eu queria para variar. Eu merecia ser feliz. Eu *precisava* ser feliz.

É uma mentira, Shane. Acorda.

A Sra. Danvers disse: — Shane, ela não poderia conseguir um melhor homem. — E seu marido concordou. Eu olhei para eles por alguns segundos em silêncio. Eu estava sentado na sala de estar deles, que se parecia muito com a sala de estar que eles tiveram em Morganville, mas por outro lado, eles teriam mantido o mesmo mobiliário, não é? Eu mesmo reconhecia todas as pinturas nas paredes. Eles colocaram de volta nos mesmos lugares.

A última vez que eu sentei com eles desse jeito, não tinha se saído muito bem. Ah não. O Sr. Danvers tinha ficado com raiva, e eu não tinha o culpado,





porque eu nunca tive a intenção de tudo ir tão rápido com Claire, mas eu disse que a amava e eu estava falando sério. Eu ainda estava.

— Vocês não estão com raiva? — eu perguntei finalmente. O Sr. Danvers riu. Soou como um daqueles pais em um programa de TV antigo, eu esqueci qual.

— Claro que não — ele disse. — Por que nós estaríamos? Você sempre esteve lá por ela, Shane. Você sempre cuidou dela. E nós sabemos que ela te ama.

Eu encontrei-me dizendo: — E as coisas que você disse da última vez? Que ela tinha que esperar até depois da faculdade? Sobre o ITM e uma carreira e tudo mais?

— Bem — a Sra. Danvers disse com aquele sorriso doce e caloroso que a minha própria mãe nunca tinha me dado, embora ela tivesse se esforçado para isso, — é a decisão de Claire, é claro, mas vamos apoiar o que quer que ela ache mais importante.

É tudo tão fácil, não é? Como um sonho. Exatamente como um sonho. Acorda. Eu não quero acordar. Eu gostava daqui.

Eu encontrei-me apertando a mão do Sr. Danvers, e recebendo um abraço da mãe de Claire, e prometendo ajudar ela com o casamento, e de repente eu estava no meu carro, quando eu tinha conseguido um carro? Eu não conseguia me lembrar, mas parecia que eu tinha tido o tempo todo, o meu próprio carro preto e brilhante dirigindo de volta para Morganville, com o anel de casamento da avó de Claire no meu bolso. Era um diamante com rubis em ambos os lados.

Não, esse era o anel da sua mãe. Seu pai penhorou, lembra? Para conseguir o dinheiro para mandar você de volta para Morganville. Você não queria que ele fizesse isso. Você não pode estar com ele agora, não é?

Claro que eu poderia.

Eu ia me casar.

O único problema era, nada disso parecia real enquanto os dias corriam. Não quando os dias passaram em uma neblina, não quando Michael e Eve se mudaram por conta própria e deixaram a Glass House para Claire e eu (e por que eles fizeram isso, era a casa de Michael, por que ele iria deixá-la para nós?).

Recém-casados precisavam do seu próprio lugar, Eve me disse, e piscou. Mas ela não parecia Eve mais. Ela era quase... uma sombra. Esfarrapada. A memória de alguém que eu tinha conhecido uma vez.

Mas Claire... Claire ainda era real. Não era? Eu não sabia dizer mais. Era como se eu estivesse olhando para nós, não sendo nós. Um espreitador em meu próprio corpo.





Não que isso fosse uma coisa ruim, às vezes, mas houve outros momentos em que o tempo parecia deslizar, e as paredes pareciam ceder, e tudo piscava... mas era apenas as máquinas do laboratório de Myrnin, Claire disse. Elas estavam funcionando mal. Ela tinha que consertá-las. Ela era responsável por elas agora. Amelie disse que ela era mais esperta do que Myrnin nunca tinha sido. A salvadora de Morganville.

Acorda! Você não pode ver o quão errado é isso?

Claire e eu nos casamos na igreja pelo padre Joe, e Eve e Michael foram nossa dama de honra e padrinho. Eve usava vermelho, e Michael usava o mesmo smoking, e ficamos sob o arco de flores, o mesmo arco flor que eles tinham se casados por baixo, e quando eu me virei parecia que era as mesmas pessoas, sentadas nos mesmos lugares, usando as mesmas roupas, e tudo estava pálido e remoto por um momento e eu senti o pânico me rasgando...

E, em seguida, Claire pegou a minha mão. Seus dedos pareciam agradáveis e gentis, mas eles beliscavam um pouco também. Ela me beijou, e tinha um gosto doce, salgado e picante também, como limão em um corte, mas esta era Claire e eu tinha que amá-la, porque eu a amava. O anel de ouro com diamantes e rubis dela brilhou em sua mão, e ela era a minha esposa.

O anel da minha mãe. Eu não posso ter o anel da minha mãe – ele desapareceu...

ACORDA.

Em seguida, os vampiros deixaram Morganville. Um dia eles apenas... desapareceram. Amelie deixou um bilhete, dizendo que ela estava deixando a cidade para nós e que ela confiava em nós para governá-la corretamente. Eve herdou a loja de café onde tinha trabalhado por tantos anos. Michael se tornou uma estrela do rock durante a noite e saiu em turnê, e eu nunca pensei em perguntar como ele estava conseguindo isso, já que ele bebia sangue e tudo mais, muito menos na luz do sol. Eu estava ocupado, veja bem. Ocupado sendo o novo prefeito de Morganville. O governo da família Morrell acabou, e Richard era dono de uma loja de carros usados e Monica trabalhava em um salão de beleza, até que um dia ela foi atropelada por um ônibus. Muito triste.

Você está inventando, Shane, na sua cabeça. Você tem que acordar agora, ou vai ser tarde demais.

E Claire, minha doce e bela Claire, ela ficou grávida seis meses depois que nos casamos. Eu só me lembro de partes disso, pequenas partes onde eu ouvia os batimentos cardíacos do bebê, via as ultrassonografias e Claire em trabalho de parto e chorando de alegria depois de toda a gritaria e, em seguida, o peso da minha filha em meus braços, e seus olhos azul-água arregalados e olhando para mim.





Tinha uma beleza antiga nisso, como em um filme antigo, e continuava parecendo cada vez menos com a minha vida e mais como um sonho, um sonho que sucumbia pelas bordas nos cantos dos meus olhos, um sonho que derretia, amassava e se escondia nas sombras.

Porque não é real.

Em seguida, foi como acelerar um filme, sem transição. Eu estava andando, e estava chovendo, apenas uma leve névoa fria e clara que formava gotas finas na minha jaqueta de couro. Eu estava tremendo, e eu não sabia por que eu estava fora na chuva quando a Glass House estava bem atrás de mim, com suas luzes quentes e Claire sorrindo pela janela com a nossa filha nos braços. Para onde eu estava indo? O que eu estava fazendo? Eu senti uma sensação borbulhante de pânico, e então eu virei a esquina e parei, porque o meu pai, Frank Collins, estava ali na minha frente, e ele disse: — Olá, filho. Eu venho tentando chegar até você.

Não era o Frank que tinha me abusado, me traído e me usado. Era o Frank que eu nunca tinha conhecido, que nunca tinha existido. Um homem amável com o rosto de Frank, e um sorriso de pai de TV, e olhos da cor implacável de água no vidro. — Pai — eu disse. Eu não me senti tão surpreso ao vê-lo, o que era estranho, porque ele estava meio que morto. — Como você está?

— Eu estou bem, Shane. Soube que você se casou.

— Sim.

— Você está feliz?

Era para eu ser feliz. Não, eu estava feliz. Eu estava. — Sim — eu disse. Dor me envolveu, assim como fez o tempo todo até agora, vermelha e quente, fria e gelada, ardente, roendo e moendo.

Algo está comendo você.

— Estou feliz que você esteja feliz — ele disse. — Você merece ser. Você me deixa orgulhoso, Shane.

Fiquei em silêncio por um momento, lidando com isso. Ele não piscou. Havia lágrimas que escorriam pelo seu rosto, o que era estranho, porque meu pai não chorava, nunca tinha chorado, nem mesmo quando a minha irmã, Alyssa, morreu.

Era como se o seu rosto estivesse derretendo.

— Você está morto, pai. E você nunca foi assim.

— Assim como?

— Um ser humano de verdade — eu disse. — Você nunca esteve orgulhoso de mim, ou, pelo menos, você nunca disse isso. Você sempre queria mais. Eu nunca fui bom o suficiente para você, antes mesmo de eu matar Alyssa.





— Você não a matou.

— Eu deveria tê-la salvado. A mesma coisa. Não foi você que me disse isso um milhão de vezes?

As lágrimas eram de gelo, e o gelo estava derretendo. — Me desculpe se eu disse isso. Eu não estava falando sério, Shane. Eu sempre tive orgulho de você.

Mentiroso. Mentiroso mentiroso mentiroso mentiroso.

Eu deixei isso para lá, porque por mais que eu sempre quisesse ter ouvido isso, desde sempre, havia outra coisa me incomodando. — Mas você está morto. — O Frank Collins que existia no laboratório de Myrnin era uma fraude, um fantasma, uma imagem bidimensional, um cérebro em um frasco, não esta pessoa de carne e osso, que nem sequer parecia certo. Eu estendi a mão e empurrei o seu ombro. Ele balançou para trás, real ao toque. — Este não é você.

— É o que você quer — o não-Frank disse. — É o que você sempre quis. Um pai orgulhoso de você.

— Eu quero uma vida de verdade! — Isso explodiu de mim em um berro, e eu sabia que era verdade, a única coisa verdadeira em um longo tempo. — Pai, me ajude.

— Eu tenho tentado ajudá-lo — ele disse. — Acorde, Shane. Você não pode conseguir o que deseja. Não é o que eu diria a você? Você não pode ser o herói. Você não pode desejar que os vampiros se afastem. Você não pode se casar com a garota perfeita e ter um pequeno bebê perfeito e conseguir o seu pai de volta vivo e reformado no modelo que você sempre quis. Mas agora você tem tudo isso. O que você chama isso?

— Uma fantasia — eu disse.

— É isso o que você quer?

— Não.

— Então acorde antes que seja tarde demais.

Seus olhos estavam com água, eles estavam *cheios de água*, e eu senti uma onda de terror cegante e nauseante. Eu senti aquele formigamento queimar de novo, por toda a minha pele. Eu até mesmo virei a esquina e me lembrei de virá-la, eu podia ver a Glass House bem na minha frente. Alguém havia pintado, e ela brilhava branca na chuva, e Claire estava me olhando através da janela, sorrindo, segurando o bebê.

Qual era o nome da nossa filha? *Eu deveria saber disso*. Mas eu não sabia. Eu não sabia.

Porque ela não existe. Acorda!





— Pai... — Eu olhei para trás. Frank tinha ido embora. Havia apenas a calçada, e uma névoa cinza, e a chuva, a chuva batendo no meu rosto, Pingando na minha pele. — Se eu acordar eu vou perdê-los. Eu posso perder tudo, menos eles. Pai... — Eu não queria isso, mas eu não queria deixar para trás. Eu não podia. Eu comecei a caminhar de volta para a casa, para Claire, para o bebê, cujo nome eu não tinha decidido ainda, para um futuro sem vampiros onde eu era respeitado e importante e o meu pai me amava e...

E eu sabia que eu não poderia ter isso.

Porque eu sou Shane Collins, e eu não consigo essas coisas.

Porque não é assim que o meu mundo é.

ACORDA!

Eu acordei.



Havia um pedaço de vidro em cima de mim, e água pingava em cima dele e escorria no meu rosto. Eu estava submerso na água, exceto pelo meu rosto. E tudo queimava.

A água era espessa, e virava rosa com o meu sangue.

Eu não tinha escapado dos *draugs*. Eu nunca tinha escapado. Algumas pessoas veem suas vidas piscar diante dos seus olhos; eu tinha piscado *adiante*, para todas as coisas que eu não poderia ver, não teria. Eu tinha escapado para os sonhos.

Eu era um prisioneiro dos *draugs*.

E eles estavam me comendo vivo.





CAPÍTULO 8

CLAIRE

Traduzido por Fernanda

Não! — Ela estaria gritando isso até que a sua garganta estivesse sangrando, mas Myrnin não a deixaria ir, e ela não conseguia fazer com que Eve ou Michael fizessem alguma coisa. Eve estava encolhida no banco da frente, chorando; Michael estava dirigindo e não olhando pelo espelho retrovisor para ela. Pelos vislumbres que ela teve de seu reflexo, seu rosto estava severo como uma máscara, mas havia lágrimas brilhando em seus olhos. Lágrimas e fúria. — Não, você não pode deixá-lo lá, você não pode! — Mas isso não era realmente o que ela queria dizer. *Eu o deixei*, ela estava gritando para si mesma por dentro. *Deixei ele lá. Eu abandonei Shane e eu não posso deixar isso acontecer. Eu não posso viver com isso. Eu deveria ter ficado.*

Myrnin estava murmurando baixinho, jorrando o que ela tinha certeza de que eram palavrões em uma língua que ela não conseguia reconhecer. Galês, talvez. Ele interrompeu-se para dizer com firmeza: — Já chega. Você não está ajudando-o desse jeito, está?

— Você não está ajudando ele de jeito nenhum!

Ele colocou os dois braços em volta dela, prendendo-a desamparada com as costas dela contra o peito dele, e foi como ser apertada em um torno de ferro. — Silêncio — ele disse suavemente. — Silêncio, agora. Se voltarmos, vamos morrer. Todos nós. Ele já se foi.

— Eles pegaram ele, você sabe disso, eles estão com ele, e eles... eles... talvez ele esteja vivo, talvez...

— Ele está morto. Não há nada para voltarmos. Sinto muito.

Ela gritou então, sem palavras, apenas um grito torturado que ecoou ao redor da caixa de metal. Soou como a voz de outra pessoa, a dor de outra pessoa, porque não importava o quão atormentado fosse, não podia sequer começar a abordar o quanto ela *estava machucada*.





Claire sentiu os lábios frios de Myrnin esfregarem na bochecha dela, e o ouviu murmurar: — Você nunca vai me perdoar por isso, *fy annwyl*. — E então ele moveu uma mão para a garganta dela e pressionou em um lugar específico, e em questão de segundos, o mundo virou um túnel cinza, em seguida, preto, e ela se foi.



Ela voltou a si novamente com a cabeça no colo de Eve.

Elas estavam sentadas no quarto improvisado deles, o grande salão de baile com as suas roupas abandonadas e sacos de dormir espalhados pelo chão, xícaras de café seco estavam apoiados em mesas antigas que tinham sido empurradas para a parede. A cabeça de Claire doía, sua garganta doía, e seus olhos estavam inchados, e por um momento ela não conseguia se lembrar o porquê. Eve estava silenciosamente acariciando seus cabelos. De cabeça para baixo, Eve parecia estranha. Seus olhos estavam vermelhos, e ela parecia muito abalada e triste.

Ela deu uma respiração profunda quando ela percebeu que Claire estava acordada. — Michael!

Ele estava lá em um flash ao lado dela, ajoelhando-se ao lado de Claire. Ele pegou suas mãos e puxou-a para um abraço.

Ele não disse nada. Nem uma coisa.

Ela não queria lembrar. Suas mãos fecharam-se em punhos atrás das costas dele, todo o seu corpo tremia com a necessidade de *não saber*. Michael estava tremendo também. Depois de um momento, ele a soltou e sentou-se, evitando os olhos dela enquanto ele limpava o rosto com um gesto de impaciência, mas não antes que ela visse as lágrimas.

— Ele não está morto — ela disse. — Ele não está. Eles o levaram. Eu vi eles levarem ele.

— Claire... — Michael balançou a cabeça lentamente. Ele parecia cansado, irritado, e... apenas abatido. — Myrnin disse que ele estava morto.

— Ele *não está*.

Foi a vez de Eve colocar os braços ao redor dela. Ao contrário de Michael, ela não estava chorando agora. Ela tinha acabado, Claire supôs, e como isso era justo? Que alguém pudesse *sequer* terminar de chorar? Como?

— Se eu acreditasse que houvesse uma chance, qualquer chance, eu já estaria indo — Eve disse. — Mas, querida, ele se foi.

Claire empurrou-a para trás com uma explosão de raiva incandescente. Ela se levantou em um pulo. — Myrnin me nocauteou — ela falou rudemente.





— Por quanto tempo? — Eles não a responderam até que ela chutou o saco de dormir flácido e gritou de novo. — *Por quanto tempo?*

— Cinco minutos, talvez — Eve sussurrou. — Claire, não. Nós não somos os seus inimigos, não faça isso... nós o amamos, também.

— Não amam! Não *o suficiente*, nem fodendo — ela retrucou, e deixou-os lá. Ela estava caminhando primeiro, em seguida, correndo. Ninguém tentou impedi-la. Ela voou através de corredores confusos, inverteu o curso, seu coração martelando, e tentou três rotas diferentes antes que ela visse o quarto no final com os guardas vampiros em pé de guarda.

Eles pisaram na frente dela com as palmas da mão direita estendidas em um claro sinal de *sem chance*. Claire abrandou, mas ela continuou andando. — Eu preciso ver Oliver — ela disse. — Agora.

— Ele não está disponível.

— Eu preciso vê-lo!

— Pare.

Ela não o fez. Ela não tinha certeza de qual era seu plano, porque agora não havia nada dentro dela além da necessidade queimando e rasgando de *fazer alguma coisa...* provavelmente 15 minutos haviam se passado desde que ela tinha visto Shane pela última vez, e ele ainda estava vivo, ela tinha *certeza* que ele estava. Alguma coisa tinha que ser feita. Alguém tinha que ouvir. Ela travou olhares com o vampiro à direita — ela o conhecia, ele era um dos funcionários regulares de Amelie, e às vezes ela o pegava parecendo, bem, não humano, mas acessível.

Agora não. Sua expressão estava dura como o concreto, e seus olhos castanhos claro eram frios. — Volte — ele disse. — Agora.

Ela não pôde. Ela não podia desistir, porque Shane não teria desistido dela. Ele teria lutado como um gato selvagem, fazendo com que o colocassem em uma gaiola ou o deixassem ir, e ela não podia fazer menos por ele, podia?

Demorou cerca de um segundo para o vampiro a alcançar, agarrar e levar de volta para o corredor. Ela chutou e gritou, mas isso não ajudou em nada, e o movimento rápido a fez ficar tonta e enjoada, desorientada, de modo que quando ele a jogou para longe, bateu e trancou a porta na cara dela, ela ainda estava muito tonta para ficar e lutar.

Claire gritou, chutou e golpeou a porta de madeira pesada com fúria cheia de pura adrenalina, até que ela entrou em colapso em uma pilha ofegante e trêmula ao lado da porta.

Então uma voz disse: — Você terminou?

Ela olhou ao redor, surpresa, e descobriu que não era a única ocupante da cela improvisada. Havia um par de camas de acampamento ali dentro,





algumas garrafas de água, e metade de uma caixa de barrinhas energéticas no chão próximo... e um menino que ela reconheceu. Ele era magro, e ele tinha uma massa de cabelos escuros gordurosos que caíam em seu rosto.

— Jason! — ela exclamou, e sentiu um aumento imediato de medo. O irmão de Eve não era alguém em quem se podia confiar, nem mesmo no melhor dos momentos, e estar trancada em um quarto com ele definitivamente não era o melhor dos momentos.

Ele estava sentado de pernas cruzadas sobre uma das camas, mastigando uma barrinha energética. — Eu odeio estar preso também — Jason disse, — mas ficar gritando na porta não vai te levar a lugar nenhum, e você está me dando dor de cabeça. Então, você ficou do lado errado dos vampiros, finalmente. Bom para você.

— O que você está fazendo aqui?

Ele riu secamente e estendeu as mãos. Elas estavam algemadas. — Trabalho de prisão — ele disse. — Eles me fazem carregar cartuchos de espingarda. Esse é o meu período de descanso, que você está estragando com toda a sua gritaria.

Claire ajoelhou para examinar a fechadura da porta (nova e boa) e, em seguida, as dobradiças (localizadas no lado de fora da porta, não de dentro). Então ela começou a olhar ao redor da sala. Sem janelas, como a maioria dos quartos deste santuário de vampiros. Nada além de quatro paredes, carpetes, painéis, e as poucas coisas fornecidas para conforto.

Seu olhar fixou em Jason. — O que você tem? — ela perguntou a ele. Myrnin, ou alguém, tinha revistado ela e não havia mais nada agora em seus próprios bolsos da calça jeans, exceto fiapos.

— Nem uma maldita coisa — Jason disse. — Por quê, você vai me revistar? — Ele riu. — Shane vai ficar seriamente puto com isso.

— Shane está em apuros — Claire disse, — e eu juro por *Deus* que se você não me ajudar, eu vou quebrar o seu dedo e usar o osso para destravar a porta.

Jason parou de rir e deu-lhe um olhar longo e estranho. — Você está tipo falando sério — ele disse. — Hum. Isso é sinistro, para você.

— Cale a boca e *ajude*.

— Não posso. Eu tenho o meu próprio rabo para salvar aqui. Se eu faço qualquer coisa fora dos limites, como tocar a porta, eu viro bolsas de sangue no frigorífico, se eu tiver sorte. Sentença de morte, lembra? — Ele sacudiu as algemas para dar efeito. — Eu estou trabalhando no meu apelo.

Claire o ignorou. *Pense. Pense!* Ela tentou, mas não havia muito para trabalhar. Água. Garrafas plásticas. Uma caixa de barras energéticas que vinham em invólucros metálicos...





Ela se lançou para elas, tirando a embalagem de uma barra, e começou a dobrá-la em movimentos cuidadosos e precisos.

— Sou a favor de passatempos, mas você acha que este é o momento para origami? O que você tá fazendo, uma ave?

Claire fez uma pinça metálica fina. Era flexível demais para servir para destravar a porta, mas ela procurou os rodapés. Uma coisa boa sobre a vida moderna — você nunca está longe demais de eletricidade.

Ela empurrou uma extremidade de sua pinça em uma das faces planas da tomada, em seguida, dobrou ela e colocou a outra extremidade do U no outro lado da tomada, completando o circuito. Levar um choque era inevitável, e ela cerrou os dentes e sentiu a dor; isso não iria matá-la. Ela tinha levado choque muitas vezes nas coisas do laboratório de Myrnin.

Ela rasgou um pedaço da caixa de papelão que guardava as barras energéticas e segurou-o perto da tira metálica. Ele começou a arder, então fumegar e, em seguida, uma borda fina de fogo lambeu o papel. Claire sorriu sem diversão e segurou o pedaço de papelão em chamas em cima do restante da caixa. Uma vez que estava em chamas, ela deixou-a cair no tapete, que — retardante de chamas ou não — rapidamente começou a fumegar e derreter.

O alarme de incêndio disparou.

— Puta merda — Jason disse. — Você é *louca*.

Vampiros levam o fogo a sério; era algo que iria matá-los rapidamente, e cada edifício na Praça da Fundadora era equipado com sistemas de detecção de incêndios grandiosos.

A fumaça subia acre, e Claire tossiu involuntariamente, então tossiu novamente. O cheiro era ruim. A tomada faiscou e um fio fino de fogo correu até a parede.

— Apague isso — Jason disse, já nem um pouco divertido. Quando ela não o fez, ele pegou um cobertor e atirou-o sobre o tapete queimando, batendo com força, assim que os alarmes pararam com um som estridente feroz. A fumaça gordurosa serpenteava para cima, enviando ambos em um ataque de tosse seca e, agora, a parede estava pegando fogo, *realmente*, e Claire sentiu uma onda terrível de alegria destrutiva quando a porta sacudiu e um guarda entrou em cena com um extintor de incêndio. Ele avaliou a situação de imediato, desconsiderados os dois, e foi até a parede para pulverizá-la com espuma.

Claire correu para a porta aberta. Ela não percebeu até que ela alcançou o corredor que Jason não a tinha seguido; quando ela olhou para trás, ele estava de pé exatamente onde tinha estado, de frente para a porta aberta.

Ele ergueu as mãos algemadas e deu-lhe um aceno.





Bom. Se ele queria ficar na prisão, ela não tinha absolutamente nenhuma objeção.

Havia alarmes em todo o lugar, convocando as pessoas a combater o fogo. Não era um grande problema, e ele estaria extinto em segundos, mas ela criou o caos, e isso era tudo o que ela precisava. Ela só tinha de chegar ao porão, encontrar um carro, e... ela descobriria a próxima parte conforme ela o alcançasse. Ela precisava. Se Michael e Eve não iriam ajudar...

Ela caminhou para o elevador e apertou o botão para a garagem. Tinha que haver algum carro que ela pudesse roubar, *alguma coisa*. Ela precisava sair daqui e voltar para a estação de tratamento. Segundos importavam. Shane ainda estava vivo; ela *acreditava* nisso, apesar do que Myrnin disse.

Ela se recusou a acreditar nele.

As portas do elevador se abriram, e Claire correu para fora, em seguida, derrapou para uma parada imediata, porque Hannah Moses, chefe da polícia de Morganville, estava ali de pé com arma na mão, parecendo realmente e malditamente séria. Ela não estava apontando, mas não teria dado muito trabalho para dar esse passo, tampouco. Parado a dois passos de distância estava Richard Morrell, o prefeito. Ele era alto, de boa aparência, e jovem, nem mesmo 10 anos mais velho do que Claire, mas ele parecia mais velho, muito mais velho agora. Estresse, ela adivinhou.

Ele estava segurando a sua irmã, Monica, por ambos os cotovelos enquanto ela se contorcia para se libertar com uma tempestade de cabelos longo e escuro esvoaçantes. Ela congelou quando viu Claire. Se Morganville tinha uma cadela rainha, era Monica; Ela tinha eleito e coroado a si mesma desse modo antes mesmo que Claire tivesse entrado em conflito com ela. Não ajudava que ela *também* fosse bonita e tivesse um enorme orçamento para roupas e sapatos. Os lábios de Monica se separaram, mas ela não disse nada. Ela tentou pisar no pé de seu irmão com seus saltos altos, mas ele obviamente estava acostumado a lidar com ela, e ele deveria estar usando botas de bico de aço.

— Vamos todos apenas ficar calmos — Hannah disse. Ela era uma figura assustadora, Claire pensou; havia uma *presença* ao redor dela, uma espécie de aura tranquila e competente que fazia você acreditar instantaneamente, em qualquer situação, que ela tinha estado lá, feito aquilo, e escrito o livro de instruções. Com certeza não era verdade em boa parte das vezes, mas era impossível negar isso a partir de sua linguagem corporal e expressões. Ela tinha o cabelo preto espigado e amarrado para trás em um nó confuso e, embora ela estivesse usando o uniforme da polícia, ela tinha perdido o chapéu em algum lugar. A cicatriz que descia por seu rosto de forma irregular parecia temível





sob a luz fraca, e seus olhos escuros eram muito, muito firmes. — Eu ia perguntar onde está o fogo, mas eu suponho que é lá em cima.

— Já foi apagado — Claire disse. — Hannah, eu tenho que ir. Agora.

— Não sozinha, você não vai.

— Porque Monica está aqui? Ela foi embora com os outros. — A elite privilegiada de Morganville — a maioria vampiros, mas alguns humanos bem relacionados — fugiram antes que os *draugs* tivessem realmente atacado com força. Monica tinha alegremente embarcado no ônibus.

— Deus, me *solte*, Richard. Eu não vou a lugar nenhum! — O irmão dela a soltou, e Monica alisou o seu vestido totalmente-carro-demais para baixo, que terminava logo abaixo do ilegal. — Meu irmão é tudo o que me resta, e *ele* veio correndo de volta para cá por causa de algum senso de lealdade equivocado com pessoas insignificantes. Eu não poderia deixá-lo enfrentar o perigo sem mim, poderia? — Ela hesitou, então deu de ombros. — Além disso, eu fiquei sem dinheiro. E os meus cartões de crédito foram congelados.

— Então você voltou para *cá*? — Claire olhou para ela por um segundo, atordoada com a magnitude do vazio que era Monica.

Monica disse: — Vai se ferrar, pré-escolar. Eu não ligo para os jacarés com quem você está nadando, de qualquer forma. Espero que eles comam todas as melhores partes.

— Tanto faz. Eu não tenho tempo. Shane foi levado pelos *draugs*, e eu tenho que pegá-lo de volta. Eu *tenho*.

Toda a linguagem corporal de Hannah se suavizou. — Se ele foi levado, você sabe como isso termina, querida. Eu sinto muito por isso, eu realmente sinto.

— Não, ele é forte. Shane é tão *forte*. Se alguém pode sobreviver, é ele, eu acredito nisso. Hannah, *por favor*, você tem que me ajudar... — Ela engoliu as lágrimas, porque as lágrimas não ajudariam. — Por favor.

Até mesmo Monica tinha ficado parada agora, e ela tinha perdido um pouco de rudeza. Hannah considerou tudo isso em silêncio, e então balançou a cabeça lentamente. — Você não tem nenhuma chance — ela disse. — Você nem sabe onde ele está sendo mantido...

— Na estação de tratamento de água — Claire interrompeu. — Eles não tiveram tempo para movê-lo para qualquer lugar, e eles não podem, porque Myrnin fechou os tubos. Eles não podem sair de lá, não facilmente.

— Eu nunca diria *que não podem* quando se trata destes bastardos. Eles supostamente não poderiam chegar aqui de qualquer maneira, mas aqui estão eles. — Hannah tomou uma decisão de algum tipo, e guardou a arma, mas ela manteve os olhos em Claire. — Qual é o seu plano?





— Ir pegá-lo.

— Querida, isso não é um plano. Isso é o que os militares chamam de um *objetivo*. — Hannah disse isso com compaixão, mas com firmeza. — Você nem mesmo sabe se ele ainda está vivo.

— Na verdade — disse uma voz nas sombras perto das escadas, — nós sabemos. — Michael surgiu, junto com Eve.

Ele estava segurando Myrnin pela garganta, e Myrnin *não* estava com boa aparência. Na verdade, ele estava parecendo como se tivesse lutado dez rounds com Michael e perdido.

Ele parecia... derrotado.

Michael sacudiu-o com o rosto tenso e severo. — Diga a eles o que você me disse.

Myrnin fez um som de asfixia. Michael o soltou, e o outro vampiro caiu de joelhos, tossindo. — Eu não quis causar nenhum mal — ele sussurrou. — Eu estava tentando *salvar* você. Todos vocês.

— Apenas diga a ela.

A cabeça de Myrnin estava baixa, o cabelo escuro escondendo sua expressão. — Ele ainda pode estar vivo.

A esperança não era uma coisa pacífica; era dolorosa, uma explosão incandescente irregular que atravessou o coração dela e o forçou a acelerar. Claire ouviu-se dizer, acima do martelar pesado: — Você mentiu.

— Não. Não, é verdade, ele *foi embora*, Claire. Quando os *draugs* levam os seres humanos, sem exceção, eles morrem. É só que... vampiros duram por um longo tempo, os seres humanos duram por um tempo muito mais curto, e os humanos parecem... sonhar. Eles não sofrem como os vampiros. É fácil para eles. Eles escorregam em... visões. — Ele olhou para cima em seguida, e ela honestamente não conseguia descobrir o que estava em seu rosto, seus olhos, porque seus próprios brilhavam com lágrimas. — É mais gentil deixá-lo nos sonhos. Ele está morrendo, Claire. Ou morto. Mas de qualquer forma...

— Ele está vivo agora — ela disse, sem rodeios.

— Sim — Michael disse. Soou como um grunhido, e seus olhos brilhavam vermelho maçante nas sombras. — Ele mentiu para nós. E nós vamos pegar Shane. Agora.

Myrnin olhou para baixo novamente. Ele nem mesmo tentou falar desta vez. Ele só... balançou a cabeça.

Claire não poderia nem começar a pensar no quanto ele a machucou por ter feito isso, então ela apenas... não o fez. Ela virou-se para Hannah. — Nós vamos.

— Você ainda não tem um plano.





— Sim, nós temos — Michael disse. — Eles vieram atrás de nós porque estávamos atacando os pontos fracos do sistema. Atacando-os diretamente. Nós não vamos fazer isso dessa vez. Nós apenas vamos atrás dele, e eles realmente não se preocupam com os seres humanos; eles se preocupam com os vampiros. Eles nos caçam. — Ele deixou que caíssem em silêncio antes de dizer: — Eles vão se preocupar comigo. Eu vou fazer com que eles se *preocupem*. Eu vou por um caminho diferente e os levarei para longe. Isso vai permitir que todos os outros peguem Shane.

Este plano era claramente uma novidade para Eve. — Não!

— Eve, eu posso fazer isso. Confie em mim.

— Não, Michael, eles já pegaram você uma vez, e...

— E eu sei como é — ele disse. — É por isso que eu não posso deixá-lo lá, e nós não temos tempo para implorar por ajuda, o que Oliver não vai dar de qualquer maneira. Claire estava certa sobre isso.

Hannah olhou para Myrnin. — E ele? Ele vai ajudar?

— Ele já ajudou o bastante — Claire disse. — Ele fica aqui. — Myrnin olhou para cima ao ouvir isso, mas ela só olhava para ele, severamente, até que ele desviou o olhar. — Nós não precisamos de outro vampiro agora. De acordo?

— Tudo bem — Hannah disse. — É um plano rápido decente, mas você não sabe exatamente onde ele está sendo mantido, e é um grande edifício. Você precisa de mais gente, humanos, não vampiros. Eu vou com você.

— Hannah — o prefeito disse. Ele parecia tenso, e sua expressão refletia isso. — Você não pode. É perigoso.

— Você me paga para o perigo, Richard — ela disse, e sorriu para ele. Havia algo muito mais caloroso naquele sorriso, Claire pensou, do que apenas um tipo de amizade de prefeito/chefe de polícia, e o olhar nos olhos de Richard confirmaram. — Você entra e cuida da sua irmã. Eu vou ficar bem.

Ele fechou os olhos por um segundo. — Não — ele disse. — Se você for, eu vou também. Eu vou. Monica, apenas entre e fique lá.

— De jeito nenhum. Eu não vou deixar você correr para ser morto em algum lugar sem mim, idiota.

— Cale a boca — Eve disse sem rodeios. — Nós não temos tempo para você e os seus dramas de merda.

— Ou o quê, você vai sangrar em mim, Princesa Emo da Esquisitolândia?

Claire se aproximou e chamou a atenção de Monica. Ela não sabia como ela parecia, mas Monica pareceu se mover um pouco, como se ela estivesse pensando em dar um passo *para trás*. — Está bem. Você vem com a gente. — No mínimo, Monica era um coelho para atirar aos lobos, e ela não hesitaria em fazer isso se isso fosse a disputa entre a vida e a morte para Shane. — Se





você ficar no meu caminho, eu vou te matar. — Isso era absurdamente simples para ela agora, e ela falou sério, cada parte. Monica nunca tinha merecido nada mais, e apesar de todas as chances que Claire esteve disposta a dar, e considerando o quanto ela era doce lá no fundo, agora tudo isso tinha desaparecido. Apenas... desaparecido.

E o que restava era algo que Monica totalmente compreendia, porque ela respirou fundo, jogou o cabelo para trás e acenou com a cabeça. — Eu não vou ficar em seu caminho — ela disse. — Eu vou ajudar. Eu devo a Shane por alguma coisa. Além disso, quem você conhece mais cruel do que eu? *Eles?* — Ela inclinou a cabeça para Michael e Eve, e Claire teve que admitir que ela estava certa. — É apenas dessa vez depois tudo volta ao normal. Eu não sou a sua amiga. Eu nunca vou ser a sua amiga. Mas Shane não merece morrer assim. Se ele for morrer, eu que tenho que matar ele.

Ela estava sendo perfeitamente sincera sobre isso, e Claire não tinha tempo para desembaraçar a loucura, de qualquer maneira. Ela apenas disse: — Ótimo. Vamos. — E se dirigiu para o caminhão blindado. Michael já estava destravando ele. — Mas você vai na parte de trás, Monica.



Michael dirigiu, porque ele era mais uma vez o único com uma visão de vampiro; Eve e Claire dividiram o resto do banco da frente, não muito confortavelmente por causa das espingardas que ele tinha dado a elas, e Monica, Richard e Hannah estavam na parte de trás.

Eve estava olhando para Monica através da janela estreita. — Se ela cometer algum erro, eu vou considerar seriamente em jogar Espete a Piranha — ela disse.

— O que aconteceu? — Claire perguntou. — Você e Michael, vocês estavam convencidos de que ele estava morto. Eu vi vocês. Mas então...

— Então Michael ouviu Myrnin confessando ao Grande Lorde Inquisitor Oliver, e Oliver mencionou que Shane *poderia* estar vivo. O que Myrnin já sabia. — Eve mostrou os dentes em uma coisa que não era *exatamente* um sorriso. — Michael decidiu ter uma conversa com ele. Nós fomos para a garagem porque imaginamos que você ia parar lá. — O não-sorriso desapareceu. — Eu sou totalmente a favor de termos mais mãos com armas nisso, mas tem certeza de que podemos confiar em Richard Morrelle e Hannah Moses? Sem mencionar *Monica*?

Claire deu de ombros, sem realmente se importar agora. — Eu acho já que eles estão dentro, é muito difícil voltarem atrás — ela disse. — Eu não vou





sair sem ele, Eve. Eu não posso. De novo não. Eu não me importo com o que aconteça, mas eu não vou deixá-lo morrer assim.

Pesar e terror ameaçaram derramar para fora do recipiente fortemente trancado dentro dela, e Eve agarrou a mão dela e segurou-a com força. — Eu sei — ela disse. — Confie em mim, eu sei. — Ela sabia. Michael tinha sido tomado pelos *draugs*, ancorado debaixo d'água. Tinha sido sugado.

Ela sabia.

Claire nadou para fora de sua miséria tempo o suficiente para perguntar: — E quanto a, você sabe, vocês dois? Melhores?

Eve deu um olhar para Michael, que estava dirigindo e fingindo não ouvir nada disso. Ele precisava trabalhar em sua atuação. — Claro — Eve disse, mas isso não foi tão convincente, tampouco. — Nós estamos bem para ir.

— Eu não estou perguntando se vocês estão bem trabalhando juntos. Eu quero dizer...

— Eu sei o que você quer dizer — Eve interrompeu. — Vamos apenas... falar sobre isso mais tarde.

Michael não poderia, Claire pensou, ter parecido mais tenso, ou mais triste.

Richard e Hannah estavam tendo uma conversa feroz, sussurrada no canto do caminhão enquanto eles se seguravam nas paredes de metal, e agarravam-se as correias de suspensão em cima. Monica tinha, aparentemente, decidido que ela tinha todo o direito de se sentar no trono de pelúcia de Amelie, o que não era uma surpresa. Claire realmente esperava que Amelie descobrisse sobre isso mais tarde.

Isso seria divertido.

A viagem de volta pela cidade não demorou muito, especialmente na velocidade que Michael estava dirigindo. A noite já tinha caído, porque as nuvens ainda estavam penduradas pesadas sobre a cidade, embora a chuva tivesse parado. O ar ainda tinha aquela sensação úmida e desagradável, e Claire se sentiu como se ela tivesse um bolor crescendo em sua pele em uma pegajosa rede invisível.

O relógio na cabeça dela estava batendo, e fazia muito tempo, muito tempo mesmo para Shane já. Ela fechou os olhos e concentrou-se nele, em alcançá-lo de alguma forma, dar-lhe força. *Fique comigo. Por favor, fique comigo.* Ele a implorou para fazer a mesma coisa, não muito tempo atrás, quando as coisas haviam parecido mais escuras. Ele tinha tido fé de que ela tinha sobrevivido, contrariando qualquer evidência razoável, e ela não podia fazer menos por ele. Ela *não podia*. Ela não podia enfrentar a escuridão sem ele ao seu lado.





Se ela já teve dúvidas de que ela o amava, realmente amava, ela sabia agora. Era fácil amar alguém quando o amor era felicidade, mas quando era difícil, quando isso significava enfrentar coisas que você temia ... era diferente. Ele fez isso por ela, muitas vezes. E agora ela tinha que fazer isso por ele.

Ela abriu os olhos, sentindo-se calma, centrada e focada, quando Michael trouxe o caminhão para uma parada. — O mesmo procedimento — ele disse. — Eu saio e abro a parte de trás. Claire, você mantém as chaves. — Ele não disse, *no caso de eu não voltar*, mas isso era o que ele queria dizer. Eve deixou escapar um pequeno som mudo de desespero; apenas por um momento, seus olhares se encontraram.

— Eu ainda amo você — ele disse. — Estou falando sério. Tudo.

Ela não respondeu, não verbalmente, mas ela balançou a cabeça.

E então ele foi como um borrão conforme ele avançava para fora do caminhão.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Eve, e ela sussurrou: — Deus, eu também te amo.

Talvez ele tenha ouvido. Claire esperava que sim.

Claire saiu, ajudou Eve, e no tempo que ela levou para dar a volta por trás, Hannah, Richard e Monica tinham saído. E Michael tinha ido embora. Claire trancou o caminhão novamente com o controle remoto e colocou as chaves no bolso da calça.

Hannah ligou uma lanterna pesada. Eve tinha uma também. — Richard, eu vou com você e Monica. Claire, a rede de celular ainda deveria estar funcionando para os usuários de alta prioridade. Ligue se você encontrar Shane. Eu vou fazer o mesmo. De qualquer maneira, voltamos aqui em quinze minutos.

Eu não vou embora sem ele, Claire pensou, mas ela não disse isso. Ela apenas balançou a cabeça e olhou para o celular. Ela tinha um sinal. — Bom — ela disse. — Eles estão com ele na água, certo?

— Na entrada do centro, um lance de escada abaixo. Em seguida, nós nos dividimos, à direita e à esquerda. Verifiquem cada piscina e tanque — Hannah disse. — Meninas, tomem conta de suas retaguardas lá dentro.

— Ay-firmativo — Eve disse, e tentou um sorriso. — Desculpe. Uma referência a *Aliens* sempre me faz sentir melhor em momentos como este. Só que eu não tenho certeza de que eu sou a pessoa que vive nos filmes.

Eles moveram-se juntos em um grupo através da entrada principal.

Estava escuro lá dentro, e a lanterna de Eve não iluminava muito. Eles pegaram as escadas para baixo, e Monica tropeçou; Eve sussurrou para ela,





algo como *que idiota usa saltos em um momento como este?*, mas Claire estava focada à frente.

Eles chegaram ao fundo das escadas, e Hannah assentiu. — Vocês vão para a direita — ela sussurrou. — Fiquem quietas. Quinze minutos, Claire. Eu falo sério.

Claire assentiu, mas não estava falando sério.

Ela e Eve se separaram para a direita. A lanterna de Eve iluminava um círculo que mostrava concreto, tubos, placas de neon amarelas e avisos; haviam algumas luzes de emergência fracas aqui, ainda funcionando com bateria, Claire adivinhou, então ela pediu a Eve para desligar a lanterna. Demorou alguns segundos para os seus olhos se ajustarem, mas significou uma melhor visão periférica.

Este nível inferior do edifício se estendia para fora em piscinas ao ar livre, mas elas estavam muito mais longe, do outro lado de uma grande cerca de arame. Dentro havia filas organizadas de tanques fechados e abertos. Eve subiu a escada do primeiro e usou a sua lanterna. Ela balançou a cabeça e pulou para baixo.

O próximo, mais adiante, era um tanque fechado com uma tampa curvada de plástico sobre ele e algum tipo de porta deslizante para colheita de amostras. Era a vez de Claire subir, e ela abriu a porta, engasgada com o cheiro que saiu dela, mas ela não podia ver nada na água suja embaçada. Se Shane estivesse lá, ele não poderia ter sobrevivido a isso.

Ela pulou ao lado de Eve. Eve nem sequer perguntou; Claire supôs que ela não precisava.

Elas continuaram indo. Mais cinco tanques, alguns fechados, alguns abertos. Nada.

Os *draugs* estavam longe de serem vistos, felizmente. Talvez Michael tivesse razão. Talvez eles ignorem os seres humanos em favor da perseguição selvagem a Michael...

— Ali — Eve sussurrou. — Veja.

Michael. Ele estava do lado de fora junto às piscinas, correndo sobre as passarelas, e as piscinas estavam flexionando, torcendo, estremecendo, *se esticando*.

Os *draugs* estavam atrás dele, mas ele estava dando-lhes um trabalho.

— Nós temos que ir mais rápido — Claire disse. — Vamos. — Ela subiu na próxima escada e olhou para dentro da piscina.

Um rosto morto olhou para ela, os olhos pálidos e cegos na penumbra.

Ela gritou, e seu grito ecoou e ecoou e ecoou no escuro, alto como um alarme, mas ela não se importava, porque oh Deus, ela tinha estado errada...





— Mova-se! — Eve gritou em seu ouvido. Ela subiu ao lado dela, e estava com o braço em volta da cintura de Claire. — Vá em frente, desça! Agora!

— Ele está morto — Claire sussurrou. — Oh, Deus, Eve...

Eve engoliu em seco, visivelmente reunindo coragem, e voltou seu olhar para o rosto morto na piscina. E então ela disse: — Esse não é Shane.

— Mas... — Uma bolha de esperança se elevou, frágil como o vidro. — Você tem certeza...

— Tenho certeza — Eve disse. — Esse não é ele. Vamos. Temos que ir em frente. Se eles não ouvirem isso...

Elas pularam para baixo, aterrissando com batidas simultâneas na grade de metal, e se dirigiram para o próximo tanque.

Mas logo à frente, a escuridão ondulou.

E, em seguida, um rosto branco emergiu dessa escuridão, olhos que não eram olhos, uma boca que se movia com todas as formas erradas, que não era humana, exceto quando ela olhava para ele diretamente.

Magnus. Havia outros com ele, mas ela podia de alguma forma saber quando era ele; os outros pareciam fotocópias ruins. Eles não tinham a mesma... gravidade.

Magnus disse: — Você. A menina com olhos nítidos.

— Sim, eu. Você me quer — Claire disse. — Porque eu posso saber quem você é. Eu sempre pude. Eu só não sabia disso. Então devolva Shane, e você pode me ter.

— Criança — ele quase ronronou. — Eu posso ter você de qualquer maneira. — Todo o rosto de Magnus se *distorceu* em algo tão monstruoso e do mal que ela gritou, ela não poderia evitar, e todos os outros o copiaram como reflexos, porque isso era tudo o que eles eram, estilhaços e fragmentos dele.

Eles estavam *ligados*, e de alguma forma isso era importante, vital, mas ela não tinha tempo para pensar nisso.

Ela atirou nele.

O recuo da espingarda foi forte em seu ombro, e uma névoa com ferroadas de pólvora explodiu sobre ela, mas ela estava atrasada; ele tinha lido as suas intenções e derretido de volta para os outros, e os que foram atingidos não eram ele, não eram o mestre.

E então ele se foi, afundando através da grade.

— O tempo acabou — Eve disse. — Temos que encontrar Shane *agora*.





CAPÍTULO 9

SHANE

Traduzido por Fernanda

Eu estava quase morto. Eu podia sentir isso agora, como meu corpo estava leve e estranhamente vazio, como os meus músculos doíam. Minha cabeça latejava mais forte e mais rápido — baixa pressão sanguínea, menos oxigênio chegando onde deveria. A água (*não realmente água*) em torno de mim era um vermelho maçante agora, e isso me fez lembrar de coisas terríveis, de abrir uma porta de banheiro de motel, de uma banheira e do rosto branco frouxo da minha mãe e da cor do sangue aguado em torno dela. Ela estava vestida, eu me lembrei de repente. E ela não tinha enchido a banheira toda, apenas cerca da metade.

Eu estava pensando demais, porque começou a se tornar real, como aquelas fantasias que eu tinha acabado de rejeitar. De repente, eu *estava* lá, de pé sobre o azulejo frio, olhando a para minha mãe, e suas pálpebras finas abertas, seus olhos eram da cor de água gelada enquanto ela dizia: — Se você se deixar ir, não vai doer tanto, meu bem. Claire não vai voltar por você. Ninguém nunca voltará por *você*.

— Mãe — eu sussurrei. Era a voz dela, exatamente como eu me lembrava... triste, baixa e decepcionada. Talvez um pouco assustada. Minha mãe tinha estado com medo a maior parte do tempo. — Mãe, me desculpe, eu não posso simplesmente desistir.

— Você não pode fazer um monte de coisas, Shane — ela disse. Parecia bondosa, aquela voz, mas não era. — Você não pode me salvar. Você não pode salvar a sua irmã. E você não pode salvar a si mesmo, tampouco. É tarde demais para você. Você tem que se deixar ir, porque essa é a única coisa que vai ajudar a parar a dor agora. Eu sou a sua mãe. Eu não quero vê-lo ferido.

— Claire vai voltar por mim.

— Claire é um sonho também. Ela nunca te amou. Ninguém nunca realmente amou você, querido. Você simplesmente não foi feito pra isso. Por que uma menina esperta e bonita como aquela iria querer *você*? Você inventou





isso, do mesmo jeito que você inventou todas aquelas outras bobagens, sobre casar-se e ter um pequeno bebê e ser feliz. Porque isso nunca vai acontecer também, filho.

Isso soava como o meu pai, não como a minha mãe. Sempre tinha sido ele a me dizer que eu era inútil, fraco, sem importância. Ela tinha calmamente tentado me fazer sentir melhor, não pior. Até o fim.

Mas a coisa terrível sobre o que ela estava dizendo era que em algum lugar dentro de mim, o monstro negro que vivia lá, na verdade, concordava com ela. Coisas boas não aconteciam comigo, porque eu não as merecia. Eu só fui feito para lutar, certo? Para tentar, e falhar, em proteger outras pessoas.

— Claire morreu — a minha mãe disse, e sentou-se na banheira. A água vermelha girava em torno dela. — Claire está *morta*. Tudo isso é só você se recusando a admitir qualquer uma dessas coisas. Você enlouqueceu, você não entende isso? É muito triste, mas você não pode manter essa fantasia por mais tempo. Você sabe que eu estou te dizendo a verdade, não sabe?

— Não — eu disse. Pareceu fraco, e perdido. — Não, isso é errado. Nós a trouxemos de volta. Ela está viva.

— Claro que você não a trouxe de volta. Isso é ridículo. Ela morreu, e eles levaram o corpo dela embora. E você pegou a arma do seu pai, atirou em si mesmo, e está morrendo desde então. Você quer saber a verdade? Ela nunca te amou. Ela amava aquele vampiro. Myrnin.

— Não. — Eu estava andando para trás agora, e senti o azulejo afiado e molhado debaixo dos meus sapatos. Não, não sapatos. Eu estava descalço. Era como se eu estivesse de pé sobre vidro quebrado, e a dor ajudou, de alguma forma. Me ajudou a lembrar que este quarto estava errado, que as paredes do banheiro naquele motel barato não tinham pingado com água, que minha mãe não tinha aberto os olhos e dito estas coisas terríveis, que tinha sido *ele*.

Tudo isso era Magnus, falando através da boca da minha mãe morta.

— Não. — Eu disse isso de novo, mais alto. — Saia da minha cabeça, seu esquisito.

— Filho...

Eu andei para frente, agarrei a borda da banheira e inclinei-a para um dos lados, para longe de mim. Caiu um fluxo de água sangrenta em torno de mim, e então *eu* estava na banheira — não, na água, olhando para o vidro embaçado, e eu estava lutando contra ele, batendo minhas mãos contra a cobertura que me segurava. Eu deixei digitais sangrentas sobre ele, e os golpes eram fracos, mas isso *significava alguma coisa*.

Assim com a luz cintilante que eu podia ver vindo do lado.





Meu rosto estava fora da água, do *líquido*, e eu dei uma respiração e gritei. Ele saiu como um resmungar enfraquecido, mas eu tentei novamente, gritei com mais força, e golpeei o vidro novamente.

Claire. Claire voltou. Mas espere, talvez isso não estivesse certo, talvez eu tivesse inventado ela, inventado tudo, talvez ela nunca tivesse existido, ou talvez ela tivesse morrido, ou talvez ela não me amasse coisa nenhuma...

Mas não era Claire, que tinha me encontrado.

O rosto era familiar, mas não era ela. E não era uma menina. Eu reconheci um rosto mais largo, mais quadrado. *Idiota*, eu pensei finalmente. Idiota Morrell. Para ser justo, eu pensei, eu realmente deveria chamá-lo de Richard agora, se ele estava aqui para salvar a minha vida. Era um *saco* ser resgatado por um Morrell, depois de toda a energia que eu investi para odiar toda a família.

Isso *não poderia* ser uma fantasia, porque de nenhuma maneira no inferno eu iria fantasiar sobre um Morrell aparecendo para me salvar.

Richard limpou a umidade do vidro e me viu, e pela sua expressão, o que ele viu não deve ter sido bonito. Ele gritou alguma coisa, e então Hannah Moses também estava lá, e outra pessoa, Deus, aquela era *Monica*? Talvez eu estivesse tendo alucinações, afinal. Os três empurraram o vidro para longe.

Eu tentei sentar, mas eu não podia. Os *draugs* estavam girando em torno de mim, devorando o meu sangue rápido agora, tentando me matar antes que eu pudesse fugir. Eles estavam enrolando, eu percebi. Fazendo-me durar. Foi por isso que eles me colocaram na água rasa, então eu não me afogaria antes que eles tivessem sugado para fora as últimas gotas.

Eu consegui levantar uma mão. Estava pálida e trêmula, mas eu a coloquei no ar, e Hannah agarrou-a e puxou com força. Uma vez que meus ombros estavam para cima, Richard me pegou também, e puxou, e eu rolei sobre a borda da — o que era isso? Uma piscina? Não, algum tipo de recipiente, talvez parte do processo da purificação do tratamento da água — e eu bati na grade de aço dura com força suficiente para machucar, só que provavelmente não me restava muito sangue para formar quaisquer contusões. Minha pele estava vermelha como queimadura solar e ardendo como se eu tivesse rolado em vidro quebrado, mas eu estava vivo.

Levemente.

— Claire — eu sussurrei. Eu tentei me levantar, mas meus braços estavam fracos demais para me levantar. — Onde está Claire?

Hannah se agachou ao meu lado e pegou seu celular. Ela apertou um botão, ouviu por alguns segundos tensos, e desligou. — Precisamos tirá-lo daqui. Monica. Pegue o outro lado dele.





— Eu? Você está *brincando*? O sangue nunca sairá deste vestido!

Eu não estava imaginando *ela*, isso era certo, porque eu nunca, jamais, imaginaria Monica, e mesmo se eu imaginasse, por que eu iria imaginá-la tão malditamente inútil? — Cale a boca — eu consegui dizer. Ela me deu um olhar desprezível conforme ela se abaixou e colocou seu ombro sob o meu. Meu braço direito se envolveu por cima do seu ombro. Eu esperava que eu estivesse sangrando sobre ela.

— Cale-se *você*. Eu quebrei ambos os saltos dos meus sapatos nessas grades estúpidas. — Ela parecia pálida, e totalmente apavorada, mas ela ainda era Monica.

Talvez isso significasse que ainda havia uma Claire lá fora, em algum lugar. Era difícil saber. Difícil descobrir o que era real, o que era falso, o que era apenas um sonho.

Isto parecia real. A dor parecia muito real.

Hannah e Monica colocaram-me de pé, não que isso tenha feito muita coisa, porque eu não podia fazer mais do que me rastejar junto com elas. — Richard — Hannah disse, e Richard Morrell virou-se para olhar para ela. — Tome conta das nossas costas.

— Pode deixar — ele disse. Ele olhou para mim por um segundo, e acenou com a cabeça. — Que bom que você está bem, Shane.

Eu não estava, é claro. Mas foi legal da parte dele pensar assim. — Obrigado — eu disse. — Por vir. — Como se fosse algum tipo de festa que eu tinha dado. Como eu estava educado de repente.

— Agradeça a Hannah. Foi ela quem nos trouxe. — Ele sorriu, e de repente ele não era o Idiota Morrell que eu desconfiei por toda a minha vida, aquele que era a estrela de futebol brilhante, o presidente da classe e estudante perfeito, o bom filho do prefeito mau. Ele era apenas Richard, um cara que tinha vindo para me buscar.

Um cara que salvou a minha vida. — Ei — eu disse, — desculpe, eu fui um idiota com você durante toda a sua vida.

— Realmente não posso culpá-lo — ele disse. — Todo mundo me julga por minha irmã e o meu velho. Não é injusto exatamente.

— Ei! — Monica disse, e mirou um pontapé sem equilíbrio para o irmão. O que ele evitou. — Eu *não* vou votar em você na próxima eleição.

— Eu não acho que haverá outra eleição — ele disse, — ou que eu iria querer ser prefeito deste desastre em câmera lenta, de qualquer maneira. Eu só me candidatei porque eles disseram que eu precisava. — Ele estava andando para trás agora, de costas para nós e olhando nossas costas conforme nós avançávamos ao longo da passarela. Eu comecei a acordar o suficiente para ver





que estávamos nos níveis inferiores da planta de tratamento de água, que *fediam* mesmo que eles estivessem a céu aberto. Havia tanques em todos os lados, e piscinas abertas do outro lado das correntes. Esgoto estava se movendo por lá, ou deveria ter estado, eu imaginei; ele não estava mais indo a lugar algum, o que era parte do motivo para estar fedendo tanto.

Eu tinha sido trancado no último conjunto de tanques rasos, onde a água reciclada e tratada recebia um enxágue final antes de ir para as torres de armazenamento.

Mas era pior do que isso, muito pior. A piscina que estávamos passando agora era grande, e era funda, e tinha corpos. Assim como a Piscina Civil, mas esta água tinha uma cor cinza-verde escura, espessa com *draugs* e contaminantes.

Esse era o novo jardim de sangue de Magnus, e fervilhava com os *draugs*, embora poucos deles tivessem qualquer tipo de forma. Eles estavam nos ignorando, porque somos humanos, e eles estavam rasgando seus petiscos favoritos. Eu senti as gotículas de *draugs* que ainda estavam em mim deslizar para baixo, atraídos em direção à piscina principal, e um fio de água corria dos meus pés até a borda.

Hannah havia parado, olhando. Monica fez um ruído estrangulado e tentou me puxar para a frente, mas eu fiquei onde estava. — O quê? — Monica exigiu. — Ok, tudo bem, pessoas afogadas, nojento, mas temos que *ir*!

— Ainda não — Hannah disse. — Segure ele. — Ela saiu de debaixo do meu braço, e Monica cambaleou em seus sapatos sem salto, conforme eu caí contra ela.

— Ei, cuidado com as mãos, Collins! — ela retrucou. Como se eu tivesse qualquer controle sobre elas, ou quisesse apalpá-la de qualquer maneira. Ela só estava com medo, e ela não queria nada além de me largar e correr.

Eu imaginei que era meio que impressionante que ela não tivesse feito isso.

— Hannah? — Richard perguntou, recuando em direção a ela. — O que estamos fazendo?

— Nós não podemos deixar isto. Eles estão crescendo em número novamente. Nós temos que acabar com eles, se pudermos.

— Como?

— Eu tenho pó de prata — Hannah disse. Ela pegou o celular e discou novamente. — Eu preciso que eles evacuem. Vamos! Vamos...

Ela finalmente conseguiu uma resposta.

Eu ouvi os gritos saindo do celular a um metro de distância.





CAPÍTULO 10

MICHAEL

Eu conseguir a atenção dos *draugs* não foi um problema. No momento em que eu corri para a estação de tratamento de água eu sabia que eles iriam me senti, me ver, sentir a minha abordagem; eles poderiam me detectar da maneira que eu poderia sentir um batimento cardíaco através da sala. Sentidos de predadores. Eles estavam sintonizados para os vampiros, e eu era jovem, vulnerável, repleto de *Venha me comer. Eu sou fácil.*

Até agora, o meu plano brilhante estava funcionando. Shane teria ficado satisfeito; na verdade, ele teria estado bem ali comigo, eu sabia disso. *Aguenta aí, mano*, eu silenciosamente implorei. Nós tínhamos nossos bons e maus momentos, mas quando eu pensava em Shane, eu lembrava principalmente de segurar ele na noite em que Alyssa morreu. Impedir ele de correr de volta para a casa em chamas para morrer junto com ela. Em seguida, segurar ele de atacar Monica Morrell, que estava parada ali sacudindo um isqueiro.

Aquelas características suicidas do pai dele sempre me assustavam, porque eu sabia que ainda estava dentro dele. Mas desta vez... desta vez eu estava esperando que ele aguentasse firme. Ele tinha coisas para viver por enquanto. As pessoas que o amavam.

Sim, e um deles é você, e você o deixou aqui.

Shane não era o único que poderia se dedicar a culpa. Eu estava imerso nela, porque eu tinha deixado ele. Eu tinha feito isso porque na época eu pensava que Myrnin tivesse razão — que Shane não poderia ter sobrevivido a mais do que alguns minutos. Myrnin tinha tomado vantagem do nosso choque e confusão. Dos meus especialmente. Eu estava com as chaves. Eu poderia ter dito, *inferno, não — vá se ferrar. Eu vou voltar pelo meu amigo.* Em vez disso, eu tinha pensado principalmente em conseguir tirar as meninas de lá, diminuindo as nossas perdas. E esse tinha sido o foco de Myrnin. Claire não estava sempre disposta a admitir, mas todos nós sabíamos que Myrnin colocava a segurança dela à frente de qualquer outra pessoa. Até mesmo a dele mesmo.





Então eu tinha colocado a de Eve em primeiro lugar no calor do momento. Shane nem sequer me culparia por isso, o idiota. Ele teria feito exatamente a mesma coisa. E ele estaria aqui, agora, movendo-se nas sombras, atraindo o inimigo para longe daqueles que precisávamos proteger e tomando a pior de nós mesmos.

Às vezes eu pensava que ele tinha muita influência sobre mim. Eu não costumava ser suicida.

Eu vi uma piscina parada de água suja à frente, perto da esquina do prédio, e diminuí; não havia nenhuma maneira de ter certeza se estava segura ou infectada com os *draugs*, mas eu não podia correr o risco. Evitar suas bordas escorregadias me levou sob um bico de drenagem, que eu não vi até que o líquido jorrou e caiu sobre mim com um tapa molhado.

O *draug* se formou fora dele, agarrando-se à minha volta, agarrando-me. Eles não eram fortes, mas em todos os lugares que tocavam a pele, parecia ácido queimando camadas. As roupas pararam ele por apenas alguns segundos. Se os *draugs* não pudessem mergulhar através delas, eles corriam em volta e para baixo, em busca de presas.

Viciados que procuravam o seu tipo particular de crack.

Eu tinha uma espingarda carregada com prata, mas não havia nenhuma maneira de conseguir posicionar para ferir um nas minhas costas sem fazer dano a mim mesmo. Minha força não funcionava bem contra os *draugs*, porque eles tinham forma de mingau, e quando algo tem uma bolha como um corpo, é difícil conseguir qualquer coisa como um aperto de verdade.

Eu raspei-o contra a parede de tijolo áspera do edifício, e minha camisa foi rasgada no processo. A pele abaixo parecia queimada e dolorida, e eu já parecia visivelmente mais fraco.

Pior: o dispositivo de cancelamento de ruído que eu estava usando preso no meu cinto foi quebrado. Eu prendi a respiração e tentei não ouvir... e então percebi que eu não precisa me preocupar. Os *draugs* não estavam cantando aqui. De modo nenhum. Nem mesmo um zumbido. Se eles fossem capazes de fazer aquele som, eu perderia o meu foco, ficaria confuso, seria capturado... mas algo havia acontecido com eles, algo que prejudicou a capacidade de gerar aquela chamada. Quando eles chegaram pela primeira vez em Morganville, eles não tinham sido capazes de cantar, também. Magnus tinha ido atrás de vampiros, um por um, e somente quando ele tinha um certo número de *draugs* sob o seu comando foi que ele pôde começar a chamada estranha e bonita que nos atraía contra a nossa vontade.

Devemos ter matado o suficiente, pelo menos por agora, para roubar deles esse poder. Eve teria dito neste momento: “Ponto para nós!” Mas eu não





estava me sentindo especialmente vitorioso. Eu estava me sentindo fraco. *Eu tenho que me manter em movimento.* O motivo de tudo isso era chamar a atenção de Magnus e fazer o resto dos *draugs* virem atrás de mim; eles precisavam de todos os vampiros saborosos e quentes que eles pudessem conseguir, e eu estava bem aqui, esperando. Mas se eu esperasse muito tempo, eu poderia atraí-los direto para os meus amigos ao invés, especialmente se eu ficasse preso muito perto do próprio edifício.

Eu evitei a poça, que parecia *muito* parada, e segui em frente.

No lado do edifício havia uma longa cerca de arame, colocada com placas de alerta. Isso se tornou apoios enquanto eu escalava e caía do outro lado... então eu vi as piscinas de tratamento. A água também era tratada nas tubulações, mas havia algum tipo de sistema que eu não entendia completamente para transformá-la de cinza para limpa, e cada uma das piscinas parecia diferente – um avanço de tratamentos. Existia também divisões e contêineres do outro lado das cercas, provavelmente para recolha de amostras. Tudo somado, era praticamente o céu dos *draugs*... contanto que eles não se importassem com a qualidade questionável da água.

E eu estava em apuros, porque eu quase que imediatamente percebi que a piscina mais próxima a mim tinha ondas nela. Ondas finas e pequenas na extremidade, construindo grandes marés altas enquanto se aproximavam das bordas do reservatório.

Eles estavam vindo para mim, e eu já estava fraco. Se outro me segurasse, eu ia acabar no fundo da piscina, impotente e indefeso neste momento.

Havia passagens sobre todas as piscinas – grades de metal enferrujadas que eram cerca de um metro acima da superfície da piscina. Eu tive que começar a correr e saltar sobre as ondas impetuosas, que caíam com um baque sólido como passos no metal, e comecei a correr *contra* a maré, em direção à extremidade do corpo da água.

As ondas colapsavam e agitavam em confusão, como se um cardume de piranha tivesse se formado e, em seguida, mudado de curso para correr atrás de mim. Eu senti a batida e o tremor enquanto o líquido atingia o metal. Ondas menores estavam tentando saltar para cima e me agarrar, mas elas não tinham força e eu estava me movendo extremamente rápido; o melhor que qualquer uma delas fez foi lançar gotículas em meus sapatos, e eu chutei enquanto eu corria. Eu cheguei no final do caminho. Havia duas opções aqui – ir para o chão do outro lado e passar por cima da cerca, ou um caminho de zigue-zague que tinha outra passagem idêntica em um ângulo atravessando a próxima piscina.





Essa não era tão escura, e era menor; a água tinha uma cor azulada de jade estranha e completamente opaca. Estava imóvel como uma pedra também quando eu saltei para a passagem que se inclinava sobre ela. Os *draugs* não estavam sujando essa piscina. Eu pensei que eles iriam me perseguir... mas eles pararam na barreira de concreto. Até mesmo as ondas se enrolaram sobre si mesmas em vez de desembarcar nessas águas paradas.

Eu abrandei e parei. *Não podia ser.* Eu olhei para a frente; no próximo cruzamento angular entre as passarelas havia outro divisor, outra piscina. A água não era mais clara, e quase fervia em atividade justamente como a última piscina.

Mas aqui, no meio... não havia nada. Eu respirei, e imediatamente desejei não ter feito; toda esta área cheirava a dejetos humanos e algo mais, algo docemente podre que poderia ter sido os *draugs*. De jeito nenhum eu poderia escolher um componente individual do fedor geral.

Eu precisava de uma amostra da água que os *draugs* pareciam evitar... e eu tinha onde colocar. O mais recente presente de Eve para mim, que eu usava em uma corrente em volta do meu pescoço... um frasco de sangue. Alguns góticos gostavam disso, manter o sangue um do outro como lembranças ou troféus, mas ela tinha conseguido isso principalmente porque era, como ela mesma disse, o meu “trunfo em caso de emergência”. Era o sangue de Eve. Eu nunca tinha realmente planejado bebê-lo, porque era apenas um gole, na verdade, mas esta era uma verdadeira emergência, afinal.

Eu desarrolhei e esvaziei em um pequeno gole. O sabor da essência dela explodiu na minha língua em uma corrida, e eu senti as minhas pupilas contraírem e as minhas presas descerem em resposta. É difícil descrever como você se sente, exceto que são várias coisas, como querer algo que você sabe que não é bom para você. Desejo, luxúria, fome, medo, tudo enrolado dentro de um sentimento de admiração, porque você pode realmente *sentir* a pessoa dona do sangue, pelo menos um pouco. Quanto mais fresco o sangue, mais nítida é essa sensação.

Eu mantive esse gosto na minha boca por um longo segundo que pareceu se estender pela eternidade, e então finalmente engoli. O sangue escorria em gotas quentes em direção ao meu estômago, e eu senti um jorro de energia correr através de mim. Não muita, porque não era muito sangue, mas ajudou.

Eu me ajoelhei e me estendi tanto quanto eu pude; eu tive que cair em um ângulo perigoso, mas eu finalmente consegui colher uma água azul-turquesa para dentro do frasco e tampá-lo. Até mesmo na garrafa, o líquido parecia opaco com o que estava misturado com ele. Eu coloquei a corrente de volta ao redor do meu pescoço e me levantei.





À minha frente, mais turbulência na próxima piscina. Atrás de mim, os *draugs* estavam definitivamente prontos para me receber de volta.

— As coisas que eu faço por você, mano — eu disse, e corri para a frente na velocidade máxima. O corrimão voou em um borrão, e quando eu me aproximei da virada em forma de V em ângulo agudo do lado da piscina, também perigosamente ativa, eu calculei a distância, impulsinando-me para cima na grade e saltando para o outro lado. Eu atingi a outra passarela ainda agitada, mas desta vez os *draugs* tinham me antecipado, e as ondas estavam indo em *direção* a mim, se formando rapidamente.

Elas estavam se formando alto o suficiente para inundar a passarela, e quando eles estivessem sobre ela, eles poderiam me desequilibrar e me puxar para as profundezas.

Eu rosnei com as presas para fora, e cronometrei com cuidado. Espere... espere... Eu continuei correndo, mais e mais rápido, me movimentando enquanto a onda quebrava através da passarela rangente e corria em minha direção, e então eu bati com os dois pés para baixo, com força. Era um risco. A passarela estava velha e enferrujada, e se os meus pés a rompessem eu estaria perdido, mas a passarela velha e forte resistiu, e eu me arqueei para cima e avancei para cima. A onda se dirigiu em direção a mim, e eu puxei os meus joelhos até o ar.

A forma líquida e turva do *draug* deu um tapa na sola dos meus sapatos, e então dissolveu e caiu de volta para a piscina. Meu salto me carregou para a frente, e eu aterrissei com força, me lançando em alta velocidade, em seguida, voltando para os meus pés antes que eles pudessem reagir.

Eu cheguei ao final e pulei a grade para o mato arrasado pelo inverno.

Eles não vieram atrás de mim. As ondas diminuíram de volta para a piscina. Eu olhei para elas por um segundo, me perguntando o que *diabos* precisaria para que elas realmente saíssem de seu esconderijo para irem atrás de mim, e, finalmente, pensei em olhar as *outras* piscinas.

A que eu tinha acabado de cruzar se agitava apenas o suficiente para chamar a minha atenção, mas as outras nas extremidades estavam suspeitamente quietas.

Ah. Os *draugs* estavam rastejando para fora da minha direita e esquerda, circulando silenciosamente em direção a mim. *Isso* era melhor. Enquanto eles estivessem focados em mim, eles não iriam atrás de Claire e Eve e os outros...

Só que não havia um número suficiente deles. Alguns, claro — cinco ou seis de cada lado. Tinha que haver muito mais dos que esses fortes o suficiente para sair da piscina. Nós tínhamos matado muitos deles, mas não *tantos* assim;





eles tinham estado atrás de nós lá dentro quando nós viemos mais cedo. Isso significava que eles provavelmente ainda estavam lá dentro.

Com Eve.

Eu precisava atraí-los para fora, e para isso eu tive que aparentar uma oportunidade genuína... ou uma ameaça real. Provavelmente os dois.

Eu fiz as duas coisas.

Primeiro, eu estendi as minhas presas e rasguei o meu próprio punho, e deixei o sangue vermelho escuro – carregado com aqueles feromônios de vampiros deliciosos que os *draugs* amavam – pulverizar por todo o chão em volta de mim. – Comida, pessoal. Venham pegar um pouco.

Em seguida, enquanto os *draugs* me notavam, eu me apoiei contra o muro, carreguei a espingarda, e comecei a matá-los metodicamente. Eu nunca fui de matar coisas, mas eu tinha muita prática em vídeo games.

Acontece que essa coisa de tiro em primeira pessoa é realmente boa para alguma coisa. Especialmente em Morganville.

Eu estava matando o último – ou pelo menos, transformando-o de volta a respingos de líquido que se arrastava para longe para a segurança de uma piscina – quando o meu celular tocou. Eve tinha mudado meu ringtone de novo. Ela colocou uma das minhas músicas. Era estranho ouvir a minha própria música saindo do alto-falante.

Eu peguei o celular e atendi. – Estou meio ocupado agora! – eu disse, antes da novidade que o meu celular realmente estava funcionando me ocorrer. – Quem é?

– Moses. – Foi a resposta sem fôlego. – Pegamos Shane. Estamos indo para o caminhão. Claire e Eve estão presas nas escadas principais. Vá pegá-las.

Eu estava prestes a confirmar tudo isso quando eu ouvi os *draugs* começarem a gritar. Eu não estava preparado para isso; o ruído passou por mim como uma flecha na cabeça, e eu quase deixei o celular cair, mas eu consegui desligar e colocá-lo em meu bolso. Eu não sabia o que tinha acontecido para prejudicá-los tanto assim, mas mesmo sabendo que a gritaria era de dor, isso me fez selvagemmente feliz.

Isso manteria eles ocupados.

Eu corri de volta ao longo da passarela que atravessava a piscina segura, e quebrei a fechadura de uma porta no interior do edifício. Havia mais piscinas aqui, apenas duas, com mais passarelas, e eu vi que uma das piscinas estava uma confusão estridente de prata, enquanto eu a observava se acalmar em silêncio.

Havia latas abertas de nitrato de prata descartadas nas proximidades. E sangue. Muito sangue humano fresco.





Shane.

A trilha de sangue ia para a esquerda, mas eu fui para a frente, para as escadas que subiam para um andar para o lobby principal. Eu avistei o caminhão fora das portas, e pessoas se movendo — a forma distinta de Hannah estava de guarda, então eles estavam todos a salvo, por enquanto.

Eu corri para cima, em direção ao cheiro de pólvora queimada, podridão e medo.

Eu encontrei Claire e Eve descendo. Claire estava apoiando Eve; ela parecia estar mancando e xingando muito. Claire ainda estava com a espingarda, mas as mãos de Eve estavam vazias. Desarmadas.

Eu não pensei, eu apenas peguei Eve em meus braços e a ergui. O cheiro e o calor dela se envolveram em torno de mim, e ela inclinou a cabeça, descansando contra o meu peito. — Hannah encontrou ele — ela disse. — Shane está bem. Ele está vivo.

Eu beijei sua testa. — Eu sei. Você está segura agora — Ela não estava sangrando, o que era um alívio; deveria estar mancando por causa de um tornozelo torcido. Ternura fluiu através de mim, os músculos que eu nem sabia que estavam tensos relaxaram; seus dedos enrolaram no meu pescoço, e mesmo que ela não tenha levantado seus lábios aos meus, ela não recuou. — Eu juro, você está segura, Eve.

— Eles estavam com ele — Claire me disse. — Os *draugs* tinham nos encurralado. Mas eles correram.

— Sim. Parece que Hannah jogou uma bomba na piscina da festa — eu disse.

— Shane...

— Eu sei, ela está com ele. Você estava certa. Ele está bem. — Eu sabia, mas eu não disse, que ele tinha perdido muito sangue; ela provavelmente poderia descobrir isso por conta própria. O importante era que Shane tinha saído dessa vivo.

Todos nós tínhamos, pelo que eu sabia.

Ganhamos.

Claire respirou fundo, acomodou a sua espingarda como uma profissional, e disse: — Eu cuido das suas costas. Você só cuide dela.

Eu escoltei ela, ou ela escoltou eu e Eve, para o caminhão. Eu abri a traseira e encontrei Shane sentado na cadeira confortável de trono, coberto de picadas dolorosas dos *draugs*, seu corpo todo escorria sangue por todo o estofamento. Ele parecia pálido como papel e trêmulo, mas ele levantou a mão e disse: — Ei, mano.





— Ei — eu disse. Foi tudo o que eu recebi. Eu percebi, olhando para ele, que talvez se tivéssemos passado mais que um ou dois minutos, tudo isso seria absolutamente inútil. Ele não poderia ter aguentado por muito mais tempo.

Isso me assustou.

Richard e Monica estavam de pé, embora Monica parecesse rebelde; seus sapatos caros estavam quebrados, e seu vestido estava manchado de sangue. Ela olhou para mim como se me desafiasse a fazer algum tipo de comentário.

— Obrigado — eu disse a ela, e eu estava falando sério. — Ambos.

Richard balançou a cabeça. Monica franziu a testa, como se ninguém tivesse agradecido ela antes e ela não soubesse exatamente como lidar com isso. O que parecia provável.

Claire se apressou para passar por mim, saltou e foi direto para Shane. Ele colocou seus braços em volta dela quando ela o abraçou, mas havia algo estranho em seu rosto, algo... tentativo. Como se ele não tivesse certeza de que tudo isso era real. Se ela era real.

Não havia tempo para resolver esse problema. Eu bati a porta de trás e pulei na frente com Eve e Hannah, e demos o maldito fora daqui.

Rápido.





CAPÍTULO 11

CLAIRE

Por toda a viagem de volta para a Praça da Fundadora, Claire continuava a dizer a si mesma que Shane estava bem. Sua pele estava escorregadia com o sangue das mordidas, e ele estava pálido e fraco, mas ele estava vivo. E qualquer outra coisa poderia ser corrigida. Tinha que ser corrigida.

Tinha sido por apenas vinte minutos, ou talvez vinte e cinco, que ele tinha estado no poder dos *draugs*. Michael tinha sobrevivido a muito mais tempo do que isso, e ele estava muito bem.

Vai dar tudo certo.

Mas o jeito que ele estava segurando ela parecia... estranho. Hesitante. Era mais do que fraqueza.

— Ei — ela disse a ele, descansando a cabeça contra o seu peito. Seu coração batia rápido, mas soava forte e regular. — O que aconteceu lá?

— Onde? — ele perguntou. Ele estava com ela, mas ele parecia... vazio. Ou, pelo menos, muito longe.

— Onde você estava. — *E ainda está.*

— Eu estou bem — ele disse, isso não respondia a sua pergunta. — Você cheira a pólvora.

— Novo perfume — ela disse, olhando para o rosto dele. — Você gostou?

— Provocadora — ele disse, esse era quase o seu antigo eu, se comunicando outra vez de um lugar bem distante.

— Shane...

— Eu não posso — ele disse bem baixinho. — Eu não posso falar sobre isso agora, ok? Apenas... deixe isso para lá.

Ela não queria, porque o olhar em seus olhos, o jeito que ele estava segurando ela... Isso a deixou ansiosa de novo. Parecia, de alguma forma, como se ela não tivesse encontrado ele, ou pelo menos não a tempo. Como se parte dele ainda estivesse presa.





Ela apenas se enrolou mais perto dele, desejando que ele ficasse bem, e não disse mais nada por todo o caminho de volta. Seu corpo estava lá, sólido e vivo, mas havia algo mais que apenas não estava lá, e quando ela olhou em seus olhos, ela não viu... não viu *Shane*. Não completamente.

— Ele está bem? — De todas as pessoas, era *Monica* fazendo essa pergunta, ela agachou-se desajeitadamente sobre os seus saltos quebrados com o seu irmão em pé silenciosamente atrás dela. Ela parecia como se ela realmente, momentaneamente, estivesse interessada. — Quero dizer, Jesus, isso é muito sangue.

— Ele está bem — Claire respondeu quando Shane não respondeu. Seus olhos estavam fechados, mas ele não estava inconsciente; ele estava segurando-a com força e tremendo. — Apenas... ele precisa se curar, isso é tudo. — Sua voz tremeu quando ela disse isso, e Monica lançou-lhe um olhar penetrante rápido e sem piedade. Havia sangue em seu cabelo, o sangue de Shane, secando em manchas duras.

— Novidades, pré-escolar, ninguém está bem agora, e a maioria de nós não esperava por isso. — Ela levantou-se de repente, sua expressão endurecendo, e puxou o seu vestido. — Eu voltei aqui para *conseguir* ajuda, não para ser arrastada para resgatar o seu idiota burro, Collins. Então, você poderia ser um pouco grata.

Shane levantou lentamente uma mão, e... abanou-a mandando ela ir embora. Foi fraco, mas era tão típico dele que Claire quase chorou.

Monica quase sorriu. Quase. — Sim — ela disse. — Foi o que eu pensei. A trégua está acabada, imbecil. Da próxima vez que eu ver você sangrando no lado da estrada, eu dou ré e passo por cima de novo.

— Monica — Richard disse, num tom que dizia que ele tinha ouvido o suficiente. Mais do que o suficiente. Ela se calou e apertou-se contra a parede da picape blindada enquanto ela estremecia ao longo do caminho. — Claire, ele ainda está sangrando?

— Um pouco — ela disse. Ela podia sentir o lento gotejar de sangue através de suas roupas. — Mas não muito. — Esse poderia ter sido um pensamento desejoso, que era o único tipo de pensamento que ela podia ter no momento. — Obrigada. Se você não tivesse vindo com a gente... — *Eu estaria morta. E Eve. E Shane. Talvez Michael também, porque ele teria tentado nos tirar de lá.*

Richard balançou a cabeça, não recusando o agradecimento, mas dando a impressão de que não foi grande coisa; ele simplesmente escutou sem realmente registrar. — Ele é forte, Claire — ele disse. — Ele aguentou. Isso significa muito.





— Eu nunca deveria ter deixado ele — ela disse. — Oh Deus, isso é minha culpa, minha culpa. — Ela começou a chorar, intensamente, lágrimas doloridas que se empurravam para cima do fundo do seu corpo. Elas eram salgadas como o sangue de Shane quando ela beijou sua bochecha e escondeu o rosto no oco de seu pescoço.

Ela sentiu o toque suave de Richard em suas costas. — Às vezes as coisas simplesmente acontecem — ele disse. — Não está certo. Não é justo. Mas não é culpa de ninguém, Claire. Portanto, não faça isso. Não tome tudo isso para si mesma. Eu prometo a você, essa é a última coisa que ele quer que você faça.

Ela assentiu com a cabeça, mas ela realmente não achava isso.

— Sobre a minha irmã — ele disse. — Ela era uma criança doce, você sabe. Quando ela era pequena. Costumava vir para casa chorando todos os dias na primeira série. Todo mundo odiava ela, porque o pai dela era o prefeito. Então no segundo grau, ela deu a volta por cima. Ela começou a lutar de volta mesmo quando ninguém estava indo atrás dela.

— Por que você está me contando isso?

Ele deu de ombros. — Eu pensei que você deveria saber que ela nem sempre foi... o que ela é. Ela foi feita dessa forma. Não nascida. Ela pode mudar. Eu espero que ela mude.

— Sim — Claire disse. — Eu também.

Richard deu um tapinha em seu ombro novamente, e afastou-se para a parede da picape.

Shane segurou-a com uma força desesperada por todo o caminho para a Praça da Fundadora.



Shane precisava de uma transfusão.

Quando Theo disse a ela, Claire começou a chorar novamente e freneticamente. Eve abraçou-a de um lado, Michael do outro, até que ela se acalmou o suficiente para ouvir o que o Dr. Goldman tinha a dizer.

— Ele perdeu muito sangue — Theo disse muito suavemente, e pegou a sua mão direita manchada de sangue entre as suas enquanto ele estava na frente dela. Ela, Eve, e Michael estavam sentados em algumas cadeiras brancas antigas da antessala do que havia se tornado um hospital improvisado de Theo; do jeito que as salas de espera eram, chiques, mas frias. — A transfusão vai ajudar a substituir o volume rapidamente, e vai demorar cerca de quatro horas; eu duvido que haja qualquer efeito negativo, embora ele possa continuar a ter alguma fraqueza quando o seu corpo se recuperar. Eu fiz testes





nele, já que os *draugs* são portadores de doenças às vezes, mas parece que ele está livre disso, o que é uma sorte. Tudo o que ele precisa é de sangue, por agora, e descansar. Ele deve ficar melhor muito em breve, eu prometo. — Ele ficou quieto por um momento, então disse: — Alguém já lhe disse que é um milagre? Que ele, um ser humano, tenha sobrevivido?

— Ele é forte — Claire sussurrou. Ela vem dizendo isso desde o começo, e estava confiante, tão cegamente confiante. Mas vê-lo tão pálido, fraco e tremendo... isso a aterrorizava.

— Sim, realmente forte — Theo disse, e afagou-lhe a mão antes de soltá-la. — Um lutador, como ele sempre foi. Hoje isso lhe serviu muito bem, mas você deve entender que isso vai exigir mais do que força física. Michael pode dizer-lhe isso, até certo ponto, mas pode haver... outros fatores para Shane. O pouco que sabemos dos encontros dos *draugs* com os seres humanos nos diz que os seres humanos são forçados em um mundo de sonhos... ou pesadelos. Eu não sei o que Shane experimentou. Portanto, seja paciente com ele, e fique atenta aos sinais de qualquer comportamento estranho.... todos vocês.

Eles assentiram. O aperto de Eve na mão de Claire era quase dolorosamente forte, mas ela respirou fundo e aliviou-o quando Theo levantou-se e foi embora. — Isso é uma boa notícia — ela disse com uma alegria forçada. — Viu? Transfusão vai consertar ele. Ele vai ficar bem, CB. De verdade.

Eve estava dizendo isso tanto para animar a si mesma, quanto a Claire. Claire olhou, em vez disso, na direção de Michael. — O quão ruim foi? — ela perguntou. — De verdade.

Ele não recuou da questão, mas ela tinha visto os seus pesadelos, e ele sabia disso. — Bem ruim — ele disse. — Mas os vampiros não reagem da mesma forma aos produtos químicos secretados pelos *draugs*; nós não temos o estado de sonho que Theo estava falando. Então nós ficamos acordados e conscientes o tempo todo. Os seres humanos... eu não sei o que ele estava sonhando, Claire. Poderia ter sido bom. Espero que tenha sido bom.

— Você já falou sobre como foi? Para alguém? — Ela olhou para Eve, que desviou os olhos com os lábios comprimidos. É claro que ele não tinha falado. Eve teria sido a sua ouvinte, mas havia uma distância entre eles agora. Talvez esteja melhor do que antes, mas não totalmente. — Você deveria, Michael. Deve ter sido horrível.

— Acabou — ele disse. — E eu estou lidando com isso. Shane vai também. — Porque esse era o código dos garotos, Claire pensou em um desgosto leve. *Lide até você quebrar em um milhão de pedacinhos.* — Venha. Vamos vê-lo.





Ela estava quase... relutante, de alguma forma. Não para ver Shane, mas para vê-lo tão fraco. Mas ela ficou aliviada ao ver, quando eles entraram no quarto da ala de Theo com as suas camas de acampamentos e os lençóis pendurados entre elas, que Shane era um dos dois pacientes, e ele parecia... melhor. Theo, ou alguém, tinha limpado ele, para que ele não parecesse banhado em seu próprio sangue mais. Até mesmo o seu cabelo estava limpo, embora ainda úmido.

Havia uma agulha em seu braço, e uma intravenosa com bolsas de sangue. Claire estremeceu. Ela sabia o quanto ele odiava agulhas.

Ela segurou a mão dele enquanto ela se sentava na cadeira ao lado dele. — Ei — ela disse, e se inclinou para tirar o seu cabelo bagunçado da testa. Sua pele ainda estava pálida marfim sob o bronzeado, mas já não assustadoramente branca como papel. — Você está se sentindo melhor?

— Sim. — Ele não abriu os olhos, mas sorriu um pouco. Sua mão apertou a dela um pouco. — Você está aqui, não é? — Isso soou como uma pergunta retórica, mas não era, ela percebeu. Havia algo mais por trás disso.

— Sim, eu estou aqui, eu estou bem aqui — ela disse, e beijou sua bochecha. Seu rosto não tinha as picadas dos *draugs*, mas ela tinha visto em seu pescoço e peito, eles haviam suspenso ele na água com o rosto para cima, era melhor para mantê-lo vivo enquanto eles... não, ela realmente não podia pensar nisso. Não agora. — Michael disse que você... você pode ter sentido o que estavam fazendo com você. Você sentiu?

Ele demorou um pouco demais para responder. Poderia ter sido o cansaço, ou poderia ter sido uma mentira. Muito difícil dizer. — Não muito — ele disse. — Foi mais como se eu estivesse sonhando... ou eles estavam me fazendo sonhar.

— Que tipo de sonhos?

— Eu não acho... — Ele abriu os olhos e olhou para ela só por um segundo, e depois os fechou. — Claire, eu não acho que eu possa falar sobre isso agora.

Isso... doeu. Doeu muito. Ela teve um pavor súbito de que ele iria lhe dizer algo terrível, como *eu sonhei que eu estava apaixonado por Monica Morrell e eu gostei*. Ou talvez... talvez apenas que ele teve algum sonho feliz que não incluía ela. Porque ela sabia, oh sim, que Shane poderia conseguir alguém melhor do que ela; havia garotas mais altas, garotas mais bonitas, garotas que sabiam flertar e provocar, e se vestir para o máximo de sucesso. Ela não se enganava sobre isso. Ela não sabia por que Shane a amava, na verdade.

E se o sonho lhe havia mostrado que ele realmente não precisava dela, afinal?





Michael inclinou-se para ela e sussurrou: — Vamos deixar vocês dois sozinhos, Claire. Se você precisar de nós, você sabe que vamos estar perto.

Ela assentiu com a cabeça e observou-os ir; Eve parecia relutante, e ela fez um pequeno gesto de *me chame* em seu caminho para fora da porta. Claire engoliu através de uma garganta de repente seca e perguntou: — Por que você não quer me dizer sobre isso, Shane?

— Pode assustar você — ele disse. Sua voz soava fina, e um pouco instável. — Me assustou pra caramba. — Depois de uma curta hesitação, ele continuou: — Algumas coisas foram boas. As de nós dois, nós estávamos bem, Claire.

— Nós — ela repetiu. O punho em torno de seu coração afrouxando, só um pouco. — Nós dois?

— Sim — ele sussurrou, e ela percebeu que havia lágrimas se formando nos cantos de seus olhos fechados apertados. Lágrimas. Ela prendeu a respiração e sentiu uma pontada de dor real. — Eu só... era bom, Claire, era muito bom, e eu não queria... eu não queria... eu não sei o que eu...

Ele parou e virou a cabeça para longe dela, em seguida, rolou de lado. Se escondendo dela.

Se foi realmente bom, ela queria perguntar, *por que você está chorando?* Mas ela não perguntou, porque ela não podia suportar vê-lo sofrer assim. Ela estava transbordando com perguntas, todos os tipos de perguntas, porque ela não conseguia entender como algo que tinha sido bom poderia fazer tanto mal.

Mas ele não ia dizer a ela; ela sabia disso.

E talvez, apenas talvez, ele estava certo de que ela não deveria sequer perguntar. Não agora, quando estava tão recente e cru, uma ferida aberta.

No final, ela se aconchegou ao lado dele, o calor dela aliviando seus tremores. Pouco antes de ela adormecer, ela o ouviu sussurrar: — Por favor, me diga que você está realmente aqui.

— Eu estou aqui — ela sussurrou de volta. Seu coração doeu por ele, e ela apertou os braços ao redor dele. — Eu estou bem aqui, Shane. De verdade, eu estou.

Ele não respondeu.



Na parte da manhã, Shane parecia... melhor. Tranquilo, e com um olhar cauteloso em seus olhos que a assustou um pouco, mas ele parecia bem. As marcas vermelhas em sua pele estavam curando-se, e a transfusão parecia ter feito um bom trabalho de restauração de sua coloração saudável. Theo tinha





insistido sobre a adição de glicose na última hora, apesar de Shane ter começado a reclamar da agulha.

Claire tinha finalmente o deixado, mas não sozinho; Eve tinha aparecido bem cedo, com cafés na mão e equilibrando uma pequena bandeja de assados. Shane tinha aceitado o café, e estava de olho nos biscoitos quando Claire finalmente saiu para visitar os banheiros químicos incrivelmente estranhos e tomar um banho de esponja com gel de banho e uma garrafa de água. Ela sentia-se melhor também, por ter feito isso. Ela tinha dormido por incrível que pareça profundamente, não se movendo por toda a noite; o que tinham sido os efeitos mortais da adrenalina esvaindo, ela imaginou.

Shane não tinha falado muito com ela nesta manhã, mas por outro lado, ele tinha acabado de acordar. *Ele vai*, ela pensou. *Ele vai ser ele mesmo novamente hoje.*

Ela estava no caminho de volta para o quarto quando Myrnin saiu de um dos corredores, a viu, e parou no meio do caminho. Seus olhos estavam arregalados e pretos, e sua expressão estava tensa e cautelosa. — Claire — ele disse. — Soube que ele está melhor. — Não havia dúvida a quem Myrnin estava se referindo, nenhuma.

— Não graças a você — ela retrucou, e começou a passar direto. Ele ficou na frente dela.

— Claire, eu não... você deve acreditar em mim, eu nunca quis fazer mal a ele. Eu pensei...

— Você pensou errado, não é? Você estava disposto a deixar o meu namorado morrer lá fora. Agora saia do meu caminho.

— Eu não posso — ele disse suavemente. — Não até que você entenda que eu não queria vê-lo morto. De maneira nenhuma isso é verdade. Eu acreditava que ele já estava morto, e eu tentei poupá-la da dor de...

— Cala a boca. Apenas cale a boca e saia do meu caminho.

— Não! — Em um movimento surpreendentemente rápido, ele apoiou-a contra a parede, com as mãos apoiadas em ambos os lados de sua cabeça quando ele se inclinou sobre ela. — Você me conhece, Claire. Você acredita que eu sou tão mesquinho, tão... *patético* que eu faria isso por motivos pessoais egoístas? Os *draugs* não são brincadeira. Você correu riscos enormes e violentos ao voltar lá, e você tem que entender que eu sou um vampiro. Não é da minha natureza ser tão descuidado... com a minha própria segurança. Nem por um único ser humano.

Ela olhou para ele por um longo segundo, e então disse, muito calmamente: — Inclusive eu?





Houve um lampejo em sua expressão, um pouco de agonia, e ele empurrou para fora e se afastou dela. Ela tinha magoado ele. Bom. Ela pretendia. — Sim — ele finalmente disse bruscamente, e virou-se para ela a alguns centímetros de distância. — Sim, até mesmo você. Pare de pensar em mim como um... tigre manso de estimação! Eu não sou, Claire.

— E eu não sou o seu fantoche — ela disse. — Ou a sua assistente mais. Eu me demito.

— Não seria a primeira vez, não é? — Oh, ele estava com raiva agora, os olhos faiscando vermelho estroboscópico. — Se você não é adulta o suficiente para entender porquê eu tentei minimizar as nossas perdas, então eu não tenho nenhum uso para você, menina. Apegue-se aos seus amigos e as suas loucuras. Eu cansei de mimar você.

Ela riu. — Espera... você me mimando? Você está brincando? Sou eu que te segue por aí e pega as peças de louco que você deixa cair em todo o lugar, Myrnin. Eu. Você não cuida de mim. Eu cuido de você. E o mínimo que você poderia ter feito por mim era *voltar por Shane*. Mas você não voltou.

O efeito estroboscópico desapareceu, deixando seus olhos pretos e um pouco frios. — Não — ele disse. — Eu não voltei. E eu não voltei porque na minha experiência nunca houve nada para salvar. Eu não podia permitir que você visse ele assim, Claire, reduzido a ossos e sangue. Isso foi uma *bondade*.

Ela começou a retrucar, mas não conseguia encontrar as palavras. Ele estava falando sério sobre isso. Muito sério.

— Além disso — ele disse, — eu percebi porquê eles tinham levado ele. Você não.

— Myrnin, apenas... eu não sei do que você está falando, apenas...

— Eles estavam usando ele para chegar até você, Claire. — Ele deixou-a pensar nisso em silêncio por um longo momento, e então continuou: — Você tem toda a razão de me odiar. Sinta-se livre. Mas eu estou feliz que ele está bem do mesmo jeito. Eles estavam usando ele para atraí-la de volta, e funcionou. Magnus quer *você*. Você pode dar alguma consideração a isso, porque eu acho que é muito importante.

Magnus. Estava lá, observando-a. Esperando não por Shane, não por Michael, mas por ela.

Claire sentiu um arrepio frio em sua espinha, e calafrios estremeceram os seus braços.

— Ei — Shane disse. Ele estava encostado na porta, parecendo quase de volta ao seu antigo eu novamente; ele estava com a cor de volta em seu rosto, e ele estava usando roupas limpas, as dele mesmo, trazidas de volta por Eve. Ela conseguiu trazer a camiseta irônica favorita dele que dizia ISCA DE





ZUMBI. — Vocês dois estão igual crianças loucas brigando por mim? — Não havia nenhuma diversão em sua expressão, Claire pensou. — Porque não façam isso. Myrnin estava certo. Você deveria ter me deixado e ido embora.

— Shane...

— Você está com raiva porque ele fez uma coisa inteligente, não porque foi estúpida. Você voltou, sim, mas você teve ajuda, e isso foi importante. Se você tentasse fazer sozinha, você não teria conseguido, e você sabe que é verdade. Ele estava certo de correr. — Ele respirou fundo e encontrou os olhos de Myrnin diretamente. — Obrigado por fazer ela ser inteligente também. Mesmo que não tenha funcionado.

— Oh — Myrnin disse, claramente surpreso. — Bem, sim, tudo bem.

Claire olhou para Shane. Como ele poderia dizer que deixá-lo era inteligente? E sim, tudo bem, ela tinha conseguido reforços, e talvez isso tenha sido inteligente, mas ela teria voltado sozinha, e ele sabia disso.

— Ei — ela disse. — Você teria feito exatamente a mesma coisa se fosse eu.

— Sim — ele disse, e encolheu os ombros. Havia até mesmo uma tentativa de um sorriso. — Mas eu nunca disse que eu era inteligente, não é? — O sorriso — não convincente — não durou muito tempo. — Nós não podemos nos dar ao luxo de lutar assim. Não agora. Ele está no nosso time. Não o expulse. Não temos jogadores suficientes em campo.

— Sério que você vem com uma analogia esportiva agora?

— Sim — ele disse, e tomou um gole de café. — Assim como normalmente. — Mas havia uma sombra em seus olhos, um brilho que a fez se perguntar o quão profundo as fraturas estavam lá dentro dele. — Theo me liberou. Estou completo e pronto para ir.

Myrnin estava olhando para ele com uma expressão cautelosa, e então ele finalmente disse: — Eu suponho que você precisa descansar, então.

— Na verdade, não. Eu dormi, e eu ganhei uma transfusão. Eu me sinto... muito bem, na verdade. — Fisicamente, isso pode ser verdade, mas Claire duvidava que ele se sentia assim por dentro. Ela lembrou-se do sussurro dele no escuro. *Você está realmente aqui?*

Sempre, ela pensou. *Eu sempre estarei aqui.*

— Você tem algum tipo de missão que você queria nos mandar? — Shane perguntou. — Já que a última acabou brilhantemente.

— A última missão matou *draugs* o suficiente para impedir a canção, — Myrnin respondeu, — e nós não perdemos ninguém.

— Não graças a você — Claire murmurou. Ela viu as costas dele endurecerem.





— Oliver gostaria que nós considerássemos mais... abordagens científicas. Vou precisar de sua ajuda para isso, Claire. Vou esperar você no laboratório em... — Ele lançou um olhar dela para Shane e de volta para ela. — No seu tempo. Bom dia.

Ele cruzou as mãos atrás das costas e foi embora. Pela primeira vez, Claire percebeu o que ele estava vestindo: jaleco louco. Calças de carga. E suas pantufas de coelhos vampiros velhas, mas ainda batendo as bocas vermelhas a cada passo. Ela se perguntou se ele teria apenas os vestido, ou se desta vez ele tinha escolhido vestir isso para fazê-la pensar nele como... impotente. Inofensivo.

Havia muito mais em Myrnin do que apenas o caos agradavelmente louco; debaixo dele, havia um monstro calculoso e frio que ele mantinha enjaulado na maioria das vezes.

Ela não percebeu que ela tremia, de novo, até que Shane colocou seu braço ao redor dela. Ele estava quente agora, e ela se virou e colocou os braços ao redor dele. Ela descansou a cabeça em seu peito e ouviu a batida lenta e constante de seu coração. *Vivo, vivo, vivo.*

— Ei — ele disse, e inclinou seu queixo para cima. — Eu não cheguei a dizer olá na noite passada corretamente. Desculpe. Se importa se eu...

Ela se lançou para cima e capturou seus lábios no meio da frase, e o beijo foi feroz, doce e quente. Sua boca era macia e rude ao mesmo tempo, e ele afundou em uma cadeira e puxou-a para o seu colo, o que foi um alívio já que ela estava na ponta dos pés para alcançá-lo. Foi um beijo necessitado e longo, quase desesperado, e quando ela finalmente interrompeu, foi para respirar.

Ele passou a mão em seu cabelo com os dedos suavemente, e analisou o rosto dela com um olhar misterioso e intenso. Ela não sabia o que ele estava procurando.

— O que foi? — ela perguntou a ele, e colocou as mãos em cada lado do seu rosto. Sua barba estava um pouco áspera sob sua pele. Ele precisava fazer a barba. — Shane?

— Você parece tão... — Ele fez uma pausa, como se ele realmente não pudesse pensar na palavra. Uma pequena ruga se formou acima das suas sobrancelhas, e ela queria beijá-la para afastá-la. — Diferente — ele finalmente disse. — Você está? Diferente?

— Não — ela disse, assustada. — Não, eu acho que não. Como?

— Mais... — Ele balançou a cabeça, em seguida, beijou a palma de sua mão, sem tirar os olhos do rosto dela. — Mais real.

Isso deveria ter parecido romântico, mas em vez disso ela sentiu outro calafrio forte. Havia confusão nas profundezas daquele olhar, incerteza.





Medo.

— Shane, eu sou eu — ela disse, e beijou-o novamente, frenética com a necessidade de provar. — Claro que eu sou real. Você é real. Somos reais.

— Eu sei — ele disse, mas ele estava mentindo. Ela podia sentir no tremor de seus dedos, e a pressão de seus lábios quando ele a beijou de novo. — Eu sei.

Ela teria perguntado a ele o que tinha acontecido com ele, o que aqueles sonhos tinham sido, mas uma voz por cima do ombro dela disse: — Eu acho que isso significa que você está se sentindo melhor, mano.

Michael estava se aproximando, bocejando e bebendo uma xícara de algo que Claire sinceramente esperava que fosse café. Ela tinha visto sangue suficiente nas últimas 24 horas para durar uma vida.

— Sim — Shane disse, e deu-lhe um rápido olhar de desculpas quando ele a moveu de seu colo. — Melhor. — Ele ofereceu um punho, e Michael bateu nele. — Obrigado por terem ido me pegar.

— Não poderíamos fazer diferente. — Michael deu de ombros. — Você tem que agradecer a Claire. Ela nos manteve todos juntos. Hannah também; ela não tinha que ajudar, mas ela ajudou. E eu odeio dizer isso, mas você deveria agradecer a equipe Morrell.

— Já agradei — Shane disse, e franziu a testa um pouco. — Uh, eu acho que já. Já agradei?

— Já sim — Claire disse. — Está tudo bem. — Mas isso a preocupava também. Mesmo assim, o choque poderia fazer as pessoas perderem as memórias, certo? Nem tudo era suspeito. Ela não podia pensar desta maneira ou ela ficaria louca. — Não se subestime, Michael. Você se usou como isca para os *draugs*. Aquilo foi sério.

— Isca? — Shane repetiu, e piscou. — O quê?

Michael deu de ombros novamente e tomou um gole de café. — Alguém tinha que fazer aquilo — ele disse. — Eu sou o sabor favorito deles, e eu sou rápido. Fez sentido.

— Não faz nenhum sentido todos vocês arriscarem as suas vidas para irem atrás de mim. Como vocês sabiam que eu não estava morto?

— Mesmo se você estivesse — Michael disse, de repente completamente sério, — nós iríamos voltar por você. Eu estou falando sério. E a culpa é minha em deixar você para começar. Claire não queria ir embora. Eu estava com as chaves, e eu usei-as para ir embora e deixá-lo lá. Minha culpa. De mais ninguém.

— De repente todo mundo quer levar a culpa — Shane disse. — Eu pensei que era o meu espetáculo, cara.





— Nós podemos compartilhar. Muitas mãos, cargas mais leves, toda essa porcaria. — Michael deu outro gole e mudou de assunto. — Eve trouxe minha guitarra. Eu estava pensando em tocar um pouco mais tarde, se você quiser relaxar. Novas músicas estão tagarelando ao redor da minha cabeça. Eu gostaria de uma opinião.

Shane fez um daqueles gestos surfista, com os três dedos do meio abaixados, e o polegar e o dedo mindinho para fora. — Shaka, mano.

Michael fez o gesto de volta e sorriu. — Claire. Eu tenho uma coisa para você. — Ele puxou uma corrente sobre a sua cabeça e entregou para ela um colar; ela pegou e viu algum tipo de garrafa de vidro selada cheia de líquido opaco. — Enquanto eu estava atuando de isca, eu peguei um pouco de água de uma das piscinas.

Ela quase deixou cair. — Com *draugs*?

— Não. Sem *draugs* naquela piscina. Ela estava vazia. Apenas uma estava. — Ele deu de ombros. — Eu achei que poderia ser importante. Fazer a sua coisa de ciência com isso. Pode ser algo que poderia ajudar.

Ela balançou a garrafa, analisando o conteúdo, mas não lhe demonstrava nada. Não era uma grande amostra, talvez enchesse um conta-gotas. O suficiente, no entanto. — Obrigada.

— Claro — ele disse. — Até mais. — Ele começou a andar.

— Espere — ela disse, e foi até ele. Ela baixou a voz. — Você... você pode manter um olho nele pelo resto do dia? Se certificar de que ele está realmente bem?

Michael estudou-a por um segundo, então assentiu. — Eu sei o que ele passou — ele disse. — Bem, um pouco. Então sim. Vou ficar por perto. Você vá fazer o que você precisa fazer.

— Obrigado. — Ela o beijou na bochecha. — E me faça um favor. Faça as pazes com Eve, ok? Eu não consigo suportar isso. Eu não suporto ver vocês dois...

— Isso não cabe a mim — ele disse, — mas eu estou tentando.

Ela voltou para Shane e sentou em seu colo novamente com os braços em volta do seu pescoço. Ele rodeou a sua cintura. — Eu pensei que você tinha que ir — ele disse. — E não ache que eu não vi você beijando o meu melhor amigo.

— Ele mereceu.

— Sim. Talvez eu deveria beijá-lo também.

Michael, em seu caminho para fora, nem sequer se preocupou em se virar. — Ah, claro, você sempre *promete* isso.





— Me morde! — Shane gritou para ele. Ele estava sorrindo, e parecia genuíno no momento. Isso era bom. Ele até se virou para Claire e continuou virado, apesar de uma coisa sombria se arrastar de volta aos seus olhos. Era... incerteza. — Não você. Você, eu estava pensando mais em *me beije*. Se estiver tudo bem.

— Sempre — ela disse, e provou.



Ir para o laboratório de Myrnin era uma coisa muito estranha e desajeitada; ela normalmente se sentia bem ao redor dele, mesmo quando ele era estranho ou maluco... em algum nível profundo e fundamental havia um pouco de confiança.

Agora não. Neste momento não.

Ele olhou para cima quando ela entrou, e o olhar esperançoso em seu rosto suavizou enquanto ele lia sua expressão. — Ah — ele disse, em um tom neutro. — Bom. Obrigado por me conceder o seu tempo. — Isso era muito educado para ele; era tão estranho quanto um estudante tentando lembrar as suas boas maneiras. — Como está Shane?

Ela ignorou isso, porque o fato de ele dizer o nome de Shane fazia ela ficar com raiva. — Michael me deu isso — ela disse, e mostrou-lhe o frasco cheio de líquido. — É de uma das piscinas de retenção da estação de tratamento. Os *draugs* estavam evitando essa água.

Myrnin focou no frasco, e quando o que ela disse filtrou através de tudo o que acontecia em sua cabeça, ele pegou a garrafa dela para segurá-la para cima em uma lâmpada incandescente brilhante. — Interessante — ele disse. — Atencioso da parte dele ter conseguido para nós uma amostra.

— Perigoso — ela disse. — Ele tem sorte de não ter sido morto lá fora.

— Todos nós tivemos. — Myrnin pegou um tubo de ensaio e cuidadosamente derramou o conteúdo do frasco nele. Era uma quantidade escassa, mas ele parecia bastante feliz. — Excelente. *Excelente*. Um bom começo para a nossa inquisição hoje. — Ele fez uma pausa, em seguida, pegou uma pipeta delgada de vidro e retirou uma amostra da água para adicionar a uma lâmina, que cobriu com uma segunda placa de vidro e colocou sob um microscópio. — Eu estive pensando sobre agentes de ligação. Alquimicamente falando, o nosso objetivo era transformar um objeto de um estado para outro, chumbo em ouro, obviamente, mas muito diferente...

— Nós não temos tempo para alquimia — Claire disse, sem rodeios. — A alquimia não vai funcionar, Myrnin.





— Ah, sim, mas eu li... espere, eu tenho aqui em algum lugar... ah! — Ele empurrou os livros ao redor e veio com um pedaço de papel que parecia como se tivesse sido impresso de um computador. — Os alquimistas acreditaram que era possível mudar a natureza essencial de uma coisa, e olha, estávamos certos. De acordo com o *Jornal de Físico-Química*, uma carga de muita alta tensão conduzida através da água pode realmente trazer uma transição de fase, congelar o movimento de difusão e formar um cristal único e estável que...

— Eu li isso — Claire disse. A assustava que *ele* tivesse lido. No computador e não no papel? Myrnin não era exatamente o tipo que navegava-na-internet. — É interessante, mas isso exige muito poder, e não dura; além disso, não é uma mudança de fase permanente. Assim que você remover a corrente, a água retorna ao seu estado líquido. — Mas era impressionante que ele tenha achado isso, ela pensou; ela mesma considerou, porque a ideia de transformar água em um sólido era... exatamente o que eles precisavam, na verdade. Só não com o consumo de energia muito louco.

— Mas é um começo, não é? — Myrnin disse. Ele se inclinou sobre o microscópio e estalou a língua. — Eu estou honestamente perplexo com vocês seres humanos que fazem qualquer coisa com um equipamento primitivo em mãos. Isso é inútil. — Ele pegou a lâmina e, antes que ela pudesse detê-lo, retirou a placa de vidro e *lambeu a amostra*.

Ela lutou contra a vontade de vomitar. Ele não parecia nem um pouco incomodado. Ele ficou imóvel, fechando os olhos e, em seguida, disse: — Hmmm. Um pouco salgado, sabor amargo... hidróxido... de ferro. — Ele sorriu então, e olhou para ela como se ele estivesse muito orgulhoso de si mesmo. — Definitivamente hidróxido de ferro. Que é um agente de ligação, não é?

— Você está louco — ela disse. — Você não pode sair por aí... lambendo coisas que saem da *estação de tratamento de água*. Isso é apenas... anti-higiênico.

— A vida é anti-higiênica — ele disse. — A morte mais ainda, como você vê. Eu não acredito que o hidróxido de ferro tenha qualquer efeito sobre mim, mas é claro que eu deveria tentar doses maiores. Se isso de fato tiver um efeito sobre os *draugs*, é um grande avanço... — Ele virou-se e remexeu nas gavetas. — Não perca tempo. Você pode criar hidróxido de ferro, não pode? Faça algum. Acho que temos tudo o que precisamos no abastecimento.

Ela encontrou os óculos de proteção, luvas e um jaleco de laboratório extra três tamanhos maior — ela teve que dobrar as mangas — antes de colocar os produtos químicos que ela precisava, e as ferramentas. — Vai levar algum tempo — ela disse. — Tente não lamber qualquer outra coisa.

— Prometo de coração — ele disse solenemente.





— Eu não acho que realmente funciona como uma promessa quando você não tem mais o seu coração batendo. — Isso foi mais crítico do que era provavelmente necessário para ser, mas calou ele por um tempo. Ela concentrou-se em seu trabalho. Era como estar de volta à escola de novo, com um problema de química em sua mente — algo suave e simples, passos a seguir, e um resultado estável e bem documentado. Ela gostava de ciências porque era pura. Ela seguia as regras.

E nunca partia o seu coração.

Mesmo com a água destilada, demorou quase três horas para a reação química de fios de ferro, água e corrente elétrica criar o gel verde grosso de superfície espumosa; ela misturou, em seguida, ferveu em água ao longo de um bico de Bunsen, até que foi reduzido a pó. Todo o processo produzindo apenas um par de colheres de chá de hidróxido de ferro. Ela tinha perdido o controle do que Myrnin estava fazendo, mas no momento em que ela terminou, ele pegou parte do produto dela e misturou em um copo de água.

Sem reação. Ela não tinha certeza se ela estava feliz ou triste com isso.

— Para a próxima fase. — Ele pegou um frasco fechado de um líquido escuro e colocou-o sobre o balcão na frente dela. — Não derrame.

A água do recipiente estava em movimento e rodando sobre si mesmo. Claire tirou a mão dele, então se afastou, porque ele reagiu a ela. — Isso é um *draug*?

— Uma amostra — ele disse. — Você não quer saber o que eu tive que fazer para obtê-la, e eu não vou fazer isso de novo, então por favor, isso é uma amostra de tamanho pequeno. Nossa meta é chegar a algo que vai imobilizá-los, ou melhor ainda, envenená-los sem afetar um vampiro capturado.

— Não é perigoso ter isso aqui?

— Na verdade, não. É muito pequeno para formar qualquer tipo de entidade coesiva. Se ele tenta se organizar... — Ele entregou-lhe um pequeno saleiro, que ela olhou com uma careta. — Flocos de prata. Uma sacudida ou duas vai destruir a amostra, mas use apenas em caso de emergência. Agora. *Trabalhe*.

Claire balançou a cabeça, pegou um conta-gotas, e começou a experimentar com o hidróxido de ferro.

Depois de outras longas poucas horas, eles tiveram um resultado. Não era o que eles esperavam — e era bem a hora de informar a Oliver, que apareceu parecendo um diretor-executivo mais intimidante do mundo. — E? — ele perguntou. — Que resultados vocês tiveram?

— A ciência não é rápida — Myrnin falou de volta. — Talvez você esteja iludido por aqueles programas de televisão ridículos que mostram conta-gotas





mágicos e crimes resolvidos. Mas o que nós descobrimos é que, embora mostre potencial, agentes de ligação não serão suficientes. Não na força atualmente que temos disponíveis.

— O que o diabo é um *agente de ligação*?

— Hidróxido de ferro, por exemplo — Claire disse. — Basicamente, ele se liga quimicamente com contaminantes na água e puxa-os para baixo. Ele faz mal aos *draugs*; o que eventualmente pode até matá-los, mas não tão rápido. Há outros agentes como ele, no entanto. Nós podemos trabalhar através de cada um deles.

— O quão rapidamente?

— Não rápido o suficiente — Myrnin disse. — E, francamente, a maioria é muito mais limitado do que podemos fabricar aqui no nosso pequeno laboratório tosco. Era uma ideia fantástica. Só não tão prática como eu esperava.

— Ainda assim, é mais progressos do que os vampiros já fizeram antes por conta própria — Claire disse. Sua cabeça doía, assim como as suas costas, e ela desejava desesperadamente um sanduíche. E Shane. — Já é alguma coisa.

— Eu não diria que os vampiros nunca fizeram progresso. *Eu* forneci as espingardas — Myrnin disse.

— Os seres humanos inventaram as espingardas. E os lança-chamas.

— Não tente reivindicar que vocês inventaram a prata!

— Nós aprendemos a como explorar ela, cheirar e trabalhar com ela — Claire disse. — Desculpe, mas além de você, Myrnin, vampiros não são realmente bons na parte de inventar. Vocês só... roubam.

— A adaptação é a chave para a sobrevivência — ele disse. — Eu acredito que Darwin falou isso, muito brilhante. Ainda assim, precisamos de mais tempo, Oliver. Muito mais. E eu não tenho outras ideias ainda.

— Eu tenho — Claire disse. Myrnin virou para olhar para ela, e ela deu de ombros. — Você não perguntou. Mas eu tenho.

— Que é?

— Tem vários outros usos para os agentes de ligação, além de limpar a água. Eles também são usados na limpeza de derramamentos tóxicos, por exemplo. Há muita coisa que pode ser encontrada em Morganville, ou feita. Mas vamos precisar de uma maior seleção de produtos químicos.

— Que vamos encontrar onde, exatamente? Morganville não é exatamente um viveiro científico... — Myrnin parou no meio da frase como uma luz raiando. — Ah. Sim. Claro.





Oliver não estava parecendo satisfeito. Ou paciente. — Eu tenho muito a fazer. Você pode nos fornecer uma arma que podemos usar que não é tóxica para os vampiros, ou não? Eu preciso de uma resposta. Agora.

— Talvez — Claire disse. Oliver rosnou, e ela viu o quão próximo ele estava de se tornar um vampiro totalmente. Uma vez, isso iria tê-la assustado. Agora, isso quase não aumentou a sua pulsação. — Eu não posso te dizer até chegarmos até os produtos químicos, fazer lotes, e testá-los em vampiros. Alguns podem ser tóxicos. Alguns provavelmente não serão. A questão é, o que é eficaz nos *draugs*? E isso vai levar tempo para descobrir. Myrnin está certo. Não é uma varinha mágica.

— Então eu não tenho nenhum uso para isso — Oliver retrucou. — Vamos prosseguir sem a ajuda de vocês. Se o que foi relatado é correto, cortamos o principal método dos *draug* de avançar. Eles estão fixados em dois pontos: o final da cidade. — Ele deu um tapa no mapa com uma mão forte e pálida, — e aqui, na estação de tratamento. — Outro tapa. — É hora de lançar ataques. Vamos usar as armas que temos se for preciso, mas não podemos atrasar.

— Por que não? Magnus já tem todos os vampiros que ele pode conseguir em seus jardins de sangue; se eles drenarem os seres humanos sem sorte, eles não vão durar, e é o equivalente ao sangue animal para nós. Eles não vão se sustentar por muito tempo. Eles não podem aumentar a chamada. Eles não podem se reproduzir agora. Deixe eles esperarem até que estejamos prontos — Myrnin disse. Isso soou presunçoso. Muito presunçoso, Claire pensou, e Oliver deve ter pensado isso também, porque ele estendeu a mão, agarrou as lapelas do jaleco de laboratório de Myrnin, e arrastou-o muito perto.

— Eu. Não. Recebo ordens. De você — Oliver sibilou. — Você recebe ordens de mim, *bruxo*. E pelo tempo que eu te achar útil, você vai desfrutar de sua condição privilegiada. Quando você for um peso morto, vamos rever os termos de seu emprego... Estamos entendidos?

— Amelie...

— Está morrendo — Oliver disse. Seu rosto parecia duro como uma faca de osso. — Sentimentos de lado, não podemos deixar um vazio no poder, e você sabe disso. Sem liderança, os vampiros vão disputar entre si em conflitos de linhagem, correrias selvagens, vai atrair a atenção. Ela tem sido uma líder forte e justa. Eu espero que eu possa ser metade.

— Qual parte? — Myrnin perguntou. — Não justo, certamente.

As presas de Oliver se estenderam até o seu comprimento total e aterrorizante, e ele assobiou como uma cobra. Myrnin não se moveu. E não lutou.





Oliver empurrou-o para longe. — Faça o que quiser — ele disse. — Mas não fique no meu caminho. Qualquer um de vocês.

Ele saiu, empurrando a porta aberta e deixando-a dessa maneira, e Claire deu uma respiração longa e um pouco trêmula. Myrnin endireitou as lapelas de seu jaleco com um piscar de olhos irritado

E outra pessoa entrou pela porta.

Shane. Carregando um copo do que parecia ser uma Coca-Cola estimulante, doce e deliciosa, e um sanduíche. Michael estava com ele, carregando outro prato. Nele tinha... um saco do tipo O, ao que parecia.

— Ei — Shane disse. — Espero que não estejamos interrompendo. Ele está de mal humor.

— Você é um deus grego — Claire disse, e agarrou a Coca-Cola e o sanduíche. Ela hesitou em seguida, e envergonhada disse: — Hum, isso é para mim?

— Eu achei que você poderia estar com fome — ele disse. Michael silenciosamente entregou o prato para Myrnin, que mordeu o saco sem a pretensão de cortesia. — Ok, isso é perturbador.

— Desculpe — Myrnin murmurou, e continuou chupando. Claire virou as costas. Engraçado; um ano atrás, ver algo como isso iria totalmente ter feito ela pular a refeição, mas nada iria separá-la de um sanduíche de peru agora. Ela deu uma mordida gigante e deliciosa, mastigando e bebendo o refrigerante borbulhante.

Muito melhor.

— Qual é o drama? — Shane perguntou, e apontou para a porta. — Com o Soberano Muito Irritado, eu quero dizer? — Ele soou como o seu antigo eu, Claire pensou. Talvez um dia em torno de Michael tenha sido realmente bom para ele. Talvez estivesse... tudo bem.

— Ele quer uma ação mais rápida — Claire disse. — Eu disse que precisávamos de produtos químicos do laboratório da universidade.

— Você nunca realmente chegou a esse ponto — Myrnin disse, — mas eu entendi o que você quis dizer. E você está correta. Eles teriam uma seleção muito mais distinta e extensa de coisas lá. Devemos ir.

Shane disse: — Você está brincando? Você realmente acha que ela vai a algum lugar sozinha com você? Nunca. — Ele deu um pequeno sorriso sem humor a Myrnin. — Muito menos eu, claro. Mas eu prometo a você, ela não vai sem mim. — Ele olhou enquanto Claire amontoava mais sanduíche em sua boca, gemendo um pouco com a delícia da comida de verdade, e então disse: — Então, o que exatamente vocês vão fazer com os seus produtos químicos mesmo?





— Agentes de ligação — ela disse, mas soou um pouco com uma língua estrangeira. Talvez Klingon. Ela engoliu em seco e bebeu mais refrigerantes. — Desculpe. Agentes de ligação.

— Que são...?

— Os produtos químicos que se ligam a contaminantes na água. Ou produtos químicos que podem alterar a composição da água em si, algo que provoca uma reação ou uma alteração de estado.

— De líquido para sólido?

— Exatamente.

— Como... gelatina — Shane disse. Ele parecia pensativo. Claire piscou, de repente sendo tomada pela ideia de um caminhão de lixo cheio de gelatina sendo levado até uma piscina. Algum tipo de recorde mundial isso, ela tinha certeza. Mas não extremamente útil.

Myrnin lentamente endireitou-se, largou a bolsa de sangue vazia e lambeu o tipo O de seus lábios. — A menos que eu esteja muito enganado, você tem algo a dizer, Sr. Collins. Por favor, me diga que não é sobre salgadinhos.

— Não exatamente — Shane disse. — Mas eu acho que eu sei exatamente os produtos químicos que você está procurando. E você não vai encontrá-los na universidade. Mas eu sei onde você vai encontrá-los.

— Onde?

— Na escola de Morganville.





CAPÍTULO 12

EVE

Traduzido por Fernanda

Meu irmão, Jason, estava fora da prisão, mais uma vez, o que eu descobri porque eu entrei em uma sala do depósito de armas e o vi segurando uma espingarda.

Era como cair em um pesadelo. Eu era mais jovem, ele era mais jovem, era há quatro anos, e ele estava de frente para mim com a pistola do meu pai e me dizendo que ele ia me matar. Eu ainda me lembro *da maneira* como ele disse. Uma voz estranhamente calma, e olhos vazios.

Veja, o meu irmão não é alguém que você deva confiar com uma arma. Ou uma faca afiada. Ou as mãos vazias, e isso me aterrorizava, uma faísca de medo absoluto e paralisante, vê-lo *armado* assim. E solto.

O meu *irmão* Jason, e alguns de seus comportamentos fodidos são culpa minha, mas ele não é o primeiro cara que eu escolheria para entregar qualquer tipo de arma, mesmo em uma crise. Claro, ele poderia lutar. Claro, ele poderia causar danos. Mas ele era um canhão solto proverbial, rolando e esmagando tudo em seu caminho, amigo ou inimigo.

E alguns vampiros estúpidos o tinham colocado no trabalho de recarregar. Ele estava pegando cartuchos vazios, enchendo-os, selando-os e utilizando um recarregador de pressão. Ah, e ele estava cozinhando prata na munição, também, ou melhor, revestindo a munição regular com a coisa. Provavelmente não tão eficaz como pelotas sólidas, mas eu não estava surpresa por estarmos com falta de metais preciosos para atirar aleatoriamente contra o inimigo. Os vampiros armazenaram uma quantidade surpreendente de coisas que iriam machucar uns aos outros, mas até mesmo a sua paranoia tinha limites, e nós estávamos chegando neles.

Ele estava produzindo outro cartucho no recarregador, então encaixou na espingarda, fechou a parte traseira, e colocou a arma de lado em uma prateleira. Então ele me viu e parou por um segundo.

Nenhum de nós disse uma palavra.





Meu irmão era um pouco mais baixo do que eu, não realmente musculo, meio magrelo e anguloso. Usava o cabelo mais longo do que o de Shane, e a maior parte dele caía e escondia os seus olhos escuros. Assim era melhor. Ele tinha olhos frios, o meu irmão. Muito frios.

Havia uma cicatriz na testa, inclinando a partir da esquerda para a direita. Ela parecia muito recente. Havia também uma contusão em sua mandíbula.

— Mana — ele disse. Era uma espécie de voz indiferente, esperando que eu fizesse uma jogada. Eu não fiz, porque eu não ousava; eu entrei aqui sozinha e, pelo que eu sabia, ninguém sabia onde eu estava. Não Michael, que estava andando com Shane hoje; não Claire, que estava trancada no laboratório com Myrnin. Eu estava terrivelmente e irracionalmente com medo de que ele, de alguma forma saberia disso, saberia que eu estava sozinha e vulnerável.

Lá no fundo, ele era um sociopata, e eu tinha ajudado a torná-lo assim, por ter me afastado dele quando ele precisava de mim. Por trancar as minhas portas e cobrir os meus ouvidos e não fazer o que uma irmã mais velha deveria fazer: protegê-lo.

Então eu não podia odiá-lo. Eu só podia temer o que ele se tornou.

— Eu não sabia... — *Não sabia que eles o tinham libertado da cadeia.* — Que eles o colocaram para trabalhar aqui.

— Você conhece os vampiros. Práticos — ele disse, e deu de ombros. — Não adianta ter prisioneiros se você não pode conseguir algum tipo de lucro deles. Eles não acreditam em reabilitação. É tudo sobre tortura e ferro forjado com eles.

Ele só estava brincando um pouco, e sombriamente. Os vampiros não estavam torturando nos dias de hoje, mas eles também não estavam perdoando. E Jason havia testado a misericórdia deles, muito. Ele tinha sorte de estar vivo, e ele sabia disso. Meu irmão tinha um monte de pecados em sua consciência. Ele me ajudou algumas vezes, mas ele desistiu de tentar ser uma pessoa melhor há algum tempo, e eu parei de tentar ajudá-lo.

Então, havia isso entre nós, também.

— Como você está? — Era uma pergunta idiota, na verdade, e eu quase estremeci quando ouvi como soava. Ele jogou o cabelo para trás e sorriu. Não era um tipo de sorriso são, mas que poderia ter sido de propósito. Eu esperava que fosse.

— Bem — ele disse. — Confinamento solitário com supervisão vampira é realmente saudável. Você sabe, exercício, dieta boa, autoaperfeiçoamento. É como um spa, mas com presas.

Eu olhei involuntariamente para as armas, e quando eu mudei o meu olhar de volta, ele ainda estava sorrindo, mas de forma diferente. Parecia que





alguém tinha movido seus lábios e os colocado nessa posição, não que ele encontrasse qualquer verdadeiro humor nas coisas. — Irônico — ele disse. — Não é? Eu e o trabalho com as armas? Mas alguém tem que fazer as cápsulas, e os vampiros não podem lidar com a prata muito bem. Eu posso fazer duas vezes mais rápido, sem queimaduras. Como eu disse, eles são práticos. — Ele derramou um pouco mais de prata na forma da cápsula, e enfiou-a na prensa. — Então. Eu ouvi que vocês dois vão se casar. Acho que o meu convite se perdeu no correio do presídio.

Ele estava diferente, mais uma vez, desde a última vez que eu o vi. Ele estava tentando, por um momento — tentando ser um cara melhor, uma pessoa real. E ele estava totalmente ganhando, até que... bem, eu realmente não sabia o que tinha acontecido. Drogas, provavelmente. Jason estava sempre à procura de uma nova onda, principalmente para evitar enfrentar o seu próprio passado fodido. Ele tinha se envolvido com álcool aos onze; aos treze, ele tinha estado lidando com colegas de classe e ficando chapado a maior parte do tempo. Isso não o tinha tornado mais agradável. Até o momento em que eu tinha completado dezoito anos, ele já tinha ficado muito confortável com armas. Shane tinha uma cicatriz para provar isso. Eu tive sorte que eu não tinha, já que eu tinha sido a pessoa de que ele estava realmente atrás.

— Eu não achei que você gostaria de ir — eu disse. — Ou, você sabe, que estaria fora da cadeia.

— Surpresa. E porquê eu não gostaria de ir? Você precisa de alguém para entregá-la, mana. Eu sempre quis fazer isso. — Havia aquele sorriso assustador e vazio novamente. Alguma coisa tinha quebrado dentro do meu irmão. Ele sempre tinha sido perturbado profundamente, mas agora ele estava apenas... quebrado. E eu não sei porquê, ou o que tinha acontecido com ele, mas o que quer que fosse, o tinha deixado feroz e irritado. — Eu acho que isso faz de mim um Glass pelo casamento. Eu sempre quis ter um irmão.

— Não vamos ser Caim e Abel sobre isso — eu disse. — Você realmente não quer fazer isso, Jase.

— Caim era o assassino — Jason disse. — Qual de nós consegue bancar a vítima?

Oh, Jason. Eu senti um pequeno arrepio subir pela minha espinha. Meu namorado roqueiro doce e amável havia engolido mais trevas do que o meu irmão, e mesmo quando ele continuava sendo derrubado, as trevas estavam lá quando ele precisava. Ele não deixava ela controlá-lo, mas ele poderia colocá-la em uma coleira e fazê-la trabalhar para ele. Era bastante óbvio para mim, naquele momento, quem iria ganhar essa luta, não importava o que Jason pudesse pensar. — Esqueça isso — eu disse. — Confie em mim.





Ele riu. — Sim — ele disse. — Isso realmente vai acontecer logo. Você me usou, e então me traiu. Não é exatamente uma base sólida para a confiança.

— Eu pensei... eu pensei que nós tínhamos superando tudo isso.

— É fácil para você. Você acabou recebendo exatamente o que você queria. Liberdade. Um namorado gostoso que tem todo o status de vampiro. Oh, e mesmo que você tenha dito que nunca foi uma fã de presas, você tem um curativo no seu pescoço do tamanho de Nebraska. Acho que você está aceitando um monte de coisas nos dias de hoje. — Ele levantou um recipiente cheio de cartuchos com revestimento de prata e despejou-os em uma banheira meio cheia de água; os cartuchos chiaram e resfriaram, e ele os tirou com uma peneira enquanto preparava outro estojo de cartucho vazio.

Quando ele fez isso, o colarinho da camisa se moveu um pouco, e eu vi marcas de mordida vermelhas em seu pescoço, sobre sua jugular.

Assim como antes, quando ele era pequeno. Quando ele não tinha escolha.

Eu dei um passo involuntário para a frente com os olhos fixos na mordida. — Jason — eu disse. — Jase. Quem fez isso com você?

Ele colocou o colarinho de sua camisa de volta para o lugar e continuou a trabalhar sem uma resposta.

— Jason!

— Por que diabos você se importa? — ele perguntou de mau humor, e fechou um cartucho. — Eu achei que você gostava de mordidas recreativas agora. Você quer ouvir sobre a minha vida sexual? Bizarro, mana.

— Você está deixando alguém morder você — eu disse. — Deus, Jase, por que você *faria* isso? — Porque eu sabia o que ele tinha passado em sua infância. Meus pais sabiam e não tinham parado aquilo — não tinham nem mesmo tentado.

Eu tinha, uma vez. Só uma vez. Mas eu estava com muito medo, e eu falhei com ele. E eu ainda o devia por isso.

— Eu não sou estúpido. — Ele olhou para cima então, e o brilho de seus olhos era amargo e perspicaz. — Eu não vou estar no lado errado das presas por muito tempo — ele disse. — E quando eu for um deles, é melhor você acreditar que eu vou tomar a minha parcela justa. Dinheiro, sexo, sangue. Qualquer coisa que eu quiser.

Jason e Shane eram os dois lados opostos da mesma moeda. Ambos tinham vindo de abuso, ambos haviam se sentido vulneráveis, assustados e sozinhos, abandonados por todos que deveriam proteger e cuidar deles. Mas Shane tinha se libertado, se transformado em algo forte, algo que queria lutar para proteger os outros.





O meu irmão era apenas uma cópia de carbono de seu próprio agressor, pronto para passar a sua dor para a frente. E eu não podia detê-lo, não poderia ajudá-lo. Não podia fazer nada exceto o que eu tinha feito por ele por toda a minha vida.

Ir embora.

— Quem é? — eu perguntei. — Quem está mordendo você?

— Por que?

— Porque eu quero saber.

— Ela é realmente bonita — ele disse. — Loira. Eu acho que você já conhece. Eu a vi com você.

Não Amelie, obviamente; toda a ideia de ela fazer isso... apenas não fazia sentido. — Qual é o nome dela?

Ele mostrou os dentes. — Por que eu deveria dizer? O que você vai fazer, *dar parte*? Essa seria uma primeira vez para você.

— Jason, você nunca quis ser um vampiro. Nenhum de nós quis.

— Por que não? Você acha que eu não sou *digno* ou algo assim?

Digno não chega nem perto. A ideia do meu irmão com um poder permanente de vampiro era realmente ruim. Eu me senti mal, e ansiosa, e com medo; quem estava mordendo-o *tinha* de estar alimentando ele com essa besteira. Os vampiros não gostavam de transformar novos recrutas. Era algum tipo de risco para eles, e um fardo. Michael tinha sido o primeiro a ser transformado em um tempo muito longo, embora tenham havido algumas complicações para isso. Ninguém tinha sido feito um vampiro desde então.

Por que *Jason*, de todas as pessoas?

— Eu sei que você não acredita nisso — eu disse, — mas eu me importo com você. Eu sempre me importei. Você me assusta para caramba, mas eu acho que no fundo você sabe que isso é errado. Você ainda quer ser... melhor. Eu sei que você pode ser, eu já vi isso. Você ajudou as pessoas. Você ainda salvou as nossas vidas. Por que você quer, quer se tornar *aquilo*? Não um vampiro, mas algo pior.

Algo verdadeiramente sem alma.

Ele olhou para mim por um longo segundo, em seguida, pegou a espingarda que tinha deixado de lado e começou a entulhar os cartuchos com movimentos sólidos e repetitivos. — Porque não machuca tanto — ele disse, e encheu a espingarda com uma mão. — Hora de ir, mana. A reunião acabou.

Ele estava falando sério, e eu estava ciente do que aquela espingarda que ele segurava poderia fazer comigo, com os frágeis ossos e carnes humanos. Eu não acho que ele faria isso, mas eu não sabia. Eu realmente não o conhecia de forma alguma mais.





— Quem é ela? — eu sussurrei. — Deus, me diga.

Eu não achei que ele diria. Talvez ele não achasse que ele iria, tampouco. Mas, finalmente, quando eu estava indo, ele disse: — Naomi.

Eu obriguei-me a continuar.

Mas andar fora para da sala, deixando o meu irmão aspirante a vampiro fabricando armas de vampiros para destruição em massa, fez eu me sentir enjoada e indefesa e — o pior de tudo — culpada.

Mais uma vez.



Eu encontrei aquela vampira-vadia loira conversando com Oliver no escritório dele.

Ambos me ouviram chegando, é claro, e qualquer que fosse a conversa séria em curso, foi cortada antes que eu pudesse ouvir uma palavra; eu não me importava de forma alguma, porque a política de sanguessugas era a menor das minhas preocupações ou interesses no momento. Oliver tinha guardas, e um deles entrou no meu caminho. Ele era grande.

Eu não me importei.

— Você! — eu gritei, e apontei em torno dele para Naomi. — Loirinha. Traga a sua bunda de temperatura ambiente para aqui fora!

— Bem — Oliver disse, — este é um acontecimento interessante. Sem dúvidas, Naomi. Vá. Eu lhe asseguro, nós terminamos com a nossa conversa.

Ela olhou para ele. Eu estava acostumada a ver a boa e educada Naomi, aquela que parecia tão doce e suave como manteiga; esta parecia quase perigosa. — Você é um tolo — ela disse a ele. — Estamos longe de termos terminado. Você pode alegar o trono o quanto quiser, mas você não é nada além de um usurpador, e sempre foi, mesmo em seus dias respirando. Você não é rei.

— E eu lhe asseguro, eu sei a sua origem também. Amelie foi generosa com você, e bondosa, mas descanse com a certeza de que eu não vou ser tão bem educado. — Ele deu o menor sorriso que eu já vi, e talvez o mais perigoso. — Aproxime-se dela novamente e eu vou acabar com você. Atenda a sua pequena e barulhenta... convidada.

O guarda olhou para mim, impassível enquanto ele me segurava do lado de fora; ele devia ter quase dois metros e vinte de altura, e sua camisa era grande o suficiente para fazer três vestidos, e não do comprimento esporte fino, tampouco um traje formal. Eu tentei dar-lhe a minha expressão de





guerra. — Melhor se afastar, Miniatura — eu disse a ele. — Eu e a princesa temos negócios.

— Temos? — Naomi colocou uma mão gentil em seu braço, e Miniatura moveu-se para ela. Ela lhe deu um sorriso indiferente e tomou seu lugar na minha frente conforme Oliver batia a porta do escritório atrás dela. Ela estremeceu um pouco com o barulho. — Oliver pode ter nascido na nobreza, mas ele tem as maneiras de um criador de porcos.

Eu não perdi tempo. Ela estava ativando o seu charme, e eu não podia me dar ao luxo de deixá-la desarmar a bomba-relógio da raiva dentro de mim. — É sobre Jason...

O brilho bondoso em seus olhos morreu instantaneamente e se transformou em algo quase tão duro como um iceberg. Sua mão brilhou e se prendeu em volta do meu braço em um aperto inquebrável, e ela se virou para Miniatura com um sorriso brilhante súbito. — Não há nenhuma necessidade de incomodar os outros com essa bobagem. Vou levá-la aos meus aposentos.

— Minha senhora — ele disse.

— Ei! *Eu não concordei!* — Eu tentei me libertar, mas é claro que aquilo não me adiantou em nada. — Me solte, vadia!

— Eu vou me corrigir — ela disse suavemente, com outro olhar de desculpas para Miniatura. — Certamente Oliver não é o único com as maneiras dos camponeses. Você deve respeitar os seus superiores. — Eu tentei arrastar os pés, mas ela me puxou sem esforço pelo corredor, abriu outra porta sem marcação, e empurrou-me para dentro.

Em seguida, ela trancou a porta atrás de si mesma e se apoiou contra ela enquanto me soltava. Eu recuei, segurando o meu braço dolorido, observando-a com uma intensidade cautelosa. Era muito difícil vê-la como uma ameaça. Ela tinha uma certa... delicadeza que a fazia parecer vulnerável e frágil.

Isso provavelmente funcionava muito bem para ela.

— Você está mordendo o meu irmão — eu disse. — E ele disse que você vai transformar ele em vampiro. Você vai?

Ela não disse nada. Era como se eu não tivesse falado nada. Ela deu um olhar sobre mim, da cabeça aos pés, em seguida, voltou para cima novamente. — De toda a roupa que você poderia ter escolhido. — Ela suspirou. — Por que tudo o que você veste é desgastado como um programa ridículo de múmias ou preenchida com coisas afiadas? Você poderia ser atraente, da sua maneira. Dói-me ver Michael desperdiçando o potencial dele em você.

— Ei! — Eu esperava um monte de respostas, mas não... uma crítica de moda. — Dá licença, Project Runway, mas eu lhe fiz uma pergunta! Você está mordendo o meu irmão?





— Jason — Naomi disse pensativa, como se ela estivesse vasculhando o nome em sua mente. Isso poderia demorar um pouco. Ela estava procurando em cerca de um milhão de anos de idade. Ela afastou-se da porta e caminhou até um longo e belo sofá antigo, algo em madeira branca como osso e seda pálida que combinava com o resto das antiguidades do quarto. Todo o lugar parecia que tinha sido arrancado de algum palácio francês antes que a guilhotina tivesse começado — assim como ela. Eu realmente poderia imaginá-la com aquelas perucas altas cobertas de pó de arroz e saias laterais gigantes dos filmes. — Jason... ah, o criminoso. — Ela encolheu os ombros e sentou-se no sofá, graciosamente, é claro. — Ele não é da sua conta.

— Você ouviu a parte de que ele é o meu *irmão*?

— De acordo com Jason, você raramente agiu como parte da família — ela disse, e balançou a cabeça um pouco, tristemente. — Abandonando-o quando ele precisou. Virando as costas. Dificilmente as ações de uma irmã mais velha dedicada.

Eu tinha sido uma criança também. Aterrorizada. E Jason tinha sido sempre o forte, o agressivo, mesmo antes, mas não havia nenhum sentido em dizer alguma coisa assim a ela. Tentar me justificar fazia eu me sentir enjoada. — Eu não vou falar sobre o passado, eu estou falando sobre o que está acontecendo agora. Você está mordendo ele. Se alimentando dele. E você disse a ele que você vai transformá-lo. Você vai?

— Talvez. — Ela mexeu com o canto de um pequeno vaso de cristal sobre a mesa ao lado dela, e parecia completamente fascinada com o brilho. — Uma pessoa precisa de aliados, e de funcionários, é claro. Jason tem qualidades únicas que o tornariam um excelente vampiro.

Eu ri um pouco loucamente. — Você admite. Oh meu Deus, você realmente acha que é uma boa ideia dar presas para o meu irmão? Ele é um sociopata, senhorita. Pense melhor.

— Não preciso — ela disse. — Uma pessoa não sobrevive através dos séculos aproveitando-se do sangue de outros se ela é vegetariana. Ou excessivamente compreensivo. — Uma inclinação se formou perto de sua boca; em qualquer outra pessoa, em qualquer outro momento, ele teria sido encantador e fofo. — Eu lhe asseguro, eu não tomo nenhuma vantagem sexual dele. Ele, como você diria, não é do meu interesse.

— Sim, sim, vampira lésbica, eu entendo.

— Na verdade — ela disse, e agora eu tinha toda a sua atenção, — eu não tenho nenhum interesse em nenhum dos sexos, além da utilidade que podem ter. O amor romântico é uma ilusão, inventado por poetas e comprados por





tolos. Eu disse à você e Michael o que era necessário na hora para fazer você entender que o meu objetivo não era seduzi-lo, apenas... ajudá-lo.

— Ajudar. — A minha voz tinha sido indiferente e dura agora, e eu estava começando a calcular as minhas chances de sair desta sala viva. Ela estava explicando demais. Isso significava que ela queria que eu soubesse o quão inteligente ela era. Nunca um bom sinal para a sobrevivência a longo prazo do ouvinte. — Por que diabos você quis nos ajudar? Considerando que Michael estava desperdiçando o potencial dele e tudo mais.

— Porque isso se opunha aos desejos da minha irmã, é claro. Aquilo me mostrou uma luz razoável. E eu ganhei alguns apoiantes que eu não teria tido de outra forma. Nada disto é sobre o seu grande caso de amor, menina tola. Os casamentos nunca são. Eles são alianças, política, poder. Eles são a forma mais polida de guerra. Se Michael escolhe desperdiçar o próprio poder, então eu vou, pelo menos, tirar proveito da situação. — Naomi sorriu. O sorriso ainda era lindo, tímido e encantador, mas eu estava começando a perceber que ela apenas tinha uma melhor camuflagem do que os outros. Por baixo, ela ainda era apenas dentes, fome e ambição fria, muito fria. — Agora. Seu irmão. Ele tem algumas tendências selvagens, mas essas podem ser controlados com mãos firmes. Eu tive um *niais* com espírito antes.

— Um *o quê?*

— *Niais?* Vulgarmente chamado de *eyas*. Um jovem falcão. Um principiante. — Ela revirou os olhos para a minha incompreensão desta vez. — Um vampiro recém-nascido. Eles não te ensinam nada dos seus superiores aqui?

O insulto ao sistema educativo de Morganville não me intimidou, mas a implicação de que ela era a minha superiora sim. — Você mantenha as suas presas longe dele a partir de agora — eu disse a ela. — Ninguém está autorizado a transformar um humano sem autorização. Existem leis contra isso.

— Oh, sim, leis. — Naomi descartou isso com um aceno gracioso de sua mão. — São velhas e ultrapassadas essas leis de Amelie. A minha irmã sempre tentou colocar coleiras em nós, mas nós não somos cães, querida, nós somos lobos. E Amelie dificilmente está em posição de fazer cumprir as suas leis agora. Oliver não vai se importar; ele vai estar ocupado com seu próprio pequeno exército. Isso se tornará uma batalha eventualmente. Ele não é rei, como eu disse a ele. Ele não tem nenhum direito dado por Deus para governar.

— E você tem? — Eu cruzei os braços. — A Bola Mágica 8 diz que isso é duvidoso.





Ela me deu um olhar vazio, o que provou que ela *não* era tão legal quanto Oliver; aquilo era trágico. Ele, pelo menos sabia o que era uma Bola Mágica 8. Mas a confusão não durou muito tempo. Não tempo suficiente, com certeza. — Você quer o seu irmão? Muito bem. Eu posso devolvê-lo para você, Eve. Ele seria um aliado formidável, mas estou preparada para sacrificá-lo desde que você me ajude em algo mais crítico.

Eu não confiava nela. Nem um pouco. Mas Jason merecia que eu tentasse, não era? — Com o que exatamente eu ajudaria?

— Investigação — ela disse. — Somente investigação. E eu prometo a você, é uma investigação que Oliver precisa também. A sua amiga Claire significa algo para Magnus; os *draugs* colocaram um alvo nela, e eu gostaria de saber por quê, e como isso pode ser útil para nós. Você deve me ajudar a descobrir isso.

— Mas... — Isso parecia desconfortavelmente como trair Claire, de algum modo, e ainda assim era algo que eu sabia que a própria Claire estava pensando. Ela podia ver o líder dos *draugs*, Magnus; ninguém parecia ser capaz de fazer isso a menos que ele quisesse. Era uma boa pergunta, e até mesmo Claire queria as respostas. Era um ganho/ganho.

A menos que houvesse armadilhas que eu não podia ver. E provavelmente havia. — Ok — eu finalmente disse com relutância. — Eu vou ajudá-la a descobrir porquê Claire pode ver Magnus, e você se afasta do meu irmão e promete que não vai transformá-lo. Combinado?

— Combinado — ela disse, e sorriu. Havia aquela covinha novamente. — Posso pedir o chá?





CAPÍTULO 13

CLAIRE

— **A**penas me diga — Claire disse para Shane. Ela estava ficando irritada com ele agora; ele tinha estado em silêncio desde que tinha resolvido a questão de examinar o mapa, determinar rotas seguras, e discutir o transporte para a última missão à escola de Morganville.

E, é claro, ir a lugar nenhum com Myrnin, o que tinha sido uma discussão animada e interessante, que havia terminado com Michael dizendo que ele iria junto e se Myrnin tentasse qualquer coisa ele estacaria ele com prata.

Não havia absolutamente nenhuma dúvida de que Michael falou sério. Até mesmo Myrnin percebeu isso.

— Dizer a você o quê? — Shane perguntou. Eles estavam sentados no banco de trás do carro, e Michael estava dirigindo, o que era uma grande melhoria sobre a perspectiva de Myrnin dirigindo; suas habilidades modernas de pilotagem de veículo eram — para dizer o mínimo — tremendamente ruins. Eles estavam dirigindo um padrão sedan de vampiros preto com vidros fumê, embora pelo que ela podia ver, estava sombrio e nublado lá fora. Myrnin estava com uma espingarda no banco da frente, o que deixou apenas os dois na parte de trás. Parecia privado, embora realmente não fosse.

Porque você ainda está sentado tão rigidamente. Porque você me toca como se você não pudesse acreditar que eu estou realmente aqui. Porque, quando ninguém está prestando atenção, você parece tão... perdido. Ela não podia perguntar a ele essas coisas ainda. Ele deveria estar melhor; ele insistiu que estava. Michael, quando ela o puxou de lado no caminho para o carro, tinha dito que ele parecia bem.

Mas ela sabia que ele não estava. Ela não tinha ideia de como ela sabia, mas ela apenas... sabia. Ele estava estranho, embora ele estivesse fingindo muito bem. Não era o tipo de discussão que eles deveriam ter na frente de Myrnin. Ou talvez até mesmo de Michael. Havia algo muito pessoal, privado e íntimo sobre essas questões.





Então, ao invés, ela disse: — Me diga o que supostamente vamos procurar na escola de Morganville, porque eu *sei* que não é o laboratório de química incrível deles.

— Você está certa sobre isso — Shane disse. — Embora para ser justo, a classe de química tinha alguns pseudos fogões de metanfetamina, não era, Michael?

— *Pseudos* está certo. Eles explodiram em um trailer na margem da cidade — Michael disse. — Não é exatamente uma confirmação do nosso excelente sistema de ensino público.

— De qual ponto de vista?

— Qualquer um.

— Tem razão.

Deus, Shane *soava* bem, mas quando ela tocou seus dedos ela o sentiu estremecer, em seguida, segurar firme, como se ele estivesse se agarrando a um bote salva-vidas em um mar tempestuoso. A pergunta que ele fez ontem à noite continuou assombrando ela. *Você está realmente aqui?*

Ele estava?

— Você não respondeu à minha pergunta — Claire disse. — O que vamos procurar?

— Deixe-me aproveitar o meu momento — ele disse. Havia algo estranho em sua voz agora. — Eu sempre sonhei em ser eu que tinha as respostas.

De repente, ela não queria pressioná-lo mais. Em vez disso, ela apenas estendeu a mão e deslizou para mais perto. Ele colocou seu braço ao redor dela, segurando-a mais perto.

Como se ela só pudesse... desaparecer.

Michael revirou o carro a uma parada e disse: — Chegamos, pessoal. Shane, vamos precisar de um plano agora, por favor.

— Espere — Myrnin disse, olhando fixamente pela janela. Ele havia trazido seu aparelho de som gigante, e agora ele clicou no interruptor dele e desligou, e Claire ouviu o som fraco e sussurrante do canto dos *draugs*. Não era muito, mas estava lá. Myrnin apressadamente ligou a máquina novamente. — Estamos muito perto do lado infectado da cidade; eles ainda têm números suficientes para cantar, pelo menos por agora. Devemos ser rápidos com isso. Shane, eu espero que você saiba para onde vamos...?

— Claro — Shane disse. — É um galpão na parte de trás, perto da casa de campo. Michael, você sabe onde é. Você pode dirigir até lá. Apenas vá ao redor do prédio e estacione ali na frente dele. Eu acho que tem um local de armazenamento nele.





— Trancado? — Myrnin perguntou quando Michael colocou o carro em marcha novamente.

— Sim — Shane disse. — Muito trancado com um cadeado. Mas eu tenho certeza que vocês vampiros fortes podem cuidar disso, certo?

Michael manobrou o carro por algumas voltas e mais voltas, em seguida, apertou os freios e os trouxe para uma parada com uma derrapada digna de filme, jogando cascalho em uma onda na frente. — Fiquem no carro até que eu abra as portas — ele disse a Shane e Claire. — Myrnin, você tira o cadeado e abre o galpão. Algo mais?

— Abra o porta-malas — Shane disse. — O que estamos procurando é muito grande. Vamos precisar de musculatura de vamp para mover.

Ele nunca pediu por isso, pelo que Claire podia lembrar... Shane, dizendo que precisava de mais músculo para alguma coisa? Às vezes, ele aceitava ajuda, mas ele raramente *pedia*. Até mesmo Myrnin pareceu reconhecer isso. Ele não fez nenhum comentário irônico ou provocações, apenas nivelou um olhar lúcido com o namorado dela, acenou com a cabeça, pegou a caixa de som e saiu do carro, rápido, pelo lado do passageiro. Quando Michael abriu a porta do carro ao lado de Shane, Claire ouviu o estalo de metal quebrando, o que deve ter sido Myrnin quebrando o cadeado, a fechadura, ou a própria porta; houve um rangido seco de alta-frequência de dobradiças quando a própria porta dela do carro se abriu. Claire saiu, e viu que Michael também tinha aberto o porta-malas como Shane tinha pedido.

O galpão que eles estavam encarando era apenas isso — um galpão com piso de metal, nada extravagante. Pontas de cigarro antigas jogadas no cascalho ao lado mostravam que era um ponto de encontro dos fumantes. Provavelmente dos drogados também; esses grupos geralmente compartilhavam o espaço longe de todos os outros, já que ambas as coisas eram ilegais. Ela dirigiu-se à porta de metal escancarada, e parou, porque *Shane* tinha parado.

Ele estava olhando para a escola.

A escola de Morganville era um prédio de tijolos não-tão-grande que tinha a arquitetura perturbadora dos anos sessenta — limitada, intimidante, era mais como uma prisão do que qualquer outra coisa. Até mesmo a cerca em torno do perímetro era alta o suficiente para se qualificar como à prova de fuga. A placa apagada elevava-se sobre a escola com uma representação do mascote do ensino médio realmente muito assustadora. É claro que o símbolo da escola de Morganville seria uma víbora, mostrando presas.

— Shane? — Michael estava na porta do galpão, olhando para eles. — Quanto mais rápido melhor, cara.





— Eu sei — Shane disse suavemente, mas ele ficou olhando para o grande edifício de tijolos da escola. — Ei. Ainda tem uma piscina lá dentro?

— A piscina? — Michael franziu a testa e, por um segundo, ele parecia... preocupado. — Não. Você se lembra, houve algum tipo de acidente e eles fecharam, esvaziaram e reformaram antes de você sair da cidade. É um ginásio agora.

— Eu achava que os *draugs*... — A voz de Shane desapareceu. Estava muito quieto aqui, e Claire se sentiu desajeitada e estranha enquanto se movia em direção a ele. — Eu achava que havia uma piscina.

— Ei — ela disse, e pegou a mão dele. — Fique conosco, ok? Eu não sei o que está errado, mas só... fique focado. Nós precisamos de você.

Ele respirou fundo e soltou o ar. Havia um frio escuro e úmido no ar, e as nuvens sobre as suas cabeças retumbavam. — Certo. Estou aqui. Você está aqui. Estamos bem. — Ele deu um sorriso para ela, e quase parecia sincero.

Mas não era bem assim.

— Vamos — Michael disse, com mais urgência. — Vamos, pessoal, agora. Estamos em território neutro, mas é muito próximo a eles para ser confortável. Se mexam.

Claire levou Shane pelo cascalho e para o galpão, onde Michael clicou em um interruptor de luz que jogou um brilho industrial sobre os conteúdos. Cheirava a produtos químicos, ferrugem e óleo aqui, e havia caixas de tamanho industrial e tonéis, e todos os tipos de coisas que parecia que poderiam ser usados pelo pessoal da zeladoria ou da jardinagem.

— Claire, você não vai ser de ajuda assim — Myrnin disse. — Pegue espingardas do carro, por favor. Uma para você e uma para Shane, eu acho. Eu acho que Michael e eu vamos que pegar e transportar. E o que exatamente é que vamos carregar, você poderia ser amável...?

Shane olhou em volta, e apontou para um grande tonel de tamanho industrial pintado de preto brilhante. Ele era coberto por rótulos, mas Claire não reconheceu nenhum deles; nenhum parecia ter a ver com inflamabilidade ou toxicidade, pelo menos. Ela não estava realmente certa do que era além de que era grande e muito volumoso.

Ela saiu e correu para o carro. O porta-malas estava quase vazio, mas havia três espingardas armazenadas na área da roda; ela agarrou duas, em seguida, pegou uma terceira, porque... bem, porque sim. Além disso, eles iam precisar de espaço pelo que parecia.

Ela ouviu um barulho metálico de trituração, em seguida, um estrondo — o tonel tombando de lado, ela imaginou. Em um segundo ou dois, ela viu Shane liderando o caminho enquanto Michael e Myrnin o rolava sobre o





cascalho para o porta-malas aberto do carro, e então cada um agarrou uma ponta, levantou e jogou-a no espaço.

Os sedans dos vampiros tinham *incrivelmente* grandes porta-malas. Eles duplicavam o tamanho, Claire imaginou, como proteção solar para os vampiros mais jovens que poderiam ser capturados fora no sol. Esse poderia caber quatro ou cinco, pelo menos.

Claro, havia outras interpretações menos bondosas que ela realmente não queria considerar.

O tonel empurrou o carro para baixo sobre os pneus traseiros, e levantou ligeiramente na frente. Myrnin bateu a tampa da mala. Ele estava carregando a sua caixa de som em uma das mãos, e agora ele caminhou para o lado do motorista, carregou-o para dentro do carro e disse: — Rápido agora. Acho que estamos seguros o suficiente, mas não há nenhuma razão para...

Ele não teve tempo de terminar, porque o regador disparou. Aconteceu com um clique, enquanto as pequenas mangueiras eram empurradas para cima através da grama e, em seguida, um engasgar e chiado enquanto a água começava a borrifar para fora de todas as direções. *Muita* água. Muito mais pressão do que um sistema normal. Gotas de gordura atingiram o para-brisa do carro, e Claire sentiu bater contra a sua pele também — *não* água, ou não completamente, porque tinha uma consistência diferente, mais grossa.

E queimava.

Shane reagiu rápido. Ele pegou uma espingarda dela e empurrou-a para o carro; ela entrou e ele entrou em seguida, abriu a janela e colocou o cano para fora, enquanto tentava capturar alvos através da chuva artificial. Era os *draugs*; tinha que ser. Michael pegou a terceira espingarda e espelhou ele do outro lado do carro. A chuva de regador — misturada com chuva de verdade agora — soava como granizo quando atingiu o telhado e o capô do carro, e Myrnin duplicou o seletor no aparelho de som. Claire ouviu-o como uma névoa espessa de estática.

— Tire-nos daqui — Myrnin disse severamente. — Rápido.

Michael tentou. Ele colocou a arma no colo dele, levantou a janela e ligou o carro.

Ele ligou, rugiu, gaguejou e morreu com um chocalho de metais quebrado.

Houve um segundo de silêncio, apenas com a estática e a chuva para preenchê-lo e, em seguida, Myrnin disse com uma violência suave: — Maldição.

— E aí? O que vamos fazer? — Shane perguntou sem tirar os olhos da chuva artificial constante caindo fora do carro, correndo em riachos, escorrendo da pintura. Estava espirrando nele, e quando ele limpou as gotas,





Claire podia ver as marcas vermelhas que elas estavam deixando. — Este não é o momento para congelar, cara. Eu topo qualquer tipo de plano.

Myrnin hesitou, depois... agarrou Claire. Ele estava apalpando ela, e ela estava tão atordoada que ela começou a bater nele — sem resultados, é claro — enquanto ele tateava em seus bolsos e blusa, leves toques rápidos enquanto ele murmurava: — Desculpe, desculpe, peço perdão, desculpe... — E então ele puxou a mão de volta com o seu celular na mão. Ele olhou para a tela, desajeitado ainda com a tecnologia.

Havia uma sombra se formando na chuva exterior, sombria e ameaçadora. Uma sombra em forma de humano que tomou uma forma substancial.

Ela sorriu para eles.

— Sim, feliz de ver você também — Shane disse enquanto apontava. O som impressionante do rugido tampou os ouvidos de Claire por um momento, e ela perdeu o que Myrnin estava dizendo até que o ruído agudo de seus ouvidos começou a diminuir novamente.

— ...escola — ele estava dizendo, ou, pelo menos, ela pensou que ele estava. — O quê? Sim, Shane está fazendo tiro ao alvo, e nós *vamos morrer*. Eu apenas pensei que você deveria saber. — Ele escutou por um momento, então disse: — Isso não é reconfortante, você sabe. — Então ele desligou a chamada e passou o celular de volta para ela.

Shane, e agora Michael, ainda estavam focados nas formas que formavam fora. Mais do que uma agora. Shane tinha explodido a primeira, mas eles estavam respondendo formando mais.

— Por que os regadores estão ligados? — ela perguntou. — Nós desligamos a água! Fechamos as válvulas!

— Exceto uma — Shane apontou. — Não é mesmo? Deixamos uma aberta.

— Você o *quê*? — Myrnin virou no banco para olhar para ele com um olhar com olhos arregalados.

— Parcialmente aberta — Shane esclareceu. — Pelo menos, eu acho... — Ele parecia incerto para Claire. Ela assentiu com a cabeça. — Sim. Parcialmente aberta. — Por que ele não se lembrava claramente disso? Ela viu o crescente pânico em seus olhos. — Não tem piscina no prédio daqui não é?

Michael trocou um olhar longo e significativo com Claire. *Algo está errado*, ele disse. Não brinca. — Não, mano — ele disse suavemente. — Não tem piscina.

— Porque eles poderiam estar vindo da piscina.

— Shane. Não tem piscina.

Shane bufou em uma respiração profunda, e acenou com a cabeça, visivelmente ficando com raiva. — Certo. Eles tamparam ela. Eu sei. Parece





apenas que... não parece conveniente para nós agora? Que eles tenham tampado?

Ele não estava fazendo nenhum sentido, e este era o pior momento possível. Claire engoliu e mudou seu foco para Myrnin. — Para quem você estava ligando? — ela perguntou.

— Oliver — Myrnin disse. — Ele enviou alguns de suas forças para atacar os *draugs* na área fortemente infectada. Nenhum resgate virá da Praça da Fundadora no momento. Nós estamos completamente por conta própria.

Claire observou enquanto outras figuras apareceram além das pesadas gotas batendo para baixo no carro e sujando o para-brisa.

Era Magnus. E *não* era Magnus. Ela sabia a diferença. Ele enviou suas criaturas, mas ele mesmo não tinha vindo.

Ainda.

— O que vamos fazer? — ela perguntou. Shane não tinha resposta para ela. Nem Myrnin, ou Michael. — Gente, precisamos de algo!

Shane puxou sua arma de volta e subiu a janela, cobrindo a maior parte do som do bater de gotas no vidro, metal e terra. — Nós vamos ter que correr para um abrigo, ou ficar aqui presos.

— Eles vão encontrar uma maneira de entrar — Myrnin disse. — Olha. — Ele apontou para as saídas do ar-condicionado, e Claire viu que havia agora uma fina corrente prateada de líquido saindo de cada uma delas. Não muito, mas o suficiente. Aquilo estava começando a fazer poças no chão dos tapetes.

Ela puxou os pés para cima com um som ferido de desgosto.

— Então corremos — Michael disse. — O galpão deve ser construído à prova de água por causa dos produtos químicos armazenados no interior. Nós devemos ficar bem lá por um tempo.

Um tempo. Não permanentemente. Mas não havia nada como seguro agora, apenas... não capturados. Este jogo de gato-e-rato podia acabar apenas de um jeito: do jeito do gato.

Mas os ratos tinham um truque ou dois sobrando, e até mesmo um gato podia se machucar se os ratos mordessem forte o suficiente.

— Você trouxe o hidróxido de ferro? — Claire perguntou a Myrnin; ele acenou com a cabeça com o olhar fixo fora das janelas do carro. Seu rosto ainda parecia pálido e vazio, mas os seus olhos estavam cheios de sombras. E medo. — Não use até você precisar. Eles se adaptam.

— Eu sei — ele disse. — Mas nós temos outra arma secreta que devemos usar primeiro. — Michael parecia satisfeito com isso... até Myrnin entregar-lhe um guarda-chuva e dizer: — Não abra isso no carro. Dá muita má sorte. — Ele entregou alguns para Shane e Claire.





— Eu disse a você — Claire disse enquanto ela abria a porta do passageiro no aguaceiro que rugia. — Os seres humanos são mais engenhosos do que os vampiros. Nós inventamos os guarda-chuvas.

E, pela primeira vez, ela teve a última palavra.



Eles provavelmente deveriam ter morrido correndo para o galpão, e provavelmente teriam se Shane e Michael não tivessem sido tão rápidos e tão bons com as suas armas. Ela deu a sua arma para Myrnin e segurou o guarda-chuva para eles, o que a deixou metade descoberta e encharcada de água infectada com *draugs* no momento em que eles chegaram ao abrigo do galpão. Ela abandonou o guarda-chuva gotejando do lado de fora, e Shane puxou-a para dentro quando Myrnin bateu a porta e inclinou a estrutura de aço para travá-la bem fechada.

— Merda, Michael, ela está encharcada — Shane disse, puxando sua mão para trás de sua pele molhada. Ela estava tentando não gritar de horror do formigamento — rapidamente se tornando mordidas como picadas de agulha — por todo o corpo. — Fique calma, baby, apenas fique calma. — Ele tirou a jaqueta e jogou-a para Myrnin, que a pegou no ar, franzindo a testa. — Coloque isso na frente do seu rosto. Se eu ver você tirar até mesmo meio centímetro, eu vou partir você pela metade.

— O quê?

— Apenas faça. Michael...

— Sim — Michael disse, e virou as costas. — Entendi.

Shane agarrou a camisa de Claire pela bainha e tirou-a sobre a sua cabeça. Ela grunhiu em protesto, mas era tarde demais. Myrnin tinha feito como solicitado; seu rosto estava escondido por trás da jaqueta de couro. Shane tirou sua própria camisa manchada com gotas de água, mas muito menos comprometida, e limpou-a com ela para secá-la. Depois, caminhou com ela até ficar atrás de uma pilha de caixas e voltou a pegar a sua jaqueta.

Ela ficou lá seminua e tremendo, sentindo-se totalmente exposta, até que ele voltou e colocou o casaco em volta dela, em seguida, fechou. — Aqui — ele disse. Ele abriu suas blusas sobre uma caixa para deixá-las secar. — Melhor?

Estava. O calor da pele de Shane estabeleceu em torno dela junto com o tecido, e ela abraçou-a perto, cheirando ela. — Sim — ela disse, finalmente conseguindo raciocinar. — Você está com frio, no entanto.

— Nem tanto — ele disse. — Eu vou ficar bem.





— Não, você não vai — Michael disse, e tirou sua própria jaqueta para atirá-la para Shane quando ele se virou. — Coloque isso. Eu não vou exatamente morrer de frio. — O som das gotas de água batendo para baixo no telhado de zinco e paredes era implacável, como uma chuva de bolas de gude, e ele teve que levantar a voz para ser ouvido sobre o rugido. — Myrnin! Temos goteiras aqui?

— Sim — Myrnin disse. Ele parecia bastante calmo. — Várias. Construção precária, sem dúvida. Eu acredito que seja motivo de uma ação judicial.

Isso deveria ter deixado todos inquietos, e certamente levantou arrepios nos nervos de Claire, mas Shane balançou a cabeça. — Confie em mim. Estamos bem.

— Shane... nós não estamos bem!

— Quer ver um truque de mágica? — ele perguntou a ela, e beijou-a, rápido e leve. Por enquanto, pelo menos, ele era quase si mesmo. — Venha comigo.

Myrnin estava de pé bem atrás da porta, franzindo a testa para os gotejos prateados que tinham rastejado através de rachaduras e estavam misturando juntos em uma pequena piscina rasa. Alguns estavam saindo dos guarda-chuvas, e suas roupas; o resto era o líquido forçando o seu caminho através dos buracos. Não era rápido, mas não tinham que ser. Era implacável. Qualquer pessoa que nunca tinha visto uma inundação entendida o quão terrível poderia ser.

— Se você tem ideias mais brilhantes, este seria um excelente momento para divulgá-las — Myrnin disse. — Caso contrário, vou fazer-lhe a gentileza de quebrar os seus pescoços antes de Michael e eu ingerirmos prata. — Ele estava falando muito trivialmente, mas quando Claire olhou de perto, viu o olhar selvagem, aprisionado e horrorizado em seus olhos, a postura rígida de seu corpo. Este era, muito literalmente, seu pior pesadelo. Há quanto tempo ele vinha lutando e fugindo dos *draugs*? Há anos.

E Michael. Michael tinha sido pego por eles antes. Ela olhou para ele agora, e viu o quão penetrante e focada sua expressão estava, o quão tensos estavam os músculos de seus braços e peito. Ele estava lutando para controlar o seu próprio medo.

As goteiras foram disparando em todos os lugares ao redor do edifício; correr apenas enviaria eles direto para os braços de seus inimigos, mas se esconder não resolveria, tampouco. Não por muito tempo.

— Se mexa — Shane disse. Myrnin o fez, andando para trás alguns centímetros, o que permitiu a Shane passar por ele até outro tonel em um pálete atrás dele. Ele tinha o mesmo esquema de pintura que o tonel que os dois tinham rolado até o carro. Claire observou enquanto Shane caçava em





volta e vinha com um pequeno pé de cabra, que ele usou como alavanca para abrir a tampa no topo do tonel. O topo era curvado no meio, Claire percebeu, e ele puxou por essa parte. — Consegui — ele disse, e levantou o pé de cabra em triunfo. — Quem é o seu papai?

Myrnin olhou para ele como se ele tivesse ficado completamente louco. — *Como é?*

— Figura de linguagem — Claire disse às pressas, e correu para se juntar a Shane. Michael chegou primeiro, mas ele parou, franzindo a testa, olhando para baixo para o tonel.

— Desculpe, mas o que diabos é isso? — Ele tinha encontrado uma colher de plástico em um suporte, e estava cutucando em torno do barril. — O que é isso?

Shane pegou uma pá e cavou o que parecia... flocos de sabão. — Você se lembra no colegial, quando houve, oh, eu não sei, talvez algum incidente quando um rapaz jogou um traque gigante no vaso sanitário e o acendeu e teve uma grande enchente?

Michael piscou. — Eu lembro do vaso sanitário explodir e o banheiro inundar metade do corredor.

— E o que aconteceu depois?

— Você pegou detenção.

— Antes disso. O zelador teve de limpar tudo, e eu tive que ajudá-lo. — Ele bateu no lado do tonel. — Super Mastigador. Desenvolvido pela NASA. Absorve cerca de duas centenas de vezes o seu peso em água. Salpique ele, espere um minuto e recolha como pó. Observe.

Ele passou por Myrnin até a poça de líquido, deu-lhe um pequeno aceno de bye-bye e jogou a pá de pó em cima dela.

Um som alto e fino rasgou através das orelhas de Claire — uma pequena parte do grito dos *draugs*. E, em seguida, o pó escureceu, e o líquido foi atraído para ele, sendo puxado contra a sua vontade.

Sendo unido em uma ligação química, e completamente e totalmente preso.

— Oh meu Deus — ela sussurrou, e sentiu o seu corpo inteiro aquecer quando a compressão se espalhou através dela. — Oh meu Deus, Shane!

Myrnin deu um passo hesitante para mais perto, olhando. Seus olhos estavam muito amplos, fixos sobre o pó que tinha absorvido a água. Ele caiu de joelhos para analisar, então se inclinou sobre ele.

Em seguida, ele *cutucou* os restos.

O pó tinha virado mais escuro, mas ainda estava um pouco empoeirado — farelado talvez. Ele pegou uma amostra e esfregou-a entre os dedos.





Depois sentou-se para trás e olhou para Shane com uma expressão absolutamente ilegível.

— Você — ele disse, — é um gênio.

— Não — Shane disse. — Mas acontece que o meu passado não-tão-bom é bom para alguma coisa, afinal.

Michael jogou o braço em volta do pescoço de Shane e bagunçou o seu cabelo. — Bom trabalho, mano.

— *Dessecantes* — Myrnin disse, admirado. — Uma invenção principalmente moderna. Nós utilizamos antes com um sucesso muito limitado, porque levou tanto tempo para trabalhar; dióxido de silício foi tentado, e outros minerais, mas isso... isso é *surpreendente*. O quanto pode absorveu uma pá dessa?

— Muita maldita coisa — Shane disse. — Use o suficiente e ele se transforma em sólido, como geleia, e você pode apenas pegar e jogar fora. — Ele tinha um rubor em seu rosto, mas seus olhos estavam brilhando. Ele estava orgulhoso de si mesmo.

Bom. Ele merecia estar.

Myrnin fez uma pequena dança absolutamente louca, que deixou Claire de boca aberta e desejando que ela tivesse filmado, porque isso era algo que ela tinha certeza que ela nunca mais veria outra vez em sua vida.

Michael pegou o resto da pá e colocou um pouco de pó em todo o limite do perímetro. A água que entrou correu para ele e apenas ... desapareceu. — Eu vou verificar o perímetro — ele disse. — Espero que vocês tenham trazido um baralho de cartas. Nós vamos ter tempo para matar aqui. — Ele sorriu para Shane. — Sério, cara. Você é meu herói.

Shane ainda parecia feliz, mas então... então algo aconteceu. Seu sorriso vacilou, desapareceu. Ele ficou muito quieto, observando Michael.

— O quê? O que eu disse? — Michael perguntou a ele. — Você está bem?

Shane tinha apenas... se desligado. Michael olhou de relance para Claire, e ela pegou a mão de Shane. Sem resposta. — Shane? O que está errado?

— Herói — ele sussurrou. — Michael disse que eu era o herói dele.

— Bem, você é o meu também.

— Eu sempre quis ser... mas não está certo, não pode estar certo. Não tem uma piscina aqui dentro? Nós temos que chegar até a piscina, colocar a prata na piscina... — Ele fechou os olhos, e ele estava tremendo agora. — Isso está errado. Eu não posso ser o herói. Eu não posso ser. É assim que eu sei... sei que está errado.

— Shane!

Ele só... se encolheu de repente, e caiu com um estrondo oco de costas contra a parede de metal do galpão quando ele se sentou. Seus olhos se





abriram, e eles estavam assombrados, escuros e vazios. — Isso não está certo — ele disse. Ele olhou para ela, mas era como se ele realmente não a visse. — Você não pode estar aqui. Você não está aqui. Você estava segura. Eu nunca deixaria você se machucar, Claire. De novo não. Era apenas nós, e não você...

— O que ele está falando? — Myrnin falou irritado. — Nós não temos tempo para isso...

— Ele está lembrando dos sonhos — Michael disse em voz baixa. — Os *draugs* fazem os seres humanos terem sonhos. Eu não acho que ele saiba a diferença mais entre aquela época e agora.

Myrnin considerou isso durante cerca de, oh, um segundo e, em seguida, desprezou. — Irrelevante — ele disse. — Esta substância que ele encontrou muda tudo. Com este produto químico podemos fazer armas que não vão só enfraquecer, mas matá-los, destruí-los totalmente e não fazer mal a aqueles vampiros presos dentro das piscinas. Milhares de anos de terror, morte, execução, tudo isso pode acabar. Temos de encontrar uma maneira de sair daqui e matar Magnus. Ele é o único que importa agora.

Claire observou quando os olhos de Michael se estreitaram e se tornaram perigosamente vermelhos. — Talvez você não esteja prestando atenção, mas estamos cercados por fontes inteiras cheias de *draugs*. Essa coisa é impressionante, mas não é um escudo mágico ou qualquer coisa, e o carro está quebrado. Precisamos de transporte para sair daqui.

— Bem, isso não é cooperativo no momento, não é? Talvez haja outros veículos por perto. O menino é fluente em roubá-los, não é? — Myrnin franziu a testa para Shane. — Eu percebi que ele tem essas habilidades.

— Deixe ele em paz — Michael disse com os punhos cerrados. — Nós esperamos.

— Nós *não podemos* esperar!

— O inferno que não podemos!

A briga não parecia estar indo a lugar algum, e Claire se encontrou olhando para algo vagamente vislumbrado nas sombras. Algo pálido. Por um momento de parar o coração, parecia ser uma forma humana, e tudo o que ela conseguia pensar era que de alguma forma os *draugs* tinham encontrado uma forma de entrar. Seu coração bateu com força em um alarme instintivo e choque, e ela engasgou alto, mas depois percebeu que não era um *draug*, ou nem mesmo algum espião estranho... era um macacão branco em um cabide.

Um macacão de plástico. Adequado, ela imaginou, para fuçar em locais imundos em crises de paisagismos, limpar banheiros ou qualquer coisa.

Ela correu até ele, agarrou-o para fora da parede e gritou: — Virem-se! — Enquanto ela abria o zíper da jaqueta de Shane. Ela jogou por cima do ombro





de Michael, em seguida, enfiou as pernas no macacão com cuidado para não rasgá-lo; era algo bem fino, mas que deveria ser à prova d'água. Basicamente uma capa de chuva que se encaixava ao corpo. Era preso com um zíper de plástico na frente, e ela apressadamente fechou e olhou em volta por algo para as suas mãos.

Luvas de borracha nitrílica, uma caixa inteira delas. Ela pegou duas e colocou-as.

— Aqui — Michael disse, e entregou-lhe um chapéu de cowboy surrado e oleoso. — Eu acho que o zelador deixou. Isso deve manter a chuva fora do seu rosto e pescoço. — Quando ela o colocou, caiu na metade de seu nariz. — Ou talvez seja muito grande em você. Espere um segundo. — Ele pegou um saco plástico cheio de Super Mastigador e entregou a ela. — Use se você precisar.

Myrnin se empurrou entre eles e entregou-lhe uma... chave inglesa. Uma coisa grande e pesada. — Deve haver uma parada de emergência para o sistema de regar deste prédio — ele disse. — Desligue ele, e todos nós podemos sair. Se você não conseguir encontrá-lo, corra por ajudar.

Pela primeira vez, Claire percebeu que ela ia fugir e deixar todos eles aqui, presos. Shane estava quase catatônico, tremendo e paralisado por algo que ela não entendia totalmente.

Ela tinha que fazer isso. Por ele, se não por nada mais. Ela precisava tirá-lo daqui.

— Espere — Michael disse. — Talvez eu devesse ir.

— Correr para os *draugs*? Você está louco? Se eu for, eu só sou uma humana fraca, certo? Eu vou durar mais do que você. Eles estariam em cima de você no primeiro segundo que você passasse pela porta.

Myrnin disse: — Ela vai ficar bem, garoto. Mas Claire... Magnus estará observando você. Seja cuidadosa. Você está em risco também.

Claire ergueu a aba do estupidamente grande chapéu de cowboy e acenou para Michael e Myrnin. — Eu já volto — ela disse. — E eu vou tirar vocês daqui.

Michael não parecia feliz, mas ele balançou a cabeça. — Eu sei. Apenas cuide de si mesma.

Claire se agachou ao lado de Shane e olhou em seus olhos em branco por um longo momento. — Você pode me ouvir? — ela perguntou, e colocou as mãos em seu rosto. Ele ainda precisava fazer a barba. — Querido, por favor, fale comigo. Você pode?

— Claire — ele disse, e um longo tremor agonizante passou por ele. — Você está realmente aqui? — Ele estendeu a mão e tocou os dedos dela. Segurou eles. — Você está?





— Sempre — ela disse. Ela o beijou, e sentiu algo nele responder, urgente e desesperado por segurança. — Você tem que ficar comigo, Shane. Eu preciso de você. — Ela baixou a voz para um sussurro, seus lábios na orelha direita dele. — Você me prometeu algo, e é melhor você não estar desistindo agora.

Quando ela se afastou, no entanto, o pânico ficou pior, não melhor, e ele disse: — Qual é o nome dela? Claire, qual é o nome dela?

Ele não estava fazendo qualquer sentido. Ela sentiu as lágrimas ameaçarem, mas ela não tinha tempo. *Mantê-lo seguro, em seguida, trazê-lo de volta.* Isso era tudo o que ela podia fazer. — Eu vou voltar — ela disse.

Michael disse: — Claire. Eu vou cuidar dele.

Ele sempre cuidava, Claire pensou. Por mais que Shane odiasse o lado vampiro de Michael, Michael nunca os decepcionava. Ela nunca duvidou de que ele iria protegê-los, nem por um segundo. Ela nunca duvidava de qualquer um deles, na verdade. Eve, Michael, Shane... eles eram sua família.

Olhando para ele agora, ela sentiu uma onda de amor de tirar o fôlego, por Michael, e pelo que os quatro eram juntos.

— O quê? — Michael perguntou, levantando as sobrancelhas.

— Eu só quero abraçá-lo agora — Claire disse. — Você é o mais fantástico... — Ela não podia terminar, de repente, porque a garganta dela se fechou, e sua visão se dissolveu em brilhos, interrompida por lágrimas. Ela limpou a garganta, piscou e disse: — Não importa.

Ele entendeu. Ela podia ver isso em seus olhos. — Ninguém vai morrer hoje — ele disse. — Vá.

Ela correu.



Isso estupidamente lembrava Claire de correr através dos regadores quando ela era uma criança, gritando com prazer quando a água fria batia contra sua pele; ela tinha um maiô amarelo quando tinha seis anos, ela se lembrava, com um grande sol rosa desenhado nele.

Isso não era tão divertido.

No segundo em que ela pisou fora da porta do galpão, ela teve que rever seu plano, porque os guarda-chuvas que ela tinha deixado na entrada tinham desaparecido — retirados, ela assumiu, pelos *draugs*. Ela estava esperando pela proteção extra, mas isso claramente não iria acontecer.

Então ela segurou o peso da chave inglesa na mão e saiu correndo.

Os *draugs* estavam ao seu redor; ela podia vê-los em lampejos, escondidos nas correntes de água caindo. Eles não se manifestavam muito em forma





humana; isso devia precisar de energia, e muita dela, e eles não eram tão fortes agora como tinham sido antes. Eles não estavam cantando. *Nós machucamos eles*, ela pensou, e sentiu uma onda feroz de orgulho junto com a adrenalina.

E então seu pé tropeçou em um dos dispositivos do regador escondido em um tufo de grama molhada, e ela perdeu o equilíbrio. Seus braços agarraram por algum tipo de apoio, e a queda pareceu ocorrer em câmera lenta, cada gota pegajosa do líquido cintilava na frente de seus olhos quando ela caiu para a frente, e então ela teve um close, quase uma visão microscópica do orvalho úmido, da grama morta e de lama.

Ela bateu com força e rolou, e sentiu um dos dispositivos pegarem na perna de seu macacão de plástico. Ele devia ter rasgado, é claro, ela não tinha dúvida. Ela provavelmente abriu um buraco do tamanho do Kansas nele. Mas ela não podia parar, porque havia uma sombra nas gotas que caíam, do tamanho de uma pessoa, formando mãos pálidas, sujas e sem ossos, e ela estendeu a mão para ela. Havia poças nas áreas das gramas enlameadas, mas cheias com movimentos cintilantes e prateados enquanto elas vinham na direção dela.

As mãos — elas pareciam gelatina fria através do plástico — fecharam em torno de seu tornozelo, e ela sentiu-se deslizar para trás, em direção à poça rasa. *Não podia ser tão profunda*. Mas ela sabia que não importava; eles poderiam afogá-la em alguns centímetros de água segurando-a para baixo. Não levaria muito tempo, mas pior do que isso, Michael, Myrnin e Shane não seriam capazes de estar perto e vê-la morrer; eles sairiam para o resgate, e isso seria o fim de tudo. Ninguém para dizer aos outros o que eles tinham descoberto.

Como eles poderiam *ganhar*.

Enquanto ela rastejava na relva molhada, rasgando pedaços de grama e deixando os dedos lamacentos, ela viu Michael em pé na porta aberta do galpão. Ele estava tenso, olhando para ela com um foco feroz, irritado e horrorizado. Prestes a ir para o lado de fora.

— Não! Fique aí! Não deixe Myrnin sair também! — ela gritou. O líquido dos *draugs* batia para baixo em suas costas, e parecia punhos agora, pequenos, mas crescentes, as bofetadas golpeando com força. O puxão em seu tornozelo era tão irresistível como ser pego em uma enchente; ela não conseguia se livrar dele.

Espere. Espere por isso.

Ela virou-se e viu que a mão estava puxando seu pé para baixo na água barrenta da piscina.

Agora.





Claire puxou o saco plástico, abriu-o e mergulhou a mão dentro para agarrar um punhado de pó branco. Parecia arenoso e seco, como pó de osso. Ela virou, sentou-se e jogou o pó na piscina de água rasa.

Todo o inferno explodiu.

Não foi apenas a poça que reagiu, foi *tudo*, como se tudo fosse uma criatura conectada. A poça tentou se arrastar para fora, literalmente fluir para fora do buraco e sobre a grama, mas não teve a chance. Era como assistir a algo congelar em uma velocidade-super-rápida. A água enlameada se transformou em uma gelatina elástica e enlameada, tornou-se *sólida* e parou de se mover.

Ela observou ela ficar preta e desintegrar-se em flocos negros. Não havia nada de vida naquilo.

A água que saía dos regadores parou de agir como água; ela se *elevou*, se lançando diretamente para as nuvens.

Escapando.

Os regadores continuaram funcionando, sibilando para fora com pressão, mas só água saía, e parecia que era realmente água.

Claire tirou o pé da substância gelatinosa com um ruído de chapinhar e esmagar, e percebeu que um monte de grama tinha secado — os *draugs* tinham pego a maior parte da água com eles. Havia ainda um pouco de umidade, mas era só isso. Sem *draugs*.

Eles estavam fugindo do que ela tinha usado.

Ela pegou um pedaço de pau e cutucou a massa de borracha que tinha sido o *draug*... Era pesado, sólido, descamava em pedaços, e cheirava a morto e podre.

Ela se levantou, fechou o saco e deu a Michael um grande polegar para cima enquanto acomodava o chapéu em um ângulo melhor em sua cabeça. — Eu acho que isso prova a suspeita — ela disse. — Agora só temos que conseguir tirar essa coisa para fora daqui.

— Desligue os regadores! — Myrnin disse, acotovelando Michael para fora da porta. — Vá em frente, xô!

— Os *draugs* foram embora, Myrnin, você não viu? Quantas vezes você viu gotas irem *para cima*?

— Eu não vou sair até você fechar a válvula.

Medroso, ela pensou, mas não disse. Ele estava certo, é claro. Talvez eles estivessem deitados nas tubulações, à espera de uma deliciosa refeição de vampiro. Ela teria sido apenas um lanche, mas Michael e Myrnin seriam uma refeição prolongada.





— Fiquem aí — ela disse, e correu para o lado do galpão. Encontrar a válvula foi surpreendentemente fácil; desligá-la não tanto, já que ela não tinha a força de vampiro, mas ela conseguiu torcer a chave um par de vezes até que a válvula se fechou.

Sobre a sua cabeça, um trovão retumbou.

Claire olhou para cima; as nuvens estavam escuras e muito carregadas agora com a chuva. Os *draugs* voltando para os seus transportes, ela supôs. Eles poderiam descer novamente, a qualquer hora.

Mas e quanto a Magnus? Ele podia viajar dessa forma, ou ele era diferente? Ela sentia como se ele fosse, de alguma forma... ele poderia se transformar em líquido, mas ele tinha mais massa nele. Ele estava mais *lá*, mais *real* do que os outros. Eles eram como peças separada dele, mas ligadas a ele. Era assim que ela entendia, de qualquer maneira.

Uma sombra bloqueou sua visão das nuvens, e ela empurrou para trás o chapéu de cowboy estranho para olhar para cima. Era Myrnin. Ele ofereceu-lhe a mão, e ela aceitou. Sua mão enluvada ainda parecia arenosa por causa do pó. Não havia uma única partícula de umidade nela. Mesmo quando ela bateu-a sobre o solo ainda úmido, nada ficou no plástico sem ser absorvido.

— Funciona — ela disse. De alguma forma, ela parecia surpresa, como se ela tivesse ficado parada na porta observando, em vez de realmente *fazer* aquilo. — Myrnin... realmente funciona.

— Sim — ele disse. Havia um olhar em seu rosto que ela não conseguia entender. — Tire esse chapéu. Ele mal cabe em você.

Ela sabia que ele era estúpido, o que ela concordou e o tirou. Ele pingou com um fluxo de água da chuva da borda — limpa, não contaminada pelos *draugs*. O ar frio atingiu seu cabelo úmido — úmido de suor, ela percebeu, e estremeceu.

Michael não estava longe. Shane estava com ele, *quase* lá; ela podia ver o esforço enquanto ele sorria. — Bons movimentos — ele disse.

— Obrigada — ela disse. — Foi o meu melhor engatinhado na lama. — Seu coração doía ao ver o quanto ele parecia pálido, o quão instável.

Michael parecia perceber também, porque ele se meteu na brincadeira para tirar o foco para longe de Shane. — Eu concordo. Você jogou aquele pó como uma menina, no entanto.

Ela canalizou a sua Eve interior. — O que isso significa? De forma incrível? Porque é melhor você não ter mencionado de outra maneira ou eu poderia ficar ofendida.





Michael estava sorrindo, mas ele ainda parecia tenso. Havia um traço de terror nele. — Não nos faça fazer isso de novo — ele disse. — Não nos faça ficar lá enquanto você... corre esses tipos de riscos.

— Eu estou bem — ela disse. — E nós vamos conseguir. Você não disse isso antes de eu vir aqui fora?

— Sim — Michael disse. — Mas eu estava meio que mentindo.

— Eu sei, estúpido.

Myrnin pigarreou. — Os *draugs* podem ter ido embora, mas eles podem voltar a qualquer momento. — Ele lançou um olhar inquieto para as nuvens. — Precisamos de transporte. Talvez eu possa consertar o carro, mas...

— Não precisa — Michael disse, e acenou com a cabeça em direção ao canto da escola, onde outro carro estava lentamente parando ao virar a esquina. Era um carro da polícia, elegante e perigoso, e havia duas pessoas no mesmo. Um deles tinha um cano de espingarda apontado para a janela aberta. Claire ficou surpresa ao perceber que era Richard Morrell.

Hannah Moses estava dirigindo.

Ela parou o carro e saiu, franzindo a testa para eles. — O que diabos vocês estão fazendo aqui fora, tolos? — ela perguntou.

— O que trouxe *vocês*? — Shane perguntou.

Richard respondeu essa. — Todos os sedans de vampiros estão equipados com GPS e um sinal automático quando há problemas no motor — ele disse. — Recebemos um alerta no rádio dela dizendo que um estava sem funcionar aqui. Não havia qualquer razão para ele estar aqui, então Hannah queria checar. — Ele saiu do carro, e pareceu perder o equilíbrio por um momento. Hannah deu a ele um olhar penetrante e preocupado, e ele se segurou com uma mão no teto do carro-patrolha. — Droga. Falta de açúcar no sangue.

— E de sono — Hannah disse. — Você está exigindo demais de si mesmo. Richard...

— Eu estou bem, Hannah. — Não, Claire percebeu, *Chefe*, ou *Moses*, que confirmou a sua intuição de que havia algo mais acontecendo entre os dois além de apenas cortesia profissional. Ele ainda atirou-lhe um sorriso, e era um sorriso doce. Hannah não sorriu de volta. Ela continuou a parecer preocupada. — Tudo bem, pessoal?

— O carro está destruído — Michael disse, — mas por outro lado, eu acho que valeu a pena. Encontramos uma maneira de matar os *draugs*. — Ele disse isso casualmente, mas o brilho em seus olhos revelava sua empolgação.

Tanto Richard quanto Hannah olharam para ele com expressões idênticas de *O que você acabou de dizer?* — Bem — Hannah disse, — eu sei que podemos machucá-los com prata, mas...





— Não é prata — Myrnin disse. — Prata apenas machuca eles, e não podem matar Magnus, embora certamente possa deixá-lo muito infeliz. Não, de fato. O garoto está certo. Podemos matá-los. — Ele saiu correndo e voltou com as mãos cheias da massa preta — bem, não em suas mãos, porque até mesmo Myrnin não estava louco o suficiente para realmente pegar o *draug* com sua pele nua. Na verdade, estava despejado no chapéu de cowboy abandonado de Claire. Ele chacoalhou, e a coisa balançou como gelatina.

Sem vida. Partes dela voando para a distância.

— O que...? — Hannah se curvou sobre o chapéu, em seguida, cambaleou para trás com a mão no nariz. — Oh cara. Isso cheira a um corpo flutuante.

Claire olhou para Shane. — Como assim?

— Um corpo morto — ele disse. — Você não quer saber, confie em mim. — Seu olhar permanecia sobre ela, como se ele ainda estivesse na dúvida de que ela estava bem.

Ou existisse.

Ela tirou as luvas de borracha de nitrila e segurou a sua mão com força rapidamente. Ele enviou-lhe um sorriso instável e rápido.

— O que é isso? — Richard perguntou. Ele ficou bem para trás de onde estava o chapéu, mas ele pegou uma caneta do bolso e enfiou-a na massa. Sem reação. — Quero dizer, o que causou isso?

— Química. Produtos químicos de limpeza, para ser mais preciso... O jovem Shane aqui pensou nisso. — Isso foi generoso da parte de Myrnin de dizer, Claire pensou; Shane parecia surpreso também. — Isso me levou a pensar em algumas outras coisas que podem funcionar também, mas isso é surpreendentemente eficaz.

O orgulho de Shane, porém cauteloso e escondido, era contagiante; Claire viu o brilho dele no rosto de Hannah, e Richard também. Não, não orgulho. *Esperança*. Uma coisa rara em Morganville.

— Tem um tonel cheio disso no porta-malas do sedan — Myrnin disse. — Vamos precisar colocar no carro de vocês rapidamente. — Como se para enfatizar isso, as nuvens sobrecarregadas deram outro estrondo sinistro; ele se encolheu, se moveu com uma velocidade de vampiro até o sedan preto e abriu o porta-malas quebrando a trava com um puxão forte de seus dedos. Ele e Michael tiraram o tonel, mas permitiram que Shane e Hannah ajudasse a rolá-lo para o carro da polícia.

Richard ficou com Claire. Ele olhou para ela, ergueu as sobrancelhas e disse: — Qual é a da roupa de risco biológico?





Oh. Ela tinha esquecido sobre isso, na verdade. — Os regadores estavam ligados — ela disse. — Os *draugs* estavam esperando aqui fora por nós. Eu tinha que ter algum tipo de proteção.

— Boa ideia. — Richard não estava realmente ouvindo-a, no entanto; ele estava observando Hannah enquanto ela ajudava Myrnin e Michael moverem o tonel no porta-malas do carro da polícia. Ele não estava se encaixando tão bem quanto ele tinha se encaixado no vampmóvel. Havia algo um pouco triste no jeito que ele estava olhando para Hannah... como se quisesse algo que ele sabia que nunca poderia ter. Embora ele tinha ela, não era? Talvez?

As pessoas eram complicadas. Claire não conseguia descobrir o que estava em sua própria cabeça na maioria das vezes, muito menos na de seus amigos. Ou de Shane. E ela nem sequer conhecia o irmão de Monica.

— Então — ela disse, — você e Chefe Moses...

— O quê? — ele perguntou, de repente seu olhar estava focado nela, afiado como laser. — Eu e Chefe Moses o quê?

— Uh... — *Estão namorando*, ela ia dizer, mas ela estava com medo de repente que ela tivesse interpretado mal tudo isso. Embaraçoso. — ...fazem uma boa equipe, eu acho. — Que idiota. — Ela é muito fantástica.

— Ela é — ele disse. A crise acabou. Ele deixou sua atenção vagar de volta e se concentrar em Hannah; Claire se perguntou se ele até mesmo sabia que ele estava fazendo isso. — Ela nunca lhe dizer como ela conseguiu essa cicatriz?

— Não. — A cicatriz escura no rosto de Hannah era dramática, mas de alguma forma só fazia ela parecer... magnificente. Assustadoramente mais bonita, como se fosse uma tatuagem realmente exótica.

— Ela puxou três pessoas para fora de um caminhão em chamas no Afeganistão, sob fogo inimigo pesado — ele disse. — Ela ia voltar pela quarta quando as munições explodiram. Ela foi atingida por estilhaços. Ela foi uma heroína. Foi condecorada por isso e tudo. E então ela voltou para cá. — Ele balançou a cabeça. — Por que diabos ela iria voltar para cá?

Boa pergunta. Claire não tinha certeza se tinha uma resposta racional, tampouco, mas ela tentou. — É a casa dela. Talvez houvesse alguém aqui por quem ela queria voltar também. Isso é... você sabe, possível?

Isso o surpreendeu, e ele estava pensando em como responder a isso quando Hannah finalmente fechou o porta-malas e disse: — Certo. Nós vamos nos aconchegar aqui. Claire, na parte de trás com Myrnin e Shane. Provavelmente no meio, já que sabemos o quanto eles se dão bem. Richard e Michael, na frente comigo.

A conversa tinha acabado. Claire se mexeu na parte de trás e ficou sem fôlego ao ficar apertada entre o corpo sólido e quente de Shane, e o





estranhamente frio e rígido de Myrnin. *Sanduíche de homens*, ela quase podia ouvir Eve dizer, só que Eve nunca iria realmente contar com Myrnin exatamente como um homem.

— Nos leve de volta à Praça da Fundadora — Myrnin ordenou. — Eu tenho um pouco de trabalho a fazer, vocês sabem. *Um pouco*. Este é um começo muito promissor, mas tem muito para descobrir. Nós precisamos de melhores sistemas de distribuição, a capacidade de distribuir amplamente os produtos químicos, e...

— Sim, nós entendemos — Hannah. — Quanto mais rápido, melhor. Não tem problema, nós vamos agora, apenas mantenha as suas presas guardadas.

— Isso foi muito rude — Myrnin disse. — Eu não mostro as minhas presas há algum tempo. Não em companhia mista, de qualquer maneira.

Hannah lhe deu uma longa olhada no espelho retrovisor, em seguida, colocou o carro em marcha à ré e começou um trabalho especialista e suave de recuar. Uma vez no estacionamento, ela deu uma grande volta e se dirigiu para a saída. A escola do ensino médio com a sua placa com a caricatura desbotada do mascote, uma cobra, rapidamente recuaram à distância, e Claire respirou fundo de alívio.

Quase lá, ela pensou. *Estamos quase no final disso*.

E então a chuva caiu. Suavemente a princípio, algumas gotas grandes tamborilavam enquanto caíam no para-brisa... então mais delas, um balde sendo esvaziado, então uma inundação que rugia. Ela veio surpreendentemente rápida. Não era como chuva, na verdade, era mais como água com algumas bolhas de ar presas dentro. Como se de repente eles tivessem mergulhado no mar profundo e escuro.

— Mais rápido — Shane gritou para Hannah. Um relâmpago das nuvens escuras acima transformou o seu rosto em uma pedra azul-branca, com exceção do pânico que Claire viu em seus olhos. — Vamos lá, *dirija*, moça! Nós vamos ficar presos aqui fora!

Ela tentou, ela realmente tentou, mas a água estava subindo tão rápido nas ruas que conduzir mais depressa construiu uma onda — primeiro na frente dos pneus, e depois no para-choque do carro. Levou apenas poucos minutos para as estradas estreitas inundarem até os freios. O escoamento não estava funcionando — não, Claire percebeu, ele *estava* funcionando, apenas no sentido inverso. Água barrenta e contaminada estava fluindo para fora dos drenos, acrescentando a chuva que estava caindo.

Os *draugs* estavam tentando afogá-los rápido.

Hannah teve que desacelerar o carro quando se aproximava do cruzamento seguinte. Eles mergulharam na calçada lá, profundamente, e não





havia como dizer o que aconteceria se ela dirigisse até ela. Não, havia — Claire se lembrou do que havia acontecido com o carro fúnebre de Eve, com o seu motor queimado.

Os *draugs* poderiam desativar o carro.

— Virando! — Hannah gritou, e fez um giro rápido e deslizante que empurrou Claire com força contra Myrnin. Ela agarrou a parte de trás do assento e desejou que ela tivesse tido tempo de procurar pelo cinto de segurança, mas não havia espaço entre eles para prender um agora. — Indo para uma estrada lateral. Richard, mantenha os olhos abertos. Se você vê qualquer coisa vindo, dispare.

Ela dirigiu a uma velocidade provavelmente rápida demais pela estrada lateral, enquanto os edifícios fechados e sem luz brilhavam enquanto eles passavam; goteiras de água jorravam em correntes prateadas e grossas pelo que Claire podia distinguir lá fora. A chuva caía em um ritmo sem fôlego, e parecia uma chuvarada de bolas rolando e caindo sobre o teto do carro. *Eles deveriam estar ficando mais fracos, não mais fortes. Ou este é o esforço desesperado deles, já que eles sabiam o que podia machucá-los?*

Algo que era mais duro do que apenas uma gota de chuva bateu com um estalo, e Claire se virou para olhar para trás. Havia um *draug* agachado na tampa do porta-malas, olhando de soslaio para eles, seu rosto borrando e se movimentando na chuva. Ele tinha um pedaço grosso de tijolo em sua mão, e ele bateu contra a janela duas vezes.

Claire viu o vidro quebrar na forma de uma teia de aranha.

— O freio! — ela gritou. Hannah não hesitou; ela apertou com força, enviando a extremidade dianteira do carro para baixo e a parte de trás para cima, e o *draug* perdeu seu equilíbrio. Ele rolou para a frente em cima do teto, sobre o para-brisa dianteiro, sobre o capô, e de repente virou um líquido e se reformou na frente deles, rosnando.

Hannah deu à ré. Ele caiu para fora na água turva da estrada com um esguicho, afundou e foi embora. Ela rapidamente colocou o carro para andar novamente, mas o cruzamento seguinte estava tão ruim quanto o que eles tinham tentado evitar. Não havia como dizer o quão profundo a água estava, mas pela corrente do meio, Claire podia ver ondas, era perigoso.

Então eles estavam ficando em um só lugar. Havia mais *draugs*, e eles estariam aqui em breve.

— Eu tenho que arriscar — Hannah murmurou. — As outras ruas não vão estar melhores. Essas águas estão atravessando a cidade — Fazia parte do planejamento urbano original, Claire pensou; eles nunca recebiam muita chuva. Era supostamente inteligente.





Não tanto, agora.

Ela agarrou a mão de Shane e segurou-a firmemente quando Hannah aliviou para atravessar o cruzamento. Os pneus dianteiros rolaram para baixo. A água enlameada em movimento rápido ondulava ao redor do para-choque enquanto ficava submerso. Em seguida, a água subiu dos lados do carro.

— É muito profundo — Shane disse.

— Já é tarde. Já entramos — Hannah disse. Ela manteve o acelerador pressionado para baixo, nem acelerando nem freando, e a água marrom espirrou para cima do capô.

Para cima do carro.

Estava vazando na porta ao lado de Shane. Só um pouco, mas o suficiente para assustar Claire. *Não podia ser tão profundo*, ela pensou. *Não pode nos afogar*. Mas não era preciso. Tudo o que precisava fazer era afogar o motor. Por estranho que parecesse, não estava acontecendo. O carro ainda estava correndo, ainda rolando implacavelmente para a frente através da água infestada de *draugs*. Talvez carros da polícia fossem construídos mais resistentes do que carros funerários e vampmóveis.

Eles atingiram o fundo do mergulho com um pequeno solavanco que enviou ondas e ondas para fora, e a água espirrou em cima do para-brisa, deixando uma membrana fina e imunda prata por trás dela... e então Claire sentiu uma forte onda de água ao lado de Shane do carro, e o carro começou a escorregar para o lado.

— Não, não, não — Hannah falava baixinho. Ela empurrou o acelerador, só um pouco, e os pneus alcançaram o chão e começaram a subir. A água parecia segurá-la de volta, não apenas em termos de aglomeração, mas realmente segurar, agarrar. A respiração de Claire parecia quente e irregular em seu peito, e ela se sentia completamente aterrorizada e impotente.

Nada que ela pudesse fazer. Nada que qualquer um deles pudesse fazer, exceto Hannah, e se ela fizesse um movimento errado, o carro iria girar para a corrente, e ser levado.

Mas ela continuou, apertando o acelerador em aumentos cuidadosos e empurrando o carro para cima. O nível da água caiu. O capô rompeu a superfície, em seguida, o para-choque, e em seguida, eles foram para cima e através dela se movendo rapidamente.

Atrás deles, a corrente continuava rugindo, ficando mais forte. Nenhum outro carro conseguiria passar por lá. Não agora, de qualquer maneira.

Richard estendeu a mão, pegou a mão livre de Hannah na sua e levou-a aos lábios. — Isso — ele disse, — foi de uma calma de nível internacional.





— Isso foi sorte — ela corrigiu, mas lançou-lhe um sorriso brilhante e muito pessoal mesmo assim. — E eu estava completamente com medo.

— Fria como o gelo, essa é a minha garota.

— Cale a boca — ela disse, mas ela parecia satisfeita. E então ela se lembrou de que eles não estavam sozinhos no carro, e limpou a garganta.

Myrnin disse, num tom cansado: — Eu sinceramente não me importo para os casais secretos dessa cidade, então, por favor, declararem os seus desejos apaixonados ou fiquem quietos. Todos vocês.

Foi um passeio muito calmo.

Seis quarteirões depois, tudo mudou. Eles estavam dentro da vista das luzes da Praça da Fundadora, mesmo que fosse difícil ver através da mancha de chuva; o martelar constante de gotas no telhado tinha feito Claire saber se ela estava ficando surda. Mas havia visibilidade apenas o suficiente para ver a caminhonete aberta que estava através do cruzamento, indo perpendicularmente à Praça da Fundadora. Ela quase bateu no para-choque dianteiro do carro da polícia por alguns centímetros talvez, e derrapou fora de controle no pavimento molhado, indo rápido demais.

E então ela bateu no meio-fio, e capotou duas vezes, espalhando metal e vidro e fazendo um barulho estridente que era claro, mesmo com o barulho da chuva.

Hannah não hesitou. Ela virou o carro de patrulha em direção a destruição, parou o mais perto que pôde, e gritou: — Fiquem dentro, todos vocês! — Então ela pegou uma capa de chuva amarela impermeável com um capuz, colocou e foi para a tempestade.

Richard encontrou outra capa de chuva e se juntou a ela.

Claire, Shane e Myrnin estavam trancados na parte de trás, como criminosos, e Michael sensatamente decidiu permanecer onde estava, já que não havia outra capa de chuva disponível. Shane tentou a maçaneta da porta, mas não de uma forma que significava que ele estava seriamente tentando saltar para fora.

Myrnin não se incomodou. Ele se sentou em um silêncio frio por um tempo, e então disse: — Está demorando muito. Não podemos permitir a distração.

— Pessoas foram feridas — Claire disse. — É o trabalho de Hannah ajudá-las.

— É tolice — ele disse categoricamente. — Mais morrerão a cada segundo que atrasarmos. Se permitirmos que os *draugs* joguem este jogo, nós vamos perder. Horivelmente. Traga ela de volta para dentro.





— Ótima ideia! — Shane murmurou. — Por que você não vai dar um mergulho na piscina, meu cara?

— Eu não sou o seu *cara* — Myrnin sussurrou de volta. — Que piscina que você está falando?

— Ei! — Claire estendeu ambas as palmas das mãos, simbolicamente empurrando-os para eles se afastarem. — Espaço fechado. Vamos todos nos dar bem.

— Está demorando demais — Myrnin disse.
E ele estava certo.





CAPÍTULO 14

HANNAH

Traduzido por Fernanda

Eu disse a eles para não saírem do carro. Eu estava razoavelmente certa de que os três no banco de trás obedeceriam; Shane, forte como era, não teve o impulso ou a loucura de sair, e Claire, independentemente de quaisquer intenções, não teria qualquer chance. Myrnin não iria querer. Eu podia ver em seu rosto.

Mas Michael ... Michael me preocupava. Eu só podia esperar que ele não fosse bancar o herói.

Eu sabia que Richard provavelmente bancaria.

Eu mantive a minha atenção focada neles, pelo menos parte do tempo, enquanto eu corria em direção ao caminhão destruído.

Havia homens caídos, quatro ou cinco deles. Dois estavam mortos. Eu sabia só de olhar; eles tinham sido jogados para fora do caminhão enquanto capotava, e o dano foi feito. Eu os deixei e fui para os outros que ainda estavam se movendo, porém fracamente.

Um deles tinha um braço gravemente quebrado e um ferimento no couro cabeludo jorrando, mas ele estava acordado e mais ou menos focado. Ele estendeu a mão e puxou um pedaço da minha capa de chuva amarela. — Tire eles daqui — ele disse. — Os malditos vampiros de água estavam atrás de nós. Não conseguimos chegar a algum lugar seguro. Tire os meus homens daqui.

Eu pisquei. Era o líder da resistência humana de Morganville, o Capitão Óbvio. Ele havia assumido o papel de líder rebelde que odeia os vampiros quando o último Capitão Óbvio tinha sido morto, e ele era bom nisso porque ele serviu seu país em algum momento, em algum lugar, em alguma área. Não era um fuzileiro naval, eu pensei; um fuzileiro naval teria sido melhor motorista, e um fuzileiro naval não estaria deitado lá com um braço quebrado e esperando que alguém salvasse os seus homens.





— Espere — eu disse, e o deixei para passar para o próximo homem. Pernas quebradas, as duas. O rosto dele estava na água, e eu o apoiei contra os destroços para me certificar de que ele continuaria respirando. Ele estava tossindo e começando a gritar quando eu segui em frente.

Richard e eu chegamos ao terceiro, ao mesmo tempo. Eu não fiquei surpresa ao vê-lo, mas eu estava irritada. — Eu disse para você ficar no...

— E eu não ouvi — ele me interrompeu. — Tecnicamente, eu sou seu chefe, e não me venha com essa merda de cadeia de comando agora. Este homem tem ferimentos graves.

— Todos eles têm — eu disse. — E não há lugar para eles no carro. Pegue a viatura e vá embora. Envie de volta um transporte adequado.

— Você realmente acha que eu vou deixar você aqui fora, sozinha? Você realmente acredita nisso? Hannah?

Eu olhei para cima, e o encontrei olhando para mim com aquela estranha mistura de vulnerabilidade e frustração que eu vim a conhecer ao longo dos últimos meses. Nós tínhamos estado neste relacionamento há algum tempo. Tinha começado em um frenesi de frustração e necessidade, não amor, mas talvez algo próximo. Podia ser amor, com o tempo, mas havia algo que não estava exatamente clicando entre nós. Algum interruptor escondido que não ligava.

Eu desejava que fosse diferente. Eu *queria* estar apaixonada. Ele valia a pena. Inferno, *eu* valia a pena também.

Mas simplesmente não era o caminho que ia dar, e no fundo eu acho que nós dois sabíamos disso.

— Richard — eu disse com a minha melhor voz de oficial comandante, — *nós não* temos tempo para isso. Pegue a viatura e nos consiga ajuda, *agora*. Vá.

Ele não estava acostumado a receber ordens, particularmente; isso é o que acontece quando você cresce na família humana mais rica e mais poderosa de Morganville. Ele ainda pensava em mim como uma menina do lado errado da cidade, e não alguém que tinha ido até o inferno, chutado algumas bundas e voltado para casa viva.

Isso tinha sido um erro. Ele estava começando a perceber isso, finalmente. E a rever a sua atitude.

— Tudo bem — ele disse por fim. — Eu irei. Mas você fique segura.

Eu dei-lhe um pequeno sorriso, mas foi o meu sorriso de batalha, sem humor. — Sempre — eu disse. Eu era uma sobrevivente. Inferno, eu tinha sobrevivido a coisas piores do que isso. Horrores sobrenaturais eram ruins, mas eles não eram nada comparados ao ódio ardente e cruel que os humanos podiam dirigir uns aos outros. Eu não tinha vivido durante a segregação, mas





a minha querida, doce, embora velha Vovó Day tinha; ela tinha nascido na época em que os *coloridos* não podiam comer nos mesmos restaurantes, dançar nos mesmos clubes, beber das mesmas fontes, ou fazer xixi nas mesmas instalações sanitárias que os brancos. Os seres humanos eram capazes de coisas muito piores do que os vampiros, na minha experiência.

Talvez eles só tenham herdado a crueldade de nós.

A chuva estava diminuindo, mas onde ela batia na pele nua, queimava como picadas ou mordidas. Chuva canibal. Eu tinha visto um monte de merda, mas isso era estranho até mesmo para Morganville. Conforme Richard se dirigia para a viatura, eu resisti à vontade de dizer-lhe para ter cuidado. Ele era um nativo de Morganville; ele entendia as regras. Ele era forte, no fundo, também. Ele ficaria bem.

Eu tive uma fração de segundo para desejar ter dito.

Um jorro súbito de água saiu do topo protuberante do telhado do edifício, espalhando-se sobre Richard e na frente dele, e no segundo seguinte estavam formando-se braços que não eram braços, um corpo que era mais um verme desossado do que uma forma humana, e meu cérebro se recusou a processar o que era aquilo, aquele *rostro*...

Eu gritei e trouxe a arma para cima, mas Richard estava bem na frente daquilo, preso como um escudo. Aquilo sabia. *Ele sabia o que estava fazendo.*

Ele sorriu para mim, uma configuração horrível e incrivelmente errada de dentes, língua e lábios, e seus olhos estavam derretendo, tomando forma e se abrindo e eu senti um impulso totalmente estranho de gritar e esconder os meus olhos como uma criança, como se isso fosse parar o que estava prestes a acontecer.

Em seguida, ele *envolveu* Richard. Arrastou-o em seu próprio corpo. A massa espessa elevou-se e se fechou em torno dele, e eu o ouvi gritar. Só uma vez, antes de sua boca desaparecer.

Se eu atirasse, eu ia ferir o *draug*, mas eu mataria Richard.

— Atire! — o Capitão Óbvio estava gritando para mim. Eu reconheci a voz, ouvi o zumbido das palavras, mas eu estava completamente focada no que estava na minha frente. — Deus, atire *agora*!

Ele não vai machucá-lo muito, eu disse a mim mesma. *Eles mantiveram Shane por horas, submerso naquele tanque. Ele não pode machucá-lo tanto; ele só está tentando me forçar a atirar e matar Richard.*

Ele estava lutando dentro daquilo, como um inseto preso em melão. A forma aquosa, pegajosa do *draug* estava assumindo um tom rosado. *Faça alguma coisa!*





Eu deixei o Capitão Óbvio e a sua gritaria, corri para a viatura e abri a porta traseira. Claire estava batendo na janela, passando por cima de Shane para isso. Ela estava segurando um saco de pó branco, e por um segundo insano eu pensei em *drogas*, o que sempre era um problema em qualquer cidade pequena, mas quando eu hesitei, ela gritou: — Atire isso no *draug*!

Eu esvaziei o saco inteiro, atirando o conteúdo na criatura.

O grito perfurou a minha cabeça como um laser, e eu deixei cair a espingarda e caí, atordoada, instintivamente me puxando em posição fetal e cobrindo os meus ouvidos, mas aquele grito mergulhou mais e mais profundamente em minha cabeça, apagando cada pensamento, cada instinto exceto o mais puro, me *esconder*.

E então começou a desvanecer.

A chuva parou, de repente, como o fechamento de uma torneira. As poças debaixo de mim pareciam realmente *rastejar*, como se estivessem tentando fugir, e eu pensei que eu estava ficando louca, mais uma vez, conforme eu caía pesadamente sobre as minhas costas e vi as correntes prateadas de gotas subindo em direção ao céu contrariando as leis da gravidade, cintilantes e estranhamente e terrivelmente bonitas em suas curvas sinuosas.

As nuvens estavam menores sobre a minha cabeça, eu percebi. Elas arriscaram muito para fazer isso, e isso lhes custou. Esta região era seca, árida e implacável, e a água ficava presa rapidamente no solo frouxo e arenoso. Nem todas as — celas? — de *draugs*, ou o que quer que fossem, poderiam sobreviver a este processo de chuva e recuperação.

Eu estava acabando de me colocar de pé quando avistei o Capitão Óbvio, cambaleando sobre os seus pés. Ele estava segurando o seu braço quebrado perto dele, mas ele pegou um rifle dos destroços do caminhão.

Eu olhei para onde ele estava apontando.

O *draug* estava — eu não sabia como chamá-lo. Disforme, porque ele tinha tentado fugir de volta a forma líquida, mas congelado em algo que estava enevoadado, gelatinoso, e atravessado por linhas pretas grossas como veias. Era horrível, e dentro dela, Richard ainda estava preso.

— Não! — eu gritei, e agarrei a minha espingarda.

Eu não fui rápida o suficiente.

Capitão Óbvio disparou duas vezes, diretamente no corpo morto e elástico do *draug*. Seus olhos estavam selvagens e loucos, enlouquecidos pelo grito e a coisa *errada* do que nós tínhamos visto, e eu entendia aquilo, eu entendia o impulso de esmagar aquela forma maligna e horrível em pedaços.

Mas Richard estava dentro dela.





Eu de alguma forma consegui não atirar no Capitão Óbvio. Não me lembro de me mover, mas de repente eu estava em cima dele, e eu me lembro vagamente de golpeá-lo com a coronha pesada da espingarda em minhas mãos. Ele caiu outra vez, sem sentidos. Eu resisti à vontade de chutá-lo no braço quebrado.

Michael Glass tinha saído do seu lado da viatura e estava ali, pálido e quieto. Ele estava olhando para mim como se ele nunca tivesse me visto antes. Bem, ele não tinha. Não assim. Não totalmente no automático.

Eu joguei-lhe a minha espingarda enquanto corria, e ele a pegou, e então eu estava mergulhando as duas mãos profundamente na substância fria, horrível e espessa que tinha sido o *draug*.

Na profundidade do cotovelo.

Eu consegui segurar um dos braços de Richard e puxei-o para fora. Era como puxar alguém para fora de lama pesada e profunda; e tomou cada grama da minha força e impulso para conseguir libertar a mão dele, em seguida, seu cotovelo, então seu ombro — e então, a forma solidificada e morta do *draug* caiu para longe dele quando a gravidade arrastou seu corpo desossado para baixo, e ele ficou completamente livre.

Ele estava coberto de pedaços fedorentos e molhados de matéria negra. Seja lá o que o pó tivesse feito com o *draug*, tinha certamente o matado, porque esse era o cheiro de coisas mortas apodrecendo nas praias.

Richard deu um profundo e borbulhante suspiro e abriu os olhos. Sua pele estava vermelha como queimaduras solares, picadas em todos os lugares pelas garras do *draug*, e havia manchas vermelhas de hemorragia no branco de seus olhos. Ele quase sufocou.

Uma das balas que o Capitão Óbvio tinha disparado o tinha atingido na lateral, provavelmente no fígado; o que era ruim, mas a que o tinha acertado diretamente no peito estava pior. A ferida na frente estava bombeando sangue arterial vermelho brilhante, e no segundo em que eu a vi, uma estranha sensação de calma caiu sobre mim. Eu conhecia a sensação. Eram as minhas emoções desligando-se para me proteger do que estava por vir.

Eu baixei Richard até o chão úmido e tentei colocar pressão sobre a ferida, mas foi inútil. Era um grande rasgo na artéria, muito perto de seu coração. Eu arrumei o buraco com pedaços rasgados de sua camisa, mas isso não iria parar. Eu só estava mantendo o sangue dentro, onde ele iria encher a sua cavidade torácica e matá-lo por asfixia se o seu coração não parasse primeiro.

— Hannah? — A voz de Michael estava incerta atrás de mim. — Nós podemos colocá-lo na parte de trás...





— Não — eu disse. Os olhos de Richard estavam abertos, fixos nos meus. Eu podia ver o terror resoluto neles, e então o conhecimento. — Não, nós não podemos movê-lo. — Eu não diria, *Não faria nenhum bem, ele não vai durar muito tempo*, mas eu podia ver que Richard já sabia disso. Eu podia sentir isso na força esmagadora de seu aperto na minha mão. Ele estava tentando por pura força de vontade manter-se aqui, comigo.

Ele era um bom homem. Um homem muito bom. Corajoso e amável, e melhor do que o que Morganville jamais tinha merecido da família Morrell.

Eu deveria ter sido capaz de realmente amá-lo. Neste momento, pelo menos, eu finalmente o amava. Completamente.

Eu me curvei e o beijei, muito levemente, e sussurrei: — Me desculpe, eu não fui o que você precisava que eu fosse. Eu amo você, Richard. Você me ouviu? *Eu te amo*. Me desculpe por eu nunca ter dito isso.

Ele me ouviu. Eu vi seus lábios pálidos e azulados moldarem as palavras de volta. Sua mão na minha tremia — um pouco no início, e depois mais violentamente. Mas ele não piscaria, não olharia para longe de mim, até o último segundo, quando ele apertou suas pálpebras fechadas, e o último sangue quente fluiu a partir da ferida no seu peito, cobrindo a minha mão direita conforme a esquerda acariciava sua testa, empurrando o cabelo emaranhado de seu rosto.

— Eu amo você — eu disse de novo. — E eu sinto muito, muito mesmo. E então ele ficou parado, e se foi.

Michael ainda estava ali. Eu estava vagamente consciente dele, até que ele finalmente se moveu para agachar-se ao meu lado. — Ele está...

— Sim — eu disse. Minha voz soou estranhamente racional sobre isso. Eu não conseguia sentir muito, ainda não. Não aqui. — Sim, ele se foi. — Havia um monte de sangue. Muito dele estava em minhas mãos, brilhante e vermelho, ainda quente. Havia uma poça de água rasa em uma depressão no chão perto de mim, e sem pensar eu me enxaguei nela; sem queimadura, afinal. O *draug* não estava escondido lá, não que eu teria me importado neste momento. — Precisamos levar vocês todos de volta à Praça da Fundadora agora. Eu vou voltar por ele.

Eu nunca tinha visto um vampiro parecer tão jovem e tão incerto. Eu o estava enlouquecendo completamente, eu percebi, e este era um garoto que tinha crescido com uma boa quantidade de loucura e violência, e tinha visto muito mais quando ele cruzou para o outro lado. Eu me perguntava o que era que ele vira em mim que o fazia parecer tão... hesitante. — E eles? — ele perguntou, e acenou com a cabeça em direção aos feridos do caminho.





Eu não fiz muito mais do que olhar na direção deles novamente. — Eles podem esperar — eu disse. — Eu vou enviar ajuda. — Talvez.

Eu sabia que não era lógico, ou razoável, ou até mesmo *humano*, deixar três homens quebrados lá fora, para sofrer, ou morrer, se os *draugs* voltassem, mas eu não estava me sentindo lógica, ou razoável, ou humana. O Capitão Óbvio tinha atirado em Richard, e ele não precisava fazer isso. Eu já o tinha salvo. Mais dez segundos, e nós todos teríamos deixado esse lugar vivos.

Eu entendia porquê ele tinha feito aquilo; eu tive que lutar para não fazer exatamente a mesma coisa.

Mas eu não podia perdoar.

Michael não discutiu comigo. Talvez ele também tenha percebido que eu estava em um lugar muito perigoso — perigoso para o Capitão Óbvio, para seus homens, para mim, até mesmo para ele se ele tentasse ficar no meu caminho. Ele abaixou a cabeça, levantou-se e foi para o carro. O som da porta batendo era tão definitiva como a tampa de um caixão.

Eu garanti que os olhos de Richard estavam fechados. Arrumei-o o melhor que pude.

Enquanto eu levantava, eu fiquei de repente e dolorosamente ciente do quão cansada eu estava, o quão *fatigada*, as nuvens se abriram, apenas um pouco, e um feixe de luz quente do sol de inverno atravessou para nos banhar. Eu levantei o meu rosto para ele e fechei os olhos por alguns segundos. Uma pessoa melhor poderia ter pensado que Deus estava nos tocando para me lembrar de que não era tudo escuridão, que as nuvens passavam, e as tempestades terminavam.

Mas, por agora, era apenas sol e calor, e logo foi embora conforme as nuvens mudaram de novo. Porque agora, eu não era uma pessoa que acreditava no futuro.

Apenas no que estava bem na minha frente.

Eu chutei pedaços de *draugs* gelatinosos para fora do meu caminho até a porta do lado do condutor da viatura. Quando eu entrei, eu ouvi Claire dizer, com a voz embargada e muito instável: — Lá está ele.

Eu olhei para cima e ao redor. Eu comecei a perguntar, não que eu estivesse muito curiosa, mas Shane fez isso por mim. — Quem? — Ele estava com o braço ao redor de Claire, e ela estava encolhida contra ele, calmamente limpando as lágrimas do rosto.

Ela apontou.

Myrnin — que a este ponto eu tinha honestamente esquecido, porque ele não tinha feito nada, dito nada, reagido a nada — inclinou-se bruscamente para frente. — Onde?





— Bem ali — Claire disse. Ela apontou novamente, em linha reta sobre o meu ombro pela janela da frente. — Está no topo do prédio. Você não consegue vê-lo?

— De quem você está falando? — eu perguntei a ela. Não havia nada no telhado onde ela estava apontando. Não, havia uma sombra passando, algo que mudou quando eu tentei corrigir o meu foco sobre ela. Como névoa desaparecendo. — Não tem ninguém.

— Magnus. É *ele*. Eu juro, ele está bem lá. Nos observando.

Michael e Shane estavam ambos olhando para ela estranhamente. — Claire, não tem ninguém lá. Ninguém — Michael disse. Myrnin não disse nada. Seus olhos escuros estavam atentos, olhando fixamente para o local onde ela apontava. Depois de um momento, ele silenciosamente sentou-se e cruzou os braços.

— Você acha que você pode ver Magnus — eu repeti. — O líder dos *draugs*. Mas eu prometo a você, não tem ninguém lá.

— E eu prometo a você, ele *está* lá. E... eu posso vê-lo. — Claire mordeu o lábio e respirou fundo. — Eu sempre posso vê-lo. Não sei por que. Quando ele estava levando os vampiros no começo, eu o vi algumas vezes e tentei segui-lo. Eu acho que é por isso que ele veio atrás de mim, na minha casa. Porque eu podia vê-lo.

Pensamentos começaram a brilhar na minha cabeça, acendendo um fusível que queimou diretamente a uma conclusão muito perigosa. — Você pode diferenciar ele dos outros? Dos que *nós* podemos ver?

— Do resto dos *draugs*? Sim. Eles são cópias dele, mas eles não são tão... tão *presentes*, se isso faz algum sentido. Eles são apenas reflexos. Pedacos dele que se separam. Eu acho que de alguma forma eles estão todos conectados...

— Ela está certa — Myrnin disse. — Eu digo a vocês agora o que só Amelie e eu sabemos sobre os *draugs*... O *draug* mestre é a semente da qual todos os outros surgem, e eles são seus servos. Não são estúpidos, mas perto disso. Ele é o pensador. O planejador. Ele é o que nós temos que parar. Temos que encontrar uma maneira de prender e matar ele. Uma vez que fizermos isso, os outros vão cair. Eles não podem existir por muito tempo sem um mestre.

Ele encontrou os meus olhos, e foi quando eu percebi que Myrnin estava pensando *exatamente* a mesma coisa que eu. Que, o quão patologicamente fria como eu estava agora, ele estava bem na minha frente.

Vampiros não são como a maioria de nós, eu ouvi a minha avó sussurrar na parte de trás da minha mente. *Frios. Frios no coração. Egoístas. Eles não sobreviveram todo esse tempo de outra forma.*

Eu me perguntava o que ela diria sobre mim, agora.





Eu troquei um olhar no espelho retrovisor com o vampiro, e segurei-o. Então eu disse: — Vamos falar sobre isso mais tarde.

Ele piscou, e inclinou a cabeça.

E simplesmente assim, nos tornamos parceiros em algo que ia ter consequências catastróficas se desse errado. Engraçado. Eu deveria ter me preocupado com isso. Mas tudo o que eu sentia era uma sensação de alívio selvagem, porque eu tinha um objetivo. Algo para fazer. Algo para *planejar*.

E eu podia ver, pelas faíscas vermelhas que se recolhiam nos olhos de Myrnin, que ele sentia exatamente da mesma maneira.

Michael mexeu-se desconfortavelmente perto de mim. — Sinto muito, mas não podemos esperar aqui. Nós realmente precisamos chegar à Praça da Fundadora. Essa coisa no porta-malas...

— Sim — eu disse. — Absolutamente.

E eu os levei de volta, enquanto eu pensava sobre armadilhas, os *draugs* e vingança.

Era a única coisa que eu *conseguia* pensar agora.





CAPÍTULO 15

EVE

A biblioteca dos vampiros não era a minha praia. Era talvez a praia de Claire, mas eu gostava de romances atuais. Os esquisitos, de preferência, com capas pretas e letras vermelhas na frente. Minha ideia de pesquisa era procurar quentinhas em cardápios.

Então foi meio irônica que a ideia de Naomi de como descobrir porquê Claire podia ver Magnus era... pesquisando na biblioteca. A ideia de mim, sentada em uma mesa, folheando livros que tinham sido velhos antes de Colombo navegar não combinava. Além disso, provavelmente não era muito útil. Mas eu não me importei muito. Pela carta do acordo, e tudo mais. O pior que poderia acontecer era eu me cortar com o papel — claro, qualquer derramamento de sangue em torno de um vampiro com fome era, por definição, o pior cenário, em qualquer caso.

— Honestamente — eu disse quando Naomi jogou outra braçada em cima da mesa, que já estava sobrecarregada com grandes seleções encadernadas em couro, — *eu não posso ler isto*. E eu nem tenho certeza de que isso está escrito em inglês, de qualquer maneira.

— Isso é inglês. Inglês médio — ela disse. — Eles não ensinam sobre Chaucer nos dias de hoje?

— Bem, eles *ensinam* sobre ele — eu disse. — Mas eu não aprendi sobre ele exatamente. Ou, você sabe, traduzi. Não há um programa de computador para isso ou algo assim? Você não digitaliza?

Naomi tinha sempre parecido calma para mim. Essa tinha sido a sua primeira característica: a calma, em seguida, bonita. Ela ainda era bonita, mas essa era principalmente uma coisa involuntária; ela parecia tão cansada quanto qualquer vampiro que eu já tinha visto. A calma estava completamente ausente. Ela parecia apenas... *focada*. E irritada.

— Tudo que você precisa fazer é procurar por uma palavra — ela disse. — Se você a encontrar, eu leio a seção. Ou você quer reconsiderar o nosso acordo? Sua escolha. — Ela puxou uma cadeira do outro lado da mesa e





começou a examinar outro livro. De alguma forma, ela fazia isso parecer fácil e gracioso.

Para mim, era uma carga muito pesada. Nós já tínhamos estado nisso por uma hora, e meus olhos doíam. Assim como as minhas costas. Voltei para as páginas duras do livro que eu estava examinando — eu não diria *lendo*, na verdade. As palavras eram estranhamente ordenadas, muito mais verticais do que eu estava acostumada a ver. Não era nem mesmo uma impressão. Alguém havia realmente escrito isso com a mão. Uma *cópia* de um livro daquela época era apenas isso: *copiada*. À mão. Com uma caneta.

Pobre do túnel carpal².

E então, para a minha surpresa, eu me concentrei em uma palavra.

A palavra. — Uh, eu acho que achei alguma coisa.

— Ótimo — Naomi disse, e virou ao redor da mesa em um flash, lendo onde eu apontei. — Isso não é o que eu estava procurando, mas pertence aos *draugs*. Continue procurando.

Draugs, draugs, draugs. Eu estava honestamente cansada de pensar sobre eles. Eu queria um dia sem uma crise. Apenas um. Enquanto eu folheava o livro na minha frente e assistia o redemoinho de poeira no ar, eu me perguntava se talvez houvesse algum vírus dormente nocivo nas páginas que iria me infectar, como o pó múmia que costumava matar os arqueólogos. Morte pela pesquisa. Esse não era um final glorioso.

Passou mais uma hora e meia antes de eu ter um outro êxito. Um respingo espetado de letras na página chamou a minha atenção justo quando eu virei outra folha, e eu me afastei para trás. Sim, isso dizia *draug*, novamente. Eu levantei a minha mão. Naomi olhou para o que era, então se inclinou para frente e alisou os dedos sobre a tinta velha.

Ela pegou o livro de mim e sentou-se na cadeira ao lado da minha. Mesmo cansada, mesmo amarrotada, ela estava linda, e eu tive um ressurgimento da manifestação de ciúmes por um segundo ou dois, embora eu soubesse que Michael não estava interessado nela... e mesmo que ele tivesse estado, Naomi era um iceberg. Eu sabia disso agora.

— Sim — ela sussurrou. Seus olhos tinham ficado mais amplos, e um pouco de cor apareceu em suas bochechas cor de marfim-pálido. — *Sim!* — Ela se levantou, andando com o livro em ambas as mãos enquanto lia em voz alta: — Os *draugs* são criaturas que vivem em uma colmeia. Os trabalhadores morrem, mas o *draug* mestre sobrevive para fundar a sua colmeia novamente.

² **Túnel Carpal:** Passagem no pulso onde passam os tendões dos músculos flexor da mão e dos dedos.





— Sim, nós meio que já sabíamos disso — eu disse. — Ele está aqui. A criação da colmeia é horrível, et cetera. O que diz sobre pará-lo?

— Que ele não pode ser morto — ela disse baixinho. — Prata não vai destruí-lo. — Ela colocou o livro de lado e o fechou, em seguida, descansou a cabeça na palma da sua mão como se ela estivesse com uma dor de cabeça. Um gesto muito humano, de aflição realmente humana. Em torno de nós, a biblioteca estava silenciosa — tapetes profundos, grandes prateleiras, livros sólidos. O cheiro seco de papel antigo. Livros que os vampiros passaram milhares de anos recolhendo... Eu não sou Claire — eu não fico impressionada por esse tipo de coisa, mas, de repente, parecia que eu estava de pé em um túmulo, ou um museu, um edifício que não era nada além de uma memória de algo bem longe.

Os vampiros estavam lutando a sua última luta aqui. A última delas dentre muitas que nem sequer dá para contar.

E Naomi, eu percebi, achava que eles iriam perder, em grande estilo, por toda a sua conversa sobre política e jogos futuros.

— E quanto a Claire? — eu perguntei. — Ela pode vê-lo. Por que isso interessa? Por que ele se importa, se ele não pode ser morto?

— É por isso que você está aqui para descobrir. Então continue lendo. Pode ser a nossa única esperança real.

Naomi jogou o livro de suas mãos violentamente. Ele atingiu uma prateleira e a balançou para trás em um arco que lentamente se acomodou em silêncio. O livro caiu sobre o tapete, amassado e abatido.

Como a própria Naomi.

— Continue procurando — ela ordenou, e saiu para as prateleiras novamente. — Eu não me importo quanto tempo levar. Apenas encontre algo que eu possa usar. Se você não encontrar, eu vou pegar o seu irmão para o café da manhã e torná-lo meu. Eu prometo isso a você.

— Eu não posso encontrar algo que não está aqui! — eu gritei atrás dela. Eu senti falta de ar, pronta para chorar. Esse foi um mau negócio. E honestamente, o que importava? Uma parte de mim se perguntou isso. Meu irmão queria isso, não era? Ele suportou as mordidas porque ele queria ter o poder. Ele queria tornar-se algo mais. Algo novo, e provavelmente aterrorizante.

Não. Não importava apenas para ele, mas para todas as pessoas que ele faria mal se ele conseguisse presas e tivesse imunidade virtual da justiça. Eu estava fazendo isso por *elas* tanto quanto por ele.

Então eu continuei trabalhando. Meus olhos pareciam como se estivessem sangrando, e minhas costas doíam tanto que eu tinha certeza de





que estava quebrada em alguns lugares. Naomi só apareceu para me perseguir e julgar as poucas coisas que eu localizei que podiam ser úteis. Eu não tinha ideia do que ela estava fazendo agora, mas não poderia ser bom.

E então... então eu encontrei. Desta vez, já que Naomi não estava lá, eu tentei decifrar o que dizia sozinha. Este não era o mesmo Inglês Médio. Eu não tinha ideia se era elevado, ou de baixo nível, ou simplesmente bizarro, mas levou meia hora para ele fazer sentido o suficiente para eu perceber o que eu tinha nas minhas mãos.

A resposta. E uma resposta que eu não poderia dar a Naomi. De jeito nenhum. Eu tremi, olhando para o papel, para as palavras antigas e secas.

— E aí? — Ergui a cabeça com um suspiro assustado, e encontrei Naomi inclinada sobre a mesa, a centímetros de distância. Ela sorriu lentamente. — Eu ouvi o aumento da sua frequência cardíaca. Você encontrou alguma coisa.

— Não — eu disse, e virei a página. — Não encontrei. Alarme falso.

Eu não esperava que desse certo. E não deu. Naomi pegou o livro de mim e virou a folha, encontrando a passagem e começando a ler. Ela franziu a testa, e ela me lançou um olhar obscuro. — O que é isso? — Ela colocou o livro de lado e girou-o para mim, tocando a imagem com tinta na página frágil. — A garota tem *isso*?

— Não mais — eu disse, com muita relutância. — Mas ela costumava ter. — O desenho na página daquele livro era de um bracelete de filigrana de ouro. Amelie tinha dado a Claire como parte de seu acordo de proteção. Ela o pegou de volta mais tarde, mas Claire *tinha* usado ele por um tempo. E ela não tinha sido capaz de removê-lo. De modo nenhum. — Não é como se fosse *mágico* ou algo assim. — Exceto que ele não saía, e isso só poderia significar... magia. Opa.

Naomi leu o parágrafo abaixo da imagem novamente. — Amelie não dava a um humano um acordo de proteção desde que ela fundou Morganville — ela disse, — e salvou aqueles que ela colocou nas Casas Fundadoras. Cada um tinha que ser feito *para* a pessoa, e não podia ser usado novamente. Eles foram feitos com... — Seus olhos se arregalaram. — Com uma gota de sangue de *draugs* no metal. E quando o último dele foi usado, ela não poderia fazer mais nenhum. O de Claire foi o último.

— Mas ela não *está* com isso! — eu protestei. — Sério! Claire não tem usado ele por quase um ano!

— E ainda assim ela pode ver Magnus, separá-lo dos seus reflexos e das sombras. — O sorriso de Naomi assumiu bordas afiadas. E dentes. — O bracelete a infectou com apenas uma pequena inoculação do sangue de *draug*, como fez com todos aqueles das Casas Fundadoras que os usava quando os vampiros vieram pela primeira vez aqui. Eles eram os olhos de Amelie. O alerta





precoce de Amelie. E é por isso que Claire continua a vê-lo, e porquê Magnus quer muito vê-la morta.

— Então por que Amelie não a usou para encontrá-lo?

— Porque ela não percebeu que o encanto ainda funcionava, é claro. Não até que fosse tarde demais. A menina não usava o bracelete; era razoável supor que ela já não tinha a capacidade.

Oh, eu não gosto disso. Eu não gostava de nada disso. — Você não vai machucar Claire.

— Claro que não. Bom trabalho, Eve. Trabalho muito satisfatório, de fato. O acordo do seu irmão foi cancelado. Eu não vou tocá-lo novamente. Eu te faço essa promessa solene.

Eu não acreditei nessa primeira parte nem um pouco. Levantei-me rapidamente com as mãos em punhos. — *O que você vai fazer com Claire?*

— Nada — ela disse. — Nada mesmo. Ela é um bom animal de estimação para se manter, para o futuro. Tenho certeza de que podemos fazer grande uso dela, Eve. — Ela me deu aquele doce e encantador sorriso de novo, a expressão de um anjo de mármore. — E de você, é claro. Tudo ficará bem. Você deve confiar em mim. Quando eu for rainha, você vai ficar muito bem.

— Rainha de *quê?*

— De Morganville. É claro. — Naomi parecia *muito* complacente agora. — Agora que você encontrou este livro, podemos construir mais desses braceletes, se Myrnin cooperar ou não. E o sangue dos *draugs* certamente não vão estar em falta quando Oliver tiver concluído. Ele vai ganhar, é claro. Tenho toda a confiança nele como um líder militar. Não apenas como um governante.

Isso era mais do que eu podia lidar. Muito, muito mais, e eu sabia disso. — Amelie é a governante de Morganville — eu disse. — E eu tenho a sensação de que ela nunca vai deixar você chegar perto desse título.

— Minha irmã está morrendo — Naomi disse. Por um momento, houve um lampejo de tristeza em seus olhos — quase real. Quase. — Venha comigo.

— Para onde?

Isso me rendeu um olhar que era novamente o distanciamento frio e calmo. — Eu não respondo às suas perguntas — ela disse. — Você ainda não ganhou esse direito de mim. Cuidado como você trata a sua rainha, Eve. Você não está casada com Michael ainda. Agora *venha*.





Eu não sabia para onde ela estava me levando, mas eu tinha a sensação de que não era para algum lugar que eu queria ir.

Eu tinha feito um mapa mental deste lugar a esta altura, e era basicamente um labirinto — quatro cubos centrais, cada um com corredores cheios de portas. Nada estava rotulado, e não havia placas, mas se você olhar para as coisas idênticas tempo suficiente, você pode começar a ver as pequenas diferenças. O cubo onde fomos da primeira vez foi o que eu tinha apelidado de *Arranhado*, porque em todas as movimentações de mobiliário alguém tinha arranhado a parede mais distante em três locais na altura do joelho. O corredor que passamos tinha uma tira ligeiramente mais leve de tinta em um canto, onde alguns danos velhos tinham sido reparados e não precisamente com cores que correspondiam. No próximo cubo havia um retrato particularmente memorável de algum cara idoso em uma peruca encaracolada que tinha sido pintado com suas presas aparecendo. Charmoso.

Havia mais guardas aqui. Guardas de Amelie.

Naomi andou até eles e foi bloqueada — com os corpos no caminho e as palmas das mãos estendidas.

— Eu gostaria de ver a minha irmã — ela disse. — Certamente vocês vão me permitir passar. — Era bem perto de *Vocês sabem quem eu sou?* — mas não era exatamente essa frase.

— Desculpe, minha senhora. Ordens do Senhor Oliver — ele disse. Oh, Deus, era *Senhor Oliver* agora? E isso melhorava e melhorava. — Eu vou passar a informação para ele, se você desejar... — Sua voz sumiu. Ele estava olhando para alguém atrás de nós que estava se aproximando, eu imaginei, e quando virei a minha cabeça eu vi Theo Goldman vindo pelo corredor para o cubo. Ele estava com a sua bolsa de couro preto em uma mão, e ele sorriu e acenou com a cabeça educadamente quando nos viu.

Para um vampiro, ele era um dos mais legais que eu já conheci. Ou, pelo menos, ele tinha as melhores maneiras. Eu nunca tive a sensação de que ele olhava para os seres humanos de forma diferente dos vampiros; éramos todos apenas potenciais pacientes para ele. — Olá — ele disse agradavelmente, e em seguida, acenou com a cabeça novamente para os guardas. — Se vocês me derem licença.

Eles se afastaram para ele imediatamente.

Naomi rapidamente aproveitou a oportunidade. — Theo — ela disse, — posso visitar a minha irmã? Eu só gostaria de dar-lhe o meu amor antes... — Ela parecia tão doce, bonita e vulnerável que fez o meu estômago revirar. — Por favor?





Ele balançou a cabeça. — Eu acho que não seria sensato — ele disse. — Ela não está... ela mesma agora. É perigoso o suficiente para mim... E você, minha cara, com o histórico de vocês... não. Receio de que seria muito perigoso para você.

Ele começou a se virar, mas Naomi colocou a mão em seu ombro, e Theo se voltou para ela. E algo estranhamente extraordinário aconteceu. Ela se inclinou para frente, colocou seus lábios perto de seu ouvido, de pé na ponta dos pés para fazê-lo. Eu não ouvi o que ela sussurrou, mas eu vi a expressão suavizar no rosto de Theo.

Ela se tornou... estranhamente branca.

— Sim — ele disse. — Sim, talvez você tenha razão. Seria bom para ela ver a família.

— Ah — Naomi disse. — E eu posso levar Eve?

Theo não deveria ter dito sim para isso, é claro; de jeito nenhum. Mas ele apenas balançou a cabeça como se fosse a melhor ideia. Ele virou-se para os guardas e disse com uma voz calorosa e perfeitamente segura de si: — Sim, eu acho que elas deveriam vir comigo. Minha responsabilidade, senhores.

Os guardas pareciam duvidosos, e eles devem ter percebido que algo estranho estava acontecendo, mas eles não nos impediram. Eu acho que Naomi realmente superaria a maioria dos vampiros. Nós caminhamos com Theo pelo corredor.

Ele abriu a porta trancada para um quarto e fomos para dentro, a minha mão instintivamente voou para cobrir o nariz e a boca, porque este lugar *cheirava mal*. Ele parecia agradável, mas... tinha um cheiro horrível, úmido e desagradável.

Theo não parecia surpreso.

— Ela está no outro quarto? — Naomi perguntou.

Theo virou-se para encará-la. — Naomi, talvez agora seria um bom momento para mencionar a você que eu sou completamente imune ao seu poder de persuasão. Seria bom você não tentar isso em alguém menos... complacente. Oliver teria esmagado você se você tentasse fazer isso.

— Oh. — Naomi estava, eu pensei, sinceramente surpresa. — Mas você...

— Permiti que você viesse comigo? Sim. Porque eu quero falar com você sem sermos ouvidos. É por isso que eu não a esmaguei eu mesmo. Eu posso, você sabe. Eu não sobreviveria enquanto eu ficasse sem saber como fazer essas coisas, mesmo se elas não viessem naturalmente. — Por um momento, Theo realmente parecia *perigoso*. — O que você realmente pretende aqui, Naomi?

— Eu *pretendo* salvar as nossas vidas — ela disse. — Como eu espero que você deseje secretamente, Theo. A minha irmã não pode ser salva, não é? —





Em uma sacudida lenta de sua cabeça, ela suspirou. — Então, não há nada demais. Oliver é um tolo se ele permitir que a transformação se complete. Eu conheço a minha irmã. Eu conheço os poderes dela. Se ela se transformar em uma *draug* mestre, como Magnus pretende, ela será capaz de forçar qualquer um de nós a sua vontade; é um poder que poucos têm, como você sabe, mas minha irmã tem em plena força. Combinado com a vontade e a fome de um *draug*... ela iria acabar com todos nós.

Theo, eu percebi, não ficou surpreso. Apenas cauteloso. — E você propõe?

— Você sabe o que eu proponho. Você não é tolo.

Eles olharam um para o outro por um longo momento, e então ele disse: — Não. Eu não aceito a derrota tão facilmente, e você também não deveria. Nós somos *vampiros*, quer nós queiramos ou não, e os vampiros sobrevivem. É a essência do que somos. Nós lutamos pela vida quando a vida não é nossa para manter. E ela *ainda* está lutando. Ela não perdeu a batalha ainda.

— Nós não podemos esperar até que ela perca! — Naomi sibilou, e empurrou-se para longe dele. Ela colocou os braços em volta de si e caminhou como um tigre agitado. — O que resta não é a minha irmã. Aquela *coisa* é um vírus crescendo dentro de seu corpo, roubando-lhe a alma...

— As pessoas têm dito o mesmo dos vampiros, em tempos imemoráveis — Theo disse. — Eles estão certos? Você perdeu a sua alma quando você perdeu a sua vida humana? Eu acredito, eu *devo* acreditar, que eu ainda estou com a minha.

— Os *draugs* são diferentes!

Eu não poderia discordar disso, na verdade. Tudo o que eu tinha visto sobre os *draugs* me fez pensar que Naomi tinha razão. Nenhum dos *draugs* parecia ter nem um pouco de sentimento humano neles; eles eram monstros, predadores, puro e simplesmente. Os vampiros, pelo menos, se fixavam em *alguma coisa* — mesmo o pior deles você poderia entender, mesmo se você odiasse isso, e eles.

Mas não havia nada dentro dos *draugs* para se entender. Era como tentar raciocinar com um tubarão faminto.

Theo suspirou. — Ela é minha paciente — ele disse. — Se o pior acontecer, então é meu dever, não seu. E eu não vou fazê-lo sem o consentimento de Oliver. Ele é o líder agora. A menos que você pretenda contestar isso.

— Claro que eu pretendo contestar isso! Ele não é nada mais que um aspirante!

— Eu não vou me envolver na política de reis e rainhas — ele disse. — Ou até mesmo dos aspirantes. Vá embora, Naomi. Deixe-me ver a sua irmã.





Ela baixou a cabeça e fez uma reverência, uma pequena. — Claro, doutor. Obrigada. Sinto muito.

Ele virou as costas para ela para abrir a porta. Isso foi um erro.

Eu não tive tempo para reagir quando ela puxou uma estaca de madeira do lado de sua bota e esfaqueou-o nas costas com ela — entre as costelas, e inclinando-se para o seu coração. Theo fez um pequeno som ofegante, quase não alto o suficiente para eu ouvir e, em seguida, ela o pegou quando ele caiu e deitou-o no tapete. Ela passou por ele para abrir o bloqueio do ferrolho na porta. Em seguida, ela o abriu, deixando a língua de metal no lugar.

Eu não iria sair dali. Não facilmente.

— O que você está fazendo? — eu gritei. — Guardas! Entrem aqui!

— Grite o quanto quiser — Naomi disse placidamente. Ela abriu a bolsa médica de Theo e vasculhou ela, calma como uma escultura de gelo. — Amelie é muito exigente em relação à prova de som. Há um alarme escondido, se você puder encontrá-lo, mas eu não perderia o meu tempo se eu fosse você. Fique aqui até eu voltar.

Theo estava deitado completamente imóvel de bruços no chão. A estaca de madeira não iria matá-lo imediatamente, eu sabia; iria mantê-lo deitado, paralisado, deixá-lo impotente para o que viesse em seguida.

Eu deixei Naomi achar que eu estava paralisada também, com medo; não foi uma tarefa difícil de atuar. Isso estava indo rápido demais, e louco demais, e eu não tinha ideia de qual era a coisa certa a fazer, exceto que Theo nunca tinha machucado ninguém, jamais.

Naomi tirou algo da bolsa dele, caminhou até a outra porta, e fechou silenciosamente atrás dela.

Eu caí de joelhos ao lado de Theo, peguei a estaca e puxei com força. Estava incorporada entre as costelas, e usei todas as minhas forças e três tentativas para puxá-la.

Ele puxou uma respiração torturada e engasgada, mas não se moveu. Eu o rolei, e ele piscou e, lentamente, focou no meu rosto. — Naomi — ele sussurrou. — Claro. — Ele estendeu a mão, e eu levantei e o ajudei a puxá-lo para cima também. Deve ter sido muito difícil; ele se inclinou para mim, e eu podia sentir todo o seu corpo tremendo. — Devemos detê-la. — Ele apontou para a bolsa médica e eu a agarrei e segurei-a aberta enquanto Theo vasculhava ela com as mãos trêmulas. Ele finalmente tirou uma pequena lata de aerossol. — Ela pegou a faca.

Faca. Oh, Deus. Eu olhei para a porta do quarto. Já podia ser tarde demais.





A porta estava trancada, mas não com um cadeado, apenas com o tipo padrão; Eu me preparei e chutei logo acima da maçaneta com a minha bota de combate pesada, colocando toda a minha força nas pernas nisso. Uau, eu estava tendo um exercício corporal superior e inferior inesperado. Uma música aeróbica animadora vagou inapropriadamente pela minha cabeça, mas foi rapidamente interrompida pela dor do meu joelho.

Funcionou, no entanto. A porta se abriu, e Theo cambaleou passando por mim para o quarto.

Naomi estava de pé sobre a figura de bruços na cama, com uma faca de prata em ambas as mãos. Ela estava tentando descê-la, claramente colocando toda a sua força para isso, mas a figura estava segurando-lhe os pulsos e os mantinha suspensos no meio do caminho.

Era Amelie quem ela estava tentando matar. Mas nem um pouco Amelie. Eu a reconheci, mas era o tipo de reconhecimento horrorizado, chocado, que você esperaria ao ver um corpo morto, ou alguém gravemente ferido... e eu sabia algo sobre as duas coisas, em grande escala. Era a mesma sacudida atrasada de adrenalina que martelava através do meu corpo, porque Amelie não era mais Amelie.

Eu não tinha certeza *do que* ela era.

Ela parecia... molhada. Coberta de lama úmida, com fios cinzentos sobre sua pele como fungos, seu cabelo solto e emaranhado com o mesmo material. Os olhos dela tinham se tornado uma cor diferente de cinza — não eram como gelo agora, era mais como um nevoeiro branco acinzentado e completamente opaco. A cama em torno dela estava encharcada com o mesmo material úmido horrível.

— Pare — Theo disse ríspidamente, e quando Naomi não prestou atenção, ele se aproximou, agarrando-a por trás e puxou seus pulsos e a faca para cima, longe de Amelie. Não foi fácil. Naomi não desistiu, e Amelie não soltou ela, ou... era como se ela não pudesse soltá-la, na verdade. Eu finalmente avancei mais e puxei seus dedos molhados e viscosos para fora, um por um.

Onde tinham se fixado nos pulsos finos de Naomi, eles deixaram vergões vermelhos que transbordaram com sangue, como se os pedaços inteiros de pele houvessem sido derretidos.

— Me solta — Naomi disse, e se retorceu violentamente do agarre de Theo. Ela quase se soltou, mas ele a segurou com uma determinação firme. — *Me solta*. Você sabe que esta é a única maneira. Não podemos permitir que ela se transforme, nós *não podemos*.





Theo pegou a faca de sua mão, e empurrou-a para longe do lado da cama de Amelie. Ela gritou de pura frustração, mas ela não tentou roubá-la de volta. Sua expressão era pensativa, e seus olhos estavam frios e distantes.

Ele segurou a faca como alguém que realmente sabia como manejá-la como um perito. Isso foi o que segurou-a no lugar.

— Você me apunhalou pelas costas — Theo disse. — Suponho que deveria estar devidamente agradecido que você pensou bem o suficiente de mim para utilizar apenas madeira, e muito pouco de Eve para deixá-la para trás para me libertar. Mas, no entanto, você nunca teve a intenção que ela saísse daqui viva, não é? Uma faca de prata, uma humana na cena convenientemente morta, morta por você em indignação. Você quis que eu acreditasse que Eve me estacou, dominou você de alguma forma, e matou Amelie, em alguma violência pró-humana. Isso não vai colar, minha querida. Isso simplesmente não vai colar.

Eu não tinha pensado nisso, mas agora que eu pude recuperar o fôlego, a fúria queimou dentro de mim como ácido. Essa *vadia*. Ela armou para mim. Mesmo se ela não tivesse me matado, ela poderia jogar a culpa da coisa toda em mim, especialmente se ela se queimasse com um pouco de prata. Eu e meus amigos eram bem conhecidos por andar armados com armamento anti-vampiros.

E a sentença por matar Amelie seria, naturalmente, uma morte imediata, violenta e horrível.

— O que você vai fazer? — Naomi atirou de volta para ele. — Deixá-la viver? Deixá-la se tornar uma *draug*? Uma *draug* mestre, capaz de destruir a todos nós? Não seja um tolo, Theo! Você sabe que o que eu estava fazendo é necessário!

— E Eve?

Ela olhou para mim, então de volta para ele. — Uma humana determinada a se casar com um vampiro? Quanto tempo você esperava que ela fosse durar em qualquer caso?

Eu arrisquei lançar um outro olhar para Amelie. Ela estava imóvel como uma estátua agora com as mãos cruzadas sobre o peito. Mas enquanto eu observava, eu senti a sua atenção... mudar. Na minha direção.

E a ouvi, na minha cabeça. Houve um som claro e prateado, como sinos e um canto doce.

Vá embora, Eve. Vá e não volte.

Eu não esperei. Minha coragem simplesmente... estalou, e eu corri para o outro quarto. Theo deveria saber onde o botão de alarme estava, porque poucos segundos depois, eu ouvi as batidas de golpes violentos, mas abafados





na porta, e ela abriu enquanto entrava os dois guardas de Amelie. Eu levantei as minhas mãos. Eles me ignoraram e correram para o outro quarto.

E eu dei o fora dali antes que alguém pudesse me fazer qualquer pergunta. Eu não sabia o que Theo ia dizer, mas se eu ficasse por aqui, não havia nenhuma maneira de eu não acabar mal de alguma forma nisso.

Eu desejei que eu nunca tivesse visto Amelie assim, porque era horrível e aterrorizante. Se ela estava lutando, eu não podia ver qualquer sinal disso; ela parecia que estava se afogando lentamente naquela lama, e a cor cinza horrível de sua pele e os olhos a faziam parecer como algo lavado em uma praia.

Estávamos perdendo a Fundadora de Morganville, e uma vez que perdêssemos ela...

...Perderíamos tudo.

Eu corri pelo corredor, cega de lágrimas e angústia, e corri na direção de Michael. Eu parei, tremendo, e olhei para ele por alguns longos segundos horríveis. O que eu tinha acabado de ver... o que eu tinha acabado de escapar...

Ele não perguntou. Ele apenas abriu os braços, e eu caí neles, derretendo meu coração enquanto ele acariciava o meu cabelo.

— Está tudo bem — ele sussurrou para mim.

Mas não estava. Realmente, realmente não estava.





CAPÍTULO 16

SHANE

Michael estava com os braços em torno de Eve, e essa era uma boa mudança; Myrnin já tinha levado os seus doces para o laboratório, deixando nós três para trás. Hannah tinha nos abandonado também, perdida em sua estranha calma. Nenhum de nós tinha ousado dizer nada a ela.

Claire estava olhando para mim com uma necessidade maçante e trágica, e eu simplesmente não podia... eu não podia dar a ela o que ela precisava. Ainda não. Eu não conseguia *sentir* isso. Mas havia algo que eu podia sentir, afinal de contas.

Eu disse: — Eu preciso dizer a Monica sobre o irmão dela.

Eu ouvi Claire sugar uma respiração profunda, como se ela ainda não tivesse pensado tão longe. — Oh — ela disse com a voz embargada. — Eu devo ir...?

— Não. É melhor se eu fizer isso sozinho. — Porque se eu podia sentir qualquer coisa real, seria agora, olhando nos olhos de Monica. Era o carma. Ela merecia ouvir sobre o irmão dela de mim; enquanto minha irmã morria, presa em nossa casa em chamas, Monica tinha estado lá sorrindo e tinha jogado um isqueiro. Tirando sarro de mim. Zombando do quão impotente eu era.

Eu sempre acreditei que ela iniciou o fogo, daquele momento em diante; Richard sempre insistiu que não, que tinha sido apenas uma brincadeira e ela nem sequer sabia que Alyssa estava presa lá dentro. Eu realmente não acreditei nele. Talvez ele nem ele mesmo acreditasse.

Eu encontrei Monica no que eu imaginava ser algum tipo de sala de entretenimento de vampiros. Havia uma TV, sintonizada agora silenciosamente em estática, e um sofá de couro. Ela estava deitada no sofá, enrolada em um cobertor, e ela estava dormindo.

Eu não achava que eu já tinha visto Monica dormindo, e a surpresa foi que, quando ela não estava ativamente sendo ela mesma, ela parecia... normal.





Ela parecia cansada, também; seu cabelo estava despenteado, e ela tinha tirado a maquiagem. Sem ela, ela parecia com a sua idade real, que era igual a de Michael — não, ela ainda era humana. Ela era mais velha do que Michael agora.

De repente, real ou não, a dor que eu estava prestes a infligir não parecia certa, mas ela precisava saber, e eu me ofereci.

Não é perfeito, você ter que contar a ela sobre o irmão dela? Mais uma realização de seu desejo, Shane. Você realmente acha que tudo isso é a verdade?

Aquela voz maldita e estúpida na minha cabeça não iria calar a boca. Era um monólogo constante e persistente, uma dor de cabeça que não ia embora. E o pior era que eu não tinha certeza se era imaginação. *Acorde, Shane.*

Mas eu estava acordado. Não estava?

Eu atravessei a sala em direção ao sofá. As luzes tinham sido reduzidas, mas na mesa do café havia um controle remoto para aumentá-las, então eu apertei o botão. Quando a luz artificial surgiu, Monica gemeu um pouco, murmurou, e tentou enterrar o rosto no travesseiro.

Então, quando eu me sentei na borda da mesa, olhando para ela, de repente ela sentou-se, e o medo que correu sobre sua expressão me surpreendeu. Eu não tinha pensado que ela era capaz desse tipo de vulnerabilidade... mas, no entanto, ela tinha nascido aqui, assim como eu, e ter estranhos andando em torno de você adormecida raramente era bom.

Monica ficou me olhando fixamente, sem reconhecimento, por cerca de dois segundos e, em seguida, sua consciência ultrapassou o alarme, e ela simplesmente parecia irritada. E com raiva. — Collins — ela disse, e correu os dedos pelos cabelos como se pensasse que essa fosse a sua primeira prioridade. — Deus, há uma coisa nova chamada *bater na porta*, aprenda a fazer isso. Se você tiver ficado todo espreitador por causa que eu salvei a sua vida hoje, por favor não faça isso. Não foi ideia minha para começar. Embora se você deseje dispensar a sua namorada infantil, eu poderia ser persuadida a dar-lhe algum tesão. — Ela sorriu para mim, de repente toda cheia de hormônios inadequados e insanos.

Eu não sabia como fazer isso. A responsabilidade parecia pesada e dura, porque eu estava a ponto de destruir totalmente o seu mundo. Eu sabia como ele se sentiria, e sim, havia uma certa justiça nisso, não havia como negar isso, mas eu percebi que eu não poderia ter nenhuma alegria, tampouco. Eu só esperei, até que ela ficou em silêncio, franzindo a testa para mim, claramente desconfortável pela minha falta de reação.

E então eu disse, muito calmamente: — Monica, eu tenho que te dizer uma coisa. É ruim.





Ela não era estúpida, e cerca de um segundo depois que eu disse isso, eu vi a luz terrível começar a amanhecer. — O que aconteceu? — ela perguntou, e cruzou os braços juntos sobre o seu estômago. Lembrei-me de como eu me senti, caindo para fora da borda da terra. — É... é a minha mãe? — Porque, eu percebi, a notícia de que sua mãe estava morta, mesmo uma mãe que já nem sequer falava com você ou reconhecia os seus próprios filhos, era o melhor cenário que ela podia pensar agora.

— Não — eu disse. Talvez eu devesse ter estado provocando-a, eu não sei; talvez eu teria estado plenamente no meu direito de fazer isso. Mas de repente tudo o que eu queria era ser gentil, que fosse rápido e dar o fora dali. Eu queria abraçar Claire, e esquecer o quão frágil todos nós éramos, apenas por um momento. — Não, não é a sua mãe. Sinto muito. É Richard.

— Ele está machucado — ela disse, e jogou o cobertor de lado. Ela estava usando calças de moletom e uma camiseta regata como uma menina normal, e ela pegou um par de sapatos baixos. Suas mãos tremiam. — Ele está aqui? Posso vê-lo? Ele vai ficar bem, certo? Deus, estes sapatos nem sequer combinam, mas eu não poderia trazer tudo...

— Não — eu disse, — ele não vai ficar bem. — Ela parou no ato de calçar um sapato, mas ela não olhou para cima. Depois dessa hesitação, ela terminou, calçou o outro sapato, e se levantou. Eu fiquei quieto, não tendo certeza do que fazer agora.

— O que você sabe, idiota? — ela disse, e passou por mim, indo para a porta. — Quando você foi para a escola de medicina? Você não conseguia nem mesmo passar em biologia, pelo amor de Deus. Tenho certeza de que ele está bem.

— Monica — eu disse. Talvez fosse o fato de que eu não tinha insultado ela de volta, ou levantei a minha voz, ou a agarrei; talvez fosse apenas que ela já soubesse. Eu não tinha nenhuma ideia do que aconteceu dentro de sua cabeça. Mas ela parou como se ela corresse em uma parede invisível, e esperou. — Eu vi. Eu sinto muito. Hannah estava com ele. Eles vão trazê-lo em breve. Eu pensei que você deveria saber antes... — *Antes que você visse o corpo dele.*

Ela virou-se para mim então, e a raiva em seu rosto me pegou de surpresa. — Seu filho da puta mentiroso! — ela gritou, e pegou a primeira coisa que ela podia alcançar — o controle remoto da TV — e atirou-o em mim tão forte quanto podia, o que foi com muita força, na verdade. Eu o golpeei para fora do caminho e não respondi. Ela passou para algo mais pesado, um grande busto de mármore de alguém que eu acho que eu deveria ter reconhecido, mas ela não conseguiu me acertar com ele também. Ele bateu a um metro de mim e rolou.





E então ela tropeçou e caiu de joelhos. Toda a raiva foi drenada para fora dela, como se alguém tivesse puxado um plugue, deixando-a pálida e vazia. Seus olhos estavam bem abertos, as pupilas contraídas em um pontinho, e ela olhou para mim com os lábios entreabertos.

— Sinto muito — eu disse novamente. Parecia que era tudo o que eu *poderia dizer*. Eu tinha pensado que isso era um sonho, uma vingança perfeita? A realização de um desejo? Não era. Era apenas... triste. — Ele era bom, o seu irmão. Ele sempre tentava ser justo. E ele se preocupava com você.

Não era muito um elogio, mas era tudo o que eu tinha. Seja qual for o entretenimento que eu pensei que eu iria ter, tinha sido pura fantasia, e tudo o que eu sentia agora era um enjoo, e um desconforto profundo. Eu deveria ter deixado Michael fazer isso. Michael teria sido bom nisso; ele era sensível e tudo mais, sabia o que dizer e quando...

Monica apenas olhou para mim. Como se ela estivesse esperando que eu dissesse que era tudo apenas uma brincadeira realmente desagradável.

Este deveria ter sido o trabalho de Oliver, eu pensei. Oliver era seu padrinho protetor vampiro, não era? Onde ele estava?

Monica finalmente disse, em uma voz que eu nunca teria reconhecido como pertencente a ela: — Você é um mentiroso. Ele não está morto. Ele não pode estar *morto*. Ele está machucado, isso é tudo, ele se machucou e você é apenas um *mentiroso*. Você está brincando comigo, seu imbecil. Por causa da sua irmã.

— Eu queria que eu estivesse — eu disse. Eu balancei a cabeça e fui para a porta, porque não havia mais nada que eu pudesse fazer aqui. Nada além de machucar e me machucar.

— Espera — ela disse. Sua voz estava tremendo agora, como se seu mundo estivesse desmoronando. — Shane, espera. Eu não fiz aquilo, eu não comecei o incêndio. Você não tem que ser um idiota sobre isso. Isso não é *engraçado*...

— Eu sei — eu disse. Eu não tinha certeza que parte que eu estava reconhecendo. Talvez tudo isso, com uma espécie de triste aceitação. — Eu sinto muito.

Ela sempre teve as suas amigas com ela. Gina, Jennifer, qualquer uma das dúzias de outras parasitas circulando na órbita de Monica, o Centro do Universo. Ela sempre foi invulnerável, blindada em atitude, roupas da moda, maquiagem e brilho. Sempre a única a causar o dano.

Talvez eu devesse ter tido alguma satisfação por ter deixado ela assim, sozinha, de joelhos.

Eu não tive.





— Vou enviar alguém — eu disse. Eu não sabia quem eu poderia enviar, mas isso não importava; ela não me ouviu. Eu olhei para trás para ver ela dar um passo à frente em câmera lenta, se apoiando em um braço, e depois rolando de lado no tapete. Suas pernas lentamente se puxaram para cima em direção ao seu estômago.

Ela começou a chorar com berros impossíveis e soluçantes.

Jesus.

Eu dei uma respiração profunda e resignada, e voltei para o sofá, onde eu peguei o cobertor. Eu o coloquei sobre ela, encontrei uma caixa de lenços de papel e os trouxe para ela. Então eu lhe servi uma bebida forte de uma garrafa aberta de uísque no balcão na parte de trás da sala — vampiros gostavam de álcool tanto quanto os seres humanos, mas eles tinham uma melhor classe de coisas. Este era da marca *single malt*, e cheirava a fumaça.

— Vamos lá — eu disse, e a puxei na posição vertical para encostá-la no canto do sofá. Apertei o uísque em sua mão, puxei um par de lenços de papel e enfiei na outra mão. — Beba.

Ela o fez, obedecendo como uma criança; ela engasgou com o primeiro gole, mas engoliu, e em seguida, tomou um segundo, entre suspiros e estremecimento. A pouca consciência voltou para seus olhos, e um lampejo de algo parecido com vergonha. Ela usou os lenços para limpar o nariz, então pegou outro para limpar os olhos. As lágrimas ainda estavam chegando, e seus olhos estavam vermelhos e inchados. Não importava o que os filmes diziam — as meninas não ficam mais bonitas quando choram. Isso as tornava mais... humanas.

— Por que você veio? — ela perguntou finalmente, quando o uísque estava em uma linha âmbar fina na parte inferior do vidro. Mais calma agora, talvez artificialmente, mas pelo menos ela não estava tremendo como se ela estivesse prestes a desmoronar. — Por que não *Claire*? Ela é a legal. — Ela tentou fazer soar como um insulto, mas seu entusiasmo não estava nisso.

— Eu imaginei que talvez...

— Talvez isso fizesse você se sentir melhor sobre a sua irmã? — ela perguntou, e drenou o restante do álcool. — Como isso está sendo para você? — Sua mão estava tremendo.

Eu não respondi. Eu estava pensando seriamente em eu mesmo tomar uma bebida, o que era de vários modos errado. Monica estendeu o copo vazio para mim, e eu coloquei de lado.

— Eu estava esperando por uma recarga — ela disse.

— Você não precisa de uma. A última coisa que você precisa é ficar bêbada agora.





— Falando por experiência própria?

— Sim — eu disse. Eu encontrei o seu olhar solidamente. — Você é uma vadia malvada, e uma valentona, e eu não posso contar o número de vezes que eu quis quebrar o seu pescoço. Mas eu meio que gostava do seu irmão. É por isso que eu vim.

Ela deu uma respiração profunda e trêmula, mas ela não se rompeu em lágrimas novamente. Isso estava controlado, pelo menos por agora. Eu esperei para o retorno do mau-humor. Ele não fez uma aparição. Finalmente, ela disse: — Ele sempre dizia que esperava que ele fosse adotado. — Ela fez uma pequena tentativa estranha de uma risada. — A maioria das crianças pensam isso, mas eu acho que ele estava certo. Ele merecia algo melhor. — Ela enxugou os olhos novamente. — Merda. Eu não posso acreditar que eu deixei você me ver assim. Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

Eu deixei isso passar em silêncio, e então perguntei: — Você vai ficar bem?

Desta vez, o riso foi um pouco mais reconhecível, mas oco, como se ela estivesse vazia por dentro. — Não — ela disse. — Mas obrigada de qualquer maneira. Por não...

Por não estar lá sorrindo enquanto ela sofria, da maneira que ela tinha feito comigo. Ela podia não ter dito isso, mas eu achei que era o que ela queria dizer.

— É aqui que nós nos abraçamos e dizemos que nós somos melhores amigos? — eu disse. — Porque eu prefiro pular essa parte.

— Eca. Absolutamente. — Ela assoou o nariz, jogou o lenço na mesa de café, e pegou outro da caixa. — Eu acho que eu deveria me vestir ou algo assim. — Ela não sabia o que fazer, eu percebi, mas se vestir era um dos mecanismos de enfrentamento de Monica. — Então dá o fora.

Eu balancei a cabeça e me levantei. Eu coloquei o copo na mesa de café, em seguida, disse: — Richard queria que você fosse menos uma vadia. Você podia querer pensar nisso, se você realmente o amava.

Ela não disse nada, e, finalmente, eu fui capaz de escapar.

A porta se fechou atrás de mim, e eu me inclinei contra a parede, de olhos fechados, respirando profundamente, com suspiros calmantes. Eu me sentia estranhamente febril, e um pouco enjoado. Sem nenhuma satisfação.

De um jeito meio estranho, isso era *bom*.





CAPÍTULO 17

CLAIRE

R

ichard estava morto.

Claire tinha visto, e de alguma forma, ela simplesmente não podia... acreditar nisso. No último segundo, ela percebeu o que ia acontecer quando o Capitão Óbvio havia disparado o fuzil; ela simplesmente... sabia. Então ela se virou e tampou seus olhos.

Ela se arrependia disso agora, como se ela tivesse de alguma forma deixado Richard na mão. Como se ela tivesse lhe devido pelo menos isso.

Shane tinha deixado ela ali de pé na rotunda enquanto Michael e Eve abraçavam as suas diferenças, e ela se sentiu... inútil. Sozinha.

E tão, tão exausta. Isso tudo parecia esmagador. Ela estava tão cansada de estar incerta. Isolada. Assustada.

Ela caminhou de volta para o quarto onde suas camas estavam, sozinhas. Alguém tinha organizado ele desde que eles tinham saído; havia camas dobráveis agora em vez do tipo de acampamento. Os sacos de dormir foram ordenadamente enrolados e arrumados contra a parede. Havia lençóis, cobertores, travesseiros.

Ela sentou-se na cama e só... ficou olhando. *O que está acontecendo conosco?* ela pensou. *Ele foi falar com Monica em vez de vir comigo. Monica.* Ok, provavelmente era maldade e crueldade sequer pensar isso; ele tinha ido contar a notícia da morte de Richard, e para isso tinha que precisar de coragem. Ela realmente não queria fazer isso, embora ela tivesse oferecido. *Eu só queria que ele voltasse. Eu preciso...*

Ela precisava saber que ele estava bem. Porque ele tinha enlouquecido seriamente lá fora, no galpão da escola. O que quer que estivesse acontecendo em sua cabeça era estranho e desconectado, e ela estava com medo, muito medo, que isso nunca ficasse melhor.

É um milagre ele ter sobrevivido, Theo tinha dito a ela. Mas e se ele não tivesse, completamente? O que ela poderia fazer para ajudar?





Seu cérebro continuou girando ao redor, desesperado para encontrar respostas, e ela nem estava ciente do tempo que passou até que ela ouviu a porta abrir e fechar.

Era Shane. Ele parecia... cansado. E, por um momento, muito triste.

— Como ela aceitou? — Claire perguntou, e sentou-se.

Ele balançou a cabeça. — Não muito bem. — Ele esfregou a testa como se ela doesse, e havia uma distância em seus olhos, uma distração.

— Nós precisamos conversar — ela disse.

— Eu não posso. Não agora, ok?

— Não, você sabe de uma coisa? Realmente não está nada ok — Claire disse. — O que aconteceu com você? — Ela não ia deixar para lá, nem deixar *ele* ir. Não agora. Não havia ninguém aqui, ninguém para se preocupar em ouvir o que ele tinha para lhe dizer. Apenas os dois. — Você não tem sido o mesmo desde...

— Desde que você me trouxe de volta — Shane disse. — Eu sei. — Ele olhou ao redor do quarto. — Alguém redecorou, não é?

— *Shane!*

— Você deveria dormir um pouco, Claire.

— Não! Eu não vou dormir um pouco, porque você vai *me dizer o que está acontecendo com você, agora!*

Ele sentou-se na beira da cama onde sua cama de acampamento velha tinha estado. — Não é assim que isso funciona — ele disse. — Confie em mim. Simplesmente não é. Porque eu não sei como explicar isso. É tudo... — Ele ergueu a mão e a deixou cair. — Nebuloso.

Ela tentou adivinhar, cheia de um desespero selvagem. — Foi... Michael disse que eles fizeram você sonhar. Eram pesadelos? Era... era sobre a sua irmã? — Porque ele tinha estado assombrado pela morte de Alyssa por um longo tempo, e pelo seu fracasso de salvá-la do incêndio. Não importava que ele não poderia ter feito nada. — Sua mãe?

Ele soltou um som desgastado que ela só reconheceu um segundo mais tarde como uma risada. — Gostaria que tivessem sido isso — ele disse. — Eu posso lidar com pesadelos, eu realmente posso. Mas não com sonhos. Não... — De repente, seus olhos apenas se encheram de lágrimas, e transbordaram, e ele abaixou o queixo e agarrou a armação da cama como se estivesse se movendo ao seu redor. — Não vendo o que eu não posso ter.

— O que você não pode ter? — Ela se sentou de joelhos, olhando para o rosto dele, observando as lágrimas rolares silenciosamente pelo seu rosto. Ele não estava soluçando. Era como se ele nem sequer soubesse o que estava





acontecendo. — Shane, por favor. Ajude-me a entender. Você não está fazendo nenhum sentido. O que aconteceu?

— Os sonhos. Eles me deram o que eu queria — ele disse. — Tudo certo. Tudo... perfeito. — Ele sugou uma respiração súbita e desanimada, e piscou. — Eu não posso explicar isso. Não importa. Eu vou ficar bem.

— Pare de dizer isso! Você não está bem, Shane, há alguma coisa, apenas me diga. Você sabe que você pode me dizer, certo?

— Não — ele disse. — Eu não posso. — Ele pulou para frente e beijou-a, com força e rápido, desajeitado, desesperado, e ela fez um som de surpresa no fundo de sua garganta, mas não tentou se afastar. Em vez disso, ela se aproximou, envolvendo os braços em volta dele como se ela nunca tivesse a intenção de deixá-lo ir nunca mais. O calor de suas lágrimas molhou a gola de sua blusa, fazendo manchas úmidas contra seu pescoço. Ele abriu os joelhos para deixá-la se aproximar, e então ele caiu para trás no colchão, levando-a com ele.

Em seguida, ele apenas... se fechou.

Ela sentiu seus músculos tensos e quietos, como se ele estivesse lutando contra si mesmo, e sua respiração acelerou a um ritmo frenético, como se ele estivesse correndo.

— Shane, *por favor*. Me deixa *ajudar*.

Ele fechou os olhos. — Me diga que você está aqui.

— Deus, Shane... — Ela se inclinou para frente e pressionou seus lábios nos dele, e provou lágrimas. — Eu estou aqui, eu juro que eu estou. O que eu tenho que fazer para provar isso?

— Me diga o nome dela — ele disse. — Por favor me diga o *nome* dela.

— O nome *de quem*?

Ele estava respirando tão rápido que ela tinha medo de que ele fosse hiperventilar agora. — Ela era tão real, Claire, ela era tão real e eu a segurei em meus braços e ela era tão pequena, ela tinha olhos azuis e eu não sei o nome dela, eu não sei... — Seus olhos se abriram, cegos e quase loucos quando o seu olhar encontrou o dela. — Era tão perfeito. Você entende? *Perfeito*. E eu tive que deixá-la ir. Mas e se eu estivesse errado? E se isso for... e se eu nunca...

— E se você nunca tivesse saído daquele lugar? — ela adivinhou, e cobriu seu rosto com as mãos. — Você saiu. Tiramos você de lá. — De repente, o que ele estava dizendo fazia sentido para ela. Um sentido louco, perverso e horrível. — Um bebê. Você... você sonhou com um bebê. *Nosso* bebê?

Seu aceno foi mais do que um tremor. — Eu não sei o nome dela.





Ela caiu em cima dele, tentando segurar cada pedacinho dele perto. — Eu sinto muito. Não era real. Você sabe disso, não é? Você sabe que não podia ser real?

— Eu preciso saber. Eu simplesmente... preciso saber, Claire. Eu vou ficar louco se eu não *souber*. — Sua respiração quente agitou o cabelo dela, e seus braços estavam ao redor dela, pressionando-a tão perto quanto sua própria pele. — Diga-me como você a chamaria. Apenas... por favor.

Era uma loucura. *Loucura*. Mas se ele precisava ouvir isso — não era que ela não tinha secretamente sonhado com tudo isso, sobre como seria se casar com ele, ter bebês com ele. Essa vida de fantasia que ela tinha pensado cerca de um milhão de vezes, todos os detalhes vivos e brilhantes em sua imaginação.

Mas de alguma forma, dizer isso parecia como desistir de alguma coisa. De algo precioso, frágil e privado.

— Carrie — ela sussurrou. — Carrie Alyssa Collins. É assim que eu a chamaria.

Shane estremeceu duramente, como se ela tivesse dado um soco em algum lugar vulnerável. — Mas isso não vai acontecer — ele disse. Sua voz soava tão crua agora. — Isso é o que dói. Eu não entendo as coisas que eu quero. Eu nunca entendi. É por isso que eles mostraram isso para mim, porque não é verdade.

— Você tem que confiar em mim. Você tem que *acreditar* em si mesmo. Em mim. Em nós. — Ela levantou a cabeça e olhou para ele, se aproximando para beijá-lo, mas seus lábios não se tocaram. Ao vê-lo assim, devastado... isso não acontecia muitas vezes, e isso a assustou. Shane era o forte, aquele com os gracejos e o prazer feroz na luta. Ela pensou que ela tinha entendido o que tinha acontecido com ele, que ele tinha passado por pesadelos, mas isso... isso foi aterrorizante.

Os *draugs* haviam tirado sua realidade, distorcido ela, fazendo ele ficar com medo de acreditar em qualquer coisa.

Eles haviam tirado suas esperanças e sonhos e os tornaram em algo punitivo.

E ela os odiava por isso.

— Você disse que era perfeito — ela disse. Ele assentiu. — Eu era perfeita, também? — Outro aceno de cabeça. — Mas eu não sou. Nós não somos. Lembra da primeira vez que... lembra de como nós estávamos com medo? Como tudo parecia louco, estranho, honesto e real? Nós somos assim. Você. Eu. Juntos.

Ele estava olhando para ela agora, e realmente vendo-a. O Shane que ela conhecia estava lá, lutando. Lutando para chegar até ela.





— A vida real não é perfeita — ela disse. — Perfeito é chato. — Eles haviam tirado a perfeição, transformando em morte, sonhos e *draugs*. Ele tinha que entender isso. Ele tinha que *rejeitar* isso.

— Olhe para os meus lábios — ela disse. — Eu amo você. E você *não* é perfeito.

Ele riu. Ele ainda soava ferido, e aflito, mas mais como *ele*, de alguma forma. Então ele a beijou, mas desta vez não era do tipo rápido e furioso... Na verdade, ele parecia hesitante na forma como ele a tocava, como se ela pudesse desaparecer se ele pressionasse muito rápido, com muita força. Ela se esticou próximo a ele e deixou que os beijos os levasse para um local impensável, quente e dourado, onde nada mais importava, nada além da necessidade de tocar e ser tocado.

Ele não respondeu, ainda não, mas ela sentia isso com cada beijo, com cada carícia lenta e suave. Ele estava se segurando, e era uma espécie de teste, um objetivo que ele tinha colocado em si mesmo. Principalmente, ela pensou que ele só precisava... sentir. Para obter sensações reais em sua cabeça novamente.

Para saber a diferença.

— Você sabe de uma coisa? — ela disse depois de alguns momentos longos e doces. — Você está fedendo bastante, Shane.

Desta vez, ela conseguiu uma verdadeira risada dele, e o olhar em seus olhos era totalmente surpreso, e totalmente no momento com ela. — Você realmente sabe como excitar um cara, Claire.

— Não é perfeito, não é?

Seu sorriso desapareceu, e o que foi deixado em seu rosto, seus olhos, a tensão em seu corpo — era muito diferente. Ela conhecia aquele olhar. Aquela fome. — Não é nada perfeito — ele disse. — Então me ajude aqui. Não há chuveiros. O que eu devo fazer sobre este problema?

— Fique quieto — ela disse. Ela atravessou o quarto, trancou a porta e pegou uma garrafa de água, uma bacia e um pano. — Não é justo me excitar porque eu *vou* derramar isso tudo em você. — Ela montou nele e ajudou a puxar a camisa dele sobre a cabeça. Ele caiu de costas no colchão e viu quando ela molhou o pano, em seguida, apertou-o contra seu peito.

Ele se contorceu e gritou. — Fria!

Desta vez, ela sorriu. — Alguma dúvida sobre a realidade *agora*?

— Não muita — ele disse, mas manteve o olhar preso no dela, amplos e com desejo, enquanto ela movia a toalha sobre sua pele, deslizando-a sobre seus braços, para baixo em seus lados. Ao longo de seu estômago. — Você não está me pedindo para tirar tudo, não é?





— Talvez ainda não — ela disse. — Minha vez.

Ela não tinha tido a chance de tirar o macacão de plástico estúpido, o que não era tão sexy; ela estendeu a mão para o zíper, mas em um desses movimentos surpreendentemente rápidos e fortes que sempre tiravam seu fôlego, ele virou-a de costas contra o colchão, e ele que estava sentado em cima dela. Ele considerou o zíper.

Então ele pegou o plástico fino e o rasgou. Ela estava com o sutiã por baixo, mas de alguma forma parecia que ela estava nua para seus olhos.

E... loucamente quente.

— Oh — ela arfou, e fechou os olhos enquanto o ar frio atingia sua pele.

— Então, isso está ficando um pouco no lado do canal adulto e não é exatamente isso o que eu...

— Shh — ele disse, e apertou seus lábios contra os dela antes de ele se endireitar novamente. — Eu estou trabalhando aqui.

Ele estendeu a mão, como se estivesse em um sonho, e o pano frio tocou sua pele e deslizou umedecido sobre ela. Ela estremeceu, tanto da sensação deliciosa e fria como de seus dedos que o seguia, aquecendo-a novamente. Ele virou-a e tirou o resto do macacão, lavou suas costas, ignorando a alça de seu sutiã, em seguida, movendo-se para baixo da linha de sua espinha, e todo o caminho até o cós de sua calça jeans. Em seguida, os braços — o da esquerda, depois o da direita.

E então ela se virou para ele, e ele olhou em seus olhos e colocou a toalha no chão.

— Não é justo — ela disse baixinho. — Parar no meio.

Ele se inclinou e beijou-a novamente — não tão urgente neste momento, mais com doçura, voltando a ficar mais forte e mais apaixonado quando ele se inclinou para ela. Desta vez, ele estava no comando. Demorou uma eternidade doce e sem fôlego para que ele deslizasse suas calças jeans para baixo, e alcançasse o fecho do sutiã, e então...

Uma música de órgão sinistra tocou, abafada por suas calças caídas.

O celular dela.

— Não — ela gemeu, e bateu inutilmente no travesseiro. Não era bem o pior momento possível, mas estava perto. Muito, muito perto. — Não, não, não!

— É melhor você atender isso — Shane disse. Ele afundou-se no outro lado da cama, e sua pele estava levemente corada e molhada de suor. Sua voz estava meia oitava inferior ao normal, e suas pupilas estavam grandes e escuras, e ela sabia, *sabia* que era injusto com ele fazer isso...

...Mas ela atendeu o telefone mesmo assim.





— Vista suas roupas — Myrnin disse, curto e grosso. — Nós temos um trabalho a fazer. Agora.

Ele desligou na cara dela. Ela gritou inarticuladamente para o celular e pensou em arremessá-lo na parede, mas isso não iria ajudar, de jeito nenhum, e além disso, ele estava certo. Isso era parte da razão porquê ela estava tão irritada.

Porque não era o momento. Não aqui. Não agora.

— Claire — Shane disse. Ele ainda estava deitado, olhando para ela, e havia um pequeno sorriso calmo nos seus lábios. — Ei. Obrigado.

— Pelo que?

— Por tornar isso... nada perfeito.

Ela riu. — Que romântico.

— Confie em mim — ele disse. — Eu sou. Essa foi a razão pela qual eles puderam chegar a mim, Claire. Por causa do quanto eu queria... toda aquela perfeição. Aquela vida que eu nunca cheguei a ter quando eu estava... crescendo.

Ela o beijou novamente, lento, quente e doce. — Eu sei. Mas não se preocupe. Estamos em Morganville. Nada nunca vai ser perfeito.

O golpe de sua língua sobre seus lábios a fez querer jogar o celular para longe e rastejar de volta para a cama. — Hmm. A imperfeição tem um gosto muito fantástico, na verdade. Estou ficando realmente apaixonado por ela.

Seu celular tocou novamente. — O que foi? — ela falou irritada quando atendeu.

Myrnin, é claro. — Você está a caminho?

— Não!

— Claire, há coisas para fazer.

— Aqui também — ela disse. — E eu vou ficar aqui, acredite em mim.

Myrnin ficou em silêncio por um instante, e então ele disse: — Bob ficaria muito decepcionado com você.

— Bob, a aranha?

— Ele vê você como uma mãe, sabia. Estou surpreso com a sua falta de ética de trabalho. Pense no exemplo que você dá para...

Ela desligou na cara dele e colocou o celular no modo de vibração e relaxou nos braços de Shane.

— Você não vai sair — ele disse. Ele pareceu surpreso. — Você sempre sai quando ele chama.

— Não agora — ela disse. E o beijou de novo com doçura e delicadeza. Porque eles tinham todo o tempo do mundo.





Shane adormeceu, pacificamente, abraçado contra ela na cama; eles na verdade não tinham *feito* nada, afinal de contas. Tinha sido o suficiente simplesmente se deitarem lá juntos, pele com pele, sentindo-se seguros, relaxados e calmos...

Poderia ter sido quase um dia normal. Quase.

Pouco antes de ele adormecer, ele suspirou na parte de trás do pescoço dela, e sussurrou: — Você está aqui. — Isso tinha sido o suficiente para se formarem lágrimas em seus olhos, e elas transbordaram quando ele disse, depois de mais alguns segundos: — Eu amo você, Claire.

Ela ainda estava deitada agora por volta de meia hora, provavelmente, só... saboreando isso. O alívio. A sensação de tê-lo de volta, real, vivo.

Presente.

A realidade não era algo que ela poderia bloquear por muito tempo, no entanto; o celular continuou zumbindo, e zumbindo. Myrnin, o idiota, iria descarregar a bateria em breve. Ela considerou ignorá-lo, mas finalmente o pegou, atendeu e sussurrou: — *O que foi?*

— Claire — Myrnin disse. — Claire, por favor. É importante, muito importante. Oliver quer falar com você o mais rápido possível. Me desculpe se eu te chatee, mas...

Oh, ótimo. *Oliver*. Ele provavelmente queria um relatório completo de tudo; Claire virou um pouco para olhar para Shane, mas ele estava dormindo profundamente, completamente relaxado. Tão vulnerável.

— Estarei aí em um minuto — ela sussurrou.

— Só você — ele disse. — Por favor.

— Sem problemas. — Ela desligou o celular e com cuidado e devagar, deslizou para fora da cama. Shane moveu um pouco, gemeu, e rolou, enterrando seu rosto no travesseiro. Mas ele não acordou.

Se vestir não demorou muito; ela encontrou seu jeans, uma camiseta, e seus tênis com bastante facilidade, e ela nunca tinha realmente retirado as roupas íntimas. Ela fez uma pausa para olhar em um espelho no caminho para fora do quarto; havia um rubor de felicidade em suas bochechas, e mesmo que não tivesse havido nada que ela não pudesse ter dito a sua mãe, isso ainda *parecia* íntimo. Bastante. E ela parecia alguém com um segredo.

Dane-se. Myrnin e Oliver simplesmente teriam que superar isso. Ela passou os dedos pelo cabelo e o ajeitou o melhor que pôde, abriu a porta e saiu.





Seu celular tocou novamente. Ela atendeu enquanto andava. — Ok, tudo bem, eu estou saindo. Onde você está?

— Na garagem — Myrnin disse. — Depressa. — Ele desligou. Bem, isso foi estranho. Muito estranho, na verdade. Por que Oliver, de todas as pessoas, estaria na garagem, à espera de seu relatório? Não que fosse mais estranho do que muitas coisas acontecendo hoje. Ou, na verdade, sempre.

Ela deixou a sala de estar, onde Eve geralmente mantinha a cafeteira ligada, sem incidentes. Eve e Michael estavam longe de ser vistos, e ela esperava que eles tivessem encontrado alguma privacidade para eles mesmos agora. Eles precisavam disso. Michael estava tentando colocar uma cara boa, mas tinha estado muito claro o quanto ele se preocupava com Eve, e o quanto ele queria que as coisas dessem certo. Pelo menos, tinha estado claro para Claire.

Talvez não tanto para Eve.

Havia um monte de vampiros estranhos ao redor, mas eles ignoraram ela, se apressando para fazer suas próprias coisas. Os humanos não eram mais importantes, ela pensou; agora que os vampiros podiam lutar contra os *draugs* com uma vantagem, a última coisa que eles queriam era seu banco de sangue no caminho. Estavam todos concentrados.

Ela gostava de ser ignorada.

— Ei — uma voz calma disse atrás dela. Ela se virou e viu uma porta aberta só um pouquinho, e através dela espiou uma porção de um rosto estreito. Alguém mais baixo do que ela, e provavelmente não era um vampiro. — Não vá, Claire.

A porta se abriu mais, e Claire viu quem era, de todas as pessoas, Miranda — a garota psíquica/perdida de Morganville. Se ela tivesse qualquer família de verdade, Claire nunca tinha visto; na maioria das vezes, a menina parecia como se tivesse vestido uma roupa de uma dessas caixas de roupas doadas, e ela nunca parecia totalmente... *lá*. Até que de repente ela se concentrava em você. Então, as coisas realmente começaram a ficar interessantes. Claire não tinha sido uma verdadeira crente em predições psíquicas quando ela veio para Morganville — ela era científica demais para isso. Mas alguns encontros com Miranda, e ela estava preparada para, pelo menos, considerar a ideia de uma física muito esotérica que ninguém conseguia explicar ainda.

— Não ir aonde, Mir? E o que você está fazendo aqui? Eu pensei que você tinha saído da cidade!

— Eu tentei, mas eu não poderia ir — Miranda disse, e abriu a porta completamente. Era um depósito de algum tipo, cheio de caixas. — Eu tenho me escondido aqui.

— Você não precisa fazer isso. Nós deixamos você ficar com a gente...





— Essa não é uma boa ideia — ela disse, com uma confiança de que era firme demais para sua idade. — Você sabe que coisas acontecem quando estou por perto. Eu tento ficar sozinha tanto quanto eu posso.

— Miranda...

— Eu só queria dizer a você para não ir. Isso é tudo. — Seus olhos azuis analisaram Claire com um foco assustador. Havia algo triste na expressão da garota que não fez Claire se sentir melhor. — Você deve voltar para Shane. Ele está bem agora. Eu não acho que ele vai mais ficar louco.

— Ele estava ficando louco? — Claire perguntou.

Miranda deu de ombros. — Talvez — ela disse. — Não é exatamente fácil desvendar ele. Eu acho que é porque eu não entendo os meninos muito bem. — Ela disse isso com absoluta seriedade, e Claire teve que lutar para não rir.

— Quem entende? Enfim. Onde é que eu não deveria ir? — Porque os avisos de Miranda, enquanto eram geralmente na hora certa, raramente ocorriam de forma lógica. Eram sempre com antecedência, mas quanto tempo antes que isso iria acontecer era uma questão em aberto. Uma vez Claire tinha tentado representar graficamente os intervalos. Era tão aleatório como o valor de pi, e fazia sua cabeça doer da maneira que Myrnin fazia.

— Casa — Miranda disse imediatamente. — Não vá para casa.

— Não é provável que eu vá para casa antes que a situação do lado de fora fique melhor — Claire disse suavemente. — Então, provavelmente não é um problema, certo?

— Talvez — Miranda concordou, mas ela ainda parecia perturbada. — Eu só... isso continua acontecendo. Eu não entendo. Talvez você deva apenas ficar aqui comigo e não ir a lugar nenhum. Pode ser mais seguro aqui.

— Eu não posso ficar aqui, querida. Ouça, você tem alguma comida? Água?

— Eu peguei um pouco dos outros armários. Barras energéticas, água e as bebidas energéticas. Você sempre lê os rótulos? É um pouco assustador. E eles não tem um gosto muito bom. Da próxima vez que Eve fizer cookies eu vou pegar um pouco. — Claire não sabia se era uma promessa ou uma previsão. Ela decidiu deixar para lá.

— Mir, obrigada, mas eu realmente preciso ir agora. Você vai ficar bem aqui?

— Aqui? — Miranda assentiu. — Eu vou ficar bem aqui. Mas você realmente não deveria ir para casa.

— Eu não vou — Claire prometeu. — Não em breve.

— Não diga a ninguém que estou aqui.

— Eu não vou dizer — ela repetiu, e saiu pela porta. — Fique segura.





Miranda parou a porta se fechando e encontrou o olhar dela. — Eu estou falando sério — ela disse. — Claire, *não vá para casa*. Coisas ruins acontecerão se você for para casa.

Isso enviou um arrepio das costas ao pescoço de Claire. — Eu prometo — ela disse. — Não vou para casa.

Miranda assentiu com a cabeça e fechou a porta, em seguida, trancou-a.

Essa criança é maluca, Claire pensou, embora Miranda não fosse mais uma criança, não realmente. Talvez ela nunca tivesse sido. Mas ela tinha mais do que quinze anos agora, provavelmente dezesseis anos — a idade que a própria Claire tinha quando ela chegou em Morganville. Uau. Não parecia há muito tempo, mas, ao mesmo tempo, parecia... uma eternidade. Como se não houvesse um mundo lá fora, além das fronteiras da cidade.

Um dia, eu vou sair daqui, ela pensou. *Eu posso sair quando eu quiser*.

Isso soou desconfortavelmente como o que os viciados diziam a si mesmos, agora que ela pensava nisso.



A viagem para baixo no elevador foi sem intercorrências, mas quando ela saiu, ela não viu Myrnin, ou Oliver, ou... bem, ninguém. Não imediatamente.

Então ela viu uma sombra em forma de Myrnin no lado esquerdo da garagem, ao lado de um carro da polícia de Morganville. Ele estava falando com alguém.

Claire se aproximou, e Myrnin girou no lugar para olhar para ela. — Ah! — ele disse. — Você está aqui. Ótimo. — Ele estava com aquele jeito frenético e maníaco desta vez; ela sempre temia quando isso acontecia. Isso a deixava muito cansada, e evidentemente seria um saco cheio de loucura, seja lá o que ele queria.

— Onde está Oliver? — Claire perguntou. Porque ele não estava aqui, embora ele tinha alegadamente dito que o chefe assustador estava aqui. Hannah Moses estava de pé ao lado da porta do lado do condutor da viatura; ela parecia... *remota* era provavelmente a melhor maneira de descrevê-la. Fechada. — Não me diga que ele foi embora. Eu não demorei tanto tempo.

— Sim, sim, Oliver — Myrnin disse. Ele parecia nervoso para ela. Estranhamente desestabilizado, enquanto Hannah apenas parecia fria. Ninguém estava agindo exatamente como deveria, e por alguma razão, isso tocou uma campainha de alarme, bem lá no fundo. — Oliver está aqui. Venha, ele está bem aqui.

Claire deu um passo para trás em vez de ir na direção dele.





Era tarde demais.

Myrnin pulou para frente, agarrou-a com uma mão sobre sua boca para prender seu grito de surpresa e outra em torno de sua cintura para levá-la para fora do chão. — Shhh — ele sussurrou. — Claire, não. Eu prometo, isto é necessário. Confie em mim. Por favor.

Hannah estava abrindo a parte de trás da viatura. — Entre — Claire ouviu-a dizer, sobre seus próprios gritos abafados. Myrnin deslizou para dentro com ela, mantendo um aperto forte para que ela não pudesse gritar ou lutar muito. Pânico estava correndo por suas veias agora, porque isso era *errado*. Myrnin — havia um monte de loucura em Myrnin, mas violência? Sequestro? Isso não está certo. Não está nada certo.

E Hannah? Por que *Hannah* estava ajudando ele? Claire confiava nela, absolutamente confiava nela. Isso... abalou o mundo bem debaixo de seus pés.

Hannah bateu a porta de trás e foi para frente. — Mantenha ela quieta — ela disse. — Eu preciso nos levar além das linhas de frente. Uma vez que estivermos fora daqui, isso não importará.

— Eu prefiro não fazer desta forma — Myrnin disse. — Eu posso fazê-la entender. Sério.

— Com o tempo, talvez, mas estamos empenhados agora. Não temos tempo para resolver as suas questões. Oliver está com a linha do tempo?

— Sim — Myrnin disse. — E eu suponho que você está certa. Nós não podemos esperar. — Ele olhou para Claire, que estava olhando para ele com horror e traição. E tentando desesperadamente morder sua mão. — Sinto muito, querida. Apenas relaxe.

Ela não o fez. Ela não pôde. Ela lutou e lutou, chutou os bancos, gritou, arranhou, até que finalmente, com um grunhido de frustração, Myrnin colocou os dedos ao lado de seu pescoço e pressionou.

E ela...

...foi para a escuridão.





CAPÍTULO 18

OLIVER

Eu estava esperando por esse momento, e finalmente havia chegado. Nossos inimigos, vulneráveis. O nosso futuro, finalmente visível, se ao menos nós pudéssemos alcançá-lo e pegá-lo. Nesse horizonte distante estava a liberdade do medo que os vampiros tinham levado em seus ossos desde antes que eu tivesse me tornado imortal.

Liberdade para governar sem contestação, novamente.

Seja qual for a magia que Myrnin tinha trabalhado, não havia dúvida de que se ele disse que uma coisa comum como este pó iria funcionar contra os *draugs*, *iria* funcionar; ele era louco, e de lealdade duvidosa para mim, mas se tinha uma coisa que ele sempre foi inabalável, foi em seu compromisso de destruir os nossos inimigos. Mesmo quando tinha sido aconselhável fugir, talvez necessário, ele tinha sido o único a argumentar pela luta.

Tínhamos isso em comum, mesmo que parecesse improvável.

Sua mensagem pelo rádio tinha sido simples: *O pó no tonel do laboratório vai matar os draugs. Você vai encontrá-lo nos locais marcados no mapa. Despache sua equipe. Destrua todos eles.* Myrnin era capaz de crueldade surpreendente quando pressionado. Tínhamos isso em comum também.

Mas era a outra parte da mensagem que tinha me assustado. Myrnin, eu percebi, sabia o tempo todo como isso iria acabar. Foi propositalmente que ele não tinha me dado qualquer indicação disso — ou, tanto quanto eu entendi, a *ninguém*. Nem mesmo ao seu animal de estimação, Claire.

Não. *Surpreendentemente* nem descrevia, eu percebi. *Chocante* talvez chegava mais perto.

Antes de seguir as suas instruções, no entanto, eu tinha um problema para resolver. A irmã de Amelie era um perigo para sua governante e uma usurpadora em potencial, mas, por definição, isso fazia dela uma líder competente o suficiente, e eu precisava de todos os nossos recursos agora. Eu tinha os guardas de olho nela enquanto eu colocava a minha roupa de batalha;





eu sentia falta da armadura, mas ela nunca tinha sido muito boa contra os *draugs*. Ela só nos deixava com um peso sobre nós, e isso nunca era uma vantagem quando lutava contra algo que florescia da água. Couro iria servir.

Naomi deve ter pensado o mesmo, porque quando ela apareceu na antessala dos aposentos da Fundadora, ela também tinha vestido couro espesso. O preto a deixou rígida como osso em contraste, um rosto pálido e afiado e cabelos loiros preso em um estilo simples para a batalha. Ela parecia bastante com Amelie – mas não havia nenhuma conexão entre nós em absoluto. Ela me olhou friamente e disse: – Eu não vou ser convocada como uma serva por você, Oliver. Melhor que seja importante.

– Eu preciso das suas habilidades – eu disse. – Você ouviu o chamado para a batalha, eu assumo.

– Claro.

– Então eu não preciso dizer-lhe que este é o momento de atacar, forte e rápido. – Eu sorrii levemente, permitindo que meus dentes apareçam. Ela respondeu com o mesmo, medida por medida. – Vou confiar a você o comando desta missão.

Isso a fez dar um passo para trás. – A mim? Você não vai liderar?

– Não – eu disse. – Eu tenho outro dever a cumprir. Um mais difícil.

Ela entendeu, então, ou pensava que entendeu, e inclinou a cabeça para mim, só um pouco. – Você tem o meu respeito, Oliver. E a minha simpatia. É uma coisa terrível de se fazer.

Nesse ponto, Theo saiu das sombras perto da porta. – Você parecia pronta o suficiente – ele observou. Quando ela lançou-lhe um olhar mortal, ele deu de ombros. – Eu disse que eu não jogo política. Eu não jogo. Mas você, minha querida, me apunhalou pelas costas. Literalmente.

– Eu queria poupar a minha irmã da agonia – ela disse. – Como você agora, Oliver. Acho que nos entendemos bem o suficiente. O que quer que seja que esse mentiroso herege disse...

– Todos os hereges estão juntos, agora – eu disse. – As crenças de Theo são entre ele e o Deus lá em cima.

Ela riu e cruzou os braços. – Uma baita mudança *sua*, o guerreiro de Deus.

Ela estava certa. Eu tinha mudado. O vampirismo faz isso – afasta toda a arrogância de seu lugar no mundo e o obriga a aceitar novas realidades. Ele constrói um tipo muito diferente de arrogância, que tanto Naomi como eu tínhamos em porções completas, violentas e obscuras.

– Eu encarrego você do ataque, Naomi, mas se certifique que você entendeu: você não é Amelie, nem nunca vai ser Amelie. Você não vai





governar Morganville, nem agora nem nunca, enquanto eu viver. Eu sou o sucessor dela. Não você. Nós podemos dançar em torno disso até que você tente enfiar a sua estaca nas *minhas* costas, mas eu posso prometer a você, eu não vou ser tão indulgente ou tão justo como o Dr. Goldman. Estamos claramente entendidos?

Isso me rendeu um completo olhar frio. Cheio de aço, debaixo de todas as maneiras finas e graça gentil. Eu gostaria de saber se os humanos que gostavam dela realmente entendiam as suas profundezas. Provavelmente não. Amelie tinha sido do mesmo jeito, capaz de coisas que ninguém jamais teria imaginado, e ela possuía mais uma consciência humana do que Naomi já teve. Havia muitos corpos neste passado, e isso foi bem antes de ela ter tomado o caminho da imortalidade.

A política era um jogo de assassinato, e sempre tinha sido.

Foi por isso que ela acreditou em mim agora. E porquê ela inclinou a cabeça, muito ligeiramente dessa vez, reconhecendo a minha soberania. Por agora. Ela sabia que não era o momento de me desafiar.

Mas o momento nunca chegaria. Não para ela.

Eu acompanhei-a para a área onde os vampiros estavam se reunindo. Eve e Michael estavam lá, enchendo sacos com o produto do tonel ridículo que — como Myrnin disse — continha a vitória final da nação dos vampiros; eu acho que eu não deveria me sentir tão decepcionado que a luta não fosse vencida com aço e prata, mas sim com algo tão... humanamente mundano. Não era mais da minha conta. Naomi rapidamente assumiu o comando, uma vez que eu mostrei a bandeira e reconheci que eu a tornei a comandante; ela tentou se apropriar de Michael e excluir Eve, uma tática que eu sabia ser condenada desde o início. Eu não me incomodei em esclarecê-la.

— Mas não há lugar para um ser humano nesta luta! — Naomi disse, tentando usar o seu charme inocente de costume. — Michael, você tem que entender que eu só estou tentando mantê-la longe do perigo. Não haverá mortais em risco nesta luta.

— Eu não vou deixá-lo — Eve disse. — Você leva ele, você me leva. Ou você deixa nós dois. Nós somos um pacote.

— Mas...

— Não — ele disse, e olhou para Naomi. — Nós ficamos juntos. Eve me contou sobre as suas pequenas armações. Você não vai conseguir dar cobertura a um ou outro. — Ele olhou de Naomi para mim. — Você pode me punir se você quiser, mas eu não confio nela. Não com Eve.

O menino estava certo. Ele tinha amadurecido consideravelmente, eu pensei, do jovem inseguro e tragicamente leal que eu tinha quase assassinado





em minha primeira noite em Morganville. Eu tinha a intenção de transformá-lo, torná-lo um dos meus vassalos, mas em vez disso o resultado tinha sido... menos ideal. Ele não tinha confiado em mim totalmente desde então, é claro. Eu não podia culpá-lo por isso.

Era um pouco engraçado que ele confiava *menos* em Naomi.

— Fiquem aqui — eu disse a ele. — Vocês não serão necessários nisso, de qualquer forma. Não se esta química que Myrnin tanto ama for verdadeiramente eficaz.

— Oh, ela é — Michael disse. — Eu já vi.

— Então você não vai exigir a ajuda dele — Naomi disse. — Eu pensei que você tinha dito que eu era a líder deste ataque.

— Você é — eu disse. — *Delegada* a liderar. Não confunda com estar no comando. — Eu balancei a cabeça para Michael e Eve, que assentiram com a cabeça de volta e continuaram enchendo os sacos de plástico com o produto químico para entregar aos meus... o que eles eram para mim exatamente? Vassalos? Não, eles deviam sua lealdade, tal como era, a Amelie. Parentes de sangue? Alguns eu poderia reivindicar, mas não.

Eles eram o meu exército, no entanto. *Meu*. Um feroz e irritado que tinha finalmente visto a chance de contra-atacar um inimigo que nos assombrava desde as primeiras memórias de vampiros.

Eu não os viria fora de sua missão. Não havia necessidade; Naomi não iria me agradecer por tirar o foco do seu momento de glória, e não havia nada que eu pudesse acrescentar. Michael e Eve ficariam ou não, o que eles quisessem; eu lhes tinha dado a minha bênção a fazê-lo. Não havia nenhum sinal de Shane, o que era uma coisa muito boa. Eu não precisava da complicação de seu envolvimento justo agora.

Eu voltei para os aposentos de Amelie, agora desprotegidos; seus homens e mulheres leais tinham ido lutar contra os *draugs*, é claro. Eu abri a porta de seu quarto e parei lá, porque a visão era... desagradável.

Amelie estava quase irreconhecível agora. Ainda lutando, porque ainda havia uma forma humana para ser vista sob aquele... crescimento, mas ela estava perdendo, lentamente e gravemente. Eu puxei o edredom de seda macio debaixo dela para envolver em torno de seu corpo. Eu precisava de toda a espessura para cobri-la. Uma vez que eu tinha enrolado ela, eu amarrei com os panos da cortina rasgada e levantei seu peso leve por cima do meu ombro. O cheiro dos *draugs* se estabeleceu em torno de mim, como peixe ou carne podre, e eu lutei contra a vontade de vomitar. *Ela não é um deles. Ainda não.* Eu parei de respirar. Uma conveniência da fisiologia dos vampiros, mas nem sempre eficaz; nossos sentidos eram muito aguçados.





Cheiros permeavam.

Amelie não se mexeu. Ela poderia muito bem ter sido um cadáver inconveniente que eu estava removendo para descartar; que não seria o único na minha vida, seja em meus dias humanos ou em minha nova vida. Parecia mais pesado do que deveria, mas isso poderia ser o fardo do que eu estava prestes a fazer. Eu não perdi tempo; eu estava bem ciente de que faltava pouco. Eu levei-a pelos corredores, agora quase deserto. Eu ouvi um burburinho de conversa humana vindo de uma sala, e identifiquei vozes que eu conhecia. A menina Morrell, lamentando por seu irmão perdido; ela estava certa de fazer isso, porque ele seria uma grave perda para a cidade. Um homem justo, inteligente, improvável quando ele tinha se levantado de começos tão baixos. A menina não tinha essa... qualidade.

Eu podia sentir que somente os seres humanos foram deixados no prédio agora, exceto por Michael. Isso me permitiu evitá-los facilmente.

Meu carro estava estacionado abaixo, esperando silenciosamente, e eu coloquei Amelie no porta-malas, não tanto para a proteção dela, era mais para a minha se ela terminasse a sua transformação antes que eu estivesse pronto. Dirigindo pela noite nublada, eu vi sinais em todos os lugares de decadência e destruição. Os *draugs* aceleraram tais coisas, transformando em estruturas rangentes desmoronando em ruínas precisando de pintura e reparações. Eles iriam destruir Morganville e transformá-la em um deserto em poucos meses se não fossem controlados.

Havia mais do que alguns humanos permanecendo na cidade; alguns tinham vindo contra nós em vigor algumas noites atrás, na esperança de arrancar o controle dos vampiros. Eles tinham ido de volta para os seus esconderijos para aguardar o fim, seja ele qual for, da nossa luta. Eu não os culpo. Quando gigantes lutavam, as formigas eram esmagadas.

Eu atravesssei pelas ruas sem encontrar um único *draug*, embora eu sentisse sua presença pesada. A falta do canto deles era uma indicação importante e feliz de sua desconfiança, de seu medo. *Sim, eu pensei. Vocês têm razão para ter medo. Desta vez vamos acabar com vocês.* Eu imaginei que Magnus havia sentido a mesma exultação em descobrir Morganville, a última rota de fuga de uma espécie condenada. Ele glorificou a chance de, finalmente e completamente, nos erradicar, mesmo que isso significasse o fim da sua própria espécie — ou não? Sem vampiros para destruir, os *draugs* girariam mais em direção a presa menos nutritiva, mas mais abundante. O cativo de Shane era prova suficiente disso. Eles poderiam ir atrás dos humanos.

De certo modo, salvando a nós mesmos, salvaríamos aqueles que nos serviam também.





Eu estacionei na entrada do beco escuro, abri a porta do carro e verifiquei ao redor da área. Havia sombras sinistras, mas elas eram bastante normais para este lugar. Nenhum sinal ou cheiro de *draugs*, exceto pelo que estava vindo do porta-malas. Eu fedia a isso também, eu percebi. Um negócio sujo e dilacerante.

Eu carreguei Amelie pelo beco estreito para o barraco no final do mesmo. O casebre de Myrnin, que continha apenas uma escada que levava para baixo para seu laboratório e nada mais além de olhares cintilando e vigias noturnas de intrusos. Estava escuro lá, todas as luzes apagadas, mas quando eu desci, as lâmpadas brilharam em resposta ao movimento. Melhoraria de Claire, eu imagino. Myrnin dificilmente teria se importado com isso.

O laboratório estava uma desordem, mas isso também era normal; Myrnin, para dizer o mínimo, não se preocupava com as aparências. A menina tinha feito tentativas para limpá-lo, mas nunca durava muito tempo. Eu atravessei por vidrarias quebradas ao redor, cadeiras caídas, livros e papéis soltos espalhados, e parei na frente de um grande armário fechado marcado com PERIGO, com muitos símbolos e ícones diferentes diante dele.

Quando eu estendi a mão para ele, eu senti um lampejo de energia atrás de mim, e olhei para trás e vi uma forma se formando em névoa e estática. Não era um *draug*.

Era uma criação de Myrnin.

Não era natural, esta coisa, esta *aparição*; ele tinha usado o cérebro de um vampiro para ligá-lo, e o espírito do homem permaneceu. Um vampiro relutante, com certeza; a piadinha de Bishop, tornando o nosso pior inimigo em um dos nossos. Punição tanto para o pai como para o filho. Eu me perguntava como Shane Collins se sentiu, sabendo que seu pai sobreviveu — se isso poderia ser chamado assim — nesta forma patética e impotente.

Frank Collins era uma imagem, nada mais. Ele existia tão plano como uma fotografia e com muito poder. Ele estava indefinidamente degradado desde a última vez que eu o vi; na época, ele tinha usado uma certa arrogância, mas agora ele parecia... sem forças. E velho. A energia no laboratório piscou sem firmeza, e assim como a sua imagem.

Ele não disse nada para mim, e eu não disse nada a ele. Não havia nenhum ponto em gracejar com os mortos.

Quando eu rolei o armário de lado em sua trilha escondida, ele finalmente falou. — O meu filho ainda está vivo? — ele perguntou.

— Estou muito surpreso que você se importe — eu respondi. — Mas sim, pelo que eu saiba.





— Diga a ele... — Frank hesitou, e eu tive a estranha sensação de que ele estava lutando para se lembrar de como formar palavras. — Diga a ele que eu disse que sinto muito.

— Eu duvido que ele vá se importar muito — eu disse, — dada a sua história juntos. Mas se eu sobreviver a esse dia, eu vou dizer.

— Eu estou morrendo — ele disse. — Meu cérebro, eu quero dizer. O poder continua se esvaindo. Talvez isso seja... isso seja bom.

— Talvez seja — eu disse. Eu não era desprovido de simpatia, mas eu escolhia onde mostrá-la, e Frank Collins não era a minha escolha. Eu abri a porta para o portal que levava ao laboratório de Myrnin, e para além dele estava o espaço negro, espesso e vazio. — Os portais ainda estão funcionando?

— Eu não sei — ele disse. — Às vezes. Sim. Talvez. Eu não sei... — E a sua imagem cintilou e desapareceu, e não retornou.

Nada reconfortante, talvez. Os portais eram a criação de Myrnin também — portas mágicas (embora ele me assegurou que se baseavam em sua mistura de alquimia e ciência) que levavam através do espaço, ligando lugares, como se as salas adjacentes fossem uma única casa. Podia-se atravessar a cidade em apenas alguns momentos, teoricamente, se alguém conhecia os segredos dos portais e suas localizações. Eu conhecia alguns. Myrnin nunca compartilhou toda a extensão de sua invenção com ninguém além de Amelie.

Eu encarei o portal e me concentrei bastante. Houve um sussurro de cor através do escuro, turvo, mas definido. Eu segui os contornos do lugar que eu queria ver na minha mente — as lâmpadas de vitrais coloridos, o sofá de veludo vermelho com seus braços de cabeça de leão, o carpete empoeirado espesso. Havia uma pequena pintura de Monet que Amelie tinha como favorita pendurada bem ali...

Eu senti uma outra força de repente adicionar-se a minha em um movimento intenso, e cor explodiu para fora da escuridão, mostrando-me o quarto em um foco brilhante e perfeito.

Sem tempo.

Eu mergulhei, para o frio, e então o calor, e então eu estava andando/caindo através da escuridão para a luz.

O portal se fechou atrás de mim com um rangido quase metálico, e eu senti que não iria abrir novamente, não sem reparos. Morganville estava desmoronando em torno de nós. Logo não sobraria nada para salvar.

Aquele poder. Não tinha sido Frank; ele tinha pouco ou nada para dar. Não, este tinha sido o poder com um tipo familiar de sensação. Amelie ainda estava, pelo menos em algum nível, acordada. Consciente.

Viva.





Talvez por causa deste lugar. Este quarto, esta casa, ainda tinha uma sensação de eternidade, de paz e uma medida de seu próprio poder. Aqui, de todos os lugares, Amelie poderia encontrar resistência. De muitas maneiras, a Glass House era o coração da cidade que não batia — a primeira das Casas Fundadoras a ser concluída, a primeira de suas casas. Quando a estrutura tinha sido construída, tinha sido o primeiro de treze edifícios idênticos, todos eles ligados, conectados, reforçados por sangue, ossos, magia e ciência.

Aqui, neste lugar de poder, eu esperava que ela pudesse persistir um pouco mais. E se não... era um lugar apropriado para que isso acabasse.

Eu a coloquei para baixo o mais suavemente possível no sofá de veludo vermelho, e desembrulhei o cobertor de seda de todo o seu corpo. Eles se afastaram úmidos e pegajosos, e sob ele havia uma escultura de cera fundida com olhos cegos e pálidos.

Eu saí do quarto do sótão escondido e fui para o segundo andar. Os jovens que viveram aqui, Claire, Eve, Michael e Shane — eram indiferentes a governantas, mas o banheiro tinha toalhas limpas. Sem água, é claro, mas na cozinha eu encontrei uma garrafa de água selada e segura, e uma fonte de sangue ainda não coalhada que Michael Glass deve ter armazenado para emergências. Prudente. Eu teria guardado mais do que isso, mas eu sou por natureza cauteloso e paranoico.

A casa tinha uma sensação curiosamente de vazio. Eu tinha estado aqui muitas vezes, mas sempre havia uma sensação de *presença* nela, de alguma coisa viva lá dentro que não eram apenas os ocupantes, mas o espírito da própria casa. As criações de Myrnin tinham efeitos estranhos, e o mais estranho tinha sido o despertar desses edifícios imóveis não-vivos feitos de tijolo, madeira, argamassas e pregos. Mas o espírito que havia morado aqui parecia tão morto quanto a própria Morganville.

Quando eu me ajoelhei ao lado de Amelie com a toalha umedecida e comecei a passar a esponja limpa em seu rosto, seus olhos de repente se moveram para se fixar em mim. Pela primeira vez em horas, eu vi uma faísca de reconhecimento neles. Ela não se moveu de outro modo; e eu continuei o meu trabalho, limpando o resíduo úmido de *draug* de suas bochechas pálidas, dos lábios entreabertos.

Sua mão se moveu em um flash, e pegou o meu pulso para segurá-lo em um punho de ferro.

— Eu não posso — ela sussurrou. — Eu não posso aguentar, Oliver. Você sabe o que fazer. Você não pode permitir que eu me perca. Naomi estava certa. Indelicada, mas certa.





— Nós ainda temos tempo — eu disse a ela, e coloquei a outra mão sobre a dela — não para soltá-la, mas para mantê-la perto, mesmo que isso me machucasse. — Se Magnus puder ser morto, isso vai parar. Tudo vai parar. — Porque esse era o segredo dos *draugs*, o que Magnus tinha procurado manter tão em sigilo. Era por isso que ele tinha Claire como alvo, que podia ver através de seus disfarces e defesas. Ele era o mais poderoso dos *draugs*, e o mais vulnerável. Matando ele, seus vassalos morreriam. Eles não eram nada além de reflexos, cascas, drones que serviam uma colmeia.

Mas Amelie estava balançando a cabeça, apenas um pouco. O máximo que ela podia. — O *draug* mestre *não pode* ser morto. Não por aço ou prata, balas ou lâminas. O máximo que podemos fazer é forçá-lo a fugir e reagrupar. Você deve me matar antes da transformação estar completa, você entendeu? Eu pensei que talvez, desta vez... mas nós não tivemos tanta sorte, você e eu. — Seu sorriso era terrível, mas abaixo da coisa tomando o seu corpo, eu ainda podia ver o fantasma de Amelie. Ela tinha sido minha feroz inimiga, minha provocadora, minha ruína — tivemos centenas de anos de amargura e ambição entre nós, mas aqui, no final, eu a vi pelo que ela era: uma rainha, como ela sempre foi. Na minha vida mortal eu tinha derrotado reis, abatido monarcas, mas nunca ela. Havia algo nela mais forte do que a minha ambição. — Faça-me essa bondade, meu velho inimigo. É o justo.

— Em um momento — eu prometi a ela. — Espere comigo.

— Eu espero — ela disse, e fechou os olhos. Desta vez, o sorriso era completamente dela. — Eu vou tentar.





CAPÍTULO 19

NAOMI

Finalmente, *finalmente*, eu estava tomando o meu lugar. Trinta vampiros, todos ao meu comando inquestionável. Me irritou que Oliver que o tenha concedido a mim, mas eu cuidaria dele em breve. Eu era da realeza. Ele não era nada além de um repentino rei assassino e fanático que uma vez tinha roubado um trono, e haveria um acerto de contas. Tinha sido tolo da parte dele me dar seus vassalos para comandar.

Eu iria usá-los para fazer mais do que acabar com os *draugs*. Eu faria isso por causa da minha irmã. Amelie era rainha, verdade, mas quando uma rainha não pode mais governar, sua herdeira deve agir rapidamente, para garantir que nenhum caos estoure.

Eu era a herdeira. Não Oliver.

O único veículo grande o suficiente para levar todos nós era um ônibus pintado de amarelo; com cheiro de crianças humanas, e outras coisas menos agradáveis, e eu ordenei para baixarem as janelas. As nuvens estavam rolando para a distância sobre os ventos, deixando os céus sobre Morganville finalmente claros e frios como gelo, com estrelas brilhantes com derramamentos de diamantes. Tantas estrelas aqui. Minha irmã tinha escolhido seu terreno defensivo muito bem, e se a arma que Oliver nos deu funcionasse como ele alegava, esta seria a vitória final e triunfante.

E eu gostaria de levá-la.

Eu já estava planejando o que ocorreria depois desta batalha. Em primeiro lugar, eu gostaria de me assegurar que Amelie não se levantasse como um *draug*; em seguida, gostaria de vincular seu povo para perto de mim por direito de sangue. Oliver poderia ser exilado, ou despachado se ele se recusasse a ir. E Morganville, como o reino que era, seria minha. Uma vez que os *draugs* tivessem acabados, nós reconstruiríamos esta cidade do jeito certo e apropriado... e os disparates que Amelie tinha permitido, essa igualdade entre os seres humanos e vampiros, iria parar.





Isso iria parar com o seu ingênuo, Michael. Como o descendente direto de sangue dela, ele teria que ser um exemplo para os outros. Eu iria pedir a ele para colocar de lado a sua garota humana e comportar-se como um vampiro deveria; essa confusão de servos e senhores era de enlouquecer. Cortesia com eles era adequado, com certeza, e se ele optasse por mantê-la como uma espécie de animal de estimação pessoal, eu poderia permitir. Mas o casamento era uma aliança pela lei e costume que não poderia ser permitido.

Isso dava aos seres humanos direitos incontestáveis.

— Minha senhora — um dos favoritos de Amelie disse, curvando-se para mim enquanto ele estava no corredor ao lado do meu assento. Ele havia adotado uma roupa moderna, mas eu me lembrava dele de armadura, desde os tempos antigos. Um bom homem. Bom guerreiro.

— Seu nome é Rickon — eu disse. — Eu lembro de você.

— Você tem uma memória longa, senhora. Eu sou Rickon. — Ele me olhou com olhos verdes pálidos que eram um pouco astutos, um pouco entendedores também. O quão *bem* eu conhecia ele? Durante tantos séculos, era difícil de lembrar. Eu mal sabia como Amelie mantinha tais coisas. Ela ainda se lembrava dos nomes dos seres humanos. Eu tinha que memorizar os três que ela permitiu viver em companhia com Michael, e isso tinha sido uma luta. — Estamos nos aproximando da estação de tratamento. Os outros ônibus estão vindo da universidade e estão preparados para ir até a periferia da cidade.

— Então que comece. — Eu dei-lhe um sorriso caloroso. — Seja bem sucedido, hoje, Lorde Rickon, e haverá recompensas. Bem significativas.

Ele levantou uma sobrancelha e disse: — Eu não sou um Lorde agora, minha Lady. Apenas um lojista, e um feliz. E eu não necessito de recompensas; este é o meu lar. Eu não recebo pagamento para defender a minha própria terra.

Eu o interpretei errado. Ele era, ao que parece, um daqueles vampiros tristes que havia acreditado na estranha filosofia de Amelie, que nos obrigava a desistir dos nossos status de direito, e tornar-se... comum. Bem, eu não era comum. Eu não iria permitir que ela me fizesse uma... *lojista*. Nós éramos Ladys e Lordes, e permaneceríamos.

Eu dei-lhe um aceno de cabeça, como se eu concordasse com ele, e ele retirou-se sem outra palavra. Pelo menos o homem era capaz de uma saída adequada, com uma profunda reverência da cintura antes de virar as costas. Os costumes não haviam desaparecido completamente até agora entre os antigos.

O coveiro, Ransom, estava sentado atrás de mim no ônibus. Ele era uma coisa velha e empoeirada, com aparência antiga; eu sempre me perguntei por





que alguém se preocupou em torná-lo um vampiro. Não parecia valer a pena. Transformar alguém tão velho era útil apenas quando eles tinham consideráveis dons; este não parecia nem se lembrar de seu próprio nome na maioria dos dias, embora ele era, eu tinha que admitir, plenamente capaz de uma ação rápida quando necessário. Eu olhei para ele, e ele balançou a cabeça e me deu um sorriso, e vampiro ou não, da realeza ou não, eu tremi. Alguns dos seguidores de Amelie eram... desagradáveis.

— Alteza — o meu próximo visitante murmurou, o alto Pennyfeather — um dos favoritos de Oliver, outro fanático que tinha, em dias que respirava, administrado torturas pela igreja. Eu não confiava nele, mas ele tinha uma tendência útil de frieza, e devido respeito. Ele curvou-se sobre a minha mão sem ser tão vulgar ao passar os lábios sobre ela. — Quando isso acabar, eu vou estar feliz em segui-la para onde quer que você possa liderar.

Eu aceitei-o com um aceno de cabeça régio e um sorriso. Estávamos entendidos, nós dois. E havia mais aqui, insatisfeitos com o estado desordenado de Morganville, que de bom grado seguiriam uma bandeira quando eu levantasse. Até mesmo Ransom poderia, embora o Lorde Rickon, eu temia, era uma causa perdida.

Eu senti a velocidade do ônibus ficar mais lenta, e depois parar. Tínhamos chegado. Era o meu momento, *meu*, para extrair o amor e lealdade deles, e eu fiquei de pé e me fiz a rainha que eu sabia que era.

Ransom passou por mim quando eu reuni o fôlego para falar. — Nós sabemos o que fazer — ele disse. — Saia do caminho, garota.

O lojista de olhos verdes sorriu enquanto seguia Ransom. Outros saíram atrás dele, me ignorando. Me rejeitando.

Pennyfeather disse: — Ignore os camponeses rudes, Alteza. Quando você ganhar o dia, eles vão se curvar. — Ele tinha um tom calmante em seu sussurro, e eu permiti acalmar a minha raiva. Eu iria usá-la contra os *draugs*.

Por agora.

Em vez de estar na vanguarda, eu estava solidamente no meio do grupo que descia do ônibus. Eu fui forçada a lutar para encontrar o caminho até a frente, onde eu finalmente assumi o comando. — Vocês todos foram armados com isso — eu disse, segurando o saco de pó. — Foi-me dito que os *draugs* não podem resistir a isso. Vocês devem estar preparados para qualquer coisa; cada um de vocês tem estado armado com prata, então sejam cautelosos com a utilização...

Alguém murmurou um comentário, um rude, e eu fitei-o com um olhar. Ele não pareceu ter o mesmo efeito que o olhar da minha irmã teria. — Pennyfeather vai levar uma equipe. Eu vou levar outra. Nós nos





aproximaremos de cada extremidade. Os *draugs* não podem cantar; não deixem eles tocarem em vocês se vocês puderem evitar. Usem o pó químico nas piscinas. Não desperdicem.

Mais murmúrios, e uma risada isolada e calma, mas eu ignorei toda a fúria que acendeu dentro de mim. Eu *iria* governar essas pessoas. Era meu direito pelo sangue e história. Certamente Amelie concordaria com isso, se ela fosse capaz.

Eu levei a minha força ao complexo.

Nenhum de nós respirava, e por isso eu estava profundamente grata; este era um lugar sujo, mesmo sem a ameaça dos *draugs*. Cheio de sombras, mas isso pouco importava para os nossos olhos. Tudo estava parado, quieto, vigilante lá dentro.

Quando os *draug* vieram para nós, eles vieram em uma corrida, e a batalha começou.

Eu cortei caminho através do ataque, usando prata onde era necessário; alguns vampiros foram superados e arrastados para as piscinas, mas então Pennyfeather tinha alcançado seus santuários de água, e ouvi o grito sinistro e penetrante de terror enquanto ele despejava seus produtos químicos. Eu comecei o mesmo no meu lado, despejando o meu saco de pó nas águas turvas e escuras, e eu assisti fios pretos se espalharem rapidamente e intoxicar através de seu jardim de sangue. Havia vampiros lá, ancorados; enquanto os *draugs* morriam, eu gritei para os outros entrarem nas águas e recuperar as vítimas. Nós salvamos mais.

E os *draugs* morreram. Eles morreram com dificuldade, e eles morreram lutando, lutando para nos puxar para o seu próprio reino, mas nós envenenamos a casa deles, até o último refúgio. Aqueles que saíram nós matamos com prata.

Foi um triunfo sem ressalvas. Nós salvamos quase vinte vampiros de seu terrível destino, mas mais importante, o meu comando, a minha batalha estava ganha, e eu gostaria de voltar coberta de glória.

Ninguém questionaria o meu direito de governar depois disso, depois que Oliver tinha abandonado as suas funções e deixado para mim travar esta guerra — e eu tinha conseguido.

— Vencemos — eu disse. Eu já estava pensando no futuro, nas minhas regras. Embora eu preferia muito a companhia de mulheres, gostaria de tomar Michael Glass como meu consorte, eu decidi; ele era jovem, mas ele vinha de linhagens puras e iria satisfazer aqueles que desejariam um símbolo para os nossos servos humanos. Enquanto a garota humana dele... Bem, se ele não desistisse dela, seria simples o suficiente se livrar dela.





— Não — Rickon disse. — Não há nenhum sinal do *draug* mestre. A menos que acabemos com ele, não há vitória.

— Certamente nós matamos ele nas piscinas — eu disse. — Não há dúvida. Ele me deu um olhar frio e atrevido com aqueles olhos verdes. — Temos que ter a prova.

— Minha rainha — eu disse a ele, e mostrei as minhas presas. — Eu preferiria que você falasse com o meu título, Lorde Rickon.

Ele me ignorou. *Me ignorou*. Ele virou-se para lidar com um dos últimos *draugs*.

Eu encontrei o último deles, agarrando-se à sua vida imunda, agachando-se nas sombras. Eu joguei um pouco do pó mágico sobre ele, e vi quando suas pernas ficaram pretas, sólidas, podres. Ele estava morrendo diante dos meus olhos. — Magnus — eu disse. — Onde está Magnus? Conte-me!

— Não aqui — ele sussurrou, e ele riu de mim.

Eu precisava matar Magnus. Quando eu fizesse isso, não haveria questionamento da minha superioridade, dos meus direitos. Magnus era *meu*.

Pennyfeather estava atrás de mim; eu senti sua presença fria e rígida. O homem de Oliver, mas meu agora. Ele sabia qual joelho se curvar, e quando. — Envie grupos de busca — eu ordenei sem me virar da visão do último dos escravos morrendo. — Encontre Magnus a qualquer custo, e traga-o para mim. E Oliver. Eu vou exigir a cabeça dele, é claro. Temos de resolver a questão de quem governa imediatamente.

Pennyfeather não se mexeu.

Eu tomei consciência de um grande silêncio em torno de mim. A gritaria tinha acabado, os *draugs* estavam acabados, e os vampiros, os meus vampiros, estavam me olhando.

Como Pennyfeather, imóveis.

— Você me ouviu — eu disse, e me virei para Pennyfeather...

...então ele enterrou a faca de prata delgada no meu coração.

Eu estiquei a mão até ela, envolvendo as minhas mãos frias sobre a dele, e não vi nada em seu rosto além da minha própria morte. — Não — eu sussurrei. — Não, eu sou a sua rainha...

— Você nunca vai governar aqui — ele disse. — Você deveria se lembrar disso.

A prata percorreu o meu corpo, me envenenando. Ele deixou o punhal em mim. Isso me paralisou, e eu só podia ver enquanto os vampiros de Morganville deixavam este lugar, e me deixavam para morrer entre os cadáveres enegrecidos dos nossos maiores inimigos.





Não acabou, eu pensei. Eu queria gritar para ele, para todos eles. *Isso ainda não acabou!*

Mas tudo o que eu podia fazer era vê-los ir embora. As criaturas de Amelie. De Oliver. Nunca minhas.

Eu vou ter vocês, eu prometi a eles, em uma explosão de terror e fúria. *Você deveria acreditar em mim, Pennyfeather.*

Porque eu iria encontrar uma maneira de sobreviver. Para aproveitar esta cidade, e o nosso futuro, deles.

De alguma forma.

O *draug* que eu tinha envenenado ainda estava vivo, embora enegrecido e aleijado. Morrendo rápido agora. Mas arrastou-se para mim e olhou nos meus olhos abertos.

E puxou a adaga de prata para fora do meu coração.

Por um longo momento, eu ainda fui incapaz de me mover; a prata tinha me enfraquecido, me enegrecido por dentro. O *draug* deixou cair o punhal.

— Por quê? — eu perguntei a ele.

E a voz de Magnus me respondeu, ecoando através de sua própria criatura. — Sem desperdício — ele disse.

E então ele riu, e o *draug* terminou morrendo.

Eu vomitei prata e me apoiei nas mãos e joelhos, em seguida, na posição vertical.

A guerra ainda estava em ação.

Magnus primeiro.

Mas depois disso, quem tinha me traído.

Amelie, minha irmã. E Oliver, que continha a criatura Pennyfeather.

Meu.





CAPÍTULO 20

EVE

Eu estava nos bastidores, com Michael, e vi os vampiros irem para a guerra.

Não era muito uma coisa para se ver, na verdade... apenas nós dois, de pé juntos, de mãos dadas. Mas eu sempre pensei que eu fosse o tipo de aliada metida, e aliadas metidas não tinham que ir para a guerra, certo? Elas tinham que torcer do lado de fora e... serem metidas.

Eu não me sentia particularmente metida mais. Eu me sentia aterrorizada, e até mesmo com Michael segurando a minha mão, eu nunca tinha estado mais consciente do quanto estava em jogo, o quanto poderia dar errado. — E se não funcionar? — eu perguntei a ele. — E se... e se nenhum deles voltar? — Eu podia ver o pesadelo de estar preso em uma Zumbilândia Morganville, os *draugs* assombrando cada fonte de água que temos.

— Então nós pegamos todo mundo que restou, roubamos um ônibus escolar, e vamos embora — Michael disse. — Eu não gosto de correr, mas às vezes é tudo o que você pode fazer.

Ônibus escolares. A última vez que eu sentei em um desses assentos frios de couro falso verde, eu tinha estado rezando pela graduação e Michael tinha estado lá no fundo com os populares. Ele sempre tinha sido capaz de se mover entre os grupos — os atraentes, os nerds de música, os interessados em *Star Trek*. Se encaixar era o superpoder dele, e a minha fraqueza mortal. — Falando de ônibus escolares, lembra quando Jamie Montgomery socou aquela ruiva não-sei-o-nome...?

— Carly — eu disse. — Carly Fox.

— Carly Fox, certo. Eu acho que ela quebrou o nariz.

— Bons tempos. — Eu lembrava vividamente; foi um dos destaques do ano sênior, uma briga violenta de meninas bonitas com puxões de cabelo. O nariz de Carly nunca tinha sido o mesmo. Nem Jamie Montgomery, porque ela desapareceu sem deixar rastro cerca de duas semanas mais tarde — escapou da cidade, dizia os rumores, mas eu sabia que a maioria desses rumores era





mentira. Ela provavelmente foi drenada pelo vamp Protetor de Carly por puro aborrecimento por ele ter que mediar as meninas do ensino médio. Essas coisas aconteciam. — Ei, o que aconteceu com Jamie, de qualquer maneira? — Porque Michael estava do outro lado agora. Ele saberia.

— Ela deixou a cidade — Michael disse.

— Esse é um código para... — Eu imitei presas no pescoço. Ele ergueu as sobrancelhas e não disse nada. Então isso era um sim. — Droga.

— Você já sabia.

Eu meio que sabia. Mas ainda assim. Pensar em nossa antiga classe fazia eu me perguntar quantos deles tinham sobrevivido; muitos, com certeza, mas algumas teriam saído do radar, sido mordidos, tentado correr, ou apenas teve um acidente fatal. A taxa de desaparecidos de Morganville era muito alta, e a maior parte dela não tinham sumido.

— Então — eu disse, e me virei para Michael. — Já chega de lembranças. Eu acho que só tem nós aqui.

— Privacidade — ele respondeu.

— Tanto quanto nós vamos conseguir. E... não há muito o que fazer agora.

— Não. — Ele estava brincando comigo, esperando que eu chegasse ao objetivo.

Então eu cheguei. — Nós precisamos falar sobre as coisas.

Não era assim que *ele* esperava que isso fosse. Eu sabia disso, mas a culpa era dele por me deixar dirigir a conversa metafórica do ônibus. Mas, para seu crédito, eu capturei apenas um pequeno lampejo de impaciência e decepção, rapidamente escondidos. — Tudo bem — ele disse. Não é como se ele realmente quisesse ter uma conversa franca, mas ele sabia que não havia como fugir disto. — Você quer fazer isso aqui?

Eu dei de ombros. — Shane está em nosso quarto com Claire, eu acho. Eles têm estado tensos desde que ele voltou. Melhor deixá-los ficar sozinhos. — Eu levei Michael até um conjunto de cadeiras e puxei duas delas juntas.

E então eu me senti estranha em como iniciar a conversa. Houve um momento, quando eu fugi de Naomi e corri em seus braços, quando tudo o que tinha acontecido entre nós haviam desaparecido, mas agora... agora estava aqui aquilo de novo, grande e ruim e ficando maior a cada momento que nós não lidávamos com isso. Ou melhor, eu não lidava. Ele estava tentando.

Então eu olhei para cima e disse o que estava no meu coração. — Eu te amo.

Ele encontrou os meus olhos diretamente, e meu Deus, ele era lindo. Ele sempre me surpreendia, um pouco, como tudo apenas *funcionava* nele — seus





olhos, e seu cabelo, e as maçãs do rosto, e sua boca, e... tudo. Arte viva, tão lindo que, às vezes, como agora, doía. Mas se sua aparência se acendeu um pouco, a expressão em seu rosto se acalmou; ele estava atento em mim, como se eu fosse a única coisa no mundo. Não tinha nada em seus olhos além de sentimento aberto e honesto.

— Eu também te amo — ele disse. — O que vamos fazer sobre isso?

— Eu não sei — eu admiti. — Eu pensei que eu soubesse, mas... é um pouco como estar em um relacionamento com o Super-homem. Você às vezes não sabe a sua própria força.

Ele sorriu, e fez as suas covinhas saírem. — Eu acho que estou mais para Batman — ele disse. — Você sabe, com aquelas coisas de morcegos e atividades noturnas. E Batman é muito mais legal.

— Nerd.

Seu sorriso se alargou. — Você diz as coisas mais agradáveis. Você não soube? Os nerds vão governar o mundo agora.

— Sim, se os góticos permitirem que eles governem. — Isto me fez sentir tão bem... como nos velhos tempos, quando éramos amigos, e antes de tudo ficar tão complicado. Tão perigoso. — Você está evitando a conversa.

Ele olhou para suas mãos, em seguida, depois olhou para cima como se estivesse se forçando a fazer isso. — Sim, eu acho que eu estou. Eu te machuquei. Eu poderia fazer isso novamente, se as condições forem as mesmas; eu realmente não sei o que poderia me provocar a fazer isso, Eve. Eu gostaria de saber. Eu só... me perdi. E eu não posso prometer a você que não vai acontecer novamente. — Havia algo hesitante sobre a forma como ele estava me observando agora. Com medo, eu percebi. Com medo de que eu fosse rejeitá-lo, e sabendo que isso iria doer, mas só... ficando quieto mesmo assim.

— Isso faz parecer que se casar foi um pouco louco — eu disse. — Não é?

Ele assentiu. Desta vez, quando ele olhou para baixo, ele não tentou encontrar os meus olhos novamente.

— Michael.

— Sinto muito — ele disse. Saiu meio como um sussurro, e um pouco instável. — Não é culpa sua, é minha...

— Michael. Olhe para mim. — Ele olhou, finalmente, preparando-se para o impacto. — Eu disse que se casar parece loucura. Eu faço loucura na minha vida.

Por alguns segundos em branco, ele não pareceu me entender; eu acho que ele deve ter analisado esse pensamento por sua cabeça em alta velocidade uma dúzia de vezes antes que ele finalmente conseguisse a tradução. — Você quer dizer que está tudo bem. Que estamos bem.





— Sim, Michael, você é tolo, estamos muito bem. Mas o que eu disse antes continua de pé. É melhor não pensar em mim como uma vítima, mesmo se algo acontecer. Eu não sou uma flor pequena e fraca, e se eu precisar me defender, eu vou. Apenas... tente não fazer isso acontecer. Eu realmente não quero ter que te machucar. Ok?

Seu sorriso era brilhante, doce e caloroso o suficiente para derreter aço sólido. — Esta é a parte onde eu te beijo?

— Se você quiser.

— Oh — ele disse, — eu quero. — E ele se inclinou para frente, agarrando os braços da minha cadeira e, lentamente e docemente trouxe essa boca para mim. Foi um beijo adorável e longo, do tipo que derrete a sua coluna e preenche você com a luz solar e rouba o seu fôlego. O tipo que, até onde eu sabia, apenas Michael Glass poderia me dar, porque ele sabia, ele só *sabia* que me beijar com essas pequenas pressões como borboletas suaves fariam os meus dedos se curvarem, e a maneira que as provocações se afundavam em algo mais profundo, mais secreto, mais intensamente *necessitado*. Sua língua acariciou os meus lábios, e eu deixei eles se separarem, com fome dele, do gosto dele.

Eu tinha sentido tanta, tanta, tanta falta dele. Falta disso.

Falta de nós.

— Eve? — Ele manteve os lábios perto, pontuando suas palavras com pequenos toques elétricos de nossa pele. Minha própria boca estava inchada, formigando, intensamente e secretamente *consciente*. — Eu acho que nós deveríamos... encontrar alguma privacidade. Agora.

Eu estava cento e dez por cento a favor desta ideia. — Sim, por favor — eu disse. Eu mantive a minha boca tão perto, provocando-o de volta. — Isso significa que nós realmente temos que parar de beijar?

— Eu temo que sim.

— Espera... eu não tenho certeza sobre isso...

Ele me levantou e colocou os braços em volta de mim, apertou seus lábios nos meus e começou a me guiar em torno das cadeiras. Eu ri em sua boca enquanto nós batíamos desajeitadamente nas paredes, mesas, um grande vaso... e, de repente, ele me soltou e virou-se assim que eu ouvi Shane dizer: — Onde está Claire?

— O quê? — Michael parecia em branco, e apenas um pouco frustrado. Eu poderia entender isso, porque eu estava lutando para conter o forno que ele acendeu dentro de mim e me reconectar com o resto do mundo. — Do que você está falando? Eu pensei que ela estivesse com você.

— Estava — Shane disse. Ele estava puxando uma camisa sobre a cabeça, e parecia melhor e mais focado do que antes. Eu fiquei contente de ver isso.





Eu só teria estado mais feliz de ver isso em, digamos, uma hora. Ou duas. — Ela recebeu um telefonema de Myrnin.

Claro. Nada de estranho nisso, embora eu estava um pouco surpresa que ela tivesse desaparecido. Ele deve ter feito parecer importante. Bem, com tudo o que estava acontecendo, provavelmente era importante. Eu me certifiquei de que as minhas roupas estavam relativamente arrumadas, e saí de trás de Michael. — Eu não vi Myrnin mais cedo — eu disse. — Você viu?

Michael balançou a cabeça. — Ele não estava com a equipe de Naomi.

— Talvez ele esteja com Oliver então.

— Oliver não estava deixando ninguém perto de Amelie. Não havia razão para levar Claire lá, mesmo se Myrnin estivesse entrado. — Michael bateu os punhos com os de Shane. — Você parece melhor, cara.

— Eu me sinto melhor — Shane disse. — Ou eu estaria se eu pudesse descobrir onde o Louco McCrackula levou a minha namorada.

— Oooh, boa. Eu vou anotar. No laboratório? — eu sugeri. — Quero dizer, o que ele ajudou como um aqui?

Os meninos acharam que era uma boa ideia também, por isso, nós tentamos. Houve tentativas e erros envolvidos com todos os corredores e portas; quanto mais salas abríamos, mais parecia óbvio que este lugar estava deserto. Encontramos Theo na enfermaria; ele tinha um par de pacientes humanos nas camas, e seu amigo corpulento Harold como seu enfermeiro.

— Myrnin? — Theo repetiu quando perguntamos, e endireitou-se de onde estava sentado olhando em um microscópio. — Eu receio que ele não esteve aqui. Eu não o vejo há algum tempo. Vocês já tentaram o laboratório?

— Não encontramos — Shane disse. Parecia que ele estava prestes a quebrar alguma coisa, e eu não poderia culpá-lo.

— Ah. Segundo corredor, vire à esquerda, em seguida, três portas para baixo à direita. Diga ao louco que eu disse olá. — Theo voltou para o seu microscópio, como se fosse de vital importância, o que talvez seja, e Harold acenou para Shane. Shane acenou de volta, parecendo um pouco confuso sobre isso, e nós saímos do mini-hospital e para o corredor.

As instruções de Theo nos levaram diretamente para o laboratório improvisado de Myrnin, mas, embora ele estivesse cheio de vidrarias, livros e mesas, não havia absolutamente ninguém lá.

— Espera aí — Michael disse, e pegou seu celular. Ele discou, e escutou. Eu assisti sua expressão ficar severa e um pouco preocupada. — Ela não está atendendo.

— Tente Myrnin — Shane disse. Ele estava tão tenso como uma corda de violão, e estava propenso a quebrar com a pressão errada. Michael discou,





ouviu e balançou a cabeça. — Eu não consigo evitar, eu tenho um mau pressentimento sobre isso...

— Você deveria.

Todos nós viramos, em diferentes graus de rapidez, e eu não sei quanto aos caras, mas eu estava realmente surpresa ao ver a minha amiguinha perturbadora, Miranda, de pé na porta do laboratório. Ela parecia mal combinada e estranha como sempre, e seus olhos tinham aquele olhar que olhava através de nós que me fazia estremecer.

— Do que você está falando? — Shane perguntou, e caminhou em direção a ela. Ele provavelmente não queria parecer ameaçador, mas ele estava agitado, e um Shane agitado era uma coisa intimidante. Miranda recuou. Ele parou e levantou ambas as mãos em um sinal frustrado de rendição. — Eu não vou machucar você, garota. Apenas me diga. Onde está Claire?

— Em casa — ela disse. — Eu disse a ela para não ir. Eu disse a ela. — Ela parecia... angustiada, o que era estranho para mim. Eu tinha visto Miranda passar por um acidente de carro e a perda de uma irmã sem muita reação. — Está tudo acontecendo errado. Não era para ser assim.

— Mir. — Eu passei por Shane e peguei a mão da menina. Ela tinha a pele macia sobre os ossos finos, e eu fiz uma nota mental para fazer um sanduíche para a pobre garota em algum momento; ela precisava desesperadamente dele. — Miranda, você me conhece, certo?

Isso pareceu tirá-la do seu estado de transe psíquico, e ela me deu um olhar desconfiado e irritado. — Claro — ela disse. — Você é Eve. Por que eu não saberia?

Excelente pergunta, mas eu deixei para lá. — Respire fundo e explique o que está acontecendo. Você não está fazendo nenhum sentido.

— Não faz sentido. Isso é o que eu estou tentando lhe dizer — Miranda retrucou, e suspirou. — Claire está na Glass House. E ela não deveria estar lá. Eu disse isso a ela antes de ela ir ver Myrnin.

Eu olhei para Shane. — Ela disse alguma coisa sobre...

— A última coisa que eu soube era que ela estava indo se encontrar com Myrnin, mas eu não sei onde. — Ele estava olhando para Miranda com uma expressão feroz ainda, como se ele estivesse segurando o impulso de sacudir ela. — Ele deve ter levado ela para casa, isso é tudo o que eu descobri. Mas por que ele faria isso?

— Nebuloso — Miranda disse. — Eu não posso ver o que está acontecendo. É assustador, Eve. Eu não gosto disso. Mas eu sei que nós temos que ajudá-la. Nós temos. — Sua mão tremia, e seus dedos pequenos estavam envoltos





apertados ao redor dos meus. Ela baixou a voz para um sussurro. — Exceto que se nós formos, não vamos todos sobreviver.

Engoli em seco e suprimi o impulso como Shane de sacudi-la. Ela estava fazendo tanto sentido quanto ela podia, eu sabia disso. A garota era meio autista, meio psíquica; o que era um milagre ela conseguir fazer isso tudo sair. E sempre fazia sentido mais tarde. — Quem não vai sobreviver?

— Não está claro — ela disse, como se ela fosse uma daquelas Bolas Mágicas 8 que eu gostava tanto.

— Dane-se isso — Shane disse. — Eu vou buscar Claire.

— Nós — Michael disse. — Nós vamos buscá-la.

Miranda assentiu. — Mas há alguém que precisamos. — Ela puxou livre do meu aperto e saiu correndo, correndo surpreendentemente rápido; eu corri atrás dela, e ouvi os meninos correndo no meu rastro. A menina correu enquanto ela tinha um mapa absolutamente exato de onde ela queria ir, e eu rapidamente perdi a conta das voltas e portas desfocadas até que ela derrapou até parar na frente de uma que parecia idêntica a todas as outras. — Está trancada — ela disse, e olhou para Michael. — Quebre.

Ele deu de ombros e pegou a maçaneta. Estava reforçada contra vampiros, mas ele estava determinado, e alguns puxões laterais com força fizeram ela se soltar em sua mão. Ele enfiou a mão no buraco e puxou a trava de metal de volta, em seguida, abriu a porta.

No interior, o meu irmão, Jason, estava sentado de pernas cruzadas em um beliche amarrotado em um macacão laranja brilhante em estilo de prisão, com números onde um bolso de paletó teria sido. Ele olhou para cima, jogou o cabelo liso para trás de seu rosto, e olhou para Michael, em seguida, passou dele para mim. — Reagrupamento familiar — ele disse. — Legal. — Ele ergueu uma das mãos, e eu vi que ele estava algemado em uma corrente comprida que estava fixada com uma folga na parede o suficiente para ele chegar ao banheiro, mas não muito mais. — Não precisam ter medo. Eu estou seguro.

Shane lançou um olhar de soslaio para Miranda, e disse: — É sério?

Ela assentiu com a cabeça. — Nós precisamos dele.

— Tudo bem então — Michael disse. — Só para que fique claro, Jason: eu amo a sua irmã, mas isso não se estende a você. Se você sair da linha, se fazer qualquer coisa que não seja do melhor interesse da sua irmã, eu vou efetuar a sua sentença. Estamos claros?

— Michael! — eu falei. Eu não tinha certeza do que me chocava mais — que ele estava pensando em soltar Jason, ou que ele estava pensando em matá-lo. Talvez ambos.





— Estamos claros — Jason disse. — Olha, cara, se você me deixar sair eu prometo a você, eu vou fazer o que você quiser. Uma vez feito isso, eu estou fora de Morganville e fora das vidas de vocês. Tudo bem?

— De acordo — Michael disse. — Eu vou estar observando você.

Como resposta, Jason ergueu seu pulso preso. Michael pegou a corrente e inclinou-a em um dos elos, e apenas assim, o meu irmão estava... livre.

— Você está totalmente certa sobre isso? — eu perguntei a Miranda sob a minha respiração. Ela assentiu com a cabeça tranquilamente. — Porque eu o conheço. E ele não é...

— Eu sei — ela disse. — Ele não é confiável. Mas tudo bem. Desta vez, ele é o que precisamos.

Jason se levantou, moveu o braço como se estivesse deleitando-se com a liberdade, e disse: — Então, o que vamos fazer?

— Conseguir armas — Miranda disse. — Muitas armas.

Isso provocou um sorriso assustador vindo do meu irmão. — Eu gosto deste plano — ele disse, e seguiu Miranda para fora. Michael foi atrás, seguindo ele com uma expressão preocupada.

Eu troquei um olhar com Shane.

— Eu sei — ele disse. — Nós estamos no bairro *Isso É Uma Má Ideia*, e indo para a rua *Eu Tenha Uma Sensação Ruim*. Mas ou acreditamos nela ou não. Talvez ela esteja no limite. Você já pensou nisso?

— Eu considero isso cada vez que eu falo com ela — eu disse, — mas você quer arriscar? Com a vida de Claire na linha?

Ele balançou a cabeça. — Vamos — ele disse. — Mas mantenha um olho no seu irmão.

Ambos os olhos. Absolutamente.





CAPÍTULO 21

CLAIRE

Ela *nunca* teria esperado por isso.

Os primeiros momentos ao acordar foram gastos se perguntando o que diabos tinha acontecido. Ela lembrou-se de receber a ligação. Se vestir. Descer o elevador. Se encontrar com Myrnnin e Hannah na garagem.

E então... e então ele se virou para ela. A agarrou. A *raptou*. Ela lutou, também. Lutou até que ele a apagou.

E agora ela estava aqui, e sua cabeça doía miseravelmente. Mas onde era *aqui*? E o que diabos tinha *acontecido*? E *por quê*?

A próxima coisa que veio para ela, após o pânico, foi a constatação de que ela não estava submersa em água. Não era um *draug*, pelo menos. O alívio disso era intenso, até que ela tentou se mover, e descobriu que ela estava amarrada a uma cadeira de madeira pesada e grossa, com tecido de veludo. Um cheiro de pó velho.

O lugar estava escuro, mas depois de alguns segundos piscando em confusão, ela percebeu que ela o conhecia.

Ela estava em *casa*. Na Glass House.

Não vá para casa, Miranda tinha dito. Oh, Deus.

Esta era a sala de visitas, a que eles raramente usavam; que era principalmente um lugar para despejar mochilas, casacos, bolsas, coisas no caminho para a sala, onde eles realmente se reuniam. Ela tentou se lembrar de quando ela tinha estado em casa pela última vez. Os dias estavam borrados – Deus, tinha sido *ontem*? Não, isso tinha que estar errado. Parecia ter sido pelo menos há uma semana. Talvez tenha sido em algum lugar no meio disso.

Sua cabeça doía como ondas batendo, mas ela não conseguia sentir nenhuma contusão. Quando ela puxou as cordas que a prendiam na cadeira, elas estavam firmes. Quem quer que tivesse a amarrado tinha sido gentil sobre isso; havia um espaço entre as cordas nos pulsos e tornozelos.

Esta consideração não a fazia se sentir melhor sobre ser contida.





— Calma — uma voz disse atrás dela, e ela sentiu que alguém puxava as cordas, provavelmente verificando os nós. Hannah Moses. Ela soube disso imediatamente, mesmo antes de Hannah girar ao redor para olhar para ela. A chefe de polícia parecia estranhamente a mesma que ela sempre tinha sido — competente, calma, um pouco dura lá no fundo. Mas, ainda assim, sempre honesta e justa. Isso era assustador, considerando suas situações relativas. — Calma. Eu não quero que você se machuque. Você está bem, Claire. Você está perfeitamente segura.

— Segura? — Claire repetiu. — Do que você *está falando*? Eu estou amarrada!

— Para sua proteção — Myrnin disse. Ela não tinha visto ele, mas ele estava completamente imóvel ao lado da janela da frente, olhando para fora através de uma fenda nas cortinas. — Para mantê-la fora do caminho.

— Do caminho de quê? — ela perguntou. Myrnin virou-se e trocou um olhar com Hannah, e Claire não gostou disso, não gostou nada disso. — Onde está Shane?

— Esperamos que ele esteja com os outros — Myrnin disse. — Quanto mais gente melhor e tudo mais.

— Os outros... eu não tenho ideia do que você está falando! — Ela puxou as cordas, sem sucesso. — Me *soltem*!

— Onde você acha que você iria? O exército ralé dos vampiros está, agora mesmo, levando seus produtos químicos para a estação de tratamento de água e aos outros alvos que eu marquei para Oliver em meu mapa — Myrnin disse. — Eles quase certamente terão sucesso em suas tentativas. Você e Shane nos deram uma vantagem que os *draugs* não poderiam ter planejado, e os *draugs* vão morrer, presos onde eles estão. Aqueles nas nuvens não podem permanecer lá; a segurança deles está diminuindo e em breve terá acabado. Eles terão que cair na terra. O deserto vai consumir o que resta.

— Desculpa, mas então por que eu estou *amarrada*?

— Porque esses são as proles — ele disse. Ele ainda parecia o velho Myrnin, o que ela confiava na maioria das vezes, aquele que sempre parecia ter um ponto, por mais estranho e sinuoso que pudesse ser. — As proles não são nada, são as abelhas que recolhem o pólen habilmente para a colmeia. A rainha, rei, neste caso, é vital para a sobrevivência de todos. Magnus pensou que ele poderia se esconder no meio da sua prole, mas ele não pode. Você pode vê-lo, quer ele queira ou não. Ele não pode permitir isso. Uma vez que sua prole estiver morta, não há mais nada para escondê-lo. Assim, ele deve contá-los como perdidos, e vai encontrar *você*. Matar *você*.





Ele parecia pensar que explicou tudo. Claire apertou os dentes e se forçou a não gritar com ele; não faria nenhum bem. Nem Hannah, nem Myrnin parecia como se tivessem alguma dúvida sobre o que estavam fazendo. — Eu nem sei como eu faço isso!

— Myrnin explicou — Hannah disse. — O bracelete que Amelie deu para você usar. É uma espécie de sistema de alerta precoce de *draugs*. Ela inocula o usuário para ser capaz de vê-los claramente. Você usou tempo suficiente para os efeitos ainda estarem em seu sistema. Myrnin está certo, Claire. Onde quer que você foi desde que Magnus percebeu que você podia vê-lo, ele enviou suas criaturas atrás de você. Ou até mesmo foi por si mesmo.

— Ele deve vir pessoalmente. Com a prole morta dele, ele não pode se esconder em multidões — Myrnin disse. Ele estava falando diretamente com ela agora, e sinceramente, como se ele quisesse realmente que Claire entendesse por que ele estava fazendo tudo isso. — Você pode vê-lo, e ele *não pode* se esconder. Nem em Morganville ele pode facilmente fugir. Esta é a primeira vez que temos esta vantagem sobre ele. Nós nunca fomos capazes de destruir seus servos sem danos a nós mesmos; nós nunca fomos capazes de *caçá-lo*. Isso é igual a uma competição, entende. E ele não vai ganhar.

— E é por isso que você me amarrou. Para ser uma *isca*?

— Bem — Myrnin disse, muito apologeticamente, — isso a mantém no lugar. Eu acredito que ele vê você como uma ameaça real. Ele *matou você*, e você ainda está aqui, tomando medidas contra ele. Isso faz com que você quase seja a própria mestre dos *draugs*. Acho que é um pouco uma honra, se você olhar para isso dessa forma.

A vontade de gritar estava voltando, e rápido. Claire puxou contra as cordas convulsivamente. Ela simplesmente não podia evitar. — Você está me usando como *isca*! Não é uma *honra*!

— Bem, não se você igualar-se a um verme. Essa é uma auto-imagem terrível, Claire.

Ninguém sabia que ela estava aqui, ela percebeu com uma sensação horrível. Amelie provavelmente nunca teria permitido isso; até Oliver poderia não ter permitido. Mas Myrnin e Hannah estavam agindo por conta própria. Myrnin era sempre — bem, louco; Hannah não estava pensando direito. Ela tinha acabado de ver Richard morrer em seus braços, e... — Oh, Deus — Claire disse suavemente, olhando para a mulher. — Você acha que a culpa foi minha. Que foi minha culpa que Richard morreu.

— Eles estavam indo atrás de você — Hannah disse. — Eles não foram atrás dos homens feridos na rua, eles não foram atrás de mim. Eles foram atrás do carro. Onde você estava.





— Myrnin estava no carro! Eles estavam indo atrás do *vampiro*, não eu!

— Pense — Myrnin disse calmamente. — Você sabe que é verdade, Claire. Magnus tem procurado você por uma razão. E agora temos de usá-la para trazê-lo aqui.

— Você acha que pode matá-lo.

— Bem — ele disse, — eu certamente acho que esta é a nossa melhor e única chance. Uma vez que a prole dele estiver morta, ele terá que fugir; pela primeira vez na história os *draugs* terão falhado em conquistar os vampiros. Não podemos nos dar ao luxo de deixá-lo sair de Morganville vivo. Ou que encontre um buraco para que se esconder, hibernar e reconstruir sua colmeia.

— Você está errado — ela disse. — Ele não vai vir aqui. Não por mim.

— Então não há nenhum risco — Myrnin disse. — E eu escolhi para você uma cadeira muito confortável.

Desta vez, Claire *gritou*, em pura frustração, e se esforçou tanto que a cadeira balançou sobre duas pernas. Hannah simplesmente colocou a mão nas costas dela e empurrou-a para baixo para o tapete de novo. Ela não disse nada. Nem Myrnin.

Eles só esperaram, caçadores no buraco de água, com o bode estúpido amarrado para o leão.

Eu não sou o bode, Claire disse a si mesma. *Eu não sou*.

Toda a sua luta tinha afrouxado as articulações da madeira da cadeira o suficiente para fazê-la ranger, só um pouco. Ela teve um momento de fantasia de alguma forma sobrecarregando a sua força, jogando a cadeira à distância, batendo na cabeça de Myrnin com um pedaço dela (mais para satisfação do que para causar dano), e pegar a arma de Hannah do coldre para mantê-la acuada.

Isso não ia acontecer, obviamente, mas foi uma boa fantasia.

Algo afiado raspou contra seu pulso enquanto ela inutilmente torcia para trás e para frente. Claire congelou, e cuidadosamente moveu seu pulso novamente, pressionando.

Um prego. Ele tinha estalado solto da madeira velha quando ela se virou. Não era muito, mas era algo. Puxando os pulsos separados, ela poderia mover a corda de nylon resistente em uma posição de raspá-la sobre o prego, para frente e para trás, até que seus ombros estivessem tremendo de tensão. Ninguém falou. Hannah e Myrnin estavam apenas deixando-a lutar inutilmente, ela supôs, exceto que agora isso não foi inútil. Ela podia sentir o desgaste lento, mas constante da corda.





Quinze minutos se passaram de acordo com o velho relógio no canto. Lá fora, Morganville continuava em silêncio. Nenhuma luz atravessava as janelas. Era como estar na lua.

E assim que ela sentiu que estava realmente fazendo progressos, Myrnin virou a cabeça e disse: — Hannah, eu acredito que ela pode estar desgastando as cordas. Por favor, verifique elas.

Não, não, *não*!

Claire puxou com força, frenética com a frustração, e sentiu seu pulso direito deslizar solto quando a corda cedeu, só um pouco. Quando Hannah se curvou para verificar, Claire arriscou tudo em uma estocada desajeitada.

E agarrou a arma de Hannah.

Hannah se endireitou, rápido, e Claire segurou a pistola em uma mão trêmula, direcionada a ela. — Corte as outras cordas — ela disse. — Agora. Você não pode querer isso, Hannah. Esta não é você. Você não vai me deixar morrer assim, amarrada.

— Vamos protegê-la — Hannah disse.

— Vocês *não podem* me proteger! Pelo menos deixe-me tentar me proteger!

— Hannah — Myrnin disse, — se afaste.

Se ela fizesse isso, Claire sabia que Myrnin pegaria a arma. Seria fácil para ele. Mesmo que ela atirasse nele, ela não podia detê-lo. Ele provavelmente reclamaria sobre o buraco em sua camisa; que seria o pior dano que ela poderia infligir a ele.

Hannah não se mexeu, no entanto. Ela estava bloqueando o caminho de Myrnin. Seus olhos escuros estavam em Claire, e por um momento Claire viu apenas um pouco de dúvida em seu rosto.

— Vocês não podem fazer isso, tampouco — Claire disse para ela. — Fiquem sentados impotentes, esperando. Podem? Olha, se vocês querem que eu banque a isca, eu faço isso. Mas não amarrada.

Hannah estendeu a mão por trás dela e tirou uma faca de combate de carbono preto. Devia ser afiada; ela cortou as cordas em três golpes rápidos, liberando a outra mão e os tornozelos.

Hannah se virou para Myrnin. — A criança está certa. Ela merece estar de pé, pelo menos.

Claire se levantou, esfregando as mãos dormentes, e olhou para a porta da sala.

E descobriu que Magnus estava parado *lá*.

Ela congelou, incapaz de se mover ou falar por pura surpresa. Ele era exatamente como havia sido da última vez que ela o viu aqui na Glass House — médio, esquecível, um homem com um rosto sem qualquer marca até que





você se concentrava um pouco, e coisas *se moviam* por trás dessa casca, coisas que eram erradas e absolutamente revoltantes. Ele era um saco cheio de vermes, se contorcendo. Ele era apodrecimento, ruína e destruição, bocas, dentes e loucura.

E Hannah olhou para ele, depois para longe, como se ela não pudesse vê-lo.

Myrnin nem sequer voltou-se para ele.

— Ele está aqui — Claire disse através de uma garganta de repente seca. Ela podia sentir a dor nela, onde suas mãos tinham agarrado, torcido e quebrado. — Ele está na porta. Agora.

Myrnin virou e olhou naquela direção, mas estava muito claro que tudo o que ele viu foi um espaço vazio. Hannah também. Claire agarrou o revólver de Hannah em ambas as mãos, levantou-o e disparou.

Ela deu um pontapé, mas não tanto quanto a espingarda; o barulho era mais nítido, como uma bofetada para os ouvidos, que deixaram os dela zumbindo. Seus olhos ardiam um pouco, e seu nariz doía com o cheiro forte de pólvora queimando... e ela atingiu Magnus, direto no peito.

Mas não importava. A bala passou direto por ele e se enterrou na parede oposta. *Bem*, pensou ela, *aquele papel de parede já era*. Michael ia ficar tão irritado.

Hannah agarrou a arma dela, colocou de lado e jogou para Claire uma espingarda carregada com prata, mas já era tarde demais.

Porque Magnus se moveu, em um líquido asqueroso, em uma rapidez desossada, e agora ele estava com Myrnin pressionado contra ele como um escudo.

Claire levantou a arma, mas ela não podia disparar.

— Mate-o! — Myrnin gritou para ela. — Claire, eu não me importo. *Mate ele!*

Ela não podia. Ela angulou em torno para um melhor tiro, mas Magnus virou com ela, seus dentes brilhando afiados sobre o ombro de Myrnin. Se Magnus mordesse, ele iria infectar Myrnin assim como ele tinha feito com Amelie. A ameaça estava muito clara.

— Eu não quero esse aqui — Magnus disse. Sua voz estava fraca e sussurrante, e Claire teve a estranha sensação de que ela era a única que podia ouvi-lo. — O sangue dele está contaminado. Mas eu vou matá-lo se você não baixar a sua arma.

Hannah tinha recuado para o canto mais distante da sala, e Claire praticamente esqueceu-a imediatamente. O mundo se estreitou ao cano da





espingarda, nas várias linhas de Magnus com dentes brilhantes e brancos, o pescoço exposto de Myrnin e o olhar de horror em seu rosto.

— Mate-o — Myrnin disse novamente. Sua voz era suave, gentil e muito estável. — Eu não me importo, desde que ele seja parado, Claire. Há coisas que são mais importantes do que uma única vida.

— Como eu quando você me prendeu aqui como isca? — ela perguntou. — Eu não sou você. E você importa. — Claire sentiu a pressão do olhar de Hannah, de repente, vinda do canto, como se Hannah estivesse tentando lhe dizer alguma coisa. Algo silencioso, mas importante.

De repente, Claire percebeu o que era. Essa não tinha sido uma ideia tão estúpida, afinal.

Se eles pudessem concretizá-la.

Ela deu um passo para trás, em direção ao corredor. Magnus empurrou Myrnin à frente dele, seguindo-a. — Largue a arma — ele disse novamente. — Renda-se. Isso vai ser rápido.

— Como da última vez? — Claire disse. — Eu realmente não gostei daquilo. E eu não vou fazer de novo. — Ela sentiu vertiginosamente como se estivesse canalizando Shane agora, ou talvez Eve. Deus, ela desejou que eles estivessem aqui. Desejou ter pessoas que ela pudesse confiar para dar cobertura a ela. — Sem segundas chances para você. — Ela deu mais um passo para trás. E outro.

Magnus seguiu, e virou suas costas para Hannah.

E Hannah pegou um saco plástico cheio de pó branco, abriu e jogou o conteúdo diretamente nele.

Magnus se afastou no último segundo, mas parte do pó bateu nele. Ele soltou Myrnin e gritou quando o negócio parou sobre seu ombro e virou cinza, extraíndo sua umidade vital. Era o mesmo grito que sua prole tinha dado, mas mais profundo, mais longo e mais alto. Claire gritou também e tentou não deixar a espingarda cair; o desejo de tapar suas orelhas era quase esmagador. Myrnin pulou para longe, em direção a Claire, pegou a espingarda de suas mãos enquanto girava graciosamente em torno dela.

— Surpresa — ele disse, e deu um sorriso selvagem a Magnus. — Você não é tão invisível quando você está ferido.

As balas de prata atingiram Magnus diretamente no peito e passou através dele, fragmentando madeira, tecido e parede, quebrando a janela.

Mas não funcionou. A espingarda não *funcionou*.

O pó não o derrubou. Nem as balas de prata.

Magnus ainda estava vindo.

— Deus nos ajude. Vá — Myrnin disse suavemente e empurrou Claire para o corredor. — Corra!





Ela correu.





CAPÍTULO 22

OLIVER

Eu senti a mão de Amelie apertar a minha, e olhei para cima para vê-la me observando. Seus olhos já não eram os dela mesma — ainda cinza, mas um cinza enlameado e aguado, não o de aço brilhante que sempre tinham sido.

Ela estava se afogando como as outras vítimas dos *draugs*, mas isso era de alguma forma ainda pior do que o que eu esperava. Ela estava presa dentro da prisão de seu próprio corpo, se afogando em seus próprios fluidos extraídos e infectados. Nada que eu pudesse fazer por ela iria salvá-la.

— Você precisa de mais sangue — eu disse, e mostrei o meu pulso, mas ela balançou a cabeça.

— Isso só alimenta o outro lado agora. Oliver, eu não posso. Eu não posso aguentar.

— Você deve — eu disse.

— Mate-me ou vá. Você tem que proteger o que quer que sobrou da minha cidade. Do meu povo. — Por um momento, a rainha estava lá, olhando para mim, seu vassalo. — Você vai salvá-los, Oliver. Você deve. Não importa o custo. Você entendeu?

Eu sorri levemente. — Esse sempre foi o meu objetivo. Nós simplesmente tínhamos diferenças de opinião sobre o que significava salvá-los.

— Os seres humanos, também. Não traia os meus sonhos. Minhas promessas. — Seus olhos lentamente se fecharam. — Estou muito cansada agora. Tão cansada. Tem sido uma longa luta, não é?

— Por muito tempo — eu disse. — Contra Bishop. Contra mim. Contra mil inimigos, todos estendidos aos seus pés.

Isso me rendeu um ruído seco de uma risada. — Eu nunca coloquei você aos meus pés, Oliver. Nunca você.

Ela estava errada nisso, e tinha estado por algum tempo, mas não havia nenhum ponto em dizer isso a ela. E eu ainda era orgulhoso o suficiente para





querer esconder essa... fraqueza. — Se eu não fui derrotado, então você não pode me ordenar que eu deixe você, não é?

Ela soltou o seu aperto sobre o meu pulso, mas eu mantive o meu aperto em sua mão. Ela não abriu os olhos, mas eu vi um elevar mais fraco nos cantos de sua boca. Eu tinha ganhado um sorriso, pelo menos.

Mas ela não disse mais nada.

Nem mesmo um adeus.

Eu não tive nenhum aviso antes que ela perdesse a batalha. O *draug* levantou-se em uma onda brilhante, se elevando, revestindo-a, consumindo-a. Eu caí para trás em um choque momentâneo; eu podia ver a forma de Amelie dentro dele, presa, mas o revestimento gelatinoso espesso em sua pele crescia em tamanho, multiplicando-se rapidamente para cobri-la. Ela era apenas uma sombra dentro dele em segundos.

Destruída.

Eu sabia o que poderia acontecer, *iria* acontecer, mas eu esperava... esperava mais tempo. Para, talvez, um milagre. Eu costumava colocar essa confiança em milagres, em meus dias que eu respirava e estava bem com Deus.

Eu não sentia tal impulso de orar há muitos anos, mas isso... isso era o rosto do mal, nos atacando. *Deus ajuda quem se ajuda*, eu pensei, e me sacudi para fora desse oco escuro do medo. Os *draugs* eram inimigos, sim, mas eu tinha lutado contra inimigos por toda a minha vida, e além dela. Alguns mereciam; alguns que eu tinha criado através das minhas próprias ações, e aqueles, eu me arrependia.

Mas isso era uma batalha pura contra algo mais perverso do que eu poderia ser, vampiro ou não.

E eu tinha que ganhar.

Eu tirei a faca de prata do meu cinto, a que Naomi tinha me pedido para mergulhar no peito de Amelie, e eu comecei a lutar pela minha vida.

Onde a prata arranhava através da ondulação gelatinosa que mudava a forma do *draug* queimava, enegrecia e murchava a coisa; mas como nós, eles eram vulneráveis a ela, mas ao contrário de nós, a prata não machucava significativamente. Um *draug* mestre era forte, perigoso, rápido e astuto; um *draug* mestre alimentado por Amelie era muito pior. Ele ainda estava lutando para absorver o seu poder, ainda vulnerável em pelo menos um pequeno grau, mas isso acabaria em breve.

E este quarto era muito pequeno. Nossos planos foram desmoronando diante dos meus olhos.

Um som derivou-se através da casa, estremecendo em seus próprios ossos, e eu reconheci o grito de dor de um *draug* mestre.





Magnus tinha caído, e algo — alguém — tinha machucado ele. Severamente. *Sim. Sim, finalmente.*

Como se alimentado por aquele grito, o *draug* veio para mim, e quando ele veio, finalmente a forma se solidificou, aparecendo em carne com aparência humana, e era Amelie caminhando em direção a mim, pálida e forte, mas com a podridão e sujeira contorcendo atrás daqueles olhos brilhantes de prata.

Eu apertei mais firmemente o meu punhal, e orei.

E então eu esfaqueei em linha reta em seu peito. *Me perdoe.* Eu não tive a intenção de matá-la, mas eu tinha que trazê-la de volta, a Amelie de dentro. A Amelie que compreendia o que estava em jogo.

Sua mão pegou meu braço e parou a ponta prateada assim que tocou o lodo se contorcendo que cobria seu corpo. Eu senti a agonia de picadas vindas das pequenas bocas dos *draugs* puxando o meu sangue, mesmo através dos couros de proteção. — Amelie, você sabe o plano, *você sabe o que você deve fazer.* Aguenta. *Aguenta!*

— Não — o *draug* mestre que era Amelie disse, com uma voz como seda podre. — Sem mais planos. Sem mais tramas. Agora você é meu.

E eu percebi que o *draug* estava no controle. E este *draug* tinha poder — o poder de Amelie para compelir. O poder para forçar um vampiro à sua vontade.

E eu afundei lentamente de joelhos sob aquele olhar frio de prata, gritando por dentro, enquanto o lodo do *draug* rastejava até a minha mão e sob os couros, e começava a se alimentar.





CAPÍTULO 23

CLAIRE

O único lugar que ela conhecia para correr, o lugar que ela estaria mais segura, era no quarto escondido de Amelie no andar de cima. Claire não hesitou. Ela conhecia a casa no escuro decorada, e desviou de cadeiras e mesas em seu caminho para as escadas. Não se atreveu a olhar para trás. Ela podia ouvir o mobiliário quebrando, a espingarda explodindo.

Era tão irreal, de repente. No sofá que os controladores de jogos de Shane estariam onde eles tinham deixado, e o cobertor torto na parte de trás das almofadas; ela não conseguia se lembrar se tinha lavado os pratos ou não, ou apenas esvaziado as últimas coisas que eles tinham usado na pia.

Esta era a *casa* deles. Ela deveria estar segura aqui.

Ela costumava sentir a Glass House *viva*, e ela ainda sentia, um pouco — uma pulsação, batendo lentamente debaixo de sua consciência como uma besta grande dormindo. Tinha havido um espírito preso aqui do proprietário original, mas ele não tinha sido a parte do que realmente a ligava com ela, Eve, Shane e Michael. Tinha sido a própria casa, viva em algum nível, ela não compreendia verdadeiramente.

Ela não poderia ajudá-la agora, mesmo se quisesse. Ela não tinha a força, ou a vontade.

Ela se estendeu para os degraus, escorregou e quase caiu. Quando ela agarrou o corrimão para se equilibrar, ela ouviu a porta da frente se abrir e ouviu um grito de guerra selvagem.

Ela conhecia aquela voz. *Shane!* Ela mudou de curso e correu para o corredor, então derrapou para uma parada fora de equilíbrio. Shane tinha acabado de entrar, segurando uma espingarda. — Claire! — Ele encontrou os olhos com os dela, só por um momento, depois começou a avançar...

Apenas parando quando Myrnin saiu da sala de visitas disparando a sua espingarda. Shane girou nessa direção também, mirou e disparou. Claire ouviu um grito irritado e agudo. Eles atingiram Magnus novamente. Shane





murmurou uma maldição e atirou duas vezes em uma rápida sucessão, em seguida, empurrou Myrnin até o corredor em direção à sala de estar. Em direção a ela.

— Tudo bem? — ele gritou para ela.

Ela colocou um sorriso trêmulo e fez um símbolo de OK com o polegar e o indicador.

Magnus deslizou/escorregou/cambaleou para o corredor atrás dele.

Claire suspirou e gritou: — Atrás de você! — Shane pulou para a frente, pousou em seu estômago, rolou e disparou para cima em Magnus quando ele veio em sua direção. Da porta, Claire viu mais pessoas que entraram no vestibulo — Michael, Eve, *Jason*? E até mesmo, estranhamente, Miranda.

Todos eles tinham espingardas. Até mesmo a criança.

O tiro de Michael atingiu Magnus por trás enquanto Myrnin e Shane rolavam para fora da linha de fogo, e Claire se escondia atrás da parede. O tiro de Eve veio um segundo depois.

Magnus caiu para a frente no piso de madeira em uma gosma de fluidos enegrecidos.

Ele não se moveu.

— Nós pegamos ele — Michael disse. — Claire? Shane? Estão bem? Nós o pegamos!

— Não — Myrnin falou, e continuou rastejando, bem longe do corpo de Magnus. — Não é tão fácil. Cuidado!

Foi bom que ele disse isso, porque ele forçou Michael a desacelerar e quando Magnus se levantou, alcançando-o com as mãos pálidas e fortes, ele teve tempo de pular para trás e disparar novamente, à queima-roupa.

Magnus fez um som de gorgolejo horrível de líquido, mas não era de dor; era de diversão.

Michael se afastou rápido, puxando Eve com ele. Eles correram para Jason, que estava olhando para a coisa toda como se não pudesse acreditar no que estava vendo. — O que diabos é isso? — ele perguntou. — Isso não é um vampiro. Isso é...

— Cuidado! — Claire gritou assim como Miranda, quase em coro, quando uma forma de Magnus vagamente de homem ondulou, mudou e rolou para a frente. Michael, com a rapidez de vampiro, puxou Eve para fora do caminho.

Mas Jason só... ficou lá.

Do nada, Miranda deu um passo à frente dele e empurrou-o para o lado, olhou para Claire, e disse: — Tem que ser assim. Está tudo bem.

E Magnus, em seguida, rolou sobre ela.





Miranda desapareceu dentro dele, absorvida da forma que Shane tinha estado preso no edifício de tratamento de água dentro da bolha de fluído de *draugs*. Mas ao contrário daquela vez, onde eles estavam tentando manter Shane vivo, Magnus não tinha interesse em Miranda.

Claire viu ela... se dissolver. Como carne caindo em ácido. Miranda desapareceu em uma névoa nebulosa de vermelho, e em questão de segundos, o que restou dela escorria no chão.

Ossos.

Eve gritou, e Michael agarrou-a e abraçou-a. Jason tinha ficado pálido, mas ele levantou a espingarda e disparou três vezes, em linha reta no corpo de Magnus.

Magnus ignorou.

Myrnin se levantou e colocou mais cartuchos de espingarda na arma, em seguida, mirou-a. — Nada disso vai funcionar — ele disse. — Só há uma coisa que pode matá-lo.

Shane se levantou também, e ele estava respirando com dificuldade e lutando, Claire pensou, para não vomitar depois do que tinha acabado de ver acontecer. — O quê? — ele perguntou. — Porque este filho da puta tem que morrer.

— Lá em cima — Myrnin disse. — Leve-o para cima. Claire, vá. Ele precisa destruir você, não nós. *Vá agora.*

Depois de um olhar sem fôlego para Shane, Claire se virou e correu. Ela subiu os degraus, apenas meio equilibrada agora, e chegou ao topo com uma onda de alívio. O corredor era tão familiar, esse era seu *lar*, ela adorava aqui, e lá estava o quarto de Eve com a porta aberta com seu caos louco e escuro; A porta de Shane estava fechada. A dela estava aberta, sua cama desfeita. Não fazia tanto tempo; o lugar ainda cheirava a canela e perfumes picantes de Eve, da vida normal que tinha sido tirada deles.

Nós vamos conseguí-la de volta. Nós temos que recuperá-la.

Shane, Michael e Eve estavam lá embaixo, lutando por suas vidas. Pela casa deles. *Por favor, Deus, por favor, deixe-os ficar bem.* Ela podia ouvir o som das espingardas atirando, mas depois... então de repente elas ficaram em silêncio.

Ela procurou pelos controles ocultos nos painéis. Por um momento de parar o coração ela não conseguia encontrá-los, e então parecia que não iria funcionar; ela olhou de volta pelo corredor e lá estava ele, Magnus, de pé, imóvel ao lado da porta fechada de Michael.

Assistindo com aqueles olhos terríveis e monstruosos.

— O que você fez? — ela perguntou, e o pânico sufocou-a — não por si mesma, mas por eles. Por Shane. Por seus amigos.





— Eles são sem importância — ele disse. — Você tem um poder que os outros não tem. Você não pode sobreviver se não irá levá-los até mim novamente.

Todo o seu corpo ondulou de uma forma doentia, errada, e ela sabia que tinha segundos de vida. *Não. De novo não.*

Ela bateu freneticamente nos controles da porta escondida, e ela abriu os painéis. Ela entrou e fechou de repente. Estava escuro aqui embaixo, mas no topo da escada, ela viu o brilho quente e colorido das lâmpadas Tiffany. Era seguro lá em cima. Ela sempre se sentiu como em outro mundo. Se houvesse qualquer lugar que Magnus não pudesse alcançá-la, seria aqui.

No fundo, Claire sabia que não seria suficiente. Mas havia um portal aqui, e talvez, apenas talvez, ela pudesse passar, sair dessa forma...

Ela alcançou o topo das escadas e viu... Amelie. Mas não a Amelie que ela conhecia. Essa era apenas a casca dela, polida e severa, e por baixo tinha a mesma podridão horrível se contorcendo que havia dentro de Magnus.

Amelie era uma *draug*, uma *draug mestre*.

A criatura — como Amelie, mas não ela — estava segurando Oliver por ambos os pulsos. Ele estava de joelhos na frente dela com o rosto virado para cima e branco como mármore, e Claire podia ver o horror em seus olhos.

A perda.

Havia uma faca de prata no tapete ao lado de Amelie, e Claire, nem mesmo pensando agora, se jogou para ela, agarrou-a e mergulhou-a nas costas de Amelie.

Os gritos enviaram ela para trás para a parede, em seguida, fizeram ela estremecer e se enrolar em uma bola fetal com as mãos sobre os ouvidos.

Amelie soltou Oliver e se virou para Claire, assim que o painel de madeira abaixo se abriu com uma corrida fria repentina de ar úmido.

O cheiro de coisas mortas duplicou.

Oliver tombou pesadamente no chão, de costas para Claire. Ela tentou se levantar, se esforçou, mas nada estava trabalhando em seu corpo. Era como receber um choque elétrico violento. Ela não conseguia parar de tremer.

Algo molhado deslizou sobre seu pé estendido, e ela puxou-o para mais perto, choramingando. Esse toque parecia como vermes e fungos, água imunda, carne morta. Ela estava agradecida que durou apenas um segundo, e depois passou por ela enquanto Magnus fluía para cima em sua forma humana, de frente para Amelie — ou pelo menos o *draug* que uma vez tinha sido Amelie.

Ela puxou a faca de prata para fora de suas costas e parou de gritar, e por um segundo nenhum deles se moveu.





Magnus disse: — Sua transformação está quase concluída. Você vai ser uma coisa bela e terrível, minha rainha.

Ela não disse nada. Seus olhos prateados e cintilantes pareciam vazios como um lago iluminado pela lua.

Oliver fez um som doloroso, e Claire demorou um momento para perceber que ele estava rindo. — Você perdeu, Magnus — ele disse. — Seus escravos estão mortos.

— Vocês foram inteligentes em usar a ciência humana. Vou ter que encontrar uma nova defesa para enfrentá-la. — Magnus não pareceu excessivamente preocupado com isso. — Não importa. Eu vou criar uma nova geração. Eles terão a resistência aos seus venenos. E depois que todos vocês estiverem mortos, eles vão aprender a se alimentar menos. Eu soube que há sete bilhões de seres humanos sobre a terra agora. O suficiente para nós nos alimentarmos por milhares de anos.

Oliver empurrou-se até uma posição sentada. Ele parecia horrível, mas havia fogo em seus olhos brilhantes e furiosos. — Não — ele disse. — Você não vai. Porque você não vai sair desse lugar vivo.

— Eu sou um *draug* mestre. Você, seu tolo, não pode me matar. Mas você vai ser uma adição muito boa aos meus jardins de sangue. — O *draug* estendeu a mão para ele, e Oliver afastou a mão — a coisa disforme que se passava por uma — para longe.

— Você não é o único mestre *draug* aqui — ele disse.

— Você quer dizer a minha bela criação? — Magnus riu, um som como serrotes se esfregando, e Claire vacilou e lutou contra o impulso de cobrir seus ouvidos. — Sua ex-rainha? Ela não tem escravos. Nem colmeia. Ela não é nenhuma mestre *draug* ainda. Ela vai fazer seu próprio reino, sim, mas não aqui. Esta cidade é minha. Você e o resto dos vampiros são minha carne. Ela pode alimentar as criações dela com o sangue fino dos seres humanos, longe daqui, quando eu deixá-la ir.

O *draug* que uma vez tinha sido Amelie estava olhando para ele com concentração inexpressiva, e algo estranhamente como fome. Ela deu um passo em direção a ele, e Magnus observou-a sem qualquer sinal de alarme.

— Você se esqueceu de uma coisa — Oliver disse. — A lenda diz que um *draug* mestre não pode morrer pelas mãos de vampiros. Mas não diz nada sobre a morte pelas mãos de outro *draug*.

Amelie continuou a avançar com passos firmes e implacáveis. E desta vez Magnus recuou. Só um pouco. — Eu sou o criador dela — ele disse. — E ela deve obedecer aos meus comandos.





— Você acha isso? — Oliver parecia violentamente divertido. — Experimente.

Claire puxou-se em uma bola mais apertada. *Isso é ruim*, ela pensou. *Muito ruim. Eu preciso sair daqui.* Estar no meio disso era como ser pego em um enxame de vespas, mas apesar do pânico rasgando-a, ela sabia que se ela tentasse se levantar, tentasse correr, Magnus iria matá-la instantaneamente.

Ou Amelie.

Magnus tinha esquecido dela, seu foco agora estava sobre o novo *draug* mestre diante dele. — Pare — ele disse. — Eu sou seu criador. Eu ordeno que você pare.

Algo aconteceu, no fundo dessa *coisa...* a sombra escura no interior parecia se mover, entrar em foco e, em seguida, aquela era Amelie, olhando para o *draug*. A verdadeira Amelie. Os olhos *dela*. A raiva *dela*. Ela não tinha desaparecido, afinal. Não completamente.

Ela disse: — Eu sou uma rainha. Eu não aceito nenhuma ordem. — Ela mergulhou a faca de prata profundamente em Magnus, perfurando a casca pegajosa. Ele deu um grito metálico horrível quando Amelie deixou a faca cair e enfiou a mão no escudo quebrando com suas mãos nuas e pálidas.

— Ninguém — ela disse, quase em um sussurro, — comanda Morganville. Eu ordeno *você*. Eu ordeno *você* a *ficar parado*.

Sua boca ficou aberta, mas o som só... parou. Ele não estava lutando contra ela. Era como se ele não pudesse. Este, Claire se lembrava, era o dom aterrorizante de Amelie. Ela poderia compelir os vampiros.

E agora ela podia compelir os *draugs*.

Nesse silêncio horrível, Claire ouviu o som nojento de respingo das mãos de Amelie puxando para fora do corpo de Magnus. Algo se moveu em suas mãos, vivo e cobertos de boca, dentes, algo horrível arrastado para fora das profundezas do oceano onde os monstros viviam.

A forma real de um *draug* mestre, despojado de todas as suas defesas.

Amelie o esmagou. Ele fez um som molhado, como uma esponja que está sendo torcida, e depois houve um estalo súbito.

A casca de Magnus entrou em colapso, e o líquido espesso e tenebroso que ele habitava inundou os tapetes antigos e grossos em um fedor pegajoso. Claire subiu para uma posição sentada e se arrastou para longe da confusão, com ânsia de vômito.

Amelie virou para Oliver e deu-lhe um sorriso horrível de *draug*, cheio de morte. — Agora — ela disse, — agora é tudo meu. Toda Morganville. Todos *vocês*.





— Não — ele disse. Ele parecia muito calmo, Claire pensou, para alguém que estava prestes a ser horrivelmente morto por algo tão belo e terrível como Amelie era agora. — A sua transformação não está completa. Você nunca fez um escravo. Nunca fez uma colmeia. E agora seu criador está morto. — Ele sorriu quando ela se esticou para ele. — E você nunca será uma *draug* mestre.

Ela fez uma pausa, e apenas por um lampejo de segundo, Claire viu o terror em seu rosto. — Eu governo aqui.

— Você está errada — ele disse. — A mulher dentro de você nunca se rendeu a você, nunca totalmente permitiu o controle do *draug*. — Ele estendeu a mão, e nela estava o cabo de couro de uma faca de prata. — E nunca irá. Lembre-se de quem você é, Amelie. Rejeite isso. Você tem o poder para matá-lo. Faça isso agora.

Ela pegou a faca. E então ela mergulhou-a em seu próprio corpo, e com as próprias mãos arrancou uma versão pequena e mais fraca da criatura que existia dentro da casca de Magnus. Ele gritou em tons altos e finos que doíam os ouvidos de Claire, e depois os dedos brancos e frios de Amelie se fecharam em torno daquilo e apertaram com uma força implacável.

Ele morreu.

Silêncio.

A casca de Amelie rachou como o vidro, e o líquido inundou para fora dela também, em um jorro negro... e debaixo de seu corpo havia uma vampira. Horrivelmente encolhida, coberta de manchas negras como molde, mas ainda estava lá. Não consumida.

A verdadeira Amelie, a Fundadora de Morganville, parecendo com mil anos de idade, e ela entrou em colapso em uma pilha como um esqueleto mantido junto por nada além de cordas.

Oliver agarrou-a, puxou-a para longe do local escurecido do *draug* decadente, e segurou-a em seus braços enquanto ele se sentava no canto da sala. Os olhos dela estavam abertos, mas cobertos e cegos. Ele Tateou a manga de sua jaqueta de couro e partiu-a no meio com um forte movimento, desnudando um antebraço pálido e musculoso coberto com marcas vermelhas que Claire reconhecia. Picadas de *draugs*, em formato de mãos. Amelie tinha estado se alimentando dele.

E agora ele estava rasgando o pulso dele com os dentes e forçando os lábios dela a se separarem, dando a ela livremente.

Parecia levar séculos para ela se mover, mas ela finalmente o fez, levantando as mãos cinza e tomando conta de seu braço. Claire tinha visto vampiros se alimentarem quando estavam morrendo de fome; eles não soltariam. Não podiam.





Mas não foi assim. O toque de Amelie ficou fraco em seu braço, e depois de um momento, ela empurrou seu pulso para longe. Ela ainda parecia horrível, mas a cobertura estava fora de seus olhos, e havia um pouco mais dela, como se o sangue tivesse inchado seus tecidos desidratados. Ainda uma múmia, mas capaz de piscar, se mover e falar.

Ela disse: — Deixe-me morrer, Oliver.

— Não — ele disse. Não havia nenhuma emoção real por trás, apenas uma negação direta, como se ela tivesse pedido um dólar. — Você ganhou. Você o matou antes de sua transição ser concluída. Você vai se curar.

— Eu não vou — ela sussurrou. — Eu não posso. Não faz parte de mim...

— Você vai se curar — ele repetiu. — Eu não vou ouvir mais nada disso. Você é a Fundadora, você vai se curar, e tudo o mais pode ser consertado. Os seus súditos precisam de você, minha rainha.

— Eu não tenho súditos. Eu não sou nenhuma rainha.

Oliver sorriu. Não foi uma coisa bonita. — Você tem sido, e será novamente. Não há nada a temer. Você ganhou, Amelie. Seus inimigos estão aos seus pés.

Ela sorriu de volta um pouco. — Você foi o meu inimigo uma vez. Eu nunca lhe pus aos meus pés.

— Ainda não — ele concordou. — Mas, por agora, haverá uma trégua. É uma nova era. Uma nova era brilhante para os vampiros.

Claire se moveu, e ambos imediatamente se focaram nela, e ela desejava que ela não tivesse. Havia algo brilhante e predatório sobre os seus olhos.

— Claire — Amelie sussurrou, — venha aqui.

Ela se afastou lentamente. Não havia qualquer chance real de escapar, não dos dois. Ela tinha visto demais; ela sabia disso. Ouviu muita coisa que não deveria.

E ela serviu o seu propósito em atrair Magnus para lá. Eles não precisam mais dela.

— De jeito nenhum — ela disse, e correu para as escadas.

Ela não conseguiu chegar lá antes de Amelie segurá-la com as mãos enrugadas e geladas. Ela inclinou a cabeça de Claire para um lado, empurrou seu cabelo de lado com um gesto calmo e gentil, e disse: — Você vai ter uma honra rara, Claire. Você vai se tornar uma de nós. Poucos merecem isso. É o maior elogio que eu posso dar. E vai agradar Myrnin também.

— Não — Claire sussurrou. — Não, não...

— Não — ecoou outra voz, e foi pontuada pelo som metálico de uma espingarda que estava sendo destravada. — Não ela. De jeito nenhum.





Ela de alguma forma pensou que ela iria ver Shane lá, Shane defendendo ela, mas não era ele.

Era o irmão de Eve, Jason, ele estava de pé no topo das escadas com uma espingarda nas mãos. Ele ainda estava pálido e trêmulo, mas determinado. — De jeito nenhum você vai transformá-la em vez de mim — ele disse. — Naomi prometeu. Ela prometeu que eu iria ser transformado. Você vai fazer isso ou eu vou matar todos vocês.

Oliver rosnou, mostrando os dentes, mas Amelie estendeu a mão na direção dele. — Não — ela disse enquanto Jason apontava a espingarda. — Ele está falando muito sério. Ele irá disparar. Ele está muito perto para que não cause danos significativos em, pelo menos, um de nós. — Ela considerou-o por um momento, em seguida, deu-lhe um sorriso frio e lento. — Muito bem.

— Muito bem *o quê?* — Jason não abaixou a espingarda. Seus olhos estavam selvagens por trás dela. — Jure. Jure como a Fundadora que você vai me transformar.

— Eu juro como a Fundador que você vai ser transformado — Amelie disse. — Eu preciso do sangue, e nós perdemos um número significativo de soldados nesta guerra. Você será... útil.

Jason balançou a cabeça, respirou fundo, e baixou a arma. — Deixe Clair ir primeiro.

Amelie abriu as duas mãos e afastou-se de Claire. Ela cambaleou para a frente, não ousando chegar muito perto de Jason também. Ele deu-lhe um olhar desinteressado, em seguida, se afastou das escadas.

Ele caminhou diretamente para Amelie.

Ela veio em um movimento cruel e suave, e toda a contenção que ela tinha mostrado com Oliver tinha de repente ido embora. Seus olhos ficaram cor de sangue queimado, e ela enterrou suas presas no pescoço de Jason. Claire não conseguia desviar o olhar, de alguma forma; poderia ter sido ela, *deveria* ter sido ela.

Não demorou muito tempo. Jason caiu, e Amelie pegou o peso dele em seus braços, bebendo, até que finalmente ela estremeceu, se afastou, e deixou-o cair molemente no tapete.

Ela olhou para Oliver enquanto limpava o sangue de sua boca. Ela parecia quase ela mesma novamente. Quase. Mas havia algo selvagem e brilhante em seus olhos que Claire nunca tinha visto antes.

— Ele é seu para terminar e acordar — ela disse para Oliver. — Eu não vou tê-lo como meu. Ele está danificado.

Ele cutucou Jason com um pé. — Eu vou encontrar um bom uso para ele — ele disse. — Precisamos de sangue novo e forte em Morganville. — O olhar





estranho e brilhante de Oliver veio descansar em Claire. — Você deveria ir agora, se você quiser sobreviver.

Pela primeira vez em muito tempo, Claire se virou e correu... dos vampiros de Morganville.

E direto para os braços de Shane, enquanto ele vinha subindo as escadas para resgatá-la.





CAPÍTULO 24

SHANE



ão tinha sido muito uma luta, porque não é uma luta quando seu inimigo simplesmente o ignora completamente. Eu nunca tinha visto nada assim... Magnus era difícil de ver — ele continuava entrando e saindo das sombras, misturando-se ao fundo — mas sempre que eu pegava um vislumbre de algo, eu acertava em cheio com chumbo grosso.

Eu poderia muito bem ter estado atirando pétalas de rosa para ele, pelo que estava causando nele.

Eu tentei cobrir a retirada de Claire, mas o fato era que eu não poderia impedi-lo de ir atrás dela. Nenhum de nós podia. Eu ainda estava em choque de ver o quão rápido e com facilidade ele matou Miranda; não era como se ela fosse minha amiga exatamente, mas ninguém merecia isso, e era um final terrível do que deve ter sido uma vida muito infernal.

Eu tentei. Eu saltei para a cadeira de Michael, me lancei no corrimão, e depois para as escadas. Com a espingarda pronta. Eu não tinha vontade de morrer, especialmente não com o frio horror e ardor do *draug* se fechando sobre mim. Mas eu sabia que seria melhor do que viver com o conhecimento de deixá-lo chegar até Claire.

Eu tinha disparado contra Magnus, sabendo que não ia fazer qualquer bem, e fechei os olhos.

E então algo — não Magnus, nem mesmo um dos meus amigos ou aliados — me jogou como uma boneca de pano para fora das escadas em uma queda descontrolada, que terminou em um pouso perto do sofá.

Salvando a minha vida.

E isso foi quando eu a vi. Miranda. Pálida, trêmula, translúcida. Segurando um dedo sobre os lábios, e dando-me um sorriso doce e louco.

A Glass House tinha um fantasma residente novo. Era muito tarde para eu parar Magnus, que já tinha passado por nós e ido lá em cima; Jason, que tinha sido tão útil como raquetes de neve em toda a luta, tinha corrido atrás dele. Eu rolei para fora do sofá e vi que Michael e Eve estavam juntos perto de





Myrnin; O braço de Michael estava em torno dos ombros de Eve, e ela estava chorando um pouco.

Myrnin deveria parecer doente, ou horrorizado, ou algo assim, mas em vez disso, ele apenas parecia... presunçoso.

Eu queria quebrar aquele sorriso em pedaços, mas quando eu saltei para ele, Miranda estava no meu caminho novamente. Ela não podia me parar, mas ela podia resfriar os meus ossos, e ela o fez. *Não*, eu a ouvi dizer. *Era para acontecer isso*. Ela não parecia especialmente feliz com isso.

— Claire vai ficar bem — Myrnin disse. Ele parecia insuportavelmente feliz consigo mesmo. — Nós planejamos isso, Oliver, Amelie e eu. Nós precisávamos dele aqui, no lugar de força dela, e Claire era a única isca saborosa suficiente para levá-lo para a armadilha.

— Então você não precisa dela lá em cima! — eu disse. — Ela fez o trabalho. Eu vou buscá-la.

— Não, ainda não — ele disse. Ele estava olhando para cima, como se pudesse ver através do teto. Todos nós instintivamente olhamos para cima. Até mesmo a forma reluzente de fantasma de Miranda, que estava começando a se tornar carne e substância gradualmente, como uma menina real e viva. Aproveitando a energia da casa.

— Temos que esperar — Miranda disse. — Não terminou ainda.

Eles que vão para o *inferno*. Se Jason podia ir para cima, eu também podia. Eu fui então, mas à temperatura ambiente da mão de Myrnin disparou e me bloqueou no local. — Ainda não — ele disse. — Você ouviu a menina.

Eu coloquei a ponta da espingarda contra seu peito. — Você vai querer parar de me tocar agora. E eu vou buscar Claire. Você sabe, a que você está disposto a deixar para Magnus comer.

— Ele não vai — Miranda disse, com a mesma estranha calma que ela sempre teve. — Aguarde. Por favor.

Eu deveria ter puxado o gatilho. Eu pensei sobre isso, muito mesmo. Mas em vez disso, eu olhei para Michael, que sempre foi o único com a cabeça fria, e ele disse: — Ela está sempre certa, não é?

Ela sempre estava. Maldita.

Quando Miranda finalmente disse: — Você pode ir agora. — Myrnin soltou o meu pulso, e eu afastei a arma dele e corri para as escadas. Eu nem me lembro de subi-las, apenas de aparecer no topo, e ver as sombras turvas de Claire correndo em minha direção.

Em meus braços.

Eu deixei cair a espingarda e abracei-a perto, mas eu continuei a observar o fundo do corredor, apenas para garantir. Não havia nenhum som. Eu vi um





brilho de luz elétrica cortada quando a porta escondida do quarto no andar de cima de Amelie se fechou.

O que quer que tenha acabado de acontecer, tinha acabado.

Eu peguei a arma com uma mão, agarrei a cintura de Claire com a outra, e caminhei com ela para baixo. Os outros foram embora, exceto por Miranda, que sorriu para Claire. Claire, depois de um segundo chocada, sorriu de volta. — Você está aqui.

— Sim — Miranda disse. — Eu estou em casa. Exatamente onde eu deveria estar. Não fique triste. Só doeu um pouco. — Ela girou um pouco, e desapareceu em uma névoa cintilante. Eu tinha certeza de que, quando Michael tinha sido um fantasma, ele não tinha sido capaz de desaparecer à vontade. Ou, aliás, faiscar.

Ela estalou de volta, apenas seu rosto pendurado no ar. — Eles estão na sala de visitas. — *Poof*. Se foi.

— Nós realmente vamos ter que dizer a ela para parar de fazer isso — eu disse. — Porque é perturbador. — Eu me virei para Claire. — Você está bem? De verdade? — Eu não conseguia parar de tocá-la, alisando as mãos sobre sua pele, seu cabelo, seu rosto. Ela tinha marcas vermelhas em seus pulsos, e uma colisão feia na cabeça. Tinham amarrado ela, e ela lutou. Nenhum dos dois me surpreendeu, embora eu fosse desconfiar em Myrnin.

— Eu estou bem — ela disse, e eu senti que era meio mentira, mas, considerando o quanto eu fingi na estação de tratamento de água, eu poderia dar um descanso para ela agora. — Hannah. Ela estava no quarto da frente...

Eu não tinha visto Moses em qualquer lugar, mas por outro lado, eu não tinha ido para a sala. De acordo com Miranda, era onde nós encontraríamos os outros também, então eu a levei nessa direção.

Hannah foi a primeira que eu vi. Ela estava deitada no chão com a cabeça no colo de Eve; ela estava viva também, mas bem mal. Ela tinha perdido muito sangue de um corte na perna, e Michael estava torcendo um torniquete cinturão em torno de sua coxa para diminuir o fluxo. Ele parecia aliviado ao nos ver. — Segure isso — ele disse. — Como você é com suturas de acampamentos?

— Tenho muita prática — eu disse. Michael me entregou um kit de costura — provavelmente de Eve, uma vez que era de couro preto com etiqueta da cabeça de uma morte na parte de trás — e fui lavar as mãos, ou limpar o máximo que eu pude. Eu tentei não pensar nisso. Eu tomei o lugar ao lado de Hannah. — Ela está acordada?





Os olhos de Hannah se abriram bem devagar, e ela me deu um sorriso duro. — Ainda estou aqui — ela disse. — Perdi mais sangue do que isso na última doação de sangue.

— Eu acho que você tem uma veia cortada — eu disse. — Eu não sei se eu posso corrigir. De qualquer forma, não vai ser bonito.

— Faça o seu pior, garoto. — Ela fechou os olhos novamente. — Cicatrizes são os menores dos meus problemas.

Eu cerrei os dentes e puxei a ferida aberta, e imediatamente vi a veia. Não estava muito abaixo da superfície, e não tinha sido cortada ao meio, apenas estava cortada; se tivesse sido uma artéria, porém, ela já teria expirado. Eu entreguei o kit de costura para Eve. — Me arranje uma agulha — eu disse, e agarrei a veia. Claire ainda estava ao meu lado, pairando. — Toalha. Uma limpa. Eu preciso de algo para enxugar o sangue para que eu possa ver. — Ela saiu correndo.

Myrnin acomodou-se no canto. Ele tinha estado na cozinha, eu vi, e voltado com uma bolsa de sangue, que ele abriu e tomou um gole. Eu olhei para ele quando Eve me devolveu uma agulha enfiada com um fio grosso. — Obrigado pela ajuda — eu disse, mais sarcasticamente que eu pude. Que era extremamente sarcástico.

— Se eu tivesse chegado a ela na minha condição atual, eu não teria sido capaz de prometer a segurança dela — Myrnin disse, e tomou outro gole. — Tem sido um dia muito longo. Prossiga.

Eu prossegui. A veia era difícil de segurar e costurar, mas eu consegui — não foi bonito, mas segurou quando eu a soltei. Eu comecei com o próprio corte, costurando as bordas para fechar. — Ei, Hannah — eu disse. — Eve me deu a linha amarela. Me desculpe por isso.

Hannah deu uma risada seca. — Festivo. Eu gosto disso.

Eve ficou me olhando ansiosamente, com o lábio inferior entre os dentes enquanto eu finalizava os pontos. Claire voltou com uma toalha e eu limpei a bagunça o melhor que eu pude. Não estava vazando muito agora.

— Amelie e Oliver — Claire disse. — Eles estão lá em cima. Alguém deveria ver... — Ela estava olhando fixamente para Eve, mas desviou o olhar quando Eve olhou em sua direção. — Ver Jason.

— O que aconteceu com Jason? — Eve perguntou. Ela parecia quase resignada, no entanto. Como se ela já soubesse.

— Eu vou te dizer mais tarde — Claire disse.

— Eles transformaram ele em um vampiro — Eve disse, e Claire olhou para cima, rápido. — Eu já sabia que ele queria. Não é uma coisa boa. Não para nós, de qualquer maneira.





— Definitivamente não — Michael concordou da porta. — Eu verifiquei no andar de cima. Ninguém está lá, exceto um monte de podridão e lodo. Amelie não limpou.

— Ela não precisa — Claire disse. — Ela é a fundadora. A *rainha*. — Havia algo sobre a maneira como ela disse isso que me fez pensar no que ela tinha visto. E o que estava por vir.

Myrnin terminou sua bolsa de sangue e disse: — Eles foram caçar.

Eu fechei a minha boca sobre a pergunta *caçar o quê, exatamente?*

Porque eu percebi que eu já sabia.

Os *draugs* tinham sido exterminados. Todos os inimigos dos vampiros tinham sumido.

As regras de Morganville estavam mudando, e eu tinha a sensação de que elas não seriam a nosso favor.





EPÍLOGO

CLAIRE

Vocês estão certos? — o padre Joe disse. Ele estava de pé na frente de Michael e Eve, iluminado apenas por velas que queimavam os lados do altar e pela luz solar através do vidro manchado. — Eu não vi qualquer documento de Amelie permitindo que vocês façam isso. — O padre Joe, o sacerdote residente de Morganville, parecia exausto. Todos eles estavam exaustos, Claire pensou. As luzes ainda não estavam funcionando de forma confiável; muito de Morganville estava no escuro à noite, e deserta, embora os primeiros ônibus estivessem programados para retornar hoje para trazer aqueles que tinham evacuado de volta à cidade. A água estava ligada, e os tubos tinham sido liberados, testados e declarados limpos.

Não que Claire quisesse correr nenhum risco ainda. As garrafas de água eram uma obrigação.

— Amelie não é a minha chefe — Eve disse sem rodeios. Ela estava, Claire pensou, muito irritada com o seu irmão, embora ela não tivesse falado sobre isso. Nenhuma vez. Ela olhou para Michael. — Ou dele.

Padre Joe deu-lhe um olhar longo e observador. — Se Amelie é contra isso, vai haver problema, Michael — ele disse. — O que você está pedindo é obrigatório não apenas para a Igreja e por lei, mas de uma forma que eu não posso explicar para os vampiros. Você vai... elevar Eve a um novo status. Isso poderia protegê-la, ou poderia fazê-la ainda mais um alvo. Você entende?

Michael acenou com a cabeça. — Eu entendo — ele disse.

— E você não quer esperar.

— Não. — Michael não disse mais nada, mas, Claire pensou, ele não precisava. Ele veio pronto para isso. Não havia nenhum smoking, ou vestidos; Michael tinha retirado um terno escuro, uma camisa branca brilhante e uma gravata bonita. Ele tinha forçado Shane a usar uma também, de alguma forma;





deve ter havido alguma torção de braço que Claire não estava a par, mas ela também tinha estado ocupada remexendo no guarda-roupa de Eve com ela, tentando encontrar algo apropriado para o casamento repentino.

Eve estava usando um vestido. Era com enfeite vermelho, e ele caía em ondas abaixo de um corpete de contas. Seus braços estavam nus, e ela não tinha colocado nenhum véu. O vestido, Claire pensou, fez ela parecer alguns centímetros mais alta, e incrivelmente graciosa, mas surpreendentemente sem as vestimentas de casamento.

O que Eve queria, é claro.

Claire estava usando o seu melhor vestido — um com fivelas, que Eve tinha comprado para ela — e saltos altos que eram maiores do que qualquer coisa que ela já tinha experimentado antes. Ela se sentia estranha, até que Shane olhou para ela e, em seguida, o sentimento mudou para algo quente e orgulhoso.

— Você prometeu — ela disse ao padre Joe. — Você disse que faria se eles quisessem. Bem, eles querem. Estamos aqui. Testemunhas oficiais.

Ele suspirou e balançou a cabeça. — Eu só estou avisando a vocês que o que vocês estão fazendo pode trazer complicações que vocês não consideraram. Para todos vocês.

— Não importa — Eve disse. — Estamos prontos. E não vamos deixar eles nos pararem de novo.

Michael estava segurando a mão de Eve e, embora ele não estivesse falando muito, ele estava absolutamente imóvel, sólido e *ali*. Se ele estava com medo, ou preocupado, ele não mostrava nada. Ele brilhava como mármore e ouro, e pela primeira vez à luz das velas, Claire percebeu que havia fios de cobre em seu cabelo, como o cabelo muito vermelho de seu avô. Ele até parecia Sam agora; Sam, o mais amável e melhor dos vampiros, que tinha morrido nas mãos de seres humanos.

Ela esperava que não fosse algum tipo de presságio.

— Então vamos prosseguir — o padre Joe disse. — Tem alianças?

Shane enfiou a mão no bolso e ergueu-as — não de diamante tradicional, Claire viu. Eve deve ter insistido em um de rubi. E com um crânio.

— Então suponho que não há como voltar atrás. Oremos — o padre Joe disse, e abaixou a cabeça.

A porta na parte de trás da igreja se abriu, permitindo uma explosão de luz solar branca pura, e com isso veio quatro figuras. Duas estavam segurando





guarda-chuvas para sombrear os outros na frente, e quando eles fecharam as portas atrás deles, Claire reconheceu os dois da parte de trás como seguranças de Amelie, vestidos em seus ternos e óculos escuros novamente.

Amelie estava vestindo branco, um terno de seda branco ofuscante que se adaptava perfeitamente ao seu corpo. Seu cabelo estava preso em uma coroa loura-clara em torno de sua cabeça, e ela usava um pingente de rubi no oco de sua garganta.

Oliver estava ao lado dela, vestindo roupas de couro preto.

— Não — Eve sussurrou. — Não, não *agora*...

Os vampiros andaram pelo corredor e pararam em alguns metros de distância. Os olhos de Amelie estavam arregalados e cinza, sem pontos de vermelho, pelo menos. Ela usava luvas brancas para combinar com seu terno.

— O que é isso? — ela perguntou em um tom muito neutro. — Padre?

— Eles vieram diante do altar para serem unidos em casamento — ele disse, e pela primeira vez, Claire ouviu a força em sua voz. Força real. — Eles estão na presença de Deus agora, Amelie. E não sob seu controle.

Ela ergueu as sobrancelhas claras e fixou o olhar em Michael. Ele encontrou-o sem vacilar. — E, no entanto — ela disse suavemente, — eles devem deixar esta igreja, e viver em Morganville, e eu lhe asseguro, que é totalmente sob o meu controle. Eu ordenei que todos da cidade nos ajudasse a restaurar a cidade. No entanto, eu encontro vocês aqui.

— Nós vamos ajudar — Eve disse. — Mas primeiro nós vamos fazer isso. E você não vai nos parar. — Ela parecia brava. E muito certa. — Você não pode.

Houve um pouco de brilho de vermelho nos olhos de Amelie, ou poderia ter sido a luz de velas. Claire esperava que fosse, de qualquer maneira. — Não posso? Isso é... discutível. Mas eu concedo-lhes esta hora. Aproveite o seu... descanso. Amanhã começa o alvorecer de uma novíssima Morganville. Nós vamos reconstruir.

— Juntos — Claire disse, e recebeu um olhar gelado.

— Talvez — Amelie disse. — E talvez seja uma das muitas coisas que vão mudar.

Oliver falou pela primeira vez. — E a próxima vez que vocês fizerem algo sem permissão — ele disse, — vai ser a última. Novas regras, crianças. Lembrem-se disso.

E ele escoltou Amelie para fora, seguidos pelos guardas. As portas se fecharam atrás deles.





Eve soltou um suspiro trêmulo. — Então, isso é... não tão bom — ela disse.
— Michael, talvez...

Ele levantou a mão dela aos lábios e beijou-a, olhando diretamente em seus olhos. — Não — ele disse. — Não vamos mais deixar o mundo nos dizer o que devemos fazer. Nós sabemos, Eve. *Eu sei.*

Por um momento ela não se moveu, e então ela sorriu, e parecia iluminar toda a igreja.

— Sim — ela concordou, e virou-se para o padre Joe. — Estamos prontos.

Estamos? Claire se perguntou, mas ela rapidamente enterrou o pensamento, quando ele começou a oração.

Eles tinham que estar.

Porque agora não tinha como voltar atrás.

CONTINUA...





PRÓXIMO LIVRO

Bitter Blood (Sangue Amargo)





The Morganville Vampires Series

